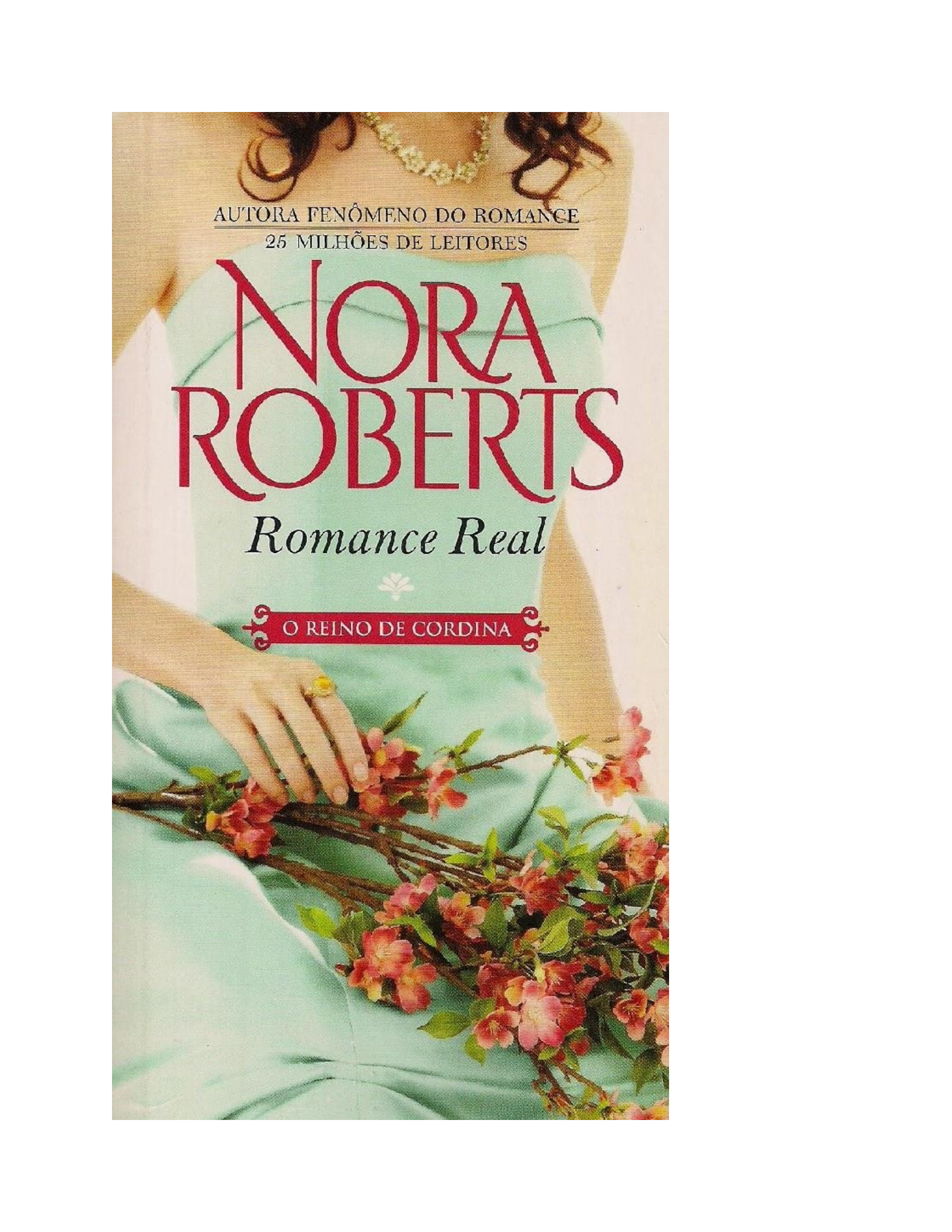






AUTORA FENÔMENO DO ROMANCE

25 MILHÕES DE LEITORES

NORA ROBERTS

Romance Real

O REINO DE CORDINA

PRÓLOGO

Esquecera-se do motivo que a levava a correr. Tudo que sabia era que não podia parar. Se parasse, perderia. Era uma corrida na qual havia apenas dois lugares: primeiro e último.

Distância. O instinto lhe dizia que continuasse correndo, seguindo adiante, de modo a manter a distância entre ela e... O lugar de onde viera.

Estava molhada, porque a chuva caía pesada, mas não se sobressaltava mais ao ouvir o estrondo dos trovões. Flashes de raios não a faziam tremer. Não era a escuridão que a amedrontava. Não sentia mais o antigo medo de coisas simples como a propagação da escuridão ou a violência da tempestade. O que temia não era mais claro, apenas o próprio medo. Medo, a única emoção que conhecia, rastejando em seu interior, fixando-se lá como se não houvesse mais nada. Isso era o suficiente para mantê-la tropeçando ao longo da margem da estrada, quando seu corpo gritava para se deitar em algum lugar momo e seco.

Não sabia onde estava. Nem onde estivera. Não havia mais lembranças das árvores altas açoitadas pelos ventos. O estrondo e a violência das ondas do mar próximo não significavam nada, nem tampouco o cheiro das flores encharcadas pela chuva, que esmagava sob os pés, enquanto fugia por uma estrada que não conhecia.

Estava chorando, mas não havia percebido. Soluços sacudiam seu corpo, juntando-se ao medo, duplicando-o de modo a suprir a ausência de qualquer outro sentimento. Tinha a mente confusa demais e as pernas bambas. Seria tão fácil se enroscar embaixo de uma daquelas árvores e se render. Mas algo a fazia prosseguir. Não apenas o medo e a confusão. A força a fazia superar o sofrimento, embora ninguém acreditasse nisso olhando para ela, nem ela mesma.

Não voltaria ao lugar de onde viera, logo não havia outro lugar para ir. Há quanto tempo estava correndo não importava.

Se percorreria dois ou dez quilômetros, não saberia dizer. A chuva e as lágrimas a cegavam, As luzes estavam quase em cima dela quando as avistou.

Apavorada, como um coelho pego em uma armadilha, estacou.

Eles a acharam. Tinham vindo atrás dela. Eles. A buzina soou, pneus frearam. Rendendo-se por fim, curvou-se na estrada e caiu. O

mundo escureceu ao seu redor.

Capítulo I

— Ela está despertando.

— Graças a Deus!

— Senhor, afaste-se por um momento e deixe-me examiná-la.

Ela pode estar apenas delirando novamente.

Além da névoa em que se encontrava mergulhada, ela ouvia vozes, mas pareciam distantes. Uma onda de medo a dominou.

Mesmo em um estado de semiconsciência, sua respiração começou a ofegar. Não conseguira escapar. Mas não demonstraria medo, prometeu a si mesma. À medida que se aproximava da superfície, fechou as mãos em punhos bem apertados. O contato dos dedos contra as palmas lhe proporcionava uma percepção de si mesma e uma sensação de autocontrole.

Abriu os olhos lentamente. A visão enfraqueceu, nublou e aos poucos clareou. O mesmo ocorreu com o medo, enquanto fitava a face que se curvava em sua direção.

Não era familiar. Não era um deles. Ela saberia, não é? Sua convicção hesitou por um momento, mas permaneceu firme. Aquela

face era redonda e agradável, com um ornamento em torno de uma barba branca que contrastava com uma cabeça lisa e calva.

Os olhos eram astutos, cansados, mas amáveis. Quando o homem lhe segurou a mão, ela não lutou.

— Minha querida. - disse ele com uma voz reservada e reconfortante. Em seguida, afagou-lhe o punho suavemente, até senti-la relaxada. — Está tudo bem. Agora está em segurança.

Podia sentir a mão do homem segurando-lhe o pulso, mas continuou fitando-o nos olhos. Segurança. Ainda cautelosa, vagueou o olhar ao redor. Hospital. Embora o quarto fosse quase elegante e bastante espaçoso, sabia que estava em um hospital. No ar pairava um cheiro forte de flores e anti-sépticos. Nesse instante, notou a presença de outro homem de pé ao lado da cama. Impecavelmente vestido, tinha o porte de um militar. Os cabelos estavam começando a ficar grisalhos, mas ainda eram bastante escuros e vastos. A face era magra, aristocrática e bonita. Austera, pensou ela, mas clara, muito clara, comparada aos círculos escuros que lhe sombreavam a região abaixo dos olhos. Apesar da postura e das vestes, parecia não dormir havia vários dias.

— Meu bem. - a voz falhou enquanto ele se abaixava para segurar-lhe a mão livre. Havia lágrimas juntamente com suas palavras quando levou os dedos dela aos lábios. Ela pensou ter sentido a mão, que era forte e firme, tremer ligeiramente. — Nós a temos de volta agora, meu amor. Nós a temos de volta.

Não se afastou. A compaixão a proibia. Com a mão relaxada sob a dele, estudou-lhe a face pela segunda vez.

— Quem é você?

O homem ergueu a cabeça. Os olhos úmidos a fitaram perplexos.

— Quem...

— Você está muito fraca. - o doutor interveio num tom suave, desviando a atenção da paciente. Ela o viu colocar uma das mãos no braço do outro homem, se em uma tentativa de contê-lo ou

confortá-lo, não saberia precisar. — Passou por um desgaste emocional muito grande. A confusão inicial é natural.

Deitada de costas sobre a cama, ela viu o doutor fazer sinais ao outro homem. Uma forte onda de náusea brotou em seu estômago. Estava morna e seca, percebeu. Morna, seca e vazia.

Tinha um corpo e estava cansado. Mas dentro do corpo havia um vácuo. Sua voz soou surpreendentemente forte quando voltou a falar. Ambos os homens atenderam-na ao mesmo tempo.

— Não sei onde estou. - sob a mão do médico seu pulso acelerou e então voltou a se normalizar. — Não sei quem sou.

— Passou por uma experiência terrível, minha querida. -

murmurou com ternura o doutor, enquanto seu cérebro disparava.

Especialistas, pensou. Se ela não recuperasse a memória dentro de 24 horas, precisaria de cuidados especiais.

— Não se lembra de nada? - perguntou o outro homem. Com sua postura empertigada e os olhos cansados pela falta de sono, olhou para baixo e a fitou.

Atordoada e lutando contra o medo, ela começou a tentar se erguer. O médico murmurou algo e a acomodou de volta nos travesseiros. Então, lembrou-se de estar correndo, da tempestade, da escuridão, luzes que surgiram à sua frente. Cerrando as pálpebras com força, lutou para manter a compostura, sem saber por que aquilo era tão importante. Sua voz ainda era forte, mas dolorosamente oca quando abriu a boca para falar mais uma vez.

— Não sei quem sou. Alguém pode me dizer?

— Depois que descansar um pouco mais. - começou o doutor, mas o outro homem o cortou com apenas um olhar. E um olhar, que ela percebeu à primeira vista, arrogante e dominador.

— Você é minha filha. - disse ele, pegando a mão dela mais uma vez e segurando-a com firmeza. Até mesmo as luzes trêmulas haviam cessado. — É Vossa Alteza sereníssima Gabriella de Cordina.

Pesadelo ou conto de fadas?, ela desejou saber, enquanto o encarava. Seu pai? Vossa Alteza sereníssima? Cordina... Pensou ter reconhecido o nome e até gostou dele, mas que conversa era aquela sobre realeza? Quando começava a repudiá-lo, contemplou-lhe a face. Aquele homem não mentiria. Tinha uma expressão impassível, mas os olhos estavam tão repletos de emoção, que a atraíam, até mesmo desmemoriada.

— Se sou uma princesa... - começou e o tom reservado de sua voz causou um flash de emoção na face do homem. Diversão?, ela desejou saber. — Isso faz do senhor um rei?

Ele quase sorriu. Talvez o trauma tivesse lhe confundido a memória, mas ela ainda era a sua Brie.

— Cordina é um principado. Sou o príncipe Armand. Você é minha filha primogênita. Tem dois irmãos, Alexander e Bennett.

Pai e irmãos. Família, raízes. Nada a fazia recordar.

— E a minha mãe?

Dessa vez foi capaz de ler a expressão no rosto do homem com extrema facilidade; dor.

Armand caminhou pelo corredor com seu passo rápido e treinado, enquanto um membro da Guarda Real o seguia de perto.

Queria apenas ficar só. Deus, tudo que desejava era trancafiar-se em algum lugar fechado. Lá, poderia liberar um pouco da tensão e angústia que o oprimia. Sua filha, seu tesouro, quase a havia perdido. E agora que a tinha de volta, fitava-o como se ele fosse um estranho.

— Morreu quando você estava com 20 anos. Desde então você passou a ser minha anfitriã oficial, assumindo os deveres que eram dela. Brie. - o tom formal e imparcial amoleceu. — Nós a chamamos de Brie. - dizendo isso, virou-lhe a mão direita para cima, de modo que o anel de safiras e diamantes brilhasse em sua direção. —

Presenteei-a com isto no seu vigésimo primeiro aniversário, quase quatro anos atrás.

Ela olhou a jóia e a mão forte e bonita que segurava a sua. Não se lembrava de nada. Mas sentia... Confiança. Quando voltou a erguer os olhos, esboçou um meio sorriso.

— Tem um excelente gosto, Vossa Alteza.

O homem sorriu e ela imaginou que o pai estava prestes a chorar. Assim como ela.

— Por favor. - disse para o bem de ambos. — Estou muito cansada.

— Sim, claro. - o médico deu-lhe uma palmadinha de leve na mão, como costumava fazer, desde o dia em que ela nascera, embora ela não se lembrasse disso. — Descansar é o melhor remédio.

O príncipe Armand libertou a mão da filha com certa relutância.

— Ficarei por perto.

As forças de Gabriella já estavam começando a se esvaír.

— Obrigada. - ela ouviu a porta se fechar, mas percebeu que o doutor andava de um lado para o outro indeciso. — Sou quem ele diz que sou?

— Ninguém melhor do que eu para lhe responder essa pergunta. - o médico tocou-lhe a face, com mais afeto que seria necessário para conferir-lhe a temperatura. — Entreguei-a nos braços do príncipe em um mês de julho, vinte e cinco anos atrás.

Agora descanse, Vossa Alteza. Apenas descanse.

Quando achasse quem... Armand rejeitou o pensamento. Isso ficaria para depois, prometera a si mesmo.

Na ampla e arejada sala de espera, havia mais três membros da Guarda Real e vários oficiais do departamento de polícia de Cordina.

Andando de um lado para o outro e fumando estava seu filho e herdeiro, Alexander. Cabelos escuros como o pai, exibia a mesma aparência asseada e o porte militar. Contudo, não tinha o controle meticuloso do príncipe.

Como um vulcão, pensou Armand, olhando para o filho de 23

anos. Chia e borbulha, mas não irrompe de uma vez.

Espreguiçado em um sofá de veludo cor-de-rosa, estava Bennett. Aos vinte anos de idade, ameaçava se tomar o mais novo príncipe playboy. Embora também fosse moreno, suas feições refletiam a beleza suave da mãe. Apesar de, com frequência, ser impulsivo e indiscreto, tinha uma compaixão incansável e bondade que o faziam ser estimado pelos súditos e pela imprensa. Como também pela população inteira de mulheres da Europa, pensou o pai com uma careta.

Ao lado de Bennett se encontrava o americano que viera a pedido de Armand. Ambos os filhos estavam tão mergulhados nos próprios pensamentos que não notaram a presença do pai. O

americano não perdia nada. Fora por esse motivo que Armand o mandara chamar.

Reeve MacGee permaneceu sentado em silêncio por um momento, observando o príncipe naquela situação. Estava mantendo o autocontrole, pensou, mas também não podia esperar outra coisa de Armand. Encontrara o regente de Cordina apenas algumas vezes na vida, mas seu pai estudara com ele em Oxford, onde uma grande amizade e respeito mútuo se estabeleceram entre os dois, resistindo aos anos e à distância.

Fim dos estudos, Armand partira para assumir a regência de um pequeno e encantador país aconchegado na costa do Mediterrâneo. O Sr. MacGee se tomara diplomata. Embora tivesse crescido em meio à política e protocolos, Reeve optara por uma carreira mais nos bastidores. Agente secreto.

Após dez anos lidando com as camadas menos favorecidas da capital da nação, abdicou do distintivo e começou a trabalhar por conta própria. Chegara uma hora em sua vida em que se cansou de seguir as ordens de outras pessoas. Trabalhar por conta própria era mais rigoroso, mais inflexível, porém fazia o que desejava. A experiência adquirida no departamento de homicídios e mais tarde no departamento de serviços especiais lhe ensinara a confiar primeiro nos próprios instintos.

Nascera rico. E incrementara essa riqueza com sua própria habilidade. Houve um tempo em que encarava a profissão como um meio de ganhar dinheiro e obter satisfação pessoal. Atualmente, já não trabalhava por dinheiro. Aceitava poucos e seletos casos. Se, e apenas se, algo o intrigasse, aceitava o cliente e a responsabilidade.

Para o restante do mundo e, freqüentemente para si mesmo, era apenas um fazendeiro, um novato no ramo. Há pouco menos de um ano, comprara uma fazenda, com planos e sonhos de talvez se aposentar lá. Para ele, era uma resposta. Dez anos lidando todos os dias com o bem e o mal, a lei e a desordem, foram suficientes.

Dizendo a si mesmo que já pagara seus pecados, demitiu-se do serviço público.

Um detetive particular podia escolher seus clientes. Podia trabalhar em seu próprio ritmo, cobrar os próprios honorários. Se um trabalho o conduzisse a algum perigo, poderia argumentar, resolvendo o assunto à sua maneira. Mesmo assim, durante o último ano assumira cada vez menos casos particulares.

Estava facilitando as coisas para si. Se tivesse alguma fraqueza, ninguém saberia a não ser ele. A fazenda era uma chance de abraçar um tipo de vida diferente. Um dia se dedicaria em tempo integral àquele lugar, prometera a si mesmo. Adiara a primeira plantação de primavera para atender ao pedido de Armand.

Aparentava mais um soldado do que um fazendeiro. Quando se ergueu ao ver o príncipe entrar, seu corpo alto e esbelto se moveu sutilmente, músculo por músculo. O casaco de linho puro era usado sobre uma camiseta simples e uma calça comprida folgada, mas podia lhes conferir um ar de formalidade ou casualidade, conforme desejasse. Era o tipo de homem cujas vestes, não importavam o quão elegantes fossem, ficavam em segundo plano. Seu rosto era o primeiro a chamar atenção, talvez pelas belas feições que herdara dos antepassados escoceses e irlandeses. A pele seria clara se não passasse tanto tempo ao ar livre. Os cabelos escuros, embora bem curtos, insistiam em lhe cair sobre as sobrancelhas. A boca era generosa e lhe conferia uma aparência séria. A estrutura óssea excelente e os olhos exibiam o tom azul sensual e encantador dos

"irlandeses negros". Usava-os para encantar quando lhe convinha e, da mesma maneira, para intimidar se preciso fosse.

A postura de Reeve era menos rígida que a do príncipe, mas não menos alerta.

— Vossa Alteza.

Ao ouvir a voz do americano, Alexander e Bennett se ergueram.

— Brie? - perguntaram em uníssono, mas enquanto Bennett já se encontrava ao lado do pai, Alexander permaneceu onde estava.

O rapaz esmagou o cigarro em um cinzeiro. Reeve observou o cigarro se partir em dois.

— Ela estava consciente. - disse Armand. — Pude falar com ela.

— Como ela se sente? - Bennett olhou para o pai com os olhos escuros

preocupados. — Quando podemos vê-la?

— Sua irmã está muito cansada. - informou o príncipe, tocando o braço do filho de leve. — Talvez amanhã.

Ainda junto à janela, Alexander disparou:

— Ela sabe quem...

— Isso fica para depois. - cortou o pai.

O príncipe herdeiro poderia ter argumentado, mas recebera uma educação demasiado formal. Conhecia as regras e as restrições impostas a seu título.

— Vamos levá-la logo para casa. - disse num tom tranqüilo, aproximando-se para confrontar o pai. Em seguida, lançou um olhar aos guardas. Gabriella podia estar protegida ali, mas ele a queria em casa.

— Assim que for possível.

— Pode estar cansada. - comentou Bennett —, mas quando acordar vai querer ver um rosto familiar. Alex e eu podemos esperar.

Um rosto familiar. Armand olhou além do filho, fitando a paisagem através da janela. Não havia nenhum rosto familiar para sua Brie. Explicaria-lhes depois, em particular. Por ora, tinha que ser apenas o príncipe.

— Podem ir. Amanhã ela estará mais descansada. Agora preciso dar uma palavrinha com Reeve. - acrescentou, dispensando os filhos sem um gesto sequer. Ao ver os dois rapazes hesitarem, o pai ergueu uma sobrancelha. Não agiu, como poderia ter feito, no calor da emoção.

— Ela está sentindo dor? - perguntou Alexander de repente.

O olhar de Armand amoleceu. Só alguém que o conhecesse bem perceberia tal coisa.

— Não. Garanto. Em breve... - somou ao perceber que o filho permanecia insatisfeito — verá com seus próprios olhos. Gabriella é forte. - aquilo foi dito com uma simplicidade repleta de orgulho.

Com um aceno, Alexander concordou. O que quer que tivesse a acrescentar teria que esperar por um momento em particular.

Então, o rapaz saiu com o irmão, flanqueado pelos membros da Guarda Real.

Armand contemplou os filhos e então se virou para Reeve.

— Por favor. - começou, gesticulando para que ele o seguisse.

— Usaremos o consultório do Dr. Franco por alguns instantes.

O príncipe se moveu pelo corredor como se não notasse os guardas. Mas Reeve notou. Sentia-os próximos e tensos. Um seqüestro real tendia a deixar as pessoas nervosas, meditou.

Armand abriu uma porta, esperou até que Reeve entrasse e a fechou em seguida.

— Sente-se, por favor. - convidou. — Eu ainda não consigo. -

alcançando um maço de cigarros no bolso, retirou o rolo marrom escuro, um dos dez que se permitia fumar todos os dias. Antes que pudesse acendê-lo por conta própria, Reeve ofereceu-lhe o isqueiro e esperou. — Agradeço por ter vindo. Ainda não tive a oportunidade de lhe dizer o quanto apreciei esse favor.

— Não há necessidade de agradecer, Vossa Alteza. Ainda não fiz nada.

O príncipe soltou uma baforada de fumaça. Podia relaxar, pelo menos um pouco, na frente do filho do seu amigo.

— Acha que sou muito rígido com meus filhos?

— Acho que o senhor os conhece melhor do que eu.

Armand esboçou um breve sorriso e se sentou.

— Tem o mesmo linguajar diplomático do seu pai.

— Às vezes.

— Tem também, se estou vendo com clareza, a mente sagaz e a inteligência.

Reeve desejou saber se o seu pai apreciaria aquela comparação e sorriu.

— Obrigado, Vossa Alteza.

— Por favor, quando estivermos a sós, chame-me apenas de Armand. - pela primeira vez desde que a filha acordara, suas emoções podiam ser mostradas. Com uma das mãos, esfregou a pele embaixo das sobrancelhas. A faixa de tensão não podia ser ignorada por tanto tempo. — Acho que estou a ponto de lhe impor a amizade que tenho com seu pai, Reeve. Mas por causa do amor que sinto pela minha filha, não me resta alternativa.

Reeve considerou o homem sentado à sua frente. Antes, o havia observado como um soberano. Agora, via um pai, tentando desesperadamente se controlar. Em silêncio, pegou um cigarro e o acendeu, proporcionando mais alguns minutos a Armand.

— Conte-me tudo.

— Minha filha não se lembra de nada.

— Não se lembra de quem a sequestrou? - com uma carranca, Reeve estudou o bico dos próprios sapatos. — Ela os viu pelo menos?

— Não se lembra de nada. - repetiu Armand e ergueu a cabeça.

— Nem mesmo do próprio nome.

Reeve ponderou todas as implicações e suas conseqüências.

Então, apenas acenou com a cabeça, não deixando transparecer nenhum dos pensamentos que de imediato lhe perpassaram o cérebro.

— Amnésia temporária é bastante comum após o trauma que ela sofreu, suponho. O que o médico disse?

— Falarei com ele em breve. - a tensão dos últimos seis dias o extenuara, mas o príncipe não permitia que isso se expressasse em sua voz. — Você veio, Reeve, porque lhe pedi. Mas nunca me perguntou por quê.

— Não.

— Como cidadão americano, não tem nenhuma obrigação para comigo.

Reeve exalou uma baforada fina do tabaco da Virgínia que se misturou ao francês de Armand.

— Não.

Um sorriso se esboçou nos lábios do regente. Igual ao pai, pensou. E sendo assim, Reeve MacGee era um homem em quem ele podia confiar. Estava a ponto de lhe confiar a vida do seu bem maior.

— Na minha posição, existe sempre certo elemento de risco.

Você entende.

— Todo líder tem que conviver com isso.

— Sim. Bem como, por nascimento e proximidade, os filhos de um líder. - por um momento Armand fitou as mãos e em seguida o ostentoso anel de ouro do seu ofício. Era um príncipe de nascença, mas também era um pai. Embora nunca tivesse tido a chance de escolher quem vinha primeiro. Nascera, fora educado e moldado para reger. Sempre soubera que sua primeira obrigação era cora seu povo.

— Naturalmente, meus filhos têm sua própria segurança pessoal. - com um tipo de violência controlada, Armand esmagou o cigarro no cinzeiro. — Parece que é inadequado. Brie, Gabriella, não tem muita paciência com essas questões de segurança. É teimosa no que se refere à sua privacidade. Talvez eu a tenha mimado demais. Somos um país calmo, Reeve. A família real de Cordina é

amada por seus cidadãos. O fato de minha filha escapar vez ou outra dos seguranças não me preocupava.

— Foi o que aconteceu desta vez?

— Ela quis ir para o campo. Algo que gosta de fazer de vez em quando. As responsabilidades do seu título são muitas. Gabriella necessita de uma válvula de escape. Até seis dias atrás, parecia inofensivo, por isso permiti.

O tom incisivo deixou claro para Reeve que Armand regia a família do mesmo

modo que regia o país, com uma mão justa, mas firme. Ele absorveu o sentimento tão facilmente quanto a informação.

— Até seis dias atrás. - repetiu ele. — Quando sua filha foi seqüestrada.

O príncipe assentiu com a cabeça devagar. Havia fatos a serem negociados. Emoção só os tomaria confusos.

— Agora, até temos certeza de quem a sequestrou e por que, não poderei permitir que volte a fazer algo tão inofensivo. Confiaria minha própria vida aos guardas reais, mas não posso confiar-lhes a vida da minha filha.

Reeve apagou o cigarro. A mensagem chegava até ele alta e clara.

— Não trabalho mais para a polícia, Armand. E você não necessita de um policial.

— Parece que agora tem seu próprio negócio. Ouvi dizer que é uma espécie de perito em terrorismo.

— Em meu país. Por certo, não tenho credenciais em Cordina.

- Reeve sentiu a curiosidade aumentar. Impaciente consigo mesmo, fez uma carranca e fitou o príncipe. — Ao longo desses anos, tive a oportunidade de estabelecer alguns contatos. Poderia lhe fornecer os nomes de alguns bons profissionais. Se está procurando um guarda-costas real...

— Estou procurando um homem a quem possa confiar a vida da minha filha. - interrompeu o príncipe. A voz soou tranqüila, mas havia

uma nota de autoridade velada. — Um homem que eu saiba que permanecerá tão impessoal quanto eu permaneceria. Um homem com experiência nos procedimentos utilizados em uma situação que envolva explosivos... com discrição. Acompanhei a sua carreira. -

Armand curvou os lábios num sorriso breve ao perceber o olhar insípido do rapaz. — Tenho alguns contatos em Washington. Tem um currículo exemplar, Reeve. Seu pai pode se orgulhar de você.

Reeve se remexeu incomodamente à menção do nome do pai.

A relação também era muito pessoal, pensou. O que tornaria mais difícil para ele aceitar e ser objetivo, ou recusar gentilmente sem sentimento de culpa.

— Aprecio sua confiança. Mas não sou mais um policial.

Tampouco um guarda-costas. Sou um fazendeiro.

A expressão do regente permaneceu séria, mas Reeve percebeu o flash rápido de humor em seus olhos.

— Sim, me informaram. Se preferir, podemos deixar isso como está. Porém, tenho uma necessidade. Uma grande necessidade, mas não vou pressioná-lo agora. - Armand sabia quando deveria avançar e quando deveria recuar. — Pense sobre o que conversamos. Amanhã, talvez possamos voltar a nos falar e poderá ver Gabriella. Enquanto isso, fica sendo nosso convidado. - o príncipe se ergueu, sinalizando o fim da conversa. — Meu carro o levará de volta ao palácio. Ficarei aqui um pouco mais.

A luz do fim da manhã se infiltrava através da janela do quarto.

Desejando vagamente um cigarro, Reeve observou os reflexos do sol projetados no chão. Conversara com Armand outra vez, após um café-da-manhã particular nos aposentos do príncipe. Se havia uma coisa que conhecia, era determinação e poder frio. Crescera acostumado a isso.

Blasfemando, contemplou a paisagem lá fora, as montanhas que circundavam Cordina tão formosamente.

Que diabos estava fazendo ali? Suas terras estavam a milhares de quilômetros de distância, esperando para ser aradas. Em vez

disso, se encontrava naquele pequeno país de conto de fadas, onde o ar era sedutoramente suave e o mar azul tão próximo. Jamais deveria ter vindo, recriminou-se. Quando Armand o contatara, devia ter inventado uma desculpa. Quando o pai o chamou para endossar o pedido do amigo, deveria ter lhe dito que tinha campos para cultivar e feno para plantar.

Mas não o fizera. Com um suspiro, Reeve admitiu por quê. O

pai lhe pedira tão pouco e sempre lhe dera tanto. A amizade que unia o

embaixador Francis MacGee e a alteza real Armand de Cordina era forte e verdadeira. O príncipe viajara aos Estados Unidos a fim de acompanhar o funeral da embaixatriz MacGee. Era impossível esquecer o apoio que isso significara para o seu pai na ocasião.

Além do mais, não havia esquecido a princesa. Reeve continuou fitando a paisagem através da janela. A mulher que dormia atrás dele naquela cama de hospital, pálida, vulnerável e frágil.

Lembrou-se de como ela era dez anos atrás, quando ele acompanhara os pais em uma viagem a Cordina.

Era o décimo sexto aniversário da princesa, lembrou-se. Ele devia contar com uns vinte anos à época e já trabalhava na polícia.

Não era um homem de nutrir ilusões e, por certo, não acreditava em contos de fadas. Mas era exatamente isso que a Alteza sereníssima Gabriella parecia.

O vestido, ainda podia se lembrar, era de uma seda verde-claro que apertava em tomo de uma cintura impossivelmente fina, alargando-se em seguida. De encontro ao tecido, a pele delicada brilhava com vida e juventude. Nos cabelos, uma pequena presilha de diamantes refulgia em meio à massa castanha longa e vasta.

Cabelos que um homem desejaria enroscar os dedos com possessão. A face era rosa e acetinada com uma boca carnuda e sedutora. E os olhos... Reeve jamais conseguira esquecê-los. Os olhos, sob a escuridão das sobrancelhas curvadas, circundados por luxuriantes cílios, eram como dois topázios.

Um pouco relutante, virou-se para fitá-la. A face ainda era delicada, talvez até mais desde que se transformara de menina em mulher. A curva das maçãs do rosto lhe conferia um ar de dignidade.

A pele estava pálida, como se a vida e a mocidade lhe tivessem sido roubadas. Os cabelos continuavam vastos, mas escovados para trás, deixavam-lhe a face vulnerável. A beleza permanecia lá, mas era tão frágil que um homem recearia tocá-la.

A princesa tinha um dos braços apoiado sobre o corpo e Reeve pôde vislumbrar o brilho dos diamantes e safiras. As unhas, porém, estavam curtas e desiguais,

como se tivessem sido roídas ou quebradas. O tubo de soro ainda no pulso. Lembrou-se de quando ela fizera 16 anos e usava uma pulseira de pérolas no local.

Foi essa lembrança que fez sua raiva avivar. Havia se passado uma semana desde o seqüestro da princesa. Dois dias desde que o jovem casal a encontrara caída às margens da estrada. Contudo, ninguém sabia o que lhe acontecera. Ainda era capaz de recordar o perfume que ela usava dez anos atrás. Gabriella não lembrava o próprio nome. Alguns quebra-cabeças podiam ser ocultados e facilmente ignorados. Alguns especulados e outros deixados de lado. Mas havia aqueles que intrigavam e tentavam. Esses incitavam uma parte dele que era seduzida por perguntas, enigmas e, com freqüência, pelo modo violento de resolvê-los, que quase se convencera que havia superado.

Armand fora inteligente, pensou irritado. Muito inteligente, insistindo para que eu visse a princesa Gabriella com meus próprios olhos. O que fazer? Que diabos faria? Tinha sua própria vida para começar, o novo caminho que escolhera para trilhar. Um homem tentando um segundo recomeço não tinha tempo para se envolver nos problemas de outras pessoas. Afinal, não era disso que queria se afastar?

As sobrancelhas escuras estavam contraídas em meio a reflexões. Foi assim que ela o viu quando abriu os olhos. Brie fitou a face severa e irritada e viu um par de olhos azuis faiscando e uma

boca cerrada. Ela gelou. Aquilo era um sonho ou era real?, imaginou, tentando se firmar. O hospital. Permitiu que seu olhar desviasse da figura masculina o suficiente para se assegurar de que ainda estava no mesmo lugar.

Apertou os dedos nos lençóis até ficarem brancos, mas sua voz soou suave.

— Quem é você?

Muita coisa podia ter mudado nela durante todos aqueles anos ou no decorrer da última semana, mas seus olhos continuavam os mesmos. Fulvos e profundos. Fascinantes.

Reeve manteve as mãos nos bolsos.

— Sou Reeve MacGee, um amigo do seu pai.

Brie relaxou um pouco. Então se lembrou do homem com olhar cansado e postura de militar que lhe dissera que era seu pai.

Ninguém imaginava a noite inquieta e frustrante que ela passara, tentando se recordar de alguma coisa.

— Você me conhece?

— Nos conhecemos vários anos atrás, Vossa Alteza. - os olhos que o fascinaram quando ela era menina e agora já mulher pareciam devorá-lo. Ela precisa de algo, pensou Reeve. Está procurando no escuro qualquer apoio. — Foi em seu décimo sexto aniversário.

Estava maravilhosa.

— Você é americano, Reeve MacGee?

Ele hesitou por um momento, estreitando o olhar.

— Sim. Como sabe?

— Sua voz. - por alguns segundos a confusão tomou conta dos olhos dela. Ele quase podia senti-la se agarrando àquela linha tênue.

— Percebi pela sua voz. Eu... Estive lá?

— Sim, Vossa Alteza.

Ele sabia, pensou Brie. Ele sabia, mas ela só podia deduzir.

— Não consigo me lembrar de nada. - lágrimas ameaçaram brotar, mas foram rapidamente dominadas. Gabriella tinha o mesmo controle do pai. — Pode imaginar o que é acordar sem se lembrar

de nada? Minha vida se resume a páginas em branco. Tenho que esperar que os outros as preencham para mim. O que aconteceu comigo?

— Vossa Alteza...

— Precisa me chamar assim? - exigiu.

Um flash de impaciência o fez dar um passo atrás. Tentou não sorrir. Tentou não admirá-la.

— Não. - disse simplesmente, sentando-se confortável na extremidade da cama.

— Como gostaria que a chamasse?

— Pelo meu nome. - olhou para baixo aborrecida com a atadura no pulso. Logo daria um jeito de se livrar daquele incômodo, decidiu.

Então se remexeu, tentando se erguer. — Disseram-me que é Gabriella.

— As pessoas costumam chamá-la de Brie.

A princesa permaneceu calada por um momento, lutando para se recordar algo, mas as páginas em branco continuavam vazias.

— Muito bem, então. Agora me diga o que aconteceu comigo.

— Não temos os detalhes.

— Você deve ter. - ela o corrigiu, encarando-o. — Se não todos, alguns. Eu os quero.

Reeve a estudou. Frágil, sim, mas sob a fragilidade havia uma fortaleza. Ele teria que reerguê-la.

— Na tarde do domingo passado, foi passear de carro na região rural. No dia seguinte, seu carro foi encontrado abandonado. Então vieram os telefonemas. Pedidos de resgate.

Supostamente, tinha sido seqüestrada e se encontrava em um cativeiro. Ele não mencionou as ameaças ou o que teria lhe acontecido se o pedido de resgate não fosse pago. Tampouco lhe contou que a quantia exorbitante que fora exigida se destinava a libertar certos prisioneiros.

— Seqüestro. - os dedos de Brie alcançaram os dele. Então, de repente, ela viu imagens, sombras. Um quarto pequeno, escuro. O

cheiro de... Querosene e mofo. Lembrou-se da náusea, das dores

de cabeça. O terror voltou, mas um pouco mais ameno. — Não consigo me lembrar com clareza. - murmurou. — De alguma maneira sei que é verdade, mas há uma névoa que não consigo dissipar.

— Não sou médico. - Reeve falou num tom animado porque a força de vontade da princesa para recuperar a memória o estava afetando fortemente. — Mas eu a aconselharia a não forçar sua mente. Vai se lembrar quando estiver preparada.

— Falar é fácil. - ela libertou a mão dele. — Alguém roubou a minha vida, Sr. MacGee... Qual é o seu papel nesta história? - exigiu ela de repente. — Éramos namorados?

A sobancelha de Reeve se ergueu. Ela com certeza não era de fazer muitos rodeios, meditou. Nem soou muito excitada com a possibilidade, pensou com uma ponta de divertimento.

— Não. Como disse antes, você estava com 16 anos quando nos conhecemos. Nossos pais são velhos amigos. Teriam ficado um pouco aborrecidos se eu a tivesse seduzido.

— Entendo. Então por que está aqui?

— Seu pai me pediu que viesse. Está preocupado com a sua segurança.

A princesa admirou o anel em seu dedo. Maravilhoso, pensou.

Então, olhou as unhas e fez uma carranca. Algo estava errado, não estava? Por que usava um anel tão ostentoso e não tinha cuidado com as mãos? Outro lampejo de memória lhe veio à mente. Então, fechou as mãos em punhos, enquanto a lembrança flutuava e enfraquecia.

— Se meu pai se preocupa com a minha segurança... -

continuou, sem se dar conta de que Reeve a estudava atentamente.

— O que isso tem a ver com você?

— Tenho alguma experiência nessa área. Armand me pediu que cuidasse da sua segurança.

Brie fez outra carranca, de um modo pacífico e pensativo, que não imaginava tratar-se de um hábito seu.

— Um guarda-costas? - a princesa falou no mesmo tom impaciente que ele. — Não sei se vou gostar da ideia.

A demissão simples causou uma reviravolta na cabeça de Reeve. Abdicara do seu tempo livre, viajara milhares de quilômetros e ela achava que não gostaria de tê-lo por perto.

— Vai aprender, Vossa Alteza, que até mesmo uma princesa é obrigada a fazer coisas de que não gosta. Pode muito bem se acostumar à ideia.

Brie o estudou com uma expressão serena, do modo que costumava fazer quando o temperamento ameaçava acabar com o seu bom senso.

— Acho que não, Sr. MacGee. Tenho certeza de que não toleraria ter alguém o tempo todo no meu pé. Quando chegar em casa... - fez uma pausa porque casa era outro espaço em branco em sua mente. — Quando chegar em casa -, repetiu — vou encontrar outro modo de lidar com essa situação. Pode dizer a meu pai que recusei seu amável favor.

— O favor não é para você, mas para o seu pai. - Reeve se ergueu. Dessa vez Brie pôde ver que ele impressionava pela altura.

A magreza não importava, tampouco as roupas caras. Se pretendesse interceptar o caminho de alguém, não haveria quem pudesse enfrentá-lo. Disso estava certa.

Ele a perturbava. Não sabia o porquê, nem se deveria saber, mas era uma realidade e por isso não queria manter uma relação cotidiana com aquele homem. Sua vida já estava bastante confusa no momento sem alguém como Reeve MacGee por perto.

Perguntara se eram namorados porque a idéia a excitava e amedrontava ao mesmo tempo. Quando ele negara, não se sentira aliviada, apenas experimentara o mesmo branco que vinha sentindo há dias. Talvez fosse uma mulher de poucas emoções, considerou.

Talvez a vida fosse mais simples dessa maneira.

— Disseram-me que tenho quase 25 anos, Sr. MacGee.

— Você precisa me chamar assim? - perguntou ele, usando deliberadamente o mesmo tom que ela usara momentos antes.

Reeve viu um breve sorriso surgir nos lábios femininos e logo em seguida desaparecer.

— Sou adulta. Tomo minhas próprias decisões em relação à minha vida.

— Sendo um membro da família real de Cordina, algumas dessas decisões não cabem só a você. - ele caminhou em direção à porta e a abriu, permanecendo parado por alguns instantes com a mão na maçaneta. — Tenho coisas mais interessantes a fazer, Gabriella, do que bancar a babá de uma princesa. - um sorriso torto brincou em seus lábios. — Mas até mesmo os plebeus nem sempre tem escolha.

Brie esperou até que a porta se fechasse, então sentou-se na cama. Uma vertigem a deixou tonta. Por um momento, apenas por um momento, queria se deitar para trás antes que alguém viesse ajudá-la a se inclinar. Mas não toleraria mais ficar presa ali.

Erguendo-se da cama, esperou a fraqueza passar. Era algo que tinha que aceitar, por ora. Então, cuidadosa e lentamente, caminhou até um espelho na parede distante.

Tinha evitado aquilo. Não se lembrando de nada sobre a sua aparência, mil possibilidades haviam se formado em sua mente.

Quem ela era? Como podia saber, quando sequer se lembrava da cor dos próprios olhos. Respirando fundo, parou em frente ao espelho e se olhou.

Muito magra, pensou depressa. Muito pálida, mas não hor-rorosa, acrescentou aliviada. Talvez os olhos fossem de uma cor estranha, mas não eram vesgos ou pequenos. Erguendo uma das mãos, levou-a a face. Magra, pensou novamente. Delicada e assustada. Não havia traços em suas feições que lembrassem o homem que dizia ser seu pai. Tinha visto força em sua fisionomia. A dela denotava fragilidade, muita fragilidade.

— Quem é você? - Brie exigiu, apertando a palma contra o vidro. — O que é

você?

Então, menosprezando-se, cedeu ante o desespero e chorou.

Capítulo II

Não era algo que voltaria a fazer, Brie disse a si mesma ao sair de uma ducha quente e relaxante. Não enterraria a face nas mãos e choraria porque as coisas não estavam indo bem para ela. O que faria, o que começaria a fazer naquele exato momento, era mudá-

las, uma de cada vez. Se havia respostas a serem achadas, aquele era o modo de consegui-las.

Primeiro as coisas mais importantes. Brie vestiu o roupão que achou pendurado no armário. Era grosso, felpudo e verde-esmeralda. Também estava um pouco desfiado ao redor dos punhos. Velho e perfeito, decidiu, aceitando o conforto que sentia com a peça ao redor do corpo. Mas o armário não tinha mais nada a lhe oferecer. Decidida, Brie apertou o botão e esperou pela enfermeira.

— Quero minhas roupas. - disse assim que a mulher entrou.

— Vossa Alteza, não deveria estar...

— Falarei com o médico se necessário. Preciso de uma escova de cabelo, cosméticos e roupas apropriadas. - ela juntou as mãos num gesto que indicava autoridade, mas tinha mais a ver com seus nervos aflorados. — Vou para casa esta manhã.

Ninguém discutia com a realeza. A enfermeira deixou o quarto e foi imediatamente chamar o doutor.

— Mas o que significa isto? - perguntou o médico num tom caloroso, alegre e paciente ao entrar no quarto. Brie lembrou-se de uma parede pequena e sólida, inteligentemente escondida atrás de hera e musgo. — Vossa Alteza, não devia ter se levantado.

— Dr. Franco. - estava na hora de decidir as coisas por si mesma. — Aprecio seus esforços e bondade, mas vou para casa hoje.

— Casa. - um brilho afiado cruzou o olhar do doutor, enquanto ele se aproximava. — Minha querida Gabriella...

— Não. - ela sacudiu a cabeça, negando a pergunta não formulada. — Não me lembro de nada.

Franco assentiu com a cabeça.

— Falei com o Dr. Kijinsky, Vossa Alteza. Ele é muito mais apto a cuidar do seu caso do que eu. Esta tarde...

— Falarei com o seu Kijinsky, Dr. Franco, mas não esta tarde. -

dizendo isso, ela enfiou as mãos nos bolsos fundos do roupão e tocou algo pequeno e fino. Retirando-o, Brie se viu segurando um grampo. Envolveu o objeto firmemente com a mão, como se aquilo fosse a chave para uma recordação repentina. — Preciso tentar resolver as coisas ao meu modo. Talvez se voltar para o lugar onde as coisas me são familiares, eu comece a me lembrar. Garantiu-me ontem depois que meu... pai saiu que esta perda de memória é temporária e que além de fadiga e choque, não tenho outros problemas mais sérios. Se for esse o caso, posso descansar e me recuperar da mesma maneira em casa.

— Seu repouso e recuperação podem ser monitorados com mais eficiência aqui.

Brie lhe deu um sorriso tranqüilo e demasiado teimoso.

— Não quero ser monitorada, Dr. Franco. Quero ir para casa.

— Talvez não se lembre, mas Gabriella disse a mesma coisa algumas horas depois de operar as amídalas. - Armand estava de pé junto à entrada, observando a face delicada da filha em contraste com o austero doutor. Entrando, o príncipe ofereceu-lhe a mão.

Embora a hesitação de Brie em aceitá-la o ferisse, envolveu-lhe os dedos com ternura.

— Vossa Alteza irá para casa. - disse sem olhar para o médico.

Antes que a filha pudesse sorrir, ele continuou: — Forneça-me uma lista de

instruções para o cuidado dela. Se ela não as seguir, será mandada de volta ao hospital.

O desejo de protestar veio e se foi. Algo inerente o suprimiu. Em vez disso, Brie inclinou a cabeça. O que deveria ter sido um gesto servil foi compensado pelo erguer arrogante de uma sobrancelha.

Os dedos de Armand se apertaram em redor dos dela ao perceber o gesto familiar. Quantas vezes o fitara daquele jeito ao barganhar algo que desejava!

— Mandarei trazer suas coisas.

— Obrigada.

Mas ela não acrescentou a palavra pai. Ambos perceberam o detalhe.

Uma hora mais tarde, Brie deixou o hospital. Gostava do alegre vestido primaveril, em tons pastéis, que estava usando. Também se sentira aliviada e satisfeita ao descobrir que possuía uma nécessaire repleta de cosméticos.

Ao sair para a luz do sol, um rubor suave tingiu-lhe a face e as sombras escuras sob os olhos desapareceram. Os cabelos soltos esvoaçavam ao sabor do vento, roçando-lhe os ombros. O perfume que colocara era, sem dúvida, francês e instigante. Tinha a mesma sensação de conforto, como quando vestira o roupão. Reconheceu o carro como sendo uma limusine e sabia que o interior devia ser espaçoso e cheiroso. Não conseguia se lembrar de já ter viajado nele antes ou da fisionomia do motorista, que sorriu, curvou-se em mesura e em seguida a conduziu até o interior do veículo. Sentou-se em silêncio por um momento, enquanto o pai se acomodava à sua frente.

— Parece mais forte, Brie.

Havia tanto a dizer, embora ela tivesse tão pouco. Os detalhes a confundiam. Mas havia os sentimentos. Não se sentia estranha no estofado aveludado da limusine. O peso do brilhante anel que usava era confortável em sua mão. Sabia que seus sapatos eram italianos, mas apenas as marcas nas solas comprovavam que haviam sido usados antes. Por ela, certamente. O ajuste era perfeito.

O perfume do pai acalmava-lhe os nervos. Ela o fitou novamente, procurando.

— Sei que falo francês com tanta fluência quanto o inglês, porque alguns dos meus pensamentos são nesse idioma. - começou Brie. — Sei que gosto do cheiro das rosas. Sei para qual direção devo olhar para ver o sol surgir além do horizonte e o que parece ser o amanhecer. Mas não sei se eu sou uma pessoa amável ou egoísta.

Não me lembro da cor das paredes do meu próprio quarto. Não sei se tenho aproveitado a minha vida ou se a desperdicei.

Armand sentia-se dilacerado, observando a filha sentada calmamente à sua frente, tentando explicar por que não era capaz de lhe dedicar o amor a que ele tinha direito.

— Eu poderia lhe dar as respostas.

Brie assentiu com a cabeça, tão controlada quanto o pai.

— Mas não fará isso.

— Acho que se as conseguir por si mesma, descobrirá ainda mais.

— Talvez. - olhando para baixo, a princesa deslizou os dedos sobre a bolsa branca de pele de cobra que trazia consigo. — Já descobri que sou impaciente.

De imediato, Armand sorriu. Brie se viu retribuindo o sorriso.

— Já é um bom começo.

— E tenho que me dar por satisfeita com um começo.

— Minha querida Gabriella, não tenho ilusões de que ficará satisfeita com isso por muito tempo.

Brie olhou através da janela, enquanto subiam continuamente uma estrada longa e sinuosa. Havia muitas árvores, palmeiras entre

elas, com as folhas largas se agitando. Rochas cinzentas e escarpadas que se estendiam ao longo do caminho, com flores do campo florescendo em meio às fendas. O mar encontrava-se abaixo, profundo, azul e sereno.

Se olhasse para cima, seguindo a direção da estrada, poderia avistar a cidade com seus edifícios rosa e brancos empilhados como lindos brinquedos no promontório arqueado e irregular.

Um conto de fadas, pensou mais uma vez. Contudo, não foi pega de surpresa. A medida que se aproximavam, Brie sentiu novamente aquela sensação de conforto e tranquilidade. A cidade não perdia nada do seu charme à medida que ficava mais próxima.

As casas e os edifícios pareciam alegres, abrindo caminho à força em meio às rochas, equilibradas umas nas outras e assentadas sobre a terra. Havia uma meticulosidade global e um senso de idade.

Nenhum arranha-céu, nenhuma pressa frenética. Algo dentro dela reconhecia aquilo. No entanto, pensou, estivera em cidades onde o passo era rápido e os edifícios atingiam enormes alturas. Mas aquela era a sua cidade. Não sentia nenhum desejo de contestar. Aquela era de fato a sua cidade.

— Não falará sobre mim... - ela fitou Armand outra vez, o olhar firme e a voz forte. — Mas me fale sobre Cordina.

Aquilo o agradara. Brie podia perceber pelo modo como os lábios do pai se curvaram ligeiramente.

— Somos um povo antigo. - disse o príncipe e ela pode ouvir o tom de orgulho em sua voz. — Os Bisset, é o nome da nossa família, viveram aqui e regeram este lugar desde o século XVII. Antes disso, Cordina viveu sob o regime de muitos governos, espanhol, mouro, espanhol novamente e então francês. Somos uma cidade portuária, como pode ver, e a nossa posição no Mediterrâneo é valiosa. Em 1657, outro Armand Bisset assumiu o principado de Cordina. Tem permanecido nas mãos dos Bisset e permanecerá enquanto houver um herdeiro do sexo masculino. O título não pode ser passado a uma mulher.

— Entendo. - porém, após o primeiro momento, Brie inclinou a cabeça. — Pessoalmente, sou grata por isso, mas em termos de política é um pensamento arcaico.

— Sempre disse isso. - ele murmurou.

— Certo. - ela viu crianças brincando em um parque, onde havia uma fonte.

Uma loja com uma vitrine repleta de vestidos e uma padaria com confeitos rosa e brancos. Havia uma casa em que o gramado exibia as mais lindas azaléias. — E os Bisset têm governado este lugar de forma adequada?

Era bem próprio da filha aquela pergunta, pensou o pai. Embora não tivesse memória, a mente questionadora e a compaixão permaneceram.

— Cordina está em paz. - disse ele simplesmente. — Somos membros das Nações Unidas. Eu governo auxiliado por Loubet, ministro do Estado. Há o Conselho da Coroa que se reúne três vezes por ano. Nas questões de tratados internacionais, tenho que consultá-los. Todas as leis devem ser aprovadas pelo Conselho Nacional, que é eleito.

— Há mulheres no governo?

Armand ergueu um dedo para coçar o queixo ligeiramente.

— Não perdeu seu gosto pela política. Sim, há mulheres.

Entretanto, não ficará satisfeita com a porcentagem. Mas Cordina é um país progressista.

— Talvez "progressista" seja um termo relativo.

— Talvez. - ele sorriu, porque aquele era um velho debate particular. — O transporte de carga, naturalmente, é a nossa maior indústria, mas o turismo não fica atrás. Temos beleza natural, cultura e um clima invejável. Somos autênticos. - disse com simplicidade. —

Nosso país é pequeno, mas não é insignificante. Nós o governamos com eficiência.

Brie aceitou a narrativa do pai sem fazer perguntas, mas se as tivesse formulado, teriam se esvaído da sua mente no momento em que avistou o palácio. A construção se assentava no ponto mais alto

de Cordina, à beira de um penhasco que dava vista para o mar. De ambos os lados, precipícios íngremes desciam em direção às águas.

Era um lugar que o rei Artur poderia ter visitado e o reconheceria se seu tempo

voltasse. O reconhecimento veio para Brie do mesmo modo que as outras coisas vieram. Um sentimento vago, como se estivesse vendo algo em um sonho.

Construída com pedras brancas, a estrutura se espalhava em uma mistura de ameias, parapeitos e torres. Fora elaborada para ambas, realeza e defesa, e permanecera inalterada. Pairava sobre a capital como uma proteção e uma bênção.

Havia guardas nos portões, mas não estavam fechados. Em uniformes vermelhos asseados, os oficiais pareciam eficientes, conquanto extravagantes. Lembrou-se de Reeve MacGee.

— Seu amigo falou comigo... O Sr. MacGee. - ela desviou o olhar do palácio. Negócios primeiro, refletiu. Parecia ser seu modo de pensar. — Disse-me que o senhor pediu a ajuda dele. Embora aprecie sua preocupação, acho a idéia de ter mais um estranho em minha vida um pouco incômoda.

— Reeve é filho do meu melhor e mais antigo amigo. Não é um estranho. - nem eu, pensou Armand, esforçando-se para ser paciente.

— Para mim é. Pelo que ele me disse, só nos encontramos uma vez, dez anos atrás. Mesmo que eu pudesse me lembrar dele, continuaria sendo um estranho.

O príncipe sempre admirara o modo como a filha lançava mão da sua lógica clara quando lhe convinha. E teimosia quando não. A admiração, porém, não ofuscava a necessidade.

— Ele foi policial nos Estados Unidos, e é perito no tipo de segurança de que precisamos no momento.

Ela pensou nos uniformes vermelhos asseados no portão e nos homens sentados no carro que seguia a limusine.

— Já não há guardas suficientes?

Armand esperou até que o motorista parasse em frente à entrada.

— Se houvesse, nada disto seria necessário. - o príncipe saiu do carro primeiro e se virou para ajudar a filha. — Bem-vinda ao lar, Gabriella.

A mão de Brie permaneceu sobre a dele, enquanto uma brisa leve farfalhava entre ambos. Não estava pronta para entrar. Armand percebeu e esperou. Podia sentir o cheiro das flores, agora. Jasmim, baunilha, pimenta e as rosas que cresciam no pátio. A grama era tão verde e as pedras tão brancas que quase a cegavam. Com certeza, algum dia, ali tivera uma ponte levadiça. Havia uma porta de madeira em forma de arco no topo dos degraus de pedra curvados. Vitrais, às vezes claros, às vezes coloridos, brilhavam como era comum se ver em palácios. Na torre mais alta, uma bandeira tremulava ao vento. Branco neve com uma arrogante barra diagonal em vermelho.

Lentamente, ela examinou a construção. Parecia atraí-la, lhe dando as boas-vindas. A sensação de paz não era fruto da sua imaginação. Era tão real quanto o medo que sentira algum tempo antes. Embora não soubesse qual daquelas janelas cintilantes era a do seu quarto. Mas descobriria, Brie disse a si mesma. Então, seguiu em frente.

Ao se aproximar, a enorme porta foi aberta. Um jovem com cabelos escuros e vastos e físico de dançarino surgiu junto à entrada.

— Brie! - no instante seguinte, a estava abraçando com toda a força e entusiasmo da juventude. Cheirava a cavalos. — Estava voltando dos estábulos quando Alex me disse que você chegou.

Brie sentiu o carinho do rapaz e olhou desamparada para o pai.

— Sua irmã precisa de repouso, Bennett.

— Claro. Ela descansará melhor aqui. - sorrindo, ele se afastou, sem largar-lhe a mão. Parecia tão jovem, tão bonito, tão feliz, pensou ela. Mas quando voltou a encará-la, seus olhos ficaram sóbrios depressa. — Você ainda não se lembra, não é?

Brie queria interagir com o rapaz, que parecia aflito com a situação. Mas tudo que conseguiu fazer foi retribuir o aperto de mão.

— Sinto muito.

Ele abriu a boca e a fechou, então, deslizou um braço ao redor da cintura dela.

— Deixa isso para lá. - a voz soou alegre, mas o rapaz a mantinha com cautela

entre ele e o pai. — Agora que está em casa, logo lembrará. Alex e eu pensávamos que teríamos que esperar até hoje à tarde para ir vê-la no hospital. Assim é bem melhor.

Enquanto Bennett falava, conduzia-a suavemente pela porta da frente. Falava rápido, para deixar ambos à vontade, concluiu ela.

Brie avistou o corredor, largo e impressionante com seu teto de afrescos e piso polido. Os graciosos degraus conduziam ao andar de cima. Para onde, ela não sabia. Porque seu coração batia acelerado, procurou se concentrar nos cheiros que a acalmaram.

Flores frescas e cera de limão. Podia ouvir o som dos saltos de seus sapatos golpeando a madeira e ecoando pelo recinto.

Havia um vaso alto e reluzente sobre um pedestal. De imediato soube que era Ming, da mesma maneira que soube que o pedestal era Luís XIV. Coisas, pensou Brie. Podia identificá-las, catalogá-las, mas não era capaz de relacioná-las consigo mesma. A luz do sol se infiltrava através de duas janelas altas em forma de arco, mas não lhe queimava a pele. Fugir. A necessidade a dominou. Queria se virar e fugir, voltar para a segurança impessoal do quarto do hospital.

Lá, não havia tantas exigências, tantas daquelas perguntas não formuladas que pairavam no ar. Não sentiria tal efusão de amor ou a necessidade das pessoas ao seu redor exigindo retribuição. Isso teria acontecido algum dia, desejou saber. Quando se lembrasse de quem era, se julgaria uma mulher fria e insensível?

Sentindo a tensão da irmã, Bennett a segurou com mais força.

— Tudo vai ficar bem agora, Brie.

De algum lugar ela retirou forças para sorrir.

— Sim, claro.

Vários passos à frente no corredor uma porta se abriu. Brie só soube que o homem era seu irmão por causa da forte semelhança entre ele e o homem ao seu lado. Tentou se esvaziar de modo que qualquer emoção que viesse a sentir tivesse espaço para entrar.

O rapaz não tinha a mesma beleza plácida de Bennett. Suas feições eram belas, mais intensas e menos tranquilizadoras que as do irmão mais novo. Embora fosse jovem, Brie podia sentir que ele possuía a mesma dignidade inalterável do pai. Mas claro, lembrou-se. Era o príncipe herdeiro. Tais coisas eram uma dádiva e um fardo ao mesmo tempo.

— Gabriella! - Alex não se precipitou sobre ela como Bennett, mas caminhou em sua direção com passos firmes, observando-a.

Quando parou à sua frente, ergueu as mãos e segurou-lhe a face. O

gesto parecia natural, como se o tivesse repetido inúmeras vezes no passado. O passado que ela não tinha, pensou, enquanto os dedos mornos e fortes tocavam-lhe a pele. — Sentimos sua falta. Ninguém grita comigo há uma semana.

— Eu... - gaguejando, ela não disse mais nada. O que deveria dizer? O que deveria sentir? Apenas sabia que aquilo era demais e ela não estava tão preparada quanto julgava estar. Então, por sobre o ombro de Alexander, ela viu Reeve.

Obviamente o homem estava junto com o irmão dela, mas se mantivera afastado para assistir ao encontro familiar. Em outra ocasião, teria se ressentido com aquilo, mas no momento achava que precisava da imparcialidade tranqüila do estranho. Lutando para manter o controle, tocou a mão do irmão.

— Sinto muito, estou exausta.

Brie viu algo chamejar nos olhos de Alexander, contudo o rapaz se afastou.

— Claro que está. Deve descansar. Vou acompanhá-la até seu quarto.

— Não. - ela se esforçou para não deixar a recusa soar tão ríspida. — Perdoe-me, preciso de um pouco de tempo. Talvez o Sr.

MacGee não se importe de me acompanhar até o meu quarto.

— Brie...

O protesto de Bennett foi suprimido imediatamente por Armand.

— Reeve, você sabe onde ficam os aposentos de Gabriella.

— Claro. - dando alguns passos à frente, ele a segurou pelo braço com um toque impessoal. Então, teve a impressão de tê-la ouvido suspirar aliviada. — Vossa Alteza?

Reeve a conduziu pelos degraus curvos, onde ela fez uma pausa, a fim de olhar para baixo, para os três homens que os observavam. Parecia tão distantes deles, tão separada. A onda de emoção veio e passou e Brie subiu o restante da escada em silêncio.

Não reconhecera nada ao longo dos largos e deslumbrantes corredores. Nada nas requintadas tapeçarias das paredes ou nas cortinas drapejadas. Em determinado momento, passaram por uma criada, cujos olhos se encheram de lágrimas ao parar para reverenciá-la.

— Como posso ser tão amada assim? - murmurou ela. Reeve continuou caminhando, sua mão mal a tocava no braço enquanto a guiava.

— As pessoas em geral desejam ser amadas.

— As pessoas em geral não desejam saber se merecem ser amadas? - sacudindo a cabeça num gesto de impaciência, ela continuou: — É como se tivesse me apossado de um corpo. O corpo tem um passado, mas eu não. Dentro desta mulher, olho para fora e vejo as reações das outras pessoas para com ela.

— Pode usar isso a seu favor.

Brie lançou-lhe um olhar rápido e interessado.

— De que modo?

— Tem a vantagem de ver as pessoas ao seu redor sem suas próprias emoções para mascarar o que vê. Observação sem

prejulgamento.

Pode

ser

um

modo

interessante

de

autoconhecimento.

Gabriella não conseguiu se descontraír, porém aceitou.

— Percebe agora por que lhe pedi para me acompanhar.

Reeve parou era frente a uma formosa porta de madeira esculpida.

— Eu deveria?

— Apenas alguns momentos atrás, pensei que não queria mais nenhum estranho em minha vida. Mas... Você não tem sentimentos fortes em relação a mim e não espera que eu os retribua. É fácil me encarar e ser prático.

Ele a estudou sob a luz tênue do corredor. Era impossível um homem olhar para aquela mulher e ter pensamentos práticos, mas não era hora de mencionar tal coisa.

— Estava assustada lá embaixo.

Brie ergueu o queixo e o encarou.

— Sim.

— Então decidiu confiar em mim.

— Não. - um belo sorriso desenhou-se nos lábios da princesa.

Algo da menina que ele conhecera, com diamantes nos cabelos, aflorou. Muito da atração que ele sentira naquela ocasião — Dadas as circunstâncias, confiança é algo que não posso sentir assim tão depressa.

Talvez mais que o sorriso, a força da princesa o atraía.

— Então o que decidiu?

Talvez mais que o seu olhar, a segurança daquele homem a atraía.

— Não desejo seus serviços como policial, Reeve, mas como um estranho pode ter um valor inestimável. Meu pai está determinado em contratá-lo. Talvez eu e você possamos entrar em um acordo.

— De que tipo?

— Não quero ficar flutuando no ar. Quero ter certeza das coisas.

Gostaria de considerá-lo mais que um pára-choque entre mim e...

— A sua família? - concluiu Reeve.

Os cílios fartos piscaram e os dedos dela se apertaram ao redor da bolsa.

— Não faça soar tão frio.

Tocá-la seria um engano. Não podia se esquecer.

— Tem direito ao tempo e a distância de que necessitar, Gabriella.

— Eles também têm necessidades. Estou ciente disso. - ela ergueu a cabeça novamente, mas olhou para a porta além dele. —

Este é o meu quarto?

Por um momento, Brie pareceu totalmente perdida. Reeve teve vontade de confortá-la, mas sabia que era a última coisa que ela queria ou necessitava.

— Sim.

— Acharia que sou covarde se eu dissesse que não gostaria de entrar sozinha?

Como resposta, ele abriu a porta e caminhou à frente dela.

Então, preferia tons pastéis. Ao olhar ao redor do encantador aposento, Brie viu as cores claras banhadas pelo sol. Nada de muitos enfeites, percebeu bastante satisfeita. Mesmo sem eles, era um quarto essencialmente feminino. Sentiu uma

sensação de alívio por aceitar sua feminilidade, sem precisar de decorações elaboradas para prová-la. Talvez, apenas talvez, achou que gostaria de Gabriella.

O quarto não estava atravancado, mas não exibia espaços desperdiçados. Havia flores frescas em um vaso sobre uma escrivaninha Rainha Anne. Na cômoda, uma coleção de minúsculos frascos em bonitos formatos e cores que não podiam ter nenhuma utilidade. Isso também a agradou.

Pisou sobre um tapete com tons suaves de rosa e tocou o espaldar redondo de uma cadeira.

— Disseram-me que você redecorou o quarto aproximadamente três anos atrás. - disse Reeve num tom casual. — Deve ser um conforto saber que tem bom gosto.

Será que havia escolhido o material para o macio sofá de dois assentos? Brie correu o dedo sobre o estofado como se o contato lhe suscitasse alguns indícios. Qualquer coisa. Da janela, podia avistar Cordina como devia ter feito incontáveis vezes antes.

A vista era deslumbrante. Jardins, uma extensão de gramado, as rochas e o mar. A distância, despontava a cidade, com suas casas, colinas e muito verde. Embora não pudesse vê-las, tinha certeza de que as crianças ainda continuavam brincando no parque perto da fonte.

— Por que estou bloqueando tudo isto? - exigiu de repente.

Quando se virou, Reeve percebeu que a mulher calma e reservada, que ele conduzira escada acima, transformara-se em uma pessoa passional e desesperada. — Por que bloqueio o que quero tanto recordar?

— Talvez haja outras coisas que não esteja preparada para se lembrar.

— Não acredito nisso. - Brie jogou a bolsa sobre o adorável assento e começou a caminhar, esfregando as mãos uma contra a outra. — Não posso suportar ter esta parede entre mim e mim mesma.

Fragilidade a parte, pensou ele, havia muita paixão ali. Um homem podia achar difícil omitir a combinação e cumprir sua missão.

— Terá que ser paciente. - e ao dizer aquelas palavras, Reeve desejou saber qual

dos dois ele estava advertindo.

— Paciente? - rindo, a princesa deslizou os dedos pelos cabelos.

— Por que tenho tanta certeza de que isso é algo que não sou? Sinto que se pudesse empurrar um tijolo, só um tijolo para fora da parede, o resto desmoronaria. Mas como? - ela continuava se movendo, depressa, com o tipo de graça que possuía de nascença. — Você poderia me ajudar.

— Sua família está aqui para isso.

— Não. - o gesto de agitar a cabeça era magnificente e, embora a voz soasse macia, denotava comando. — Eles me conhecem, é claro, mas os sentimentos deles manterão a parede por mais tempo do que posso suportar. Olham para mim e sofrem porque não os conheço.

— Mas eu não a conheço.

— Exatamente. - Brie afastou os cabelos da face num gesto que parecia mais impaciente que habitual. — Você será objetivo. Porque não tentará constantemente proteger meus sentimentos, nem os forçaria. Você já aceitou o pedido do meu pai, não é?

Reeve pensou em sua fazenda, Então, colocou as mãos nos bolsos e fez uma carranca.

— Sim.

— Colocou-se à disposição para colar no meu pé. - continuou ela num tom de voz suave. — Logo poderá ter alguma utilidade para mim.

Reeve deu uma meia risada.

— Com prazer, Vossa Alteza.

— Agora eu o aborreci. - encolhendo os ombros, a princesa caminhou até ele. — Bem, suponho que aborreceremos bastante um ao outro até que isso tudo termine. Serei honesta com você, não porque quero a sua piedade, mas porque tenho que dizer isto a alguém. Sinto-me muito sozinha. - a voz feminina hesitou ligeiramente. O sol que penetrava pelas janelas a traiu, revelando-lhe a palidez.

— Não há nada que eu veja ou toque que ache que é meu. É impossível, para mim, tentar recordar um ano atrás e lembrar-me de algo engraçado, triste ou agradável. Nem mesmo sei o meu nome completo.

Reeve a tocou. Talvez não devesse, mas não pôde evitar.

Erguendo-lhe o queixo, deslizou os dedos pela face delicada.

— Vossa Alteza sereníssima Gabriella Madeline Justine Bisset de Cordina.

— Enorme. - ela esboçou um sorriso, mas sua mão alcançou a dele até segurá-la com firmeza. O contato parecia bastante natural para ambos e nenhum dos dois o quebrou. — Brie parece mais fácil.

Sinto-me mais à vontade com Brie. Diga-me, você gosta da minha família?

— Sim.

— Então, ajude-me a lhes devolver a mulher que eles precisam.

Ajude-me a encontrá-la. Em uma semana perdi 25 anos. Preciso saber por quê. Você tem que entender isso.

— Eu entendo. - Reeve disse a si mesmo que não deveria tocá-

la. — Mas isso não significa que posso ajudá-la.

— Mas você pode. Pode porque não tem nenhuma necessidade. Não seja paciente comigo, seja severo. Não seja amável, seja rígido.

Ele continuou segurando-lhe a mão.

— Poderia não ser saudável para um ex-policia! americano fazer uma princesa sofrer.

Gabriella deu uma risada. Pelo que ele se lembrava, era a primeira vez em dez anos que a ouvia gargalhar. E também se lembrava, embora ela não, do rodopio da valsa que haviam compartilhado... Da magia do luar... Ficar não era sábio, estava ciente disso, mas não podia partir. Não ainda.

Os dedos frágeis relaxaram sob os seus.

— Ainda decapitamos em Cordina? Por certo dispomos de métodos mais civilizados de lidar com a plebe. Imunidade. - de repente ela parecia jovem e à vontade. — Conceder-lhe-ei imunidade, Reeve MacGee. Por meio dela, terá minha permissão para gritar, inquirir, aguilhoar e ser um pedante sem medo de represálias.

— Vai selá-la com o selo real?

— Depois que alguém me disser onde está.

A tensão se esvaiu. Brie aparentava estar abatida e cansada, mas seu sorriso era adorável. Podia sentir algo mais nela, agora.

Esperança e determinação. Ele a ajudaria, decidiu Reeve. Depois, talvez, se perguntasse por quê.

— Sua palavra basta.

— E a sua também. Obrigada.

Num gesto galante, Reeve ergueu-lhe a mão e a levou aos lábios.

Era um comportamento tão natural quanto respirar para a princesa.

Embora tivesse visto algo cintilar nos olhos dela, quando seus lábios roçaram as juntas delicadas. Princesa ou não, ela era uma mulher.

E ele era capaz de perceber quando uma mulher estava excitada.

Cauteloso, libertou-lhe a mão. O passo atrás foi para o bem de ambos.

— Vou deixá-la descansar. O nome de sua empregada é Bernadette, e a menos que a queira ver mais cedo, ela virá por volta de uma hora antes do jantar.

Brie deixou a mão cair ao longo do corpo como se não fizesse parte dela.

— Aprecio o que está fazendo.

— Nem sempre vai apreciar. - quando ele alcançou a porta, julgou a distância suficiente. Então olhou para trás. Ela ainda estava em frente à janela. Os raios de sol se infiltravam, iluminando-lhe os cabelos e a pele. — Descanse por hoje,

Brie. - aconselhou-a num tom suave. — Amanhã podemos começar a tentar derrubar aquele tijolo.

Capítulo III

Brie não pretendia dormir, mas sim pensar. Embora ainda se sentisse tão tonta e desorientada quanto no primeiro dia no hospital.

"Gabriella", disse a si mesma. Seu nome era Gabriella e estava deitada em seu quarto, sobre a colcha rosa e azul macia, esparramada na grande cama de carvalho esculpida. Uma brisa fresca a envolveu porque havia aberto as janelas ao explorar o quarto.

Seu nome era Gabriella e não havia razão para acordar amedrontada. "Segurança", repetiu várias vezes mentalmente até seus músculos acreditarem naquilo e relaxarem.

— Então...

Ao ouvir aquela palavra, Brie ergueu-se de repente em pânico.

Uma mulher idosa encontrava-se sentada em uma cadeira de espaldar estreito do outro lado da cama. Os cabelos presos em um coque tão apertado que nem uma mecha escapava. Eram cinza-escuros, sem nenhum fio branco. A face aparentava um pergaminho, fina, um pouco amarelada e generosamente enrugada. Dois olhos escuros pequenos espreitavam ao redor e a boca, embora murcha pela idade, parecia forte. Usava vestido preto, sapatos pretos resistentes e um estranho camafeu preso em uma tira aveludada ao redor do pescoço.

Já que Brie não podia confiar em sua memória, usou seus instintos. Reeve havia lhe dito que observasse sem fazer julgamentos. Era um sábio conselho, considerou. Não sentiu medo ao encarar a velha mulher. Relaxando novamente, permaneceu sentada.

— Olá.

— Que bom. - disse a senhora com um sotaque que Brie imaginou ser eslavo. — Voltou para casa depois de me fazer passar uma semana de preocupação e sequer se deu ao trabalho de ir me ver.

— Sinto muito. - a desculpa foi proferida de modo tão natural que ela sorriu.

— Deram-me desculpas tolas sobre a sua falta de memória.

Ora! - exclamou a mulher batendo com a palma da mão contra o braço da cadeira. — Imagina a minha Gabriella não se lembrando da própria babá!

Brie a perscrutou, mas sabia que não haveria associações de idéias. Era perda de tempo.

— Não me lembro. - disse num tom suave. — Não me lembro de nada.

A mulher não vivera durante 73 anos, cuidando de crianças e passando pelo sofrimento de ter enterrado o próprio filho, sem estar preparada para qualquer choque. Após um momento de silêncio, ergueu-se. A face podia estar enrugada, as mãos ligeiramente curvadas pela artrite, mas levantou-se da cadeira com a graça e agilidade de uma jovem. Quando parou junto à cama, a princesa viu uma mulher pequena, vestida de preto, com uma face austera e contas de um rosário que pendiam do cinto.

— Sou Carlotta Baryshnova, fui babá de lady Honoria Bruebeck, sua tia e lady Elizabeth Bruebeck, sua mãe. Quando ela se tomou a princesa Elizabeth de Cordina, eu a acompanhei para ser babá de seus filhos. Troquei suas fraldas, fiz curativos em seus joelhos e assoei seu nariz. Quando se casar, farei o mesmo com seus filhos.

— Compreendo. - ao perceber que a mulher parecia mais aborrecida do que transtornada, Brie sorriu novamente. Então lhe ocorreu que precisava se ver sorrindo. Teria que voltar ao espelho mais uma vez. — Fui uma criança boazinha?

— Hmm. - o som poderia ter significado qualquer coisa, mas Brie percebeu uma minúscula sugestão de prazer naquilo. — Às vezes pior, às vezes melhor que seus irmãos. Eles eram sempre uma provação. - aproximando-se, a mulher a fitou com a intensidade de um míope. — Não anda dormindo direito. - disse num tom distinto.

— Não é de admirar. Hoje à noite lhe trarei leite quente.

Brie inclinou a cabeça.

— Eu gosto?

— Não. Mas vai tomá-lo. Agora vou preparar seu banho. Muita excitação e muitos médicos é o que está lhe fazendo mal. Eu disse à tola da Bernadette que cuidaria das suas necessidades hoje à noite. O que fez com as suas mãos? - exigiu de repente, erguendo uma delas. Então, começou a resmungar como uma velha galinha atrás de um pintinho. — Apenas uma semana fora e já arruinou as unhas. Pior que uma cozinheira. Lascadas e quebradas e com todo o dinheiro que gasta em manicures.

Brie permaneceu sentada, enquanto a babá reclamava. Havia algo familiar no toque seco e momo daquela mão e no ralhar daquela voz. Porém, quando forçou a memória, tentando se lembrar, tudo enfraqueceu.

— Vou à manicure com freqüência?

— Uma vez por semana. - a babá torceu o nariz, mas continuou segurando-lhe os dedos.

— Parece que estou precisando voltar lá.

— Pode pedir àquela sua secretária afetada para marcar um horário. E seus cabelos também. - disse a mulher, fazendo uma carranca. — Uma princesa andando por aí com unhas lascadas e cabelos desalinhados. Essa é boa! - continuou, enquanto caminhava até um cômodo adjacente.

Brie ergueu-se e se livrou das roupas. Não sentiu a privacidade invadida por a mulher ficar o tempo todo ao redor, enquanto ela se preparava para o banho. Até mesmo quando tirou a calça do pijama, a velha senhora estava a postos, com um roupão curto de seda nas mãos para envolvê-la.

— Prenda os cabelos para cima. - disse a babá irritada.

— Vamos ver o que podemos fazer com eles depois do banho.

Quando viu a hesitação da princesa, foi até a cômoda e abriu uma caixa esmaltada pequena repleta de grampos.

— Venha. - a voz agora era mais suave. — Tem cabelos vastos como os de sua mãe. Precisa de muitos grampos. - a mulher

continuou com a ladainha, enquanto a conduzia até onde água escorria.

Brie fez uma breve pausa para olhar ao redor. Havia uma clarabóia no teto, estrategicamente posicionada, de modo que uma pessoa sentada na banheira podia apreciar o sol, a chuva ou o luar.

O piso e as paredes eram de cerâmica branca e os vasos de plantas que se espalhavam por todos os lados no banheiro já estavam envolvidos pelo vapor. Mas era a banheira num tom verde-escuro que dominava o ambiente com seu esguicho abundante. O formato de trevo dava para acomodar mais de uma pessoa, meditou. Então, desejou saber se isso já teria acontecido. Mergulhada em pensamentos, contemplou a água que jorrava de uma larga torneira reluzente, lembrando uma pequena-cachoeira.

Brie vislumbrou pureza e paixão e desejou saber se aquilo refletia sua personalidade. A essência que emanava da banheira era a mesma contida no pequeno frasco que o príncipe lhe levava aquela manhã. O cheiro de Gabriella, Brie se lembrou.

Deixando o roupão deslizar pelo corpo, imergiu na banheira.

Era fácil se entregar àquele prazer, enquanto a babá desaparecia, murmurando algo sobre providenciar-lhe algumas roupas.

A água fluía quente ao seu redor. Aquilo era algo que precisava, descobriu, se quisesse enfrentar a noite que vinha pela frente. Devia ter relaxado naquela banheira inúmeras vezes, olhando para o céu e refletindo sobre os seus afazeres.

Haveria um jantar. Em sua mente podia imaginar uma mesa formal e complexa. A prata, o linho, cristais e porcelana. Não seria difícil pedir um cardápio e escolher um vinho para acompanhá-lo. De alguma maneira, tudo aquilo lhe parecia básico, uma noção que lhe restara, tal como saber quais artigos de vestuário devia usar primeiro. Mas não fazia a mínima idéia de qual seria o padrão da porcelana, da mesma forma que não sabia o que existia por trás das portas do closet do seu quarto.

Lutando contra a impaciência, imergiu na água. Impaciência era uma forte característica da sua personalidade, descobriu.

Recuperaria a memória, Brie assegurou-se. Se não fosse logo, naturalmente

encontraria outro caminho.

Reeve MacGee. Brie alcançou o sabonete e uma esponja grande e macia. Ele poderia ser o seu acesso a outro caminho.

Quem era ele? Era um alívio pensar em outra pessoa durante algum tempo em vez de pensar em si mesma. Um ex-policial e um amigo da família, lembrou-se. Embora não fosse um amigo muito próximo, lembrava-se muito bem dela. O homem tinha sua própria vida nos Estados Unidos. Será que ela já estivera lá? Ele lhe dissera que sim.

Permaneceu por mais algum tempo deitada, desejando que sua mente se abrisse. Mas apenas impressões lhe vinham à lembrança. Edifícios de mármore imponentes e longos jantares formais. E um rio, um rio com grama verde luxuriante nas margens e muitos barcos. O esforço de tentar se lembrar de algo tão sem importância a cansou. Embora estivesse quase certa que visitara o país de Reeve.

Concentre-se nele, disse a si mesma. Se ele a ajudaria, precisava compreendê-lo. Bonito e, aparentemente, muito calmo, pensou. Embora, não estivesse tão certa se seria assim por dentro.

Parecia um homem insensível e solitário, que gostava das coisas ao seu modo. Bom, concluiu. Era isso que precisava no momento.

Não tinha motivos, como os membros da família dela, para querer poupá-la. Tampouco tinha motivos, acrescentou com uma carranca, para lhe oferecer a ajuda de que ela necessitava. Talvez só tivesse concordado em ficar ali de modo a cumprir o trabalho para o qual o príncipe o havia contratado. Guarda-costas, pensou aborrecida. Não queria ninguém a acompanhá-la como uma sombra.

Mas, continuou Brie, imergindo a esponja na água, não fora isso que lhe pedira quando conversaram? Porque sentira... algo, quando o viu de pé no corredor? Alívio. O fato de admitir tal coisa a envergonhou. Tinha uma família interessada e amável e, mesmo

assim, sentira uma sensação opressiva de alívio ao avistar o estranho atrás deles.

Talvez fosse melhor esquecer. Brie lançou a esponja na água fazendo-a espirrar sobre um dos lados da banheira. Como saber se gostaria da mulher que era?

Podia muito bem ser uma pessoa fria, insensível e egoísta. Tudo que havia descoberto era que gostava de roupas bonitas e unhas bem-cuidadas. Talvez fosse apenas uma mulher superficial. Mas eles a amavam. Apanhou a esponja novamente para pressioná-la contra a face. A água estava quente e perfumada. O amor que vira nos olhos dos familiares era verdadeiro.

Será que a amariam se não merecesse? Quanto tempo levaria para descobrir o que escondia em seu íntimo?

Paixões. Lembrou-se do calor que sentiu quando Reeve beijou-lhe a mão. Fora instigante, primitivo e atordoante. Isso não significava que tinha necessidades femininas normais? Mas será que costumava satisfazê-las? Com um meio sorriso, reclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Quantas mulheres podiam dizer com sinceridade que não sabiam se eram inocentes ou não?

Ele saberia? Será que um homem como Reeve sentia tais coisas por uma mulher? Às vezes, quando a fitava parecia querer penetrar em seu íntimo para encontrar respostas. Agora, quando pensava nele, desejava saber como seria ser tocada por aquelas mãos. Dedos contra a pele, palma contra carne. Brie começou a se sentir fortemente excitada, e permitiu-se desfrutar daquela sensação.

"Era uma experiência nova?", perguntou-se, enquanto pressionava o ventre. Outros homens a teriam feito sentir-se tão...

Faminta? Feito sua mente vagar, imaginando, sonhando? Talvez fosse o tipo de mulher carente que desejava um homem apenas porque era um homem. Seria uma mulher desejada pelo sexo oposto?

Erguendo-se da banheira, deixou a água escorrer pelo corpo.

Reeve estava certo acerca das possíveis vantagens da sua situação.

Podia assistir e observar as reações que provocava nos outros. Faria isso naquela noite.

De braço dado com o pai, Brie desceu a longa escadaria do palácio. Haveria um coquetel no petit salon, o príncipe lhe dissera, mas se não viesse em seu auxílio, ela não saberia o caminho. O pai fez uma pausa no fim dos degraus para beijar-lhe a mão. Foi um gesto parecido com o de Reeve, mas lhe provocou um sorriso em vez da excitação.

— Você está adorável!

— Obrigada. Mas não foi difícil com a coleção de roupas existente em meu quarto.

Armand curvou os lábios num sorriso jovial.

— Costuma dizer que roupas são o seu único vício.

— E são?

O príncipe percebeu a necessidade atrás daquela pergunta clara e beijou-lhe a mão mais uma vez.

— Sempre tive muito orgulho de você. - oferecendo-lhe o braço novamente, conduziu-a ao longo do corredor.

Reeve notou certa tensão entre Alexander e Loubet, o ministro de estado de Armand. Tratava-se de uma guerra fria polida. Quando o herdeiro assumisse o trono, pensou com uma expressão impassível, por certo o destituiria do cargo.

Alexander despertava-lhe certo interesse. O jovem príncipe era bastante introvertido. Não tão controlado quanto o pai, mas se esforçava para tal. O que quer que fervilhasse em seu interior, jamais se permitia explodir, pelo menos não em público. Bennett era diferente, pensou, dirigindo o olhar ao outro príncipe.

Relaxado na cadeira, aparentava estar apenas meio interessado na conversa ao seu redor. Não parecia ser compelido a analisar palavras e significados como o irmão. Sua disposição para desfrutar o que viesse também era interessante.

Assim como Gabriella. Não tinha como saber se a menina, que conhecera um dia, se transformara em uma mulher intensa como o

primeiro irmão ou suave e agradável como o segundo. Talvez não fosse igual a nenhum dos dois. Após duas breves conversas, sentia-se tão curioso quanto à própria princesa em descobrir quem ela era.

Fizera a si próprio a mesma pergunta que Brie se fizera. Quem era ela? Bonita, sim. A beleza clássica e a elegância não haviam se perdido junto com a memória. Era fácil perceber uma vontade de aço por baixo desses atributos. Ela precisava

ser forte se pretendesse descobrir quem era, decidiu.

Atração. Por certo se sentia atraído por Brie. Não o deslumbramento que experimentara dez anos antes. Agora a encarava como uma mulher que lutava a todo o momento para não perder o controle de uma situação que nem mesmo era capaz de entender.

Se podia suportar, enquanto seu mundo virava de cabeça para baixo, não era uma mulher para se subestimar.

Desejo. Também sentia desejo, toda a vez que punha os olhos nela. Gabriella tinha um modo todo especial de olhar para um homem com aqueles olhos cor de topázio. Teria sido sempre assim, desejou saber. Ou era simplesmente agora, que estava tateando no escuro? Os homens tinham que ser cautelosos. Podia até aparentar uma mulher passível de ser tocada, seduzida, amada, mas sempre seria uma princesa. Não o tipo dos contos de fadas, pensou, mas de carne e osso.

Quando se virou e a avistou, ela parecia ser ambos. Tinha a cabeça erguida, como se estivesse entrando em uma arena, não em um salão. Pérolas refulgiam em suas orelhas e em torno do pescoço.

Os magníficos cabelos tinham sido escovados para trás. O vestido lembrava a cor de uvas antes de amadurecerem. A seda e as pérolas combinavam com o tom cremoso da pele. A postura altiva condizia com seu título. Não estava agarrada ao pai, embora Reeve imaginasse que talvez a princesa sentisse necessidade de se agarrar a algo. Parecia firme e preparada. E, pensou com aprovação, ela o estava fitando.

— Vossa Alteza.

Brie calmamente aguardou, enquanto Loubet cruzava o recinto e se curvava em uma mesura. O homem era mais velho que Reeve e mais jovem que Armand. Os cabelos loiros já exibiam alguns fios brancos e a face algumas rugas. Exalava um perfume diferente, pensou. Então achou graça do modo como sua mente trabalhava.

Ele caminhava com uma leve rigidez do lado esquerdo, mas seu porte era muito elegante e o sorriso encantador.

— É bom tê-la de novo em casa.

Brie não sentiu nada quando suas mãos se tocaram, nada quando seus olhos se encontraram.

— Obrigada.

— Monsieur Loubet e eu tínhamos alguns negócios a tratar esta noite. - o pai lhe deu uma pista discretamente. — É uma pena, mas ele não poderá ficar para o jantar.

— Negócios e nenhum prazer, monsieur Loubet. - Brie disse num tom suave.

— Já é um grande prazer vê-la em casa em segurança, Vossa Alteza.

A princesa percebeu o relance rápido entre o ministro e o príncipe.

— Já que os negócios se referem a mim, talvez queiram continuar a discuti-los durante os drinques.

Enquanto Brie cruzava o salão, notou o pequeno aceno de aprovação de Reeve. Alguns dos nós que lhe comprimiam os nervos se afrouxaram.

— Por favor, cavalheiros, fiquem à vontade. - ela fez um sinal para que todos se sentassem. Todos menos Bennett que já se encontrava acomodado tranqüilamente em uma cadeira.

— Tenho algum favorito? - perguntou ela com um gesto para o bar.

— Água artesiana e limão. - informou ele com um sorriso. —

Você sempre diz que servem vinho suficiente no jantar, portanto, não há necessidade de começar tão cedo a embotar a mente.

— Muito sensato da minha parte.

Reeve caminhou até o bar para lhe preparar um drink, enquanto Brie sentou-se em um dos sofás. Os homens se sentaram ao redor dela. Sua vida seria assim dominada por homens? Então, pegou o copo que lhe foi oferecido e tomou um gole.

— Bem, devo lhe dizer o que vejo? - sem esperar por resposta, ela pousou o

copo e começou: — Vejo que Alexander está aborrecido e que meu pai está agindo com cautela, como um homem em um terreno minado. E eu sou o motivo de tudo isso.

— Deveriam deixá-la em paz. - declarou Alexander de repente.

— Isso é um assunto de família.

— Os assuntos de sua família são assuntos de Cordina, Vossa Alteza. - retrucou Loubet num tom suave, pensou Brie, mas desprovido de afeto. — A condição da princesa Gabriella é uma questão de preocupação tanto pessoal quanto para o governo. Temo que o assunto da amnésia temporária seja explorado pela imprensa mundial se as notícias vazarem. Estamos conseguindo acalmar a população depois do seqüestro. Só desejo dar ao povo e a Vossa Alteza sereníssima uma oportunidade de descansar.

— Loubet está certo, Alexander. - disse Armand num tom um pouco ríspido, mas Brie percebeu uma dose de afeto nas entrelinhas.

— Teoricamente. - enquanto bebia, Alexander lançou um olhar ressentido a Reeve. Mas já temos estranhos envolvidos. Gabriella precisa de repouso e terapia. Seja quem for... – seus dedos se apertaram na superfície do copo. — Quem fez isso pagará caro.

— Alexander. - Brie pôs uma das mãos no irmão, num gesto que ele reconhecia, mas ela não. — Tenho que me lembrar do que aconteceu antes que alguém seja punido.

— Quando estiver preparada, vai se lembrar. Enquanto isso...

— Enquanto isso... - interrompeu o pai. —... Brie deve ser protegida de todas as maneiras. E após algumas considerações, concordei com Loubet que parte dessa proteção seria esconder a

amnésia da imprensa. Se os seqüestradores souberem que não nos contou nada, poderiam se sentir compelidos a silenciá-la, antes que recuperasse a memória.

Brie pegou o copo novamente e, embora tomasse um gole calmamente, Reeve percebeu algo mais em seu olhar.

— Como poderemos esconder tal coisa?

— Se me permite, Vossa Alteza. - começou Loubet com um relance a Armand, antes de se virar para a princesa. — Até que se recupere, achamos melhor que permaneça em casa, entre pessoas confiáveis. É uma simples questão de adiar ou cancelar seus compromissos. O seqüestro, a tensão e o choque por tudo que aconteceu são motivos mais que suficientes. O médico que a atendeu é homem de confiança do seu pai. Não há possibilidade de vazarem qualquer informação sobre o seu estado, exceto as que permitirmos.

Brie voltou a pousar o copo.

— Não.

— Como...

— Não. - repetiu ela num tom severo a Loubet, embora seu olhar recaísse sobre Armand. — Não ficarei em casa como uma prisioneira. Acredito que já tenha ficado presa por tempo demais. Se tenho compromissos, vou cumpri-los. - ela viu Bennett sorrir e ergueu o copo em uma saudação.

— Vossa Alteza, tem que compreender o quão complicado e perigoso isso pode ser. A polícia ainda não prendeu quem a sequestrou.

— E a solução é eu permanecer trancafiada aqui dentro? - ela meneou a cabeça.
— Recuso-me.

— Gabriella, nosso dever nem sempre é tão confortável para nós. - o pai sacudiu a cinza do cigarro que havia acendido durante a conversa.

— Talvez não. Não posso falar por experiência no momento. -

ela olhou para as mãos, para o anel que estava se tornando familiar.

— Quem me sequestrou ainda está livre. E posso ver que eles não estão confortáveis com isso. Monsieur Loubet, o senhor me conhece?

— Desde que era bebê, Vossa Alteza.

— Diria que sou uma mulher razoavelmente inteligente?

Uma ponta de humor cruzou o olhar do ministro.

— Bem mais que razoavelmente.

— Então, acho que com um pouco de treino, posso governar minha vida, e o senhor a sua. A amnésia pode ser mantida em segredo se acha que é melhor, mas não ficarei escondida em meus aposentos.

Armand começara a falar, mas resolveu se calar. Um sorriso breve curvou-lhe os lábios. A filha não havia mudado, meditou com aprovação.

— Vossa Alteza, eu, pessoalmente, ficaria feliz em poder ajudá-la de algum modo, mas...

— Obrigada, Loubet, mas o Sr. MacGee já concordou em fazer esse serviço. - o tom de voz era educado e incisivo.

— Ele me colocará a par de tudo que preciso saber para ser a princesa Gabriella.

Mais uma vez houve um rápido ressentimento por parte de Alexander, especulação por parte de Armand e aborrecimento por parte de Loubet. Reeve podia senti-los todos ao mesmo tempo.

— A princesa e eu fizemos um tipo de acordo. - ele se sentou confortavelmente, observando as reações ao seu redor.

— Ela acha que a companhia de um estranho poderia lhe trazer certas vantagens.

— Discutiremos isso mais tarde. - disse Armand num tom elevado, entretanto as palavras não soaram abruptas, apenas tão enfáticas quanto as da filha. — Lamento que seu horário não lhe permita jantar, Loubet. Vamos terminar nossos negócios amanhã de manhã.

— Sim, Vossa Alteza.

Despedidas formais, uma saída distinta. Brie observou o ministro pensativa.

— Parece ser um homem bem sincero e dedicado. Eu gosto dele?

O pai sorriu enquanto lhe alcançava a mão.

— Nunca mencionou isso especificamente. Loubet é um sujeito competente.

— É um bocado chato. - disparou Bennett com pouca amabilidade enquanto se erguia. — Vamos jantar. - o rapaz puxou a irmã para junto de si e a abraçou. — Temos o melhor do melhor nesta noite de celebração. Poderá comer meia dúzia de ostras cruas se quiser.

— Cruas? Eu gosto disso?

— Ama! - respondeu o irmão num tom jovial, enquanto a conduzia à sala de jantar.

— Foi... Divertido ver Bennett se deleitar com a pilhéria. - disse Brie a Reeve umas duas horas mais tarde no terraço.

— Foi bom para você saber que é capaz de suportar uma brincadeira com bom humor? - ele fechou a mão ao redor do isqueiro. A fumaça do cigarro ondulou ao sabor da brisa.

— De fato, sim. Também fiquei sabendo que detesto ostras e que tenho um caráter que exige reparação. Vou me vingar por ele ter me feito engolir uma coisa daquelas. Enquanto isso... - virando-se, recostou-se na coluna de pedra. — Posso ver que o coloquei em uma posição desconfortável, Reeve. Não era essa a minha intenção, mas agora não tem volta. Não pretendo deixá-lo partir.

— Posso fazer isso sozinho, no momento e na hora que quiser.

— Sim. - Brie sorriu. Então o sorriso se transformou em uma gargalhada. O medo parecia tão distante. A tensão mais simples de controlar. — É claro que pode. Talvez seja por isso que me sinto tão à vontade com você. Hoje à noite segui o seu conselho.

— Qual?

— Observar. Meu pai é uma boa pessoa. A posição do seu título pesa sobre seus ombros, bem como a tensão desta última semana.

Vejo que os criados o tratam com grande deferência, mas não o temem. Logo, acho que é uma pessoa justa. Concorda?

O luar criava efeitos prateados nos cabelos dela, fazendo as pérolas parecerem gotas de lágrimas.

— Eu diria que sim.

— Alexander é... Que palavra devo usar? - sacudindo a cabeça, ela olhou para o céu. A linha longa e clara da garganta ficou exposta.

— Compulsivo, suponho. Tem a seriedade de um homem bem mais velho. Acho que ele precisa disso. Ainda não decidiu se gosta de você. - quando ela abaixou a cabeça, Reeve percebeu que seus olhos estavam fixos nos lábios dela.

— Não.

— Isso não o aborrece?

— Nem todos são obrigados a gostar de mim.

— Gostaria de ter a sua segurança. - murmurou ela. — Em todo caso, acho que aumentei qualquer ressentimento que ele poderia sentir em relação a você. Esta noite quando disse que desejava caminhar e lhe pedi que viesse comigo, isso o aborreceu. O senso de família de Alexander é muito forte e possessivo.

— Seu irmão se julga responsável por você. - acrescentou Reeve quando ela começava a protestar.

— Ele terá que mudar esse modo de pensar. Bennett é diferente. Parece tão despreocupado. Talvez seja a idade ou o fato de ser o filho caçula. Contudo, ele me olha como se eu pudesse sumir a qualquer momento e precisasse impedir. O que acha de Loubet?

— Não o conheço.

— Nem eu. - disse distraída. — Uma opinião?

— Também não se sente muito à vontade com a sua posição.

Não era uma evasiva, decidiu Brie, mas também não era uma resposta.

— Você é um homem bem direto, não é? É uma característica americana?

— É uma questão de não enfeitar muito as coisas. Você também parece ser uma mulher muito direta.

— Eu? - ela contraiu os lábios pensativa. — Pode ser verdade ou pode ser apenas agora por necessidade. Não posso me dar ao luxo de enfeitar muito as coisas, não acha?

A tensão da noite fora mais intensa do que ela admitiria, observou Reeve, enquanto Brie descansava as palmas das mãos contra a coluna de pedra. Estava cansada, mas ele entendia a relutância da princesa em voltar para onde não teria nada além das próprias perguntas como companhia.

— Já pensou em tirar alguns dias para descansar? - ela ergueu a cabeça, sentindo uma onda de raiva dominá-la. Reeve tocou-lhe um dos ombros. — Não fugir, descansar. É humano.

— Não posso me dar ao luxo de ser humana até saber quem sou.

— Seu médico disse que a amnésia é temporária.

— O que é temporário? - exigiu ela. — Uma semana, um mês, um ano? Não, Reeve. Não posso ficar sentada e esperar que as coisas aconteçam. No hospital tive sonhos. - ela fechou os olhos por um momento, respirou fundo e continuou: — Nos sonhos estava meio dormindo, meio acordada. Estava escuro e não era capaz de me mover. Vozes. Podia ouvir vozes e lutava para reconhecê-las, mas tinha medo. No sonho estava apavorada e quando despertei, estava mais apavorada.

Reeve tragou o cigarro. Brie dissera aquilo sem a mínima emoção e aquela falta de sentimentos era bastante reveladora.

— Estava drogada.

Lentamente, ela lhe dirigiu o olhar mais uma vez. A luz tênue, seus olhos pareciam muito claros.

— Como sabe?

— Os médicos tiveram que lhe fazer uma lavagem estomacal.

Pelo seu estado, concluíram que fora mantida drogada. Mesmo quando sua memória voltar, não poderá esclarecer nada sobre o que aconteceu durante a semana que ficou no cativeiro. É algo que deve se preparar para enfrentar.

— Vou me lembrar. - ela contraiu os lábios até ter certeza de que a voz soaria firme. — O que mais você sabe?

— Não muito.

— Fale.

Reeve sacudiu a cinza do cigarro.

— Está bem, então. Você foi seqüestrada no domingo. Ninguém sabe a hora exata, porque estava dirigindo sozinha. Domingo à noite Alexander recebeu um telefonema.

— Alex?

— Sim. Seu irmão costuma trabalhar aos domingos à noite em seu escritório. Possui uma linha particular, como todos vocês em suas salas. A chamada foi breve. Disseram apenas que você fora seqüestrada e que seria mantida em cativeiro, até que as exigências do resgate fossem pagas. Nenhuma exigência foi feita naquele momento.

"Onde teria sido mantida cativa?", questionou-se Brie. Escuro.

Tudo que podia ter certeza era do escuro.

— O que Alex fez?

— Falou com seu pai. Saíram à sua procura. Na segunda-feira de manhã seu carro foi encontrado em um beco a aproximadamente sessenta quilômetros da cidade. Você possui um terreno nessa região. E parece que tem o hábito de ir para lá, a fim de ficar sozinha e circular pelos arredores. Na tarde de segunda-feira, a primeira exigência de resgate foi feita. Era um pedido de dinheiro. Não pairaram dúvidas sobre o pagamento, é claro, mas antes que o acordo fosse combinado, houve outro telefonema. A pessoa exigia a soltura de quatro prisioneiros para libertá-la.

— E isso complicou as coisas.

— Dois deles foram condenados à execução. Espionagem. -

acrescentou, quando a princesa permaneceu caíada. — Isso fugia à alçada do seu pai. Dinheiro era uma coisa, libertar prisioneiros, outra.

As negociações estavam começando a ser feitas, quando você foi encontrada às margens da estrada.

— Vou voltar lá. - meditou Brie. — Ao lugar em que o meu carro foi encontrado e onde fui achada.

— Não de imediato. Concordei em ajudar, mas do meu modo.

Os olhos dela se estreitaram ligeiramente.

— E qual é o seu modo?

— O meu modo. - respondeu Reeve sucinto. — Quando achar que está forte o bastante, eu a levarei. Até então, vamos com calma.

— E se eu não concordar?

— Seu pai pode considerar o plano de Loubet com mais seriedade.

— E não poderei ir a lugar algum.

— Isso mesmo.

— Sabia que você não seria um homem fácil, Reeve. - ela deu alguns passos e parou sob um feixe de luz do luar. — Não tenho muita escolha. Não gosto disso. Escolhas me parecem ser a liberdade mais essencial. Fico imaginando quando me recuperarei.

Amanhã, depois que me reunir com a minha secretária...

— Smithers. - informou Reeve. — Janet Smithers.

— Mas que nome afetado. - observou Brie. — Revisarei minha agenda com Janet Smithers pela manhã. Então gostaria de revisá-

la com você. Quero cumprir todos os meus compromissos. Até mesmo se for para passar horas fazendo compras ou sentada em um salão de beleza.

— É dessa maneira que acha que passa o tempo?

— É uma possibilidade. Sou rica, não sou?

— Sim.

— Bem, então... - encolhendo os ombros, continuou a falar. —

Hoje à noite, antes do jantar, deitei-me na banheira, comecei a pensar e imaginar coisas. Na verdade, pensei em você e fiquei imaginando coisas.

Reeve imergiu as mãos nos bolsos bem devagar.

— É mesmo?

— Tentei analisá-lo. De alguns modos consegui, de outros, não.

Se tive muita experiência com homens, esqueci tudo, junto com todo o resto. - Brie não sentia nenhum embaraço enquanto caminhava na direção dele outra vez. — Imaginei que se o beijasse, se fosse abraçada por você, talvez descobrisse essa parte de mim.

Inclinando-se, apoiado nos calcanhares, ele a perscrutou com uma expressão serena.

— Isso faz parte do trabalho, Vossa Alteza?

Um brilho de exasperação cruzou o olhar da princesa.

— Não me importo com a forma como encara isto.

— Talvez eu me importe.

— Você me acha feia?

Reeve percebeu o modo como o lábio dela se contraiu em um beicinho quando

perguntou. Parecia uma mulher acostumada a receber muitos elogios. Mas não os receberia dele.

— Não. Feia não.

Brie imaginou por que aquilo soava quase como um insulto.

— Bem, então, há alguma mulher com quem esteja comprometido? Se sentiria culpado se me beijasse?

Reeve não fez nenhum movimento em sua direção e o sorriso insípido permaneceu.

— Não estou comprometido, Vossa Alteza.

— Por que está me chamando assim agora? - exigiu ela. — Para me aborrecer?

— Sim.

Brie começara a se irritar e então acabou rindo.

— Funciona.

— Está ficando tarde. - Reeve segurou-lhe a mão de uma maneira amigável. — Deixe-me levá-la para cima.

— Você não me acha feia... - ela caminhou junto com ele, mas em seu próprio ritmo. — Não tem nenhum compromisso. Por que não me beija então e me ajuda? Concordou em me ajudar.

Reeve estacou e a contemplou. Brie chegava-lhe à altura do queixo. Jogando a cabeça para trás, ela o encarou.

— Prometi a seu pai que a manteria longe de problemas.

— Você disse que me ajudaria a descobrir quem eu sou. Mas talvez sua palavra não signifique nada. - disse, jovial. — Ou talvez seja um homem que não aprecia beijar uma mulher.

Brie deu apenas dois passos, antes que ele a segurasse pelo braço.

— Não se importa de dizer o que pensa, não é?

Ela sorriu.

— Aparentemente não.

Reeve assentiu com a cabeça, segurando-a firme nos braços.

— Nem eu.

Ele roçou os lábios nos dela, planejando lhe dar um beijo imparcial, neutro. Embora entendesse as razões e necessidades da princesa, também entendia que ela o estava incitando a fazer algo que era melhor ser evitado. Não se perguntara qual seria o sabor daqueles lábios macios? Como seria a sensação daquele corpo esbelto em seus braços? Mas concordara em fazer um trabalho, e jamais deixara de levar um trabalho a sério. Então, tocou-lhe os lábios, com a intenção de manter o beijo neutro... E a neutralidade não durou mais que um instante.

A princesa era macia, delicada, doce. Tinha que protegê-la. Era morna, tentadora, excitante. Tinha que possuí-la. Os olhos cor de topázio estavam abertos. Reeve percebeu o brilho dourado, cintilando através dos cílios espessos. Deslizando a mão, envolveu-lhe a nuca. Enquanto o beijo se aprofundava, a despeito de sua

intenção, podia sentir a resposta instantânea e sem arrependimentos de Brie.

Suas línguas se encontraram, deslizaram e prolongaram o contato, extraindo sabores. Ela o envolveu nos braços de modo convidativo, promovendo um contato mais íntimo entre seus corpos.

O perfume que usava era mais escuro que o céu, mais profundo que a fragrância misturada de flores noturnas que emanava dos jardins abaixo. A lua derramava seus raios de prata, iluminando-os. Quase podia acreditar em contos de fadas novamente, pensou Reeve.

Brie pensou que sabia o que esperar. Em algum lugar dentro dela havia a lembrança de como era um beijo. Do mesmo modo que sabia o que era comida e bebida. E mesmo assim, com a boca colada à de Reeve, sua mente, suas emoções eram uma lousa vazia. Ele escrevia nela o que bem entendia. Se o seu sangue fluísse tão quente nas veias antes, não se lembrava. Se sua cabeça flutuara

daquela maneira antes, não se recordava. Tudo era fresco, novo, excitante. E ainda... E ainda havia aquela necessidade primitiva que não a surpreendeu.

Ansiando, sonhando, desejando. Podia ter sentido isso antes.

Ansiado, desejado, querido. Não podia se lembrar, mas entendia.

Foi Reeve, puxando-a para si, beijando-lhe a face, sussurrando o nome dela de encontro a seus lábios que invocou todas aquelas coisas em seu cérebro novamente.

Mas teria havido outros? Quem? Quantos? Será que estivera de pé sob a luz do luar, envolvida por um par de braços fortes antes?

Havia se entregado sem reservas à paixão algum dia? Se fosse verdade, teria significado muito ou nada para ela? Abalada, Brie se afastou. Que tipo de mulher entregava a alma a um homem, antes mesmo de conhecê-lo? Ou de conhecer a si mesma?

— Reeve. - ela se afastou com cuidado. Dúvidas assolavam-lhe a mente. — Não estou certa se as coisas ficaram mais claras para mim.

Ele sentira paixão total e irrestrita da parte dela. Embora, quando tentou entregar-se, o mesmo pensamento lhe veio à mente.

Quantos outros? Irracionalmente, Reeve desejou que aquele calor, aquele desejo fossem só dele. Ofereceu-lhe a mão, mas se manteve a distância. Não era um sentimento muito bem-vindo.

— É melhor nós dois dormirmos.

Capítulo IV

Brie se sentia como uma impostora. Encontrava-se em seu elegante e asseado escritório, apenas porque Reeve a levava até lá.

Ficara aliviada quando ele batera à porta do seu quarto às 8h com um simples "você está pronta?" e nada mais. A perspectiva de ter que pedir a um dos empregados do palácio para lhe mostrar o caminho não a atraía. Em seu primeiro dia de compromissos, não queria começar tendo que lidar com expectativas e

curiosidade. Com ele, não precisava se desculpar ou se explicar. Reeve estava ali, disse a si mesma, para fazer exatamente o que estava fazendo: acompanhá-la com discrição. Contanto que ela se lembrasse disso e não dos momentos que passaram no terraço na noite anterior, estaria segura. E teria se sentido melhor se não tivesse acordado pensando neles.

Depois de um passeio curto, quase silencioso, pelos corredores, onde Brie pôde sentir toda a tensão da sua parte e nenhuma por parte de Reeve, ele a conduziu até uma sala de quina, no terceiro andar da ala oeste.

Uma vez lá, inspecionou-a lentamente. Não era grande, mas bastante funcional.

Boa

iluminação,

configuração

prática,

privacidade. A mobília podia ser requintada, mas não era frívola. Isso a aliviou.

A escrivaninha de carvalho disposta no centro do recinto estava em ordem. Atrás dela, duas cadeiras de ébano com acolchoados orientais intrincados. As cores eram brandas, pastéis novamente, notou. Havia flores frescas e abundantes. Rosas em um vaso Sevres, cravos brancos delicados em um Wedgwood. Brie retirou um broto e girou o talo, enquanto se virava de costas para Reeve.

— Então, é aqui que trabalho. - ela avistou a grossa agenda de couro sobre a escrivaninha, mas só a tocou. Será que a abriria para encontrar seus dias repletos de compromissos como almoços, chás, ginástica, compras? E, se encontrasse, como poderia enfrentar tal coisa? — Que tipo de trabalho faço?

Era ura desafio. Um apelo. Ambos dirigidos a Reeve, que havia feito sua lição de casa. Enquanto Brie dormia na tarde do dia anterior, ele inspecionara os arquivos dela, a agenda de compromissos e até mesmo o diário. Havia pouco sobre Vossa Alteza sereníssima Gabriella de Cordina que ele desconhecesse.

Mas Brie Bisset era um pouco mais intrínseca.

Passara uma hora com a secretária da princesa e outra com o administrador do palácio. Fizera uma sumária e cautelosa entrevista com a babá, na qual tivera que se esforçar para reduzir gradualmente um enorme instinto protetor que atravessava gerações. A imagem que obtivera de Gabriella fazia-a parecer mais complexa e Brie Bisset, mais intrigante do que nunca.

Decidira ajudá-la porque ela precisava de ajuda, mas as coisas não eram tão simples. O quebra-cabeça do seqüestro o importunava, o estimulava e o insultava.

Aparentemente, era como se o pai dela tivesse deixado a investigação a cargo da polícia e continuado com seus afazeres.

Mas Reeve não acreditava muito em aparências. Se Armand estava propondo um jogo de xadrez, ele, como cavaleiro da rainha, cooperaria e faria seus próprios movimentos. Não levava muito tempo para descobrir que a realeza era retraída, sigilosa e reticente.

Tanto melhor o desafio. Queria juntar as peças do seqüestro, mas para tal, teria que decifrar Gabriella primeiro. Pela a descrição que ela fizera da família no dia anterior, pôde perceber que era uma mulher perceptiva. Porém, a impressão que a princesa tinha de si mesma estava longe de ser precisa. Ou talvez temesse descobrir quem era, refletiu. Por um momento, tentou imaginar como seria acordar de manhã sem passado, sem vínculos, sem nenhum interesse próprio. Então rejeitou o pensamento depressa. Quanto mais se solidarizasse com ela, mais difícil se tornaria o seu trabalho.

— Está envolvida em vários projetos. - disse ele simplesmente e dirigiu-se à escrivaninha. — Alguns são deveres diários e outros oficiais.

De repente, Brie voltou a se lembrar do que acontecera entre os dois na noite anterior. Algum outro homem a teria feito se sentir daquela maneira antes? Não se afastou, mas procurou se controlar.

Não podia permitir que emoções, fossem quais fossem, interferissem em seus afazeres.

— Projetos? - repetiu num tom suave. — Algo diferente de pintar minhas unhas?

— Está sendo um pouco dura com a Gabriella, não acha? -

murmurou Reeve. Então, colocou a mão sobre a dela, na agenda de couro. Por cinco segundos permaneceram assim.

— Talvez. Mas tenho que conhecê-la para entendê-la. No momento, ela é mais estranha para mim do que você.

Mais uma vez Reeve se comoveu. Por mais que tentasse, não conseguia evitar aquilo completamente. A mão sob a sua era firme, a voz forte, mas nos olhos dela podia ver dúvida, confusão e necessidade.

— Sente-se, Brie.

A bondade no tom de voz do ex-policia! a fez hesitar. Quando um homem falava daquela maneira, que mulher se sentia segura?

Devagar, afastou a mão e escolheu uma das cadeiras acolchoadas.

— Muito bem. Esta será a lição número um?

— Se quiser chamar assim. - Reeve sentou-se na extremidade da escrivaninha, colocando uma distância confortável entre ambos e de modo que pudesse encará-la. — Diga-me o que lhe vem à mente quando pensa em uma princesa.

— Está querendo bancar o analista?

Ele cruzou as pernas.

— É uma pergunta simples. Pode fazer a resposta soar simples também, se quiser.

Ela sorriu e pareceu relaxar.

— Príncipes encantados, fadas madrinhas, sapatinhos de cristal. - Brie roçou as pétalas da rosa de encontro à face e olhou além dele para um raio de sol que se esparramava sobre o piso. —

Criados com uniformes vistosos, carruagens com assentos acetinados brancos, bonitas coroas de prata, vestidos vaporosos.

Multidões de pessoas... Multidões de pessoas... - repetiu e seus olhos se focalizaram no fluxo de luz solar. —... Aplaudindo embaixo da janela. O sol dificulta-lhe a visão, não pode vê-las e consegue ouvi-las. Você acena. Há o cheiro forte de rosas. Um mar de pessoas com suas vozes se elevando até encobri-la. Uma exigência doce e amável.

Brie se calou. Então derrubou a rosa sobre o colo. Sua mão estava trêmula, Reeve percebera no momento antes dela pousar a flor.

— Estava imaginando tudo isso ou se lembrou de algo?

— Eu... - como poderia explicar? Podia sentir o cheiro das rosas, ouvir o som das vozes alegres, mas não conseguia lembrar.

Podia sentir o modo como o sol lhe atormentava a visão, mas não conseguia se imaginar na janela. — São apenas impressões. - disse após um momento. — Eles vêm e vão. Mas nunca ficam.

— Não force.

Brie olhou ao redor.

— Eu quero...

— Eu sei o que você quer. - a voz de Reeve soou tranqüila, até mesmo indiferente.

Uma ponta de aborrecimento flamejou nos olhos dela. Era algo que ele já sabia como lidar. Apanhou a agenda de compromissos, mas não a abriu.

— Vou lhe descrever um dia comum na vida de Vossa Alteza sereníssima Gabriella de Cordina.

— E como você sabe?

Reeve testou o peso da agenda enquanto a observava.

— É minha obrigação saber. Acorda às 7h30 e toma desjejum no quarto. De 8h30 às 9h se reúne com o administrador do palácio.

— Régisseur. - ela piscou, então franziu as sobrancelhas. — O

francês. Devia ser chamado de régisseur, não de administrador.

Reeve não fez nenhum comentário, enquanto ela continuou com o rosto carrancudo e lutando para se lembrar por que o termo lhe era tão familiar.

— Decide os cardápios do dia. Se não houver nenhum jantar oficial, normalmente planeja a refeição principal para o meio-dia. É

um dever que assumiu quando sua mãe faleceu.

— Compreendo. - ela esperou sentir tristeza. Até a desejou. Mas foi inútil. — Continue.

— De 9h às 10h30 fica aqui no escritório com sua secretária, controlando a correspondência oficial. Via de regra, dita o que ela deve responder e então assina as cartas quando estão prontas.

— Há quanto tempo essa tal de Janet Smithers trabalha para mim? - Brie perguntou de repente.

— Há quase um ano. Sua secretária anterior teve o primeiro filho e se aposentou.

— E eu... - procurando a palavra certa, ela meneou os dedos.

—... Tenho um relacionamento amigável com ela?

Reeve inclinou a cabeça.

— Ninguém me contou sobre qualquer reclamação.

Frustrada. Brie sacudiu a cabeça. Como explicar a um homem que queria saber como era sua relação de mulher para mulher com a secretária? Como explicar que desejava saber se tinha amigas íntimas, qualquer mulher que quebrasse o círculo de homens que parecia cercá-la? Talvez aquilo fosse mais uma das coisas que teria que descobrir por si mesma.

— Por favor, continue.

— Quando tem tempo, cuida também da correspondência pessoal, durante a

sessão matutina. Caso contrário, deixa para fazer isso à noite.

Parecia tedioso, meditou Brie. Então pensou que as obrigações em geral eram tediosas.

— E a correspondência oficial?

— Você é a presidente da Organização de Ajuda às Crianças Deficientes. A OACD é a maior beneficiária de Cordina. Você também é porta-voz da Cruz Vermelha Internacional. Além disso, está profundamente envolvida com o Centro de Belas Artes, o qual foi construído em memória à sua mãe. Cabe a você controlar a correspondência das esposas dos chefes de Estado, comandar ou servir em vários comitês, aceitar ou recusar convites e oferecer festas durante celebrações de Estado. Política e governo são funções do seu pai e, em alguns âmbitos, de Alexander.

— Então me limito aos deveres mais femininos?

Ela viu o sorriso rápido e atraente que curvou os lábios de Reeve.

— Eu não os rotularia assim, depois de olhar sua agenda, Brie.

— A maior parte consiste em responder cartas.

— Três dias por semana vai à sede da OACD. Eu, pessoalmente, não gostaria de controlar a afluência de papelada. Há 18

meses vem travando um duelo com o Conselho Nacional para que seja concedido um aumento no orçamento do Centro de Belas Artes.

Ano passado, visitou 15 países pela Cruz Vermelha e passou dez dias na Etiópia. Fizeram uma reportagem de dez páginas na revista World. Vou providenciar para que adquira uma cópia.

Brie apanhou a rosa outra vez e deslizou o dedo sobre as pétalas, enquanto se erguia para caminhar.

— Mas sou atuante nisso? - exigiu ela. — Sei o que estou fazendo ou estou lá simplesmente como uma espécie representante?

Reeve pegou um cigarro no maço.

— Ambos. Uma princesa jovem e bonita atrai a atenção da imprensa, fundos e interesses. Uma mulher jovem inteligente que usa a beleza e o cérebro para conseguir o que deseja. De acordo com seu diário...

— Você leu o meu diário?

Ele ergueu uma sobrancelha, perscrutando o misto de afronta e embaraço na fisionomia de Gabriella. Ela não tinha a mínima idéia, meditou ele, se havia necessidade de ficar embaraçada.

— Você me pediu que a ajudasse. - lembrou-a. — Não posso ajudá-la a menos que a conheça. Mas relaxe. - Reeve acendeu o cigarro com um estalido negligente do isqueiro. — Você é muito discreta, até mesmo sobre o que escreve em seus documentos pessoais.

Não havia necessidade de se aborrecer, disse a si mesma. Ele por certo se divertiria com isso.

— O que estava dizendo?

— De acordo com seu diário, as viagens são uma chatice. Na verdade, não gosta muito, mas as faz todos os anos, porque são necessárias. É preciso levantar fundos e comparecer a eventos.

Você trabalha, Gabriella. Posso lhe garantir.

— Sou obrigada a acreditar em sua palavra. - ela recolocou a rosa no vaso. — E desejo começar agora mesmo. Primeiro, se quero manter a minha amnésia em segredo, preciso dos nomes das pessoas com quem vou lidar.

Contornando a escrivaninha, Brie acomodou-se em sua cadeira e pegou uma caneta.

— Diga-me o que sabe. Então chamarei Janet Smithers. Tenho algum compromisso hoje?

— Às 13h na OACD Center.

— Muito bem. Tenho muito que aprender até lá.

Antes de deixá-la sozinha com a secretária, Reeve forneceu-lhe uma lista com mais de cinquenta nomes, com descrições e explicações. Consideraria um milagre se ela conseguisse gravar a metade deles.

Se tivesse escolha, Reeve teria pegado o carro e dirigido até o mar ou em direção às montanhas, não importava. Palácios, por mais espaçosos, bonitos e historicamente fascinantes que fossem, não passavam de paredes, tetos e pisos. Queria o céu ao seu redor.

Fez uma pausa por um breve momento em uma janela para fitar a paisagem, antes de subir ao escritório do príncipe Armand no quarto andar. "Um trabalho de policial", pensou um pouco impaciente. Andar a pé e analisar. Ainda estava longe de escapar disso.

De imediato, mandaram-no entrar e encontrou o príncipe se servindo de uma xícara de café. A sala tinha duas vezes o tamanho do escritório de Brie, continha mais adornos, mas era rigidamente masculina. As bancas douradas no teto alto deviam ter sido intrinsecamente esculpidas. As cadeiras eram amplas e a escrivaninha de carvalho sólido. As janelas estavam abertas, de modo que a luz do sol se infiltrava, lançando reflexos luminosos sobre enorme tapete vermelho.

— Loubet acabou de sair. - disse o príncipe sem preliminares.

— Leu os jornais?

— Sim. - Reeve aceitou o café, mas não se sentou, enquanto o príncipe permaneceu de pé. Sabia quando devia rejeitar o protocolo e quando o devia respeitar. — Parece que há um alívio geral por

Vossa Alteza estar de volta em segurança e muita especulação sobre o seqüestro. O que já era esperado.

— E muitas críticas ao departamento de polícia de Cordina. -

Armand acrescentou, encolhendo os ombros, — O que também era esperado. Eu sinto da mesma forma, no entanto, eles não têm quase nada para prosseguir as investigações.

Reeve inclinou a cabeça.

— Acha mesmo que não?

Seus olhares se sustentaram, um avaliando o outro.

— A polícia tem o dever dela, eu o meu e você o seu. Esteve com Gabriella esta manhã?

— Sim.

— Sente-se. - com um gesto impaciente, Armand indicou-lhe uma cadeira. O protocolo que fosse para o inferno, não estava preparado para se sentar naquele momento. — E como ela está?

Reeve se sentou e observou o príncipe caminhar ao redor da sala com a mesma graça nervosa da filha.

— Fisicamente, diria que está se recuperando bem depressa.

Quanto ao emocional, está sob controle porque é uma mulher determinada. A secretária está lhe fazendo um resumo de nomes e rostos no momento. Brie pretende manter sua agenda, começando a cumprir seus compromissos ainda hoje.

Armand bebeu metade do café, então pousou a xícara. Já havia ingerido cafeína demais naquela manhã.

— E você a acompanhará?

Reeve tomou um gole de café. A bebida escura era rica e quente.

— Sim.

— É difícil... - rompeu Armand, lutando contra a emoção. Raiva, tristeza, frustração? Reeve não sabia precisar. — É difícil... - repetiu, mas com perfeita calma. —... Ficar próximo e fazer muito pouco, dar muito pouco. Você veio a meu pedido. Ficou ao meu pedido. E agora sinto-me enciumado pela confiança que minha filha lhe deposita.

— Confiança eu diria que é um pouco prematuro. Ela me considera útil no momento. - ele percebeu o tom aborrecido em sua voz e, cauteloso, usou um tom mais suave. — Posso fornecer a Brie informações sobre ela mesma, sem mexer com suas emoções.

— Ela tem muito da mãe. Quando ama, se entrega totalmente.

Isso por si só já é um tesouro.

Armand deixou o café esfriar, enquanto contornava a escrivaninha para se sentar. Era um movimento oficial, disse Reeve estava certo. Sem perceber, aquilo chamou sua atenção.

— Noite passada Bennett me disse que posso tê-lo colocado em uma posição desconfortável.

Reeve tomou um gole do café. Aparentava estar à vontade, mas por dentro sentia-se ansioso.

— De que modo?

— Você estará ao lado de Gabriella, em particular e em público.

Sendo quem é, minha filha é fotografada com frequência. Sua vida é um assunto para debates. - o príncipe pegou uma pedra branca lisa que estava sobre a escrivaninha e a envolveu na palma da mão.

Era uma pedra que a esposa achara alguns anos antes em uma praia rochosa. — Com meus pensamentos centrados na segurança e na recuperação de Brie, não considere as implicações da sua presença.

— Por exemplo, o meu... Lugar na vida de Gabriella?

Os lábios de Armand se curvaram.

— É um alívio não ter que medir as palavras para lhe explicar as coisas. Bennett é jovem e os seus romances são sempre publicados na imprensa internacional. - havia um misto de orgulho e aborrecimento no tom de voz. A sina de um pai, pensou Reeve um pouco divertido. O mesmo ocorria com o pai dele e com bastante frequência. — Talvez seja por isso que meu filho se lembrou primeiro.

— Estou aqui para cuidar da segurança da princesa. - disse Reeve. — Isso parece bastante simples.

— Para o regente de Cordina, ter pedido a um ex-policial, um policial americano, para cuidar da segurança da filha, não é tão simples assim. Será, talvez com toda razão, considerado um insulto.

Somos um país pequeno, mas temos muito orgulho.

Reeve permaneceu em silêncio por um momento, ponderando, considerando.

— Quer que eu parta?

— Não.

Alívio. Não deveria ser o que estava sentindo, por certo não com tanta intensidade, pensou ele. Mas sua mão relaxou na asa da xícara.

— Não posso mudar minha nacionalidade, Armand.

— Não. - a resposta foi da mesma maneira sucinta. O príncipe passou a pedra para a outra mão. — Contudo, seria possível mudar sua posição de modo que lhe permitisse permanecer ao lado de Gabriella sem suscitar o tipo errado de especulação.

Dessa vez foi Reeve quem sorriu.

— Como um pretendente?

— Novamente está facilitando as coisas para mim. - Armand reclinou-se para trás no assento, perscrutando o filho do amigo. Sob circunstâncias menos complicadas, até poderia aprovar um romance entre Reeve e a filha. Não podia negar que desejava que Brie se casasse. Com frequência a empurrava de propósito para junto dos membros da realeza britânica e da alta sociedade, homens elegíveis da aristocracia francesa. Mas os MacGee também tinham uma linhagem influente e uma reputação ilibada. Não ficaria descontente se o que estava propondo hipoteticamente se tomasse real.

— Eu iria um pouco mais além. Se não fizer objeção, gostaria de anunciar seu compromisso com Gabriella.

Ele esperou por algum sinal, algum gesto ou expressão. Reeve não revelou nada além do que parecia ser um interesse cortês.

Armand esfregou o dedo polegar sobre a pedra. Podia respeitar um homem que era capaz de manter os pensamentos para si mesmo.

— Como noivo de Brie. - continuou ele — pode acompanhá-la sem levantar conjecturas maldosas.

— Poderiam perguntar como me tomei noivo da princesa se estou apenas há alguns dias em Cordina.

Armand assentiu com a cabeça, apreciando a resposta objetiva e desprovida de emoção.

— Minha longa amizade com seu pai faria isso parecer plausível. Brie visitou seus pais ano passado. Poderíamos dizer que se envolveram desde essa época.

Reeve retirou o maço de cigarros do bolso. Precisava fumar.

— Noivados têm por hábito conduzir ao casamento.

— Os verdadeiros, sim. - Armand colocou a pedra de volta na escrivaninha e entrelaçou os dedos. — Este, é claro, é só para nossa conveniência. Quando a necessidade acabar, anunciaremos que você e Gabriella deixaram de se amar. O compromisso será rompido e cada um segue o seu caminho. A imprensa desfrutará o melodrama e nenhum dano será causado.

A princesa e o fazendeiro, Reeve pensou e sorriu. Podia ser um jogo interessante. Quando terminasse, restariam alguns momentos para se recordar.

— Mesmo que eu concorde, há outro jogador envolvido.

— Gabriella fará o que é melhor para ela e para o país. - disse o príncipe simplesmente, como um homem que conhecia o próprio poder. — A escolha é sua, não dela.

Falta de escolha. Não era o que ela dissera que mais a aborrecia? Pertencer à realeza envolvia mais do que lidar com belas coroas de ouro e sapatos de cristal. Reeve exalou uma baforada de fumaça. Podia concordar, mas isso não o eximiria

de estar fazendo aquela escolha por ela.

— Compreendo suas razões. Faremos o que sugeriu, Armand.

O príncipe se ergueu.

— Falarei com Gabriella.

Reeve tinha a impressão de que ela não ficaria satisfeita. E era melhor que ficasse aborrecida mesmo. Era mais fácil para ele quando Brie se mostrava irritadiça, até um pouco fria. Era o seu olhar perdido e vulnerável que o desarmava.

Quando Brie deixou o palácio, faltando alguns minutos para uma hora da tarde, ele não ficou desapontado. Ela usava uma jaqueta escura da mesma cor da camurça rica da saia. Os cabelos lhe caíam soltos nas costas, captando toda cor do sol. Seus olhos, quando virou a cabeça para trás e o fitou, eram puro ouro, glorioso e fundido. Uma criatura da luz, pensou encostado ao carro. Não devia ficar atrás das paredes de um castelo, mas sim ao ar livre sob o céu.

Reeve fez uma pequena reverência enquanto lhe abria a porta do veículo. Brie lhe lançou um olhar fulminante.

— Você me apunhalou pelas costas. - ela se acomodou no assento dianteiro e olhou para frente.

Reeve retirou as chaves do bolso e caminhou para o lado do motorista. Poderia controlar a situação com delicadeza... Ou da maneira que bem entendesse.

— Algo errado, meu bem? - perguntou ao se sentar ao lado dela.

— Está brincando? - ela o encarou com um olhar firme. —

Como ousa?

Reeve tomou-lhe a mão, segurando-a, embora Brie tentasse livrá-la com um puxão.

— Gabriella, algumas coisas não devem ser levadas tão a sério.

— Uma farsa. Uma manipulação! - de súbito e com sutileza, a princesa, indignada, desatou a falar em francês e ele mal conseguia acompanhar. Porém, o tom era claro. — Primeiro tenho que aceitá-

lo como guarda-costas. - continuou, revertendo ao idioma inglês sem fazer uma pausa. — De modo que sempre que me viro você está lá.

Agora esta farsa de noivado. E para quê? - exigiu ela. — Para que não saibam que meu país contratou um guarda-costas que não é

ordinário ou francês. Para que eu apareça constantemente acompanhada de um homem sem arruinar a minha reputação. Ah! -

com um gesto irritado e inegavelmente real, ela afastou a mão com um puxão. — É a minha reputação que está em jogo.

— E a minha. - retrucou Reeve num tom frio.

Com isso, Brie se virou, lançando-lhe um olhar fixo e arrogante, medindo-o dos pés à cabeça.

— Acho que é mais seguro dizer que já tem alguém. E isso não é da minha conta. - acrescentou antes que ele pudesse falar. —

Como meu noivo, certamente seria. - Reeve ligou o motor e o carro começou a deslizar vagarosamente. — É uma situação ridícula.

— Concordo.

Isso a conteve. Abriu a boca para continuar a discussão, então a fechou com um estalo quase audível.

— Acha ridículo noivar comigo?

— Claro.

Naquele instante, Brie descobriu outro detalhe sobre si mesma, possuía uma boa dose de orgulho.

— Por quê?

— Não tenho por hábito ficar noivo de mulheres que mal conheço. Além do mais, pensaria duas vezes antes de me envolver com alguém voluntariosa, egoísta e mal-humorada.

Brie ergueu o queixo em desafio. Tirou um par de óculos escuros da bolsa e os colocou.

— Então é um sujeito de sorte, não é? Afinal, isto é apenas uma farsa.

— Sim.

Ela fechou a bolsa.

— E de curta duração.

Reeve não sorriu. Um homem não devia correr muitos riscos no espaço de um dia.

— Quanto mais breve, melhor.

— Farei o que estiver ao meu alcance para não desapontá-lo. -

Brie permaneceu o resto do trajeto em silêncio.

Era um caminho curto, mas não ficou grata por isso. Ter algo ou alguém específico para direcionar sua raiva a ajudava a aliviar o medo de encarar pessoas que não passavam de nomes para ela.

Gostaria de ter tido mais tempo para se preparar.

O edifício que abrigava a sede da Organização de Ajuda às Crianças Deficientes era antigo e distinto. Um dia fora a casa da sua bisavó; a elegante e eficiente Janet Smithers havia lhe dito.

Brie saiu do carro com facilidade. Os músculos estavam saltando. Enquanto caminhava em direção à entrada, revisou a planta baixa em sua mente. Não teria oferecido a mão a Reeve, mas quando ele a segurou, não se afastou. Às vezes era necessário, até mesmo preferível, andar de mãos dadas com o diabo.

Adentraram um corredor branco e frio. De imediato, uma mulher sentada em

uma cadeira, atrás de uma escrivaninha, ergueu-se e lhe fez uma reverência.

— Vossa Alteza! Que bom vê-la em segurança.

— Obrigada, Claudia. - a hesitação ao falar o nome da jovem foi tão breve que o próprio Reeve mal notou.

— Não a esperávamos, Vossa Alteza. Depois do que lhe aconteceu... - a voz de Claudia hesitou. Os olhos se encheram de lágrimas.

A compaixão movia Brie, antes do instinto, antes da política. Ela tomou ambas as mãos da mulher.

— Eu estou bem, Claudia. Ansiosa para trabalhar. - havia um calor humano ali, um laço que não sentira com sua secretária particular. Porém, não podia tirar conclusões precipitadas antes de recuperar a memória. — Este é o Sr. MacGee. Ele está... Hospedado em nossa casa. Claudia trabalha na OACD há quase dez anos, Reeve. - Brie lhe deu a informação que ele mesmo havia lhe passado naquela manhã. — Acho que ela poderia gerir a organização sem precisar de ajuda. Diga-me, Claudia, sobrou algo para eu fazer?

— O baile, Vossa Alteza. Como sempre, surgem as complicações. - o Baile de Caridade Anual, Brie recitou mentalmente.

Uma tradição em Cordina e o maior evento para arrecadação de fundos para a OACD. Ela, na qualidade de presidente, o organizava.

Como princesa era a anfitriã. Isso atraía os ricos, os famosos e os importantes a Cordina todas as primaveras.

— Não seria o baile se não houvesse as complicações. Bem, vou começar a trabalhar. Venha, Reeve, veremos como pode ser útil.

Passada a primeira barreira, subiram os degraus, caminharam ao longo de um corredor e entraram na segunda sala à direita.

— Muito bem. - disse Reeve quando ela fechou a porta.

— Continuo esperando... - encolhendo os ombros, Brie deixou o pensamento de lado. Continuava esperando que alguém lhe despertasse algo, abrisse a primeira

fechadura em sua memória de modo que as recordações fluíssem. Movendo-se com fluidez, foi até a janela e abriu as cortinas.

A sala não era tão elegante quanto seu escritório pessoal. Havia um conjunto de gabinetes de arquivo ao longo de uma parede, todos de metal. Embora a bela escrivaninha de cerejeira fosse adornada, estava repleta de arquivos, notas e documentos. Ela se sentou e apanhou um. Era uma nota relativa a uma doação à divisão pediátrica do hospital assinada por ela.

Era estranho ver sua assinatura, meditou. Pela manhã resolvera fazer um teste consigo mesma, pegara uma caneta e escrevera o seu nome, só para ver como era sua caligrafia. A letra era grande, redonda, quase beirando a indisciplina, e inconfundível. Brie deixou a nota de lado e desejou saber por onde começar.

— Vou ver se consigo um pouco de café. - disse Reeve.

— E um pouco de bolo ou biscoitos. - acrescentou Brie distraída, enquanto começava a remexer os documentos na escrivaninha. — Não almocei. - olhando para cima, ela ergueu uma

sobrancelha. — Estava muito irritada para comer, mas parece que vou precisar ingerir algo antes de terminar isto.

— Hambúrguer?

— Hambúrguer com queijo, sem cebola. - então sorriu porque aquilo saiu tão naturalmente. — Gosto deles bem passados. - ela quase podia se ver sentada atrás daquela escrivaninha com um suculento almoço improvisado, enquanto fazia ligações e assinava documentos. Com uma explosão de entusiasmo, começou a organizar os papéis.

Era boa naquilo. Estava radiante em descobrir que possuía talento. Dentro de duas horas tinha avaliado a situação em seu escritório e começado, lenta e sistematicamente a analisar detalhes, problemas e decisões. As coisas aconteciam naturalmente, como se vestir, comer e caminhar. Apenas precisava pensar nos ângulos, considerá-los e trabalhar neles. Ao término dessas duas horas, sua confiança se fortalecera e seu humor era dos melhores. Quando deixou o escritório, a escrivaninha ainda estava atravancada. Mas era a sua desordem, podia compreendê-la.

— Foi muito produtivo. - disse ela a Reeve quando se acomodou no carro outra vez. — Muito bom. Acho que deve estar me achando uma tola.

— Não. - ele sentou-se ao lado dela, mas não ligou o motor. —

Você fez coisas demais em apenas duas horas, Brie. Como policial, sei o quanto é frustrante e enfadonho lidar com toda aquela papelada.

— Mas quando é por uma boa causa, vale a pena, não é? A OACD é uma excelente organização. Não apenas prega, ajuda.

Todo aquele equipamento na ala pediátrica, o novo anexo, as cadeiras de roda, passeadores, aparelhos de audição e assistentes custaram dinheiro e nós conseguimos esse dinheiro. - Brie olhou para o anel de diamantes e safiras no dedo. — Faz-me sentir perdoada.

— Precisa ser perdoada?

— Sim. Só porque nasci para ser alguém importante, não significa que não deva fazer por merecer isso, Especialmente, agora que...

— Que não pode se lembrar de ter nascido para ser alguém importante.

— Não sei como me sentia antes. - murmurou ela, fitando a pequena e elegante bolsa de couro que carregava consigo. —

Apenas sei como me sinto agora. Fui destinada a um título, mas isso não vem sem um preço, tenho certeza.

Reeve ligou o motor do carro.

— Você aprende rápido.

— Preciso. - Brie sentia-se cansada, mas não queria relaxar.

Não podia. — Reeve, não quero voltar agora. Podemos passear?

Em qualquer lugar, não importa. Só quero ficar um pouco fora do palácio.

— Certo. - ele entendia a necessidade de ficar longe de paredes e restrições. Também crescera em meio a elas. Mas também havia se rebelado contra tudo

aquilo. Sem pensar, conduziu o veículo em direção à costa. Havia lugares fora da capital, onde a estrada se esticava e curvava ao longo da costa. Lugares antes do porto de Cordina, Lebarre, onde a terra era selvagem, livre e aberta. Reeve estacionou ao lado de um aglomerado de rochas sulcadas pela erosão, onde as árvores cresciam inclinadas pela força do vento.

Brie saiu do carro e absorveu a paisagem. De alguma maneira conhecia o aroma e o gosto salgado do mar. Não tinha certeza se estivera ali antes, contudo o lugar a acalmava. Deixando a necessidade de saber de lado, caminhou para o velho e sólido quebra-mar.

Minúsculas flores lilases cresciam em profusão em meio às fendas, determinadas a captar a luz do sol. Tocou uma, mas não a arrancou. Morreria muito depressa. Alheia ao fato de estar usando saia, sentou-se e olhou para baixo.

O mar decididamente era azul. Se não fosse contido, avançaria sobre a terra. O quebra-mar evitava que isso acontecesse, mas não o domesticava. Ao fundo podia avistar grandes navios cargueiros que se encontravam ancorados ou a caminho do porto.

Barcos pesqueiros com seus velames esticados flutuavam no compasso manso das ondas. Brie imaginou que suas mãos estavam acostumadas ao contato das cordas e seu corpo com o balanço do mar. Talvez em breve testasse isso.

— Algumas coisas são de imediato confortáveis. Familiares, quero dizer. Esta é uma delas.

— Não pode crescer perto do mar e não sentir algum vínculo com este lugar.

O vento afastou-lhe os cabelos do rosto, deixando-o descoberto.

Pareciam fios de ouro refulgindo sob a luz do sol, com pequenas labaredas ondulando através das mechas. Reeve sentou-se ao lado dela, mas não muito perto.

— Acho que me refugiaria em um lugar assim, apenas para respirar, quando o protocolo se tomasse tedioso demais. - Brie suspirou, fechando os olhos enquanto erguia a face de encontro à brisa suave. — Gostaria de saber se sempre me senti assim.

— Poderia perguntar a seu pai.

A princesa baixou a cabeça. Quando seus olhares voltaram a se encontrar, ele percebeu o cansaço na fisionomia feminina que ela vinha tendo o cuidado de esconder. Ainda não estava totalmente restabelecida, refletiu Reeve. E ele não era imune à vulnerabilidade.

— É difícil. - raiva e aborrecimento, resistência e tensão foram esquecidos à medida que ela se sentia compelida a lhe abrir a alma.

Podia falar com ele, dizer tudo que estava em sua mente, sem se importar com as conseqüências. — Não quero feri-lo. Sinto um amor tão intenso, uma proteção tão feroz da parte dele em relação a mim que isso me perturba. Sei que meu pai espera que eu me lembre de tudo.

— E você não? - ela contemplou o mar mais uma vez em silêncio. — Brie, você não quer se lembrar?

Ela não o encarou, continuou olhando para o mar.

— Parte de mim quer... Desesperadamente. E outra não, como se fosse muito difícil suportar. Se eu me lembrar das coisas boas, não me lembrarei das ruins?

— Você não é uma covarde.

— Lembro-me de estar correndo. Da chuva, do vento. Lembro-me de correr até pensar que morreria de tanto cansaço. E, principalmente, lembro-me do medo, um medo tão grande que teria preferido morrer a ter que parar. Não estou certa que parte de mim permitirá que a memória volte.

Reeve entendeu o que ela descreveu. O conhecimento o martirizava, algo que ele não podia permitir. Algo que não podia evitar.

— Quando estiver forte o bastante, não se dará uma escolha.

— Algo dentro de mim tem medo disso, também. Em horas como esta... - Brie sacudiu os cabelos para trás e desfrutou da sensação dos fios saindo do pescoço —... Seria tão fácil relaxar e deixar as coisas acontecerem. Se não fosse quem sou, poderia fazer isso.

Ninguém se importaria.

— Você é o que é.

— Você não sonha? - perguntou ela com um sorriso tímido. —

Nunca se questiona "e se"? Eu podia sentar aqui agora e fingir que tinha uma cabana nas colinas e um jardim. Talvez um marido fazendeiro e estivesse grávida, esperando nosso primeiro filho. Uma vida simples e doce.

— E a mulher na cabana podia fingir que era uma princesa e que morava em um palácio. - Reeve tocou em uma mecha dos cabelos dela que o vento revolvía. — A vida é cheia de sonhos, Brie.

Nunca é simples, mas pode ser doce.

— O que você sonha?

Ele enrolou a mecha de cabelo ao redor da ponta do dedo e então soltou-a.

— Cultivar minha própria terra, assistir à minha colheita florescer. Ficar longe das ruas.

— Tem terras nos Estados Unidos? Uma fazenda?

— Sim. - Reeve pensou na sua propriedade esperando por ele. No ano seguinte, prometeu a si mesmo. Tinha que esperar mais algum tempo.

— Mas pensei que era um policial... Não, quero dizer, agora detetive, trabalhando por conta própria. Uma espécie de aventureiro.

Ele riu do termo, não amargo, apenas divertido.

— As pessoas que não são do ramo tendem a pensar em ruelas escuras e se esquecem da papelada.

— Mas você viu as ruelas escuras.

Reeve lhe lançou um olhar, firme e calmo o bastante para fazê-

la engolir em seco.

— Vi. Talvez muitas delas.

Brie imaginou que entendia. Sabia, sem saber, que também estivera em uma ruela escura. Por um momento, ela olhou para o mar e o céu. Não era hora de pensar na escuridão.

— O que pretende plantar em sua fazenda?

Reeve pensou sobre o assunto. Em horas como aquela quase não acreditava que isso viesse a acontecer.

— Milho, feno, algumas maçãs.

— E lá tem uma casa? - interessada, ela se virou para encará-

lo. — Uma casa de fazenda?

— Precisa de alguns reparos.

— Tem uma varanda na frente? Uma varanda dianteira grande?

Ele riu, satisfeito.

— É bastante grande. Depois que eu substituir algumas tá-

buas, vai ficar mais segura.

— Em noites quentes, sente do lado de fora em uma cadeira de balanço e ouça o murmúrio do vento.

Ele afagou-lhe os cabelos.

— A grama é sempre mais verde no interior.

— É o que dizem. Embora pense que poderia suportar cinquenta semanas de trabalho no ano, eventos e badalações, se ao menos pudesse dispor de duas semanas para sentar-me em uma cadeira de balanço e ouvir o vento. Então você tem terras, uma casa de fazenda, mas não tem uma esposa. Por quê?

— Uma pergunta estranha vinda da minha noiva, não acha?

— Só está dizendo isso para me aborrecer e se esquivar da resposta.

— Você é perspicaz, Brie. - Reeve se ergueu e estendeu-lhe a mão — Devemos voltar.

— Não é justo que eu saiba tão pouco sobre a sua vida quando sabe tanto a respeito da minha. - mas ela aceitou a mão dele. — Já se apaixonou?

— Não.

— Às vezes, desejo saber se já me apaixonei. - havia um tom saudoso na voz da princesa. Ela voltou a contemplar o mar. — Foi por isso que o induzi a me beijar ontem à noite. Pensei que talvez pudesse me lembrar de algo.

Reeve percebeu a nota de humor na declaração dela, mas não achou graça.

— E lembrou?

— Não. Senti como se eu já tivesse sido beijada antes, mas não me fez lembrar de ninguém.

Brie o estaria desafiando outra vez ou seria assim tão sincera?

Não parecia importar. Deslizou a mão e tocou-lhe o pulso.

— Ninguém?

Ela percebeu a mudança. O tom da voz de Reeve se tomou suave, sedutor. Um tom do qual uma mulher inteligente devia se

proteger. Mas não era apenas uma mulher, lembrou-se Brie, enquanto erguia a cabeça. Era uma princesa.

— Ninguém. Isso me faz pensar que nenhum homem foi importante para mim.

— Responde como uma mulher que sabe o que é desejo.

Brie não recuou, embora ele estivesse mais próximo agora.

Aquela face máscula, pensou ela, não era uma face com a qual uma mulher se sentiria tranqüila em noites longas e chuvosas. Seria um estímulo contínuo. As

mãos grandes, elegantes e fortes, não fariam uma mulher ter sonhos suaves, fariam seu pulso acelerar, até mesmo dormindo. Ela já experimentara isso.

— Talvez sim. Afinal de contas, não sou uma criança.

— Não. - Reeve acabou com a distância que ainda os separava.

O vento farfalhou entre os dois. — Nenhum de nós é.

A boca de Brie era macia e não hesitou em corresponder a sua como na noite anterior. Não, a vida nunca era simples, pensou ele, apertando-a de encontro ao peito. Mas, Deus, como podia ser doce!

Brie fechou os olhos e deixou-se beijar. De alguma maneira precisava ajustar-se ao barulho das ondas batendo nas pedras e ao murmúrio do vento no ar. O local estava tão deserto, que lhe pareceu certo ficarem assim, juntos, corpo contra corpo, boca contra boca.

Podia sentir a mão firme e forte de Reeve acariciando-lhe os cabelos. Quando os dedos ágeis se enroscaram nos fios dourados, ela inclinou a cabeça para trás. Não era uma rendição, mas uma tentação.

Seus corações batiam no mesmo ritmo acelerado. O sol estava forte, então ela manteve os olhos fechados até a luz ficar vermelha e morna. Ele a saboreava... A atraía. Másculo, misterioso, perigoso.

Brie sentia como se estivesse caminhando na beira de um precipício, sobre a rocha e a água. Estava amedrontada. Fascinada. Suas mãos deslizavam para cima e para baixo nas costas musculosas de Reeve. Ele irradiava segurança... Perigo. Desejava ambos. Apenas

por um momento, podia ser qualquer mulher. Até mesmo a realeza se curvava à paixão.

Estava calma, mas não segura. Reeve sabia. Percebera isso antes de se permitir ser compelido a tocar outra vez e mais outra o objeto do seu desejo. O perfume que Brie usava parecia flutuar ao seu redor, mais leve que o ar, mais escuro que o mar.

Aprofundando ainda mais o beijo, desejou saber se a princesa sabia o que estava

fazendo. Olhos de feiticeira, face de anjo. Que homem não cairia de joelhos por uma criatura assim? Embora seu gemido, tranquilo e baixo, fosse de uma mulher. Carne e osso ou conto de fadas, estava determinada a tentá-lo. Não admitia ser recusada.

Mas Reeve não tinha escolha.

Com esse pensamento, afastou-a como fizera na noite anterior, lenta, relutante, mas inevitavelmente. Os olhos de Brie permaneceram fechados por alguns instantes, como se saboreasse o momento. Mas quando se abriram, fitou-o com um olhar intenso.

Talvez ambos soubessem que precisavam se afastar daquele precipício.

— Sua família deve estar preocupada.

Brie assentiu com a cabeça, dando o passo final.

— Sim. As obrigações vêm em primeiro lugar, não é?

Reeve deu-lhe o silêncio como resposta e, juntos, caminharam até o carro.

Capítulo V

— Brie! Brie, espere um minuto.

Virando-se, Brie protegeu os olhos do sol e avistou Bennett no jardim, acompanhado por dois cães de caça.

Vossa Alteza real, o príncipe Bennett de Cordina, aparentava um cavaleiro. Usava botas encardidas, calça jeans surrada e uma camisa com manchas de suor sob as mangas. Quando se aproximou, ela pôde sentir o cheiro de cavalo e feno. Assim como os cachorros que se agitavam ao redor das suas pernas, o rapaz parecia manter grandes doses de energia sob controle.

— Está sozinha. - um breve sorriso curvou-lhe os lábios, enquanto alisava a cabeça de um dos animais e afagava o pescoço do outro. — Calma, Boris. - disse quando o cão tentou farejar os sapatos de Brie.

Boris e... Natasha, pensou ela, repassando mentalmente o arquivo de nomes que

Reeve lhe providenciara. Nem sequer os dos cachorros podiam ser ignorados. Tinham sido um presente do embaixador russo a Bennett e, com a propensão do rapaz à ironia, os animais foram batizados com os nomes de personagens de um desenho animado americano sobre espiões russos trapalhões que tinham dificuldade de driblar um esquilo e um alce. Bennett tentou controlar os cães.

— É a primeira manhã que a vejo aqui do lado de fora.

— É a primeira manhã nesta semana que não tenho compromissos. - ela sorriu, num misto de culpa e alegria. — Foi cavalgar?

Ela cavalgava? Sua mente trabalhou duas vezes mais rápido como vinha fazendo nos últimos tempos. Tinha a impressão de que sabia montar e cuidar de um cavalo. Então se esforçou para se lembrar da sensação, enquanto sorria para o irmão.

— Bem cedinho. Havia trabalho a fazer nos estábulos. - ambos ficaram parados por um momento, um pouco desajeitados, como se desejassem saber o que dizer um ao outro. — Não está acompanhada da sua sombra americana. - disparou

Bennett de repente, então sorriu um pouco encabulado, quando Brie apenas ergueu uma sobrancelha.

— É o apelido que Alex deu a Reeve. - disse, encolhendo os ombros. Particularmente, achava aquilo um desperdício de tempo.

— Gosto dele. Acho que Alex também, caso contrário seria mais frio e arrogante. É que é difícil para ele aceitar um estranho aqui dentro.

— Nenhum de nós foi consultado sobre isso, foi?

— Bem, ele parece legal. - Bennett deixou Boris se esfregar nele, não notando ou se importando com os pêlos do cachorro que grudaram em sua calça. — Não é um sujeito aborrecido. Pensei em lhe perguntar onde compra as roupas dele.

Brie sentiu tolerância e diversão ao mesmo tempo e desejou saber se aquilo era habitual.

— Então não o aceitam com facilidade, mas apreciam suas roupas?

— Ele com certeza tem bom gosto. - comentou Bennett, enquanto afastava a cabeça do cachorro. — Não a incomoda tê-lo sempre por perto?

Incomodava? Brie arrancou uma flor de uma azaléia branca.

Fazia uma semana desde que voltara ao palácio. Uma semana desde que voltara à vida que ainda não era sua. Sentimentos eram algo que precisava re-explorar todos os dias.

Presumiu que estava quase acostumada a ter Reeve por perto, desde a hora que abria os olhos de manhã. Ainda assim sentia que não passava de uma estranha para ele, para a família e para si mesma.

— Não, mas há horas quando... - ela contemplou o luxuriante jardim florido e depois olhou mais além. — Bennett, sempre tive essa necessidade de escapar? Todos sempre tão gentis, tão atenciosos, mas tenho vontade de ir para algum lugar distante, onde possa respirar. Onde possa deitar sobre a grama e deixar tudo para trás.

— Foi por isso que comprou a pequena fazenda.

Brie o fitou com as sobrancelhas erguidas.

— Pequena fazenda?

— Nós a chamamos assim, embora sejam apenas alguns acres de terra que não dão para fazer nada. Vez ou outra você falava em construir uma casa lá.

Uma casa de fazenda, meditou ela. Talvez fosse por isso que sentira tanta afinidade com Reeve quando ele comentara sobre a dele.

— Era para lá que eu estava indo quando...

— Sim. - os cachorros pareciam inquietos, então Bennett os deixou farejar ao redor das bases dos arbustos. — Eu não estava aqui. Estava na faculdade. Se papai não mudar de idéia, voltarei para Oxford semana que vem. - de repente, ele aparentava o que era na realidade, um rapaz no auge da juventude, tendo que se curvar aos desejos do pai, por mais que os repudiasse. Em algum lugar bem fundo na mente de Brie surgiu um sentimento que era um misto de compreensão e afeto. Num impulso deu o braço ao irmão e, juntos, começaram a caminhar.

— Bennett, nós gostamos um do outro?

— Mas que coisa ridícula... - o rapaz se conteve e cutucou o cachorro que o acompanhava. Não era tão fácil para ele controlar as emoções quanto era para o pai e Alex. Precisava de muita concentração e, na maioria das vezes, ainda se sentia perdido. Mas aquela era Brie. Isso fazia toda a diferença. — Sim, gostamos um do outro. Não é fácil ter amigos, você sabe. Muitos só estão interessados em nossa posição. Nós dois somos amigos. Você sempre foi meu elo com o papai.

— Eu? De que modo?

— Sempre que me metia em problemas...

— Você tem esse hábito?

— Aparentemente. - a voz não soou descontente.

— E eu não?

— Você é mais discreta. - ele lhe deu outro daqueles sorrisos breves e espirituosos. — Sempre admirei o modo como consegue

fazer tudo que quer sem causar alarido. Acho que não tenho essa capacidade. Ainda estou enrolado com o fiasco da cantora francesa.

— Oh? - interessada, Brie ergueu a cabeça e o fitou. Deus, naquele instante, percebera tudo de uma vez. O irmão era lindo.

Simplesmente não havia outra palavra para descrevê-lo. Se uma mulher fantasiasse a imagem de um príncipe encantado, seria Bennett. — Uma cantora, entendo...

— Lily. - dessa vez, o sorriso não parecia tão jovem, mas infinitamente experiente. Não, percebeu Brie, Bennett de fato não era mais um menino. — Ela era... Talentosa... - comentou ele com um flash de ironia tão maduro quanto o sorriso. —... E inadequada.

Cantava em um pequeno clube em Paris. Passei algumas semanas lá no verão passado e nós... Nos conhecemos.

— E viveram um romance devastador.

— Na ocasião, parecia viável. A imprensa lambeu os beijos, esfregou as mãos e mergulhou fundo no caso. A carreira de Lily alavancou da noite para o dia. - ele sorriu mais uma vez. —

Conseguiu um contrato com uma gravadora e ficou... Digamos que ficou muito, muito grata.

— E você, é claro, aceitou a gratidão modestamente.

— Claro que sim. Mas papai ficou furioso. Tenho certeza de que ele teria me trazido de volta para Cordina e me colocado em uma solitária se você não o tivesse acalmado.

Brie ergueu ambas as sobrancelhas, impressionada consigo mesma. O homem com postura rígida e olhar intenso não devia ser tão fácil de domar.

— Como consegui tal feito?

— Se eu soubesse, minha querida, teria feito isso por conta própria.

Ela considerou o fato por alguns segundos, contente e ao mesmo tempo curiosa.

— Devo ser boa nisso.

— A melhor. Papai se orgulha em dizer que de todos os filhos, você é a única que tem bom senso.

— Santo Deus! - ela enrugou o nariz. — E você ainda gosta de mim?

Bennett fez algo, tão doce, tão natural, que os olhos de Brie se encheram de lágrimas. Num gesto jovial, ele arrepiou-lhe os cabelos.

Ela reteve as lágrimas.

— Acredito que você também deve ter bom senso. E Alexander?

Como eu... Quero dizer, você... - emendou depressa. —... Se dá com ele?

— Oh, Alex é um cara legal. - o rapaz falou com a tolerância de irmão para

irmão. — Para ele as coisas são mais complicadas, com a imprensa perseguindo-o sempre que se encontra com uma mulher mais de uma vez. Discrição é uma arte para Alex. Tem que ser duas vezes bom em tudo que faz, você sabe... É o que esperam dele. E

ele tem aquele temperamento esquentado que precisa controlar.

Não é permitido ao herdeiro fazer cenas públicas. Até mesmo as mais íntimas podem vazar. Lembra quando aquele conde gorducho francês bebeu champanhe francês em demasia no jantar e... - o sorriso enfraqueceu depressa. — Sinto muito.

— Não, não se desculpe. - Brie exalou um suspiro porque a tensão estava de volta. — Tudo isso deve ser frustrante para você.

— Pela primeira vez, não estou pensando apenas em mim. -

então, Bennett parou e segurou-lhe as mãos. — Brie, quando papai me chamou na faculdade e me contou que você fora seqüestrada, nunca senti tanto medo na vida. E espero nunca mais sentir. Foi como se alguém drenasse o meu sangue... O sangue de todos nós.

Já é muito bom tê-la de volta.

Brie apertou as mãos do irmão com força.

— Quero recuperar a memória. Quando isso acontecer, poderemos passear outra vez nos jardins e rir sobre o conde francês que bebeu demais no jantar.

— Talvez sua memória passe a ser seletiva. - sugeriu Bennett.

— Não me importaria se esquecesse da vez que coloquei minhocas na sua cama.

Os olhos de Brie se alargaram, enquanto ele continuava fitando-a. Era um rapaz meigo, inocente e atraente, pensou ela.

— Nem eu.

— Você não gostou nem um pouco da brincadeira. - disse ele, lembrando o fato. — A babá me passou um sermão daqueles que me deixou surdo por uma

semana.

— As crianças devem aprender a ter respeito.

— Crianças? - Bennett riu e beliscou-lhe o queixo. — Isso foi o ano passado. - ao vê-la sorrir, ele hesitou por um momento, então cedeu ante a necessidade de pressionar-lhe a face de encontro a sua. — Sinto tanta falta de você, Brie. Volte logo. - implorou com a voz embargada.

Ela permaneceu naquela posição por alguns instantes, inspirando o perfume do irmão, tentando fazê-lo parecer familiar.

— Farei o possível.

Bennett, mais que qualquer outra pessoa, compreendia que o amor tinha sua própria pressão. Quando a libertou, sua voz soava clara novamente e pouco exigente.

— Tenho que levar os cachorros de volta, antes que eles acabem com o jasmim. Gostaria que eu a acompanhasse?

— Não, vou ficar aqui um pouco mais. Tenho que fazer uns ajustes no meu vestido esta tarde para o baile da OACD. Acho que não vou gostar desse baile.

— Você o detesta. - disse irmão num tom jovial. — Vou me livrar de Oxford e volto para o baile. - livrar-se de Oxford, pensou ele. A idéia era boa demais para ser verdade. — Posso dançar com você enquanto admiro as moças e decido qual delas vou assediar.

Brie sorriu.

— Acho que tem todas as qualidades inerentes a um con-quistador.

— Estou me esforçando para tal. Boris, Natasha. - o rapaz chamou os cães e atravessou o jardim com os animais em seu encalço.

Gostava dele, pensou ela. Reconhecer e sentir isso a deixava aliviada. Não era capaz de lembrar dos vinte anos que compartilharam como irmão e irmã, mas gostava do homem que ele era hoje.

Enfiando a mão nos bolsos da confortável e folgada calça comprida, Brie caminhou um pouco adiante. Os cheiros vivos do jardim se misturavam, mas não a oprimiam. As cores não eram um arco-íris, mas sim um caleidoscópio. Enquanto caminhava, se testou. Sem esforço, podia identificar cada planta. Do mesmo modo que fora capaz de identificar os artistas das dúzias de pinturas expostas na asa ocidental da Long Gallery.

Os artistas, sim, mas não as pessoas. A face da própria mãe teria lhe parecido a de uma estranha se a semelhança entre ambas não fosse tão acentuada. Olhando para o retrato, descobrira de quem herdara a cor dos olhos, os cabelos, o formato do rosto e da boca. Sem dúvida a princesa Elizabeth de Cordina tinha sido uma mulher mais bonita que a filha. Podia comparar objetivamente a pintura e o grande retrato de si mesma e constatar tal fato.

No retrato, a princesa Gabriella aparentava ser mais jovem, vinte, vinte e um anos, decidiu. Estava maravilhosa. Parecia um raio de sol, usando um vestido violeta com uma faixa rosa vívida.

Olhando para si, desejou saber como conseguira escolher aqueles tons exóticos. E como sabia que produziriam efeito tão encantador.

Mas a face no retrato da mãe era de tirar o fôlego. Um assombro.

A princesa usava um traje em tons de branco creme e tinha nas mãos um ramalhete de rosas suave que lhe conferia um tipo de beleza etérea e poética. Bennett tinha o olhar da mãe, bem como o ar travesso que estava certa de ter descoberto na pintura.

Alex era mais parecido com o pai. O mesmo porte militar, a seriedade. Tais qualidades podiam ser percebidas, tanto

pessoalmente quanto nas fotos oficiais. Desejou saber se Alex apreciava o papel de príncipe herdeiro ou apenas o aceitava. E mais, se ela e o irmão eram íntimos o bastante a ponto de ela conhecer seus sentimentos e esperanças. E, então, desejou saber quando conheceria os próprios.

Um pouco à frente, havia um caramanchão recoberto com glicínias e por baixo um par de cadeiras acolchoadas e uma mesa de mármore. Assim como no quebra-mar, Brie sentiu uma sensação de paz naquele recanto.

Era mais fácil admitir quando estava sozinha que ainda se cansava com muita facilidade. Sentando-se, estirou as pernas, enquanto a sombra e a luz tênue mosqueavam-lhe a silhueta. As flores exalavam um perfume doce e sutil. O zumbido de abelhas produzia um som preguiçoso. Ali parecia que o tempo havia parado.

Brie fechou os olhos e permitiu que os pensamentos vagassem.

Sonolenta. Sentia-se bastante sonolenta. Mas não era a sensação confortável de relaxamento que experimentava quando ia para o campo. Sempre que dirigia para a pequena fazenda era para ficar um pouco de tempo longe da princesa Gabriella e se permitir ser Brie Bisset. Tempo era algo precioso. Se quisesse ter cochilado, podia ter passado a tarde de domingo em seu quarto.

Bebeu mais um pouco do café que havia na garrafa térmica. Era forte, do modo como ela gostava. O sol estava morno, no ar o zumbido de abelhas. Ainda não parecia ter a energia necessária para caminhar como havia planejado. Talvez se fechasse um pouco os olhos, apenas por algum tempo... Não parecia ser capaz de segurar o copo com o café. Talvez se pudesse recostar-se contra a rocha e fechar os olhos...

De repente, o sol não estava mais morno e forte. Um vento frio cortava o ar, como se nuvens carregadas encobrissem o céu, ameaçando uma tempestade. Não podia mais sentir o doce cheiro da grama, das flores aquecidas pelo sol, apenas frio e umidade.

Sentia dor em todas as partes do corpo, contudo, parecia entorpecida. Alguém estava falando, mas não conseguia distinguir as palavras. Resmungando, zumbindo, mas não eram as abelhas.

Homens.

“Farão o que pedirmos em troca da princesa. Não terão escolha”. Sussurros, apenas sussurros. “Os rastros foram encobertos.

Ela dormirá até amanhã. Vá vê-la novamente”.

Estava assustada, quase paralisada de medo. Precisava acordar. Tinha que acordar e...

— Brie.

Com um grito amortecido, ela estremeceu na cadeira, quase se levantando de um salto, antes que duas mãos se fechassem sobre seus braços.

— Não, não me toque!

— Calma! - Reeve a segurou com firmeza, enquanto a recostava outra vez na cadeira. Estava fria, os olhos vidrados.

Pensando depressa, ele decidiu que se a princesa não se acalmasse dentro de instantes, a levaria de volta ao palácio e chamaria o Dr.

Franco. — Tente se acalmar.

— Eu pensei... - ela olhou ao redor, o jardim, o sol, as abelhas.

Quando descobriu que seu coração continuava batendo, relaxou e respirou fundo. — Devo ter sonhado.

Reeve a estudou, procurando sinais de choque. Aparentemente, ela não se permitiria tal luxo.

— Não a teria acordado, mas parecia estar tendo um pesadelo.

Ele a libertou apenas para se sentar na cadeira a seu lado. Havia estado lá, sob o caramanchão de glicínias, observando-a dormir, durante cinco, talvez dez minutos.

Parecia tão satisfeita e pôde contemplá-la, sabendo que a reserva, à qual ela com frequência se impunha, não estava presente.

Pretendia olhá-la, apenas olhá-la. Não havia porque se negar tal prazer. Quando a fitava, podia se lembrar de como ela era anos antes, uma jovem feliz, segura e inocentemente sensual, Podia se lembrar de como ela se portara em seus braços, uma mulher, excitada, audaciosa, totalmente entregue. E soube, enquanto a contemplava, que queria tê-la nos braços outra vez.

Mas estava ciente de que o desejo que sentia por Brie interferia em sua objetividade. E um policial não era nada sem objetividade.

Mas não era mais um policial. Não fora essa uma das razões pela qual arrancara o distintivo? O fato de ter que se esforçar constantemente para não se envolver? Queria algo diferente para sua vida. Mas não imaginara uma princesa.

Reeve se recostou no assento, esperando até que a respiração de Brie voltasse ao normal. Para o bem dela, seria melhor ele se lembrar das regras que seguira durante seus anos na polícia.

— Conte-me o que sonhou. - disse simplesmente.

— Não há o que contar. Foi tudo muito confuso.

Ele retirou um cigarro do maço.

— Conte-me assim mesmo.

Brie lhe lançou um olhar que ele interpretou, corretamente, como um misto de ressentimento e exasperação. Bem, mas era melhor que neutralidade.

— Pensei que estivesse aqui como guarda-costas, não como analista.

— Sou eclético. - Reeve acendeu o cigarro e a fitou sobre a luz da chama do isqueiro. — Você não?

— Não muito, acho. - respondeu se erguendo. Ele já havia percebido que a princesa raramente permanecia sentada quando estava nervosa. Após arrancar um ramo de flores da glicínia, ela roçou-o ligeiramente na face. Outro hábito que ele também havia notado.

— Eu não estava aqui, mas em algum lugar tranquilo. Havia grama. Podia sentir o cheiro forte e adocicado. Estava sonolenta, mas não queria estar. E aborrecida, porque me encontrava sozinha e queria desfrutar da solidão.

As palavras foram acompanhadas de um olhar de puro desafio.

Reeve assentiu com a cabeça e se reclinou para trás. Havia muito pouca satisfação em insultá-lo, percebeu Brie, prendendo o ramo de flores nos cabelos.

— Estava bebendo café para tentar ficar acordada.

O olhar dele adquiriu um brilho afiado, mas ela não notou.

— Onde conseguiu o café?

— Onde? - ela fez uma carranca, achando uma pergunta tola, quando estavam discutindo um sonho. — Tinha uma garrafa térmica nas mãos. Uma garrafa térmica grande e vermelha com uma alça no topo. O café não parecia ajudar e cochilei. Lembro-me que o sol estava morno e eu podia ouvir o zumbido de abelhas, como agora.

Então... - Reeve viu os dedos dela se encresparem, antes que ela os enfiasse nos bolsos —... Eu não estava mais lá. De repente, o lugar tomou-se úmido e escuro. Cheirava a mofo. Havia vozes.

Ele enrijeceu, mas sua voz continuou tranqüila.

— De quem?

— Não sei. Não os ouvia direito, também não os via. Eu tinha medo. - virando-se, ela abraçou o próprio tórax. — Tinha medo e não conseguia acordar e parar o sonho.

— Sonho. - murmurou Reeve. — Ou recordação?

Brie girou ao redor, com um brilho ardente no olhar e as mãos fechadas em punhos dentro dos bolsos.

— Não sei. Como posso saber? Acha que sou capaz de estalar os dedos e dizer, ah, claro, eu me lembro agora? - ela chutou as pequenas pedrinhas brancas ao longo da margem do caminho. —

Hoje passei com Bennett nos jardins e tudo que consegui foi achá-

lo um homem encantador. Droga! Será que é isso que devo pensar do meu próprio irmão?

— Ele é um homem encantador, Gabriella.

— Não me trate com tanta condescendência. - sibilou entre dentes. — Não ouse me tratar desse modo.

Reeve sorriu, porque se ela tinha ciência ou não, naquele momento, era uma princesa da cabeça aos pés. A realeza fluía por seus poros, de alguma maneira admirável e divertida para um homem que já tivera sua cota com os aristocratas. Mesmo assim, ergueu-se e falou num tom suave:

— Quem aqui está pensando que você deveria estalar os dedos, Brie? Ninguém a está pressionando.

— Sou pressionada por amabilidades.

— Não se preocupe. - disse ele, encolhendo os ombros. — Não serei amável com você.

— Posso contar com isso. - Brie fez uma pausa e o fitou com uma carranca. — Uma vez disse que eu era egoísta. Por quê?

Sem pensar, Reeve deslizou um dedo entre as sobrancelhas dela, onde algumas linhas lhe carregavam a fisionomia.

— Talvez a palavra certa fosse egocêntrica. Tem o direito de ser assim neste momento.

— Não sei se prefiro esse termo. Também me chamou de mimada.

— Sim. - ele deixou a mão cair ao longo do corpo, de modo que ambos se encaravam sem se tocar.

— Recuso-me a aceitar que isso seja verdade.

— Sinto muito.

Os olhos de Brie se estreitaram.

— Sente muito porque disse isso?

— Não, porque se recusa aceitar o que é.

— Você é um homem rude, Reeve MacGee. Rude e teimoso,

— É verdade. - concordou ele, girando os calcanhares. — Eu também disse que era obstinada.

Ela ergueu o queixo.

— Concorde. - rebateu num tom frio. — Mas você não tem o direito de me dizer isso.

Reeve se curvou em uma reverência lenta e arrogante. Não era difícil para ele brincar de plebeu quando ela decidia bancar a princesa.

— Imploro seu perdão, Vossa Alteza.

Os olhos de Brie chamejaram e a raiva fez seu sangue ferver.

Os dedos dentro dos bolsos ansiaram por estabelecer um contato sólido com a face do homem à sua frente. A educação a impediu, mas percebeu que não se importava com as restrições.

— Agora está escarnecendo de mim.

— Vamos acrescentar a palavra "astuta" à nossa lista.

Brie ficou pasmada ao perceber com sua raiva aumentou tão depressa e deu outro passo em direção a ele.

— Parece que está se esforçando para me insultar. Por quê?

Havia algo de irresistível nela quando se tomava arrogante, brava e fria. Reeve segurou-lhe o rosto com uma das mãos numa firme prisão, o que a fez abrir a boca, surpresa.

— Porque isso a faz pensar em mim. Não dou a mínima sobre o que pensa de mim, Gabriella, contanto que pense.

— Então, foi bem-sucedido. - disse ela num tom uniforme. —

Eu penso em você, mas não coisas boas.

Um sorriso lento brincou nos lábios de Reeve. Brie sentiu a garganta secar e uma onda de calor percorrer-lhe a pele.

— Apenas pense em mim. - repetiu ele. — Não espalharei rosas no chão quando a levar para a cama. Não haverá nenhum violino tocando, nem lençóis de cetim.

Seremos apenas você e eu.

Brie não se afastou. Se era choque ou excitação que a mantinha imóvel, não saberia dizer. Talvez fosse orgulho. Era o que esperava.

— Agora quem parece precisar de um analista é você. Não consigo lembrar, Reeve, mas tenho quase certeza de que costumo escolher meus próprios amantes.

— Eu também.

A princesa se sentia tonta. Amedrontada? Não, sim. Do modo como ele falava, parecia que a decisão já havia sido tomada. Outra falta de escolha.

— Tire as mãos de mim. - disse ela com a voz tranqüila, mas com uma nota de arrogância que ocultava o medo.

Ele a puxou para si.

— É uma ordem real?

— Entenda como quiser. Precisa da minha permissão para me tocar, Reeve. Um homem com a sua experiência conhece as regras.

— Os americanos não costumam se restringir tanto ao protocolo quanto os europeus. - comentou ele, roçando os lábios de leve nos dela. — Se quero tocá-la, eu a toco. Se desejo possuí-la, vou possuí-

la, assim que chegar a hora certa para nós dois. - ao dizer isso, seus dedos apertaram a face da princesa com mais força.

A visão de Brie obscureceu, os joelhos bambearam. Estava novamente escuro e o rosto a sua frente era indistinto. Então, sentiu o cheiro de vinho, forte e envelhecido. O medo se triplicou, pulsando em suas veias como uma droga. De súbito, ela o empurrou e quase perdeu o equilíbrio.

— Não me toque! Relâchez-moi, salaud...

Ao sentir o desespero na voz feminina, Reeve a libertou, mas então quase que de imediato tomou a segurá-la, quando a viu cambalear para frente.

— Brie. - ele a sentou outra vez na cadeira, obrigando-a a colocar a cabeça entre os joelhos, antes que ela pudesse refletir.

Amaldiçoando-se em silêncio, sua voz soou suave e calma.

— Respire fundo e relaxe. Sinto muito. Não tive a intenção de exigir mais do que você queira dar.

Os olhos de Brie se fecharam. Ela tentou clarear a mente, clarear a vertigem.

— Não... - quando ela lutou contra a mão dele, Reeve a libertou.

Sua face ainda estava pálida quando o fitou, mas os olhos escuros

e intensos. Parecia aterrorizada. — Não era você. - administrou. —

Não era. Eu me lembro... Acho que... - com um suspiro frustrado, fechou os olhos novamente e lutou para manter a compostura. —

Era outra pessoa. Por um minuto eu estava em outro lugar. Um homem estava me segurando. Não podia vê-lo... Estava escuro ou minha mente se recusa a me deixar ver-lhe a face. Mas ele estava me segurando e eu sabia. Sabia que ele me estupraria. Estava bêbado. - Brie alcançou a mão de Reeve e a segurou. — Eu podia sentir o cheiro de vinho que ele exalava. Mesmo agora sou capaz de lembrar. Suas mãos eram ásperas. Era um homem forte, mas havia ingerido muito vinho. - ela engoliu em seco e Reeve percebeu que a princesa estava tremendo, antes de afastar a mão e se endireitar na cadeira. — Eu tinha uma faca. Não sei como. Eu tinha uma faca e o cabo estava na minha mão. Acho que o matei. - ela olhou para as mãos fechadas. Abrindo-as, encarou as palmas. Eram brancas e lisas. — Acho que o apunhalei com a faca. - disse num tom calmo.

— E o sangue dele ficou em minhas mãos.

— Brie. - Reeve tentou abraçá-la, então pensou melhor. —

Diga-me o que mais consegue lembrar.

Ela o fitou e sua face aparentava como quando ele a vira pela primeira vez no hospital. Sem cor e cansada.

— Nada. Apenas me lembro da luta e dos cheiros. Não estou certa se o matei. Não me lembro de nada após a luta nem antes da luta. - Brie dobrou as mãos sobre o colo e olhou além dele. — Se o homem me estuprou, não lembro.

Reeve sentiu vontade de praguejar e quase não controlou o impulso. Tudo o que ela dissera fez o seu joguinho de poder de alguns momentos antes parecer duro e cruel.

— Não foi molestada sexualmente. - disse ele num tom claro e prático. — Os médicos fizeram um exame completo.

O alívio ameaçou se transformar em lágrimas. Porém, Brie as conteve.

— Mas eles não podem me confirmar se matei um homem ou não.

— Não. Só você poderá, quando estiver recuperada.

Ela somente assentiu com a cabeça, então se forçou a encará-lo mais uma vez.

— Já deve ter matado pessoas.

Reeve retirou outro cigarro do maço e o acendeu com uma violência pouco contida.

— Sim.

— Era necessário para defesa, proteção?

— Sim.

— Quando é necessário, não deixa cicatrizes, não é?

Reeve poderia mentir, facilitar-lhe as coisas. E ficou tentado, Quando a fitou, os olhos dela pareciam preocupados.

Inadvertidamente, forçara-a a se lembrar. Uma lembrança sombria e horrível. Isso não o fazia responsável? Já não havia escolhido ser responsável? Poderia mentir, mas quando ela descobrisse a verdade, seria muito pior. Sim, ele escolhera ser responsável.

— Deixa cicatrizes. - disse sucinto. Então se ergueu e segurou-lhe a mão. — Você pode conviver com as cicatrizes, Brie.

Ela tinha ciência disso. Mesmo antes de lhe perguntar, mesmo antes de ele responder.

— Você tem muitas?

— O suficiente. E decidi que não podia conviver mais com elas.

— Então comprou uma fazenda.

— Sim. - ele sacudiu a cinza do cigarro. — Comprei uma fazenda. Talvez ano que vem comece a plantar algo.

— Eu gostaria de visitá-la. - ela percebeu o olhar rápido, meio divertido de Reeve e sentiu-se tola. — Algum dia, talvez.

Ele também gostaria que ela fosse visitá-lo e sentiu-se tolo.

— Certo, algum dia.

Brie permitiu que suas mãos ficassem entrelaçadas, enquanto caminhavam, juntos, pelos jardins, de volta ao interior das paredes brancas do palácio.

Capítulo VI

Descalça, usando apenas um roupão de seda fino, Brie sentou-se submissa na cama, enquanto o Dr. Franco media-lhe a pressão sangüínea. As mãos do médico eram hábeis, seu modo de agir gentil, quase paternal. Contudo, ainda se mantinha reticente quanto aos exames semanais realizados pelo médico da família. E

tampouco se resignara com as sessões quinzenais com o sócio dele, Dr. Kijinsky, o eminente e erudito psiquiatra. Não era uma inválida e nem estava doente, pensou.

Para ser franca, se cansava com mais facilidade do que gostaria, mas suas forças aos poucos estavam voltando. E as sessões com o renomado analista não passavam de conversa.

Conversa, meditou ela, que a seu ver era um desperdício de tempo.

E, afinal, estava determinada a se recuperar. O planejamento do baile de caridade na primeira semana de junho era a sua prioridade. Comida, vinho, música, decorações, entretenimento, aceitações, desculpas, pedidos. Embora parecesse desfrutar dos preparativos, não eram fáceis. Quando alguém pagava uma boa soma de dinheiro para ir a um evento, caridade ou não, esperava e merecia o melhor. Passara três longas e irritantes horas com o floricultor aquela manhã para garantir que os convidados não saíssem desapontados.

— Sua pressão está boa. - Dr. Franco colocou o medidor de volta na maleta. — E seu pulso, sua cor. Fisicamente, parece não

haver complicações. Meu motivo de preocupação é que ainda está um pouco magra. Uns quilinhos a mais não lhe fariam mal.

— Mas deixariam minha costureira enlouquecida. - respondeu Brie com um meio sorriso. — Ela está felicíssima comigo no momento.

— Ora. - Dr. Franco esfregou a aseada barba branca com a mão. — Ela procura um cabide de casaco para exibir seu material.

Você precisa de carnes, Gabriella. Sua família sempre teve tendência a ser um pouco esbelta demais. Está tomando as vitaminas que lhe prescrevi?

— Todas as manhãs.

— Bom. Bom. - o médico retirou o estetoscópio do pescoço e também o colocou na maleta. — Seu pai me disse que você não reduziu sua agenda de compromissos.

As defesas de Brie surgiram de imediato.

— Gosto de me ocupar.

— Isso não mudou. Minha querida...

Pondo a maleta de lado, Dr. Franco sentou-se ao lado dela na cama. A informalidade a surpreendeu apenas porque já se acostumara às regras impostas à sua posição. Mas o médico parecia tão à vontade que ela julgou que deviam ter

se sentado daquela maneira casual dúzias de vezes antes.

— Como lhe disse, fisicamente, está se recuperando muito bem. Tenho grande respeito pelo talento do Dr. Kijinsky, ou não o teria recomendado. Mesmo assim, gostaria que se abrisse comigo.

Brie dobrou as mãos sobre o colo.

— Dr. Franco...

— Está cansada de médicos. - disse ele, com um aceno de mão.

— Está aborrecida com as injeções, os exames, as sessões.

Perguntas, acha que são muitas perguntas. Quer administrar sua própria vida.

Ela sorriu, mais divertida do que desconcertada.

— Parece que não há necessidade de lhe dizer como me sinto.

Sempre costuma ler o que se passa na mente dos seus pacientes, Dr. Franco?

O médico não sorriu, mas seus olhos permaneceram amáveis, tolerantes. Brie se sentiu mesquinha e rude ao mesmo tempo.

— Perdoe-me. - ela o tocou porque fazia parte da sua natureza agir daquele modo quando se desculpava. — Isso soou sarcástico.

Não era a minha intenção. Na verdade, Dr. Franco, sinto muitas coisas. Todas as pessoas que conheço parecem entendê-las antes de mim.

— Acha que estamos minimizando sua amnésia?

— Não... - insegura, ela meneou a cabeça. — É que parecem ter certeza de que é um problema pequeno que se solucionará por si mesmo. Politicamente, suponho que seja necessário pensar dessa maneira.

O ressentimento, sempre tão superficial, estava lá. Franco, que sabia pelo que o pai dela estava passando, se absteve de discutir o comentário.

— Ninguém, em especial o seu médico, dá menos importância ao que está

padecendo. Embora seja difícil para as pessoas que a rodeiam, as mais próximas, entenderem e aceitarem. É por isso que lhe pedi para se abrir comigo.

— Não sei o que devo dizer... Nem mesmo o que quero dizer.

— Gabriella, eu a trouxe ao mundo. Cuidei dos seus resfriados, tratei sua catapora e operei suas amígdalas. Nem seu corpo nem sua mente são estranhos para mim. - o doutor fez uma pausa, enquanto ela assimilava as palavras carinhosas. — Você tem dificuldade de falar com seu pai por medo de feri-lo.

— Sim. - ela olhou para o médico, a face agradável, a barba branca. — Ele acima de todos. Antes de Bennett partir... Ele voltou ontem para Oxford.

— Ele teria preferido ficar aqui com os cachorros e os cavalos dele.

— Sim. - ela riu, afastando os cabelos para trás. — Com Bennett aqui, de alguma maneira era mais fácil. Ele é tão descontraído e acessível. Com ele não me sentia sempre compelida a dizer as coisas certas... Coisas amáveis. Alexander é diferente. Sinto que devo ter muito cuidado perto dele. Ele é tão... Adequado.

— O príncipe perfeito. - Franco sorriu ante a expressão dela. A vaga desaprovação era um bom sinal. — Sem lhe faltar com o respeito, Gabriella. Era assim que você e Bennett o chamavam quando eram crianças.

Ela quase sorriu.

— Que sórdido.

— Oh, Alex levava na esportiva. Bennett era chamado de lorde preguiça.

Brie fez um som suspeito como uma risadinha, dobrou as pernas e se acomodou sobre elas.

— Bastante natural. Eu me ofereci para ajudá-lo a fazer as malas. É difícil acreditar que alguém pudesse viver naquela bagunça. E eu? - ela ergueu uma sobrancelha. — Meus irmãos me deram algum apelido?

— Vossa Alteza obstinada.

— Oh. - Brie estacou por um momento, então riu. — Acho que eu devia merecer.

— Naquela época e agora.

— Acho... Sinto... - emendou ela —... Que somos uma família unida. Isso é verdade?

Um simples sim não significaria nada, pensou Franco. Um simples sim era muito fácil.

— Uma vez por ano vocês viajam a Zurique, em família. Durante duas semanas não há criados, nem estranhos por perto. Uma vez você me disse que era isso que a ajudava a enfrentar as outras cinquenta semanas restantes.

Brie assentiu com a cabeça, aceitando, entendendo e sentido-se agradecida.

— Conte-me como minha mãe morreu, Dr. Franco.

— A princesa era frágil. - disse o médico cauteloso. — Estava discursando para a Cruz Vermelha em Paris e contraiu pneumonia.

Houve complicações. Ela nunca se recuperou.

Brie queria sentir. Seria uma bênção sentir aflição, dor, mas não experimentou nenhum sentimento. Cruzando as mãos outra vez, olhou para baixo.

— Eu a amava?

Compaixão não era algo que um médico carregava na maleta, mas algo que carregava consigo.

— Ela era o centro da família. A âncora, o coração. Você, Gabriella, a amava demais.

Acreditar naquilo era quase tão reconfortante quanto sentir.

— Quanto tempo ela ficou doente?

— Seis meses.

A família devia ter ficado mais unida do que nunca. Disso ela tinha certeza.

— Não aceitamos os estranhos com facilidade?

Franco sorriu novamente.

— Não.

— Reeve MacGee, você o conhece?

— O americano? - Franco deu de ombros num gesto que Brie reconheceu como francês e pragmático. — Muito superficialmente.

Seu pai o tem em alta estima.

— Alexander não parece pensar o mesmo.

— É natural. - disse o médico num tom arrastado, intrigado pelo rumo que a conversa tomara. Talvez ela não conhecesse a família ainda, mas eles ainda eram, como sempre foram, sua maior preocupação. — O príncipe Alexander tem um sentimento de proteção em relação a você e não dá as boas-vindas à ajuda de qualquer pessoa que não seja da família. A farsa do seu noivado...

— ele pausou ao perceber que Brie estreitou o olhar. — Não estou

fazendo fofoca. Como médico da família real, tenho a inteira confiança do seu pai.

Ela desdobrou as pernas e se ergueu, não parecia mais satisfeita em permanecer sentada.

— E concorda com a opinião dele?

Franco ergueu uma sobrancelha branca.

— Não me atreveria em concordar ou discordar do príncipe Armand, a não ser em assuntos médicos. Porém, o compromisso foi o suficiente para aborrecer seu irmão que se sente pessoalmente responsável pelo seu bem-estar.

— E os meus sentimentos? - de repente, a calma de Brie desapareceu. Ela se virou para o médico que agora estava de pé ao lado da cama, com as mãos para

trás. — Não são levados em conta?

Essa... Essa farsa de fingir que está tudo bem, que estou tendo um romance avassalador com o filho do amigo do meu pai... Isso me deixa possesa de raiva. - dizendo isso, Brie alcançou um pente de madrepérola na cômoda e começou a bater com o objeto contra a palma da mão. — O anúncio do meu noivado foi feito apenas ontem e os jornais já não falam em outra coisa. Repletos de especulações, opiniões e conversa fiada. Em todos os lugares que vou há perguntas, alvoroço e suspiros.

A impaciência era óbvia e, para o médico, bastante familiar.

Ainda com as mãos para trás, ele permaneceu calado e esperou que as coisas seguissem seu curso.

— Só esta manhã enquanto experimentava a roupa que usarei no baile, me fizeram várias perguntas sobre o meu vestido de noiva.

Será branco ou marfim? Farei com a minha costureira ou vou mandar fazer em Paris como minha mãe? Meu vestido de casamento. - repetiu ela jogando as mãos para cima. — Quando tempo tenho que concluir o cardápio para cento e cinquenta pessoas? A cerimônia vai ser na capela do palácio ou na catedral?

Os meus amigos da faculdade comparecerão à festa de casamento?

Vai escolher a princesa inglesa ou a condessa francesa como dama

de honra? Quando não faço a mínima idéia de quem são essas duas.

Quanto mais tentamos encobrir e esconder o que é real, o que é verdade, mais absurdo isso se toma.

— Armand está protegendo seu bem-estar e o do seu povo, Gabriella.

— Nunca podem ser duas coisas separadas? - exigiu ela, colocando o pente de volta sobre a cômoda. — Sinto muito. - sua voz soou mais calma. — Isso não foi justo. Mas é difícil lidar com uma farsa. Parece que estou envolvida nisso em muitos níveis. E

Reeve... - Brie se conteve, aborrecida consigo mesma por permitir que seus

pensamentos vagassem naquela direção.

— É atraente. - concluiu Franco.

Com um sorriso lento e cauteloso, ela estudou o doutor.

— É um excelente médico, Dr. Franco.

Ele fez uma rápida medida.

— Conheço meus pacientes, Vossa Alteza.

— Atraente. - concordou ela. — Mas não agradável em todos os sentidos. Não acho sua autoridade rígida particularmente interessante, em especial no papel de noivo. Contudo, farei meu papel. Quando minha memória voltar, o americano pode voltar para a fazenda dele e eu para minha vida. É assim que me sinto, Dr.

Franco. - ela pôs ambas as mãos no espaldar de uma cadeira. —

Quero me lembrar. Quero entender. E quero voltar a viver a minha vida.

— Vai se lembrar, Gabriella.

— Tem certeza?

— Como médico, não posso garantir cem por cento. - curvando-se e ofegando um pouco com o movimento, Franco pegou a maleta.

— Mas como alguém que a conhece desde que nasceu, acredito que sim.

— Essa é a opinião que prefiro. - Brie se dirigiu à porta.

— Não há necessidade de me acompanhar. - ele se despediu com a habitual palmadinha de leve na mão dela. — Vou dar meu parecer ao seu pai antes de partir.

— Obrigada, Dr. Franco.

— Gabriella. - o médico fez uma pausa com a porta aberta. —

Todos nós temos nossas farsas para manter.

Brie inclinou a cabeça de modo tranqüilo e majestoso.

— Eu entendo.

Educada, ela esperou até que a porta se fechasse e girou nos calcanhares, irritada. Farsas. Sim, teria que lidar com elas. Afinal, as havia aceitado. Mas as detestava. Com o humor instável, tirou do lixo o jornal que amassara e se descartara aquela manhã.

“O casamento da Princesa Gabriella”

Brie blasfemou como só era permitido às princesas fazerem escondido. Havia uma foto dela e outra de Reeve. Com a cabeça inclinada e a luz do sol refletindo no papel do jornal, ela o estudou.

Atraente, sim, decidiu ela, no limite entre o rude e o temo. Como um grande felino predador, meditou ela, que podia caminhar de modo afetado ou atacar conforme seu humor. Fazia suas próprias escolhas. Um homem como aquele provocava um misto de sentimentos. Não apenas nela, percebeu com um pouco de satisfação. A imprensa também estava dividida.

Era óbvio que havia agitação, um certo grau de satisfação porque um dos filhos reais se casaria. Haviam destacado, notou Brie, que ela, dentre todas as princesas na história de Cordina, fora a que esperara mais tempo para dar tal passo. Já não era sem tempo, o jornal parecia querer dizer nas entrelinhas.

O laço familiar entre os Bisset e os MacGee contava a favor de Reeve, bem como a reputação do embaixador. Mas ele era um americano e, portanto, não precisamente a escolha ideal, de acordo com a opinião dos cidadãos de Cordina.

Qualquer satisfação que pudesse sentir advinda de tal fato foi contrabalançada pela menção de várias opções mais elegíveis. Era desconcertante ver seu nome ligado, mesmo que fosse apenas pela imprensa, a meia dúzia de solteiros disponíveis. Príncipes, lordes, marqueses, magnatas. Obviamente, pelos breves textos ao lado das fotos, ela havia tido um romance com todos eles. Um deles podia ter significado algo para ela, mas não havia um modo de obter certeza.

Poderia estudar seus nomes e faces durante cinco minutos, uma hora, mas não haveria mudança. Voltou a contemplar a foto de Reeve. Pelo menos com ele, sabia onde estava pisando.

Aparentemente, a imprensa parecia preparada para reservar um julgamento final sobre o ex-policial, filho de um famoso e respeitado diplomata americano. Mas, em vez disso, optou por especular sobre a data do casamento.

Brie lançou o jornal sobre a cama de modo que caísse com as fotografias para cima. O pai conseguira seu propósito, refletiu aborrecida. O foco estava no compromisso e não no seqüestro.

Ninguém questionaria a presença de Reeve no palácio ou ao lado da princesa.

Ninguém o questionaria, ninguém a questionaria. Devagar, Brie virou as mãos e olhou para as palmas lisas. Havia algo que não podia comentar com os médicos. Algo que não podia transformar em palavras com qualquer outra pessoa a não ser com Reeve.

Teria matado um homem? Teria pego uma faca e... Santo Deus, quando saberia?

Tentar se forçar a lembrar só lhe trazia frustração. Se concentrar naquilo faria sua cabeça doer até não poder se concentrar em mais nada. Os fragmentos de memória vinham em sonhos. E como sonhos, quando despertava, as imagens eram vagas e destorcidas.

Mas as imagens, em vez de aliviar a pressão, só a aumentavam.

Todas as manhãs, se deitava tranqüila, esperando que as recordações surgissem de modo natural. Todos os dias havia apenas reminiscência de sonhos.

Podia trabalhar, Brie se lembrou. Porém, preencher as horas a cada dia não passava de um problema. O trabalho era agradável, satisfatório, exceto pelo fato de agora ter que lidar com o assunto do seu absurdo compromisso. Quanto mais cedo pudesse acabar com aquilo, melhor. Encararia como mais uma meta a ser alcançada ou um obstáculo a mais para superar.

— Entre. - respondeu com uma carranca ao ouvir uma batida na porta. A carranca não se suavizou quando Reeve entrou. —

Tenho certeza de que estou segura em meu próprio quarto.

Havia um vaso sobre uma mesa próxima à janela que ficava ao lado da cama. A brisa suave que vinha de fora inundava o ambiente com a fragrância suave de

flores frescas.

— Dr. Franco disse que você está se recuperando bem.

Brie, deliberadamente, sentou-se no longo e acolchoado assento ao lado da janela. Aquilo lhe deu a oportunidade de controlar seu humor.

— O doutor também o mantém informado?

— Eu estava com seu pai. - Reeve viu o jornal sobre a cama, as fotografias, mas não disse nada. Não faria bem algum admitir que a primeira página lhe causara um grande impacto aquela manhã.

Uma coisa era aceitar um falso compromisso e outra era ver a evidência do fato estampada em preto e branco.

Vagando até a cômoda, pegou um pote pequeno de vidro, se concentraria no objeto por um momento até ser capaz de esquecer a aparência dela naquele roupão fino cor de marfim.

— Então, está se sentindo bem?

— Muito bem, obrigada.

A resposta fria e formal fez os lábios dele se contraírem. Brie não cederia um centímetro, meditou. Tanto melhor.

— Como está sua agenda para amanhã? - perguntou, embora já estivesse a par dos compromissos da princesa para o dia seguinte.

— Não estarei livre antes do meio-dia. Então, não há mais nada até o jantar com o duque e a duquesa de Marlborough e monsieur Loubet e a esposa.

Se Reeve prestasse bastante atenção ao tom da voz dela, perceberia que não estava parecendo mais empolgada que ele para enfrentar aquele jantar. Seria o primeiro depois que o noivado fora oficialmente anunciado.

— Então, talvez apreciasse ir velejar durante algumas horas à tarde.

— Velejar? - ele percebeu os olhos cor de topázio se iluminarem e logo em

seguida os longos cílios baixarem friamente. —

É um convite ou um modo de me manter sob sua vigilância?

— Ambos. - Reeve abriu o frasco, imergiu um dedo no creme e esfregou-o entre o dedo polegar e o indicador. Tinha o cheiro da pele de Brie, suave e sensual. A noite e pela manhã, imaginou ele, a bela princesa devia massagear o creme até a fragrância fundir-se a sua pele.

Estava ali para protegê-la, pensou melancólico, enquanto fechava o frasco. Mas quem o protegeria? Como ela continuava sentada em silêncio, pousou o pote e foi em sua direção.

— Se quer ponderar os prós e os contras, considere o passeio como uma oportunidade de ficar longe do palácio e das responsabilidades por algumas horas.

— Com você.

— Passar algum tempo juntos é o que se espera de um casal de noivos. - disse sucinto, então segurou-a pelo braço, antes que ela pudesse se erguer. — Você concordou. Agora tem que levar adiante.

— Apenas em público.

— Uma mulher na sua posição não tem muita vida privada. E...

Eu também coloquei a minha sob a lente do microscópio. - disse, deslizando a mão até alcançar-lhe o pulso.

— Quer gratidão? Acho muito difícil no momento.

— Coopere. - aborrecido, ele apertou-lhe a mão até que seus olhares se cruzaram. — Cooperação já é suficiente.

Brie ergueu o queixo em desafio.

— Sua ou minha?

Reeve inclinou a cabeça de leve.

— A resposta parece ser ambas outra vez. Oficialmente, estamos comprometidos. Apaixonados. - acrescentou, testando as palavras.

As palavras a preocuparam.

— Oficialmente. - concordou Brie. — Isso não passa de um embuste.

— Embustes podem ser convenientes. E já que estamos falando sobre o assunto... - enfiando a mão no bolso, ele retirou uma caixinha de veludo. Com o dedo polegar abriu a tampa. O sol que penetrava através da janela pareceu explodir em milhões de pedaços ao atingir o diamante branco e quadrado. Brie sentiu o coração acelerar.

— Não.

— Muito tradicional? - Reeve retirou o anel da caixa e o fitou de encontro à luz. A pedra branca ficou repentinamente viva com a cor.

— Combina com você. Puro, arrojado e elegante. Pronto para despertar paixões com um simples toque. - ele não estava mais olhando para o diamante, mas sim para a princesa. — Deixe-me colocá-lo em seu dedo, Gabriella.

Ela não se moveu. Talvez achasse que não devia.

— Não o usarei.

Reeve segurou-lhe o pulso esquerdo e sentiu o latejar acelerado entre seus dedos. O sol que entrava no quarto incidia sobre os fios dos cabelos e os olhos de Brie. Ele podia perceber a raiva que aquele olhar continha. E a paixão. Nem um pouco romântico, pensou, enquanto ajustava o anel no dedo dela. Mas, romance não era a ordem do dia.

— Sim, você vai usá-lo. - dizendo isso, envolveu-lhe a mão com a sua, selando o compromisso. Contudo, não se permitiria pensar como seria difícil rompê-lo.

— Vou tirá-lo. - disse furiosa.

— Isso não seria prudente.

— Ainda seguindo as ordens do meu pai? - sibilou Brie entre dentes.

— Parece que ambos estamos. Mas o anel foi idéia minha. -

Reeve segurou-lhe a nuca com a mão livre. Era longa, esbelta e macia. — Assim como isto.

Sem lhe dar chance de escolha, apoderou-se de seus lábios.

Ela enrijeceu. Ele a acariciou. Ela estremeceu. Ele a acalmou. No momento que a sentiu corresponder, puxou-a para si com firmeza.

No instante seguinte, seus dedos estavam nos cabelos dela, nas mãos, fazendo-a vibrar, enquanto a tocava em todas as partes. Ela daria as boas-vindas àquelas carícias. Mundos inteiros se abriam e giravam quando duas bocas se tocavam. A princesa poderia provar o que ele lhe oferecia, paixão, selvagem, madura e livre. A satisfação estava lá. Pulsando dentro dela. Instigando-a.

O encontro ganhou intensidade quando ele a estreitou contra o corpo. Reeve jamais conhecera uma mulher que conseguia ser tão excitante sem perder a suavidade. Podia sentir as batidas da pulsação dela, tentando-o a tocá-las, uma por uma. Começou com a curva delicada do pescoço, apenas deslizando a ponta do dedo, O

gemido de prazer que Brie emitiu foi abafado pela sua boca.

Prendendo-lhe o lábio inferior entre os dentes, sugou-o e lambeu-o com vigor. Ela estremeceu quando ele ergueu a mão e lhe alcançou um dos seios. O roupão fino que Brie usava poderia ser facilmente arrancado com uma das mãos, deixando-a nua, mas Reeve manteve a barreira porque sabia que perderia o controle sobre a sua sanidade.

Quando fizessem amor, não haveria criados, assistentes ou família por perto. Quando fizessem amor pela primeira vez, não haveria nada, ninguém além deles. Ela jamais esqueceria. Nem ele.

Reeve deslizou a mão para baixo com um golpe longo e firme.

Posse, ameaça, promessa. Nenhum dos dois podia saber. Quando ele a deixou, nenhum dos dois estava preparado.

Brie viu algo nos olhos dele que fez sua pele aquecer. Desejo.

Mas havia algo mais. Experiência. Os olhos azuis, intensos e nada calmos alertavam-na para o risco que corria. Não seria fácil livrar-se daquele homem. Nem hoje. Nem amanhã.

Dirigiu-se ao assento ao lado da janela, colocando o máximo de distância entre os dois.

— Você não tem esse direito.

Reeve a encarou até ela precisar conter o tremor.

— Não preciso ter direitos. - quando ele a alcançou, envolveu-lhe a face com a mão, Brie permaneceu imóvel. Era um hábito que ele ainda não compreendia totalmente. Podia ser suavidade. Podia ser arrogância. — E nem quero tê-los.

A resistência da princesa não era algo a ser subestimado. Estava debilitada, mas não era fraca.

— Eu lhe direi quando quero ser tocada, Reeve.

Ele não afastou a mão.

— Claro que sim.

Tentaria uma tática diferente, decidiu ela. Algo teria que dar certo.

— Acho que está levando este embuste muito a sério. Está se excedendo.

— Se quer reverências e protocolos, terá que procurar outra pessoa. Lembre-se de que me pediu para não ser amável.

— Um pedido que não é difícil de atender.

— Não. - Reeve sorriu, então ergueu-lhe a mão, onde o diamante cintilava. — Você e eu sabemos que isto não passa de uma pedra bonita. Outro embuste. - num impulso, ele inverteu-lhe a

mão e pressionou os lábios contra a palma delicada. — Mas ninguém mais ficará sabendo.

Dessa vez, ela afastou a mão e caminhou alguns passos.

— Já lhe disse que não vou usá-lo.

Antes que ela pudesse retirar o anel, Reeve estava ao seu lado.

— E eu disse que você o usaria. Pense. - quando ela parou o anel no meio do dedo, ele continuou. O tom que usava era precisamente o mesmo tom que costumava usar para arrancar respostas de suspeitos relutantes. Negócios eram negócios, pensou melancólico. — Quer engolir seu orgulho e usá-lo, ou ter de explicar toda vez que sair por que não tem uma aliança de noivado?

— Posso dizer que não ligo para jóias.

Reeve sorriu, tocando as safiras na mão direita da princesa e depois os brincos de pedras azul-escuro que ela usava.

— Pode? Algumas mentiras são mais fáceis de acreditar do que outras.

Brie empurrou o anel.

— Maldito.

— Assim está melhor. - disse ele com um aceno de aprovação.

— Pode me xingar à vontade, mas apenas coopere. Não sei se já lhe ocorreu, Vossa Alteza, que posso estar me sentindo tão incomodado quanto você com tudo isto.

Surpresa, ela se virou.

— Incomodado? Parece estar se divertindo.

— Estou tentando extrair o melhor de um negócio. Você pode fazer o mesmo ou ficar aí batendo o pé.

Brie girou nos calcanhares com os olhos flamejando.

— Não tenho hábito de ter acessos de raiva.

— Tente enganar outro.

Ela se acalmou, apenas porque demonstrar irritação o teria deixado mais

satisfeito.

— Não gosto quando me faz sentir como uma criança, Reeve.

O tom da voz dele soou igualmente calmo.

— Então não conteste quando a faço se sentir como uma mulher.

— Sempre tem resposta para tudo?

Reeve pensou nela, no que estava crescendo dentro de si.

Então, tocou-lhe a face de leve.

— Não. Dê uma trégua por ora, Brie. Antes dessa história de compromisso estávamos nos dando bem. Encare isso como uma maneira de simplificar as coisas.

A princesa carranqueou, mas descobriu que estava disposta a dar a trégua. Até recuperar todas as suas forças.

— Simplificar o quê?

— Tudo. Como isto. - Reeve ergueu-lhe a mão esquerda novamente. — Não terá que explicar por que passamos tanto tempo juntos e o que estou fazendo aqui. Como noivos, podemos passear, ficar fora por algum tempo. As pessoas são tolerantes com namorados que escapam vez ou outra. Não precisará ficar presa no palácio.

— Nunca disse que me sentia presa.

— Basta olhar para sua expressão olhando através da janela.

Brie o encarou e seus olhares se sustentaram. De súbito, ela se rendeu e, com um suspiro, sentou-se no assento acolchoado.

— Certo, é verdade. Às vezes, sinto-me como uma prisioneira.

Nada disto me é familiar e ao mesmo tempo não é completamente estranho. Não é um sentimento confortável, sentir como se você pertencesse, mas nunca estar bastante segura que não dará um passo errado e se achar perdida novamente. E

os sonhos... - ela fez uma pausa se amaldiçoando. Era muito mais fácil do que confortável contar as coisas a ele.

— Teve mais sonhos?

— Nada que me lembre muito bem.

— Brie.

Ela não sentiu em Reeve a mesma paciência que notara no Dr.

Franco, porém a sabedoria era a mesma.

— É verdade, não lembro. - frustrada, ela deslizou os dedos por entre os cabelos. Reeve viu o anel que ele lhe dera lançar fogo contra fogo. O seu fogo, pensou. E o dela. — É sempre basicamente o mesmo... A escuridão, os cheiros, o medo. Nada tangível. - por um momento, ela cerrou as pálpebras bem apertadas. Fraquejar era tão fácil. Chorar era tão simples. Mas não se permitiria tais coisas.
—

Não há nada a que eu possa me prender. Todas as manhãs, digo a mim mesma que pode ser o dia das cortinas se abrirem. E todas as noites... - ela encolheu os ombros.

Reeve sentiu vontade de abraçá-la. Oferecer-lhe a segurança do seu amor. Mas confortá-la seria perigoso. Então se manteve a distância.

— Amanhã não precisará pensar sobre isso. Vamos velejar.

Como companhia, teremos apenas o barco, o sol e o mar. Não haverá ninguém por perto. Não terá que interpretar o seu papel.

Algumas horas sem farsas, cogitou ela. Reeve estava lhe oferecendo um presente. Talvez, também estivesse oferecendo a si mesmo. Mas, afinal, ele merecia. Brie olhou para o anel e então voltou a encará-lo.

— Nem você o seu.

Reeve sorriu. Um sorriso quase amigável, pensou ela.

— Certo.

Capítulo VII

Dentre muitas outras coisas, Brie havia esquecido o significado da palavra relaxar e reaprendeu como era prazeroso e muito fácil

fazê-lo. Esperava que, quando as outras lembranças lhe voltassem à mente, fossem tão doces quanto aquela.

Ainda assim, descobriu outra coisa da qual podia ter certeza.

Sentia-se tão à vontade no mar quanto em terra. Era um simples prazer — assim como relaxar — porém, importante, pois revelara que ela sabia lidar com lonas e cordas. Se estivesse sozinha no pequeno e gracioso barco de um mastro só, saberia como navegá-

lo. Estava certa de que teria a força, o controle e o conhecimento necessários.

Podia ouvir o ruído da água batendo contra o casco do barco que ganhava velocidade e sabia que aquele som lhe era familiar.

Não importava onde ou como.

Ela amava navegar. Todos com quem Reeve conversara haviam confirmado seu apreço pelo mar. A idéia de passar um dia navegando lhe viera à mente quando percebeu que a tensão, a frustração e o desânimo a oprimiam. Brie lhe dissera para não ser gentil, mas nem sempre era possível obedecer às ordens da princesa.

Seguindo seus instintos, deixara-a segurar o leme ao saírem das docas. Naquele momento, observava Brie girá-lo suavemente, desviando do vento. Ao mesmo tempo, ele puxou a escota da vela mestra para regular a orientação do barco e esticou as oscilantes lonas. À medida que o barco deslizava contra o vento, ganhava velocidade. Ouviu Brie rir, deleitada, quando as velas estufaram.

— Isso é maravilhoso! - exclamou ela. — Tão libertador! Tão natural!

O vento a divertia. A velocidade naquela jornada parecia imperativa. Deter o controle, após tanto tempo sob o comando de outros, era intoxicante. A mão pousava suave sobre o leme, ajustando-o, sempre que necessário, para manter a

velocidade máxima, como Reeve fizera.

Paredes, obrigações, responsabilidades haviam desaparecido.

Tudo que restava era a água e o vento. O tempo parecia ter perdido

a importância. Podia deixá-lo de lado, como talvez tivesse feito antes. Como sabia que o faria outras vezes. O sol se apresentava perfeito para um dia de folga. Radiante, pleno, brilhando dourado no céu e branco no mar. Amparando o leme com o joelho, Brie retirou a blusa de algodão larga pela cabeça. O sumário biquíni dava as costas à modéstia. Ela queria sentir o sol e o vento sobre a pele.

Navegava com destreza, evitando os demais barcos. Não sacrificaria a desejada privacidade. Por algumas horas se daria ao luxo de ser egoísta.

Não teria de ser a princesa, apenas a mulher, fustigada pelo vento e acariciada pelo sol. Soltando outra gargalhada, sacudiu a cabeça, balançando os cabelos e sentindo a brisa marinha serpear por entre eles.

— Estou certa de que fiz isso antes.

Reeve relaxou, deixando que o vento fizesse todo o trabalho.

— Este é o seu barco. - declarou ele em tom casual. — De acordo com seu pai, Bennett é mais veloz que qualquer outra pessoa, Alexander consegue superar os especialistas, mas você é a melhor navegadora da família.

Pensativa, Brie deslizou a mão ao longo do mogno brilhante da grade.

— Liberté. - brincou, pensando no nome gravado na popa. —

Ao que parece, assim como a pequena fazenda, eu o usava como válvula de escape.

Reeve volveu o olhar para fitá-la. Através dos óculos âmbar, ela parecia dourada e sensual. Primitiva, desejável, mais ainda assim, um tanto perdida. Não obstante suas inclinações, não adiantaria ser muito gentil.

— Eu diria que tem esse direito. Não acha?

Brie deixou escapar um som não muito claro e inseguro.

— Isso me faz imaginar se eu era feliz antes. Algumas vezes, descubro-me pensando se desejarei que as coisas permaneçam

como estão no momento, quando recuperar a memória. Tudo é novidade, entende?

— Um recomeço? - indagou Reeve, pensando na fazenda e em seu próprio recomeço. Porém, ele sabia onde havia chegado e onde começara.

— Não estou dizendo que não quero me lembrar. - ela observou Reeve retirar a camiseta pela cabeça e descartá-la para o lado.

Parecia tão espontâneo, pensou ela, tão à vontade consigo mesmo.

O calção era curto, mas Brie não sentiu nenhuma timidez. Estivera colada àquele corpo, relembrou. Reeve era esguio e forte. Pequenas gotículas de água brilhavam contra a pele máscula. Era um homem perigoso. Mas, afinal, não era o perigo que teria de encarar mais cedo ou mais tarde?

Sim, lembrava o abraço de Reeve. Teria de se sentir envergonhada por ansiar se ver outra vez segura dos braços daquele homem? Pois não se sentia daquela forma, concluiu, não importava se deveria ou não. Porém, era cautelosa.

— Sei tão pouco. - murmurou. — De mim mesma. De você.

Reeve retirou um cigarro do bolso da camiseta que havia jogado no banco. Flexionando as mãos em concha, acendeu o isqueiro com movimentos econômicos. Soltando a primeira baforada, volveu o olhar a Brie.

— O que quer saber?

Ela não respondeu de pronto. Em vez disso, estudou-o. Ali estava um homem que sabia tomar conta de si mesmo e dos outros, quando necessário. Que, estava certa, fazia suas próprias regras. E

ainda assim... A menos que estivesse muito enganada, era alguém que sempre vivera sob a ditadura das regras durante quase toda sua vida. O que estaria fazendo no presente?

— Meu pai confia em você.

Reeve anuiu, executando os ajustes quando o barco começou a guinar para barlavento.

— Não tem razão para não confiar.

— Ainda assim, é seu pai que ele conhece, não você.

Os lábios de Reeve se curvaram. Lá estava a arrogância outra vez, pensou ela, não importava o quão elegante e refinado fosse. E, infelizmente, aquele era um de seus maiores atrativos.

— Não confia em mim, Gabriella? - Reeve fez a voz soar deliberadamente baixa e desafiadora. Ele a estava provocando.

Ambos sabiam disso. Portanto, a resposta de Brie, embora tardia, o deixou sem palavras.

— Com minha própria vida. - afirmou ela em tom sincero. Em seguida, voltou o barco para o vento, permitindo que ele ganhasse mais velocidade.

O que ele poderia dizer? Não havia hipocrisia ou ironia em suas palavras. Fora exatamente aquilo que Brie quisera dizer, não só a frase como o conteúdo. Deveria se sentir lisonjeado. A confiança da princesa lhe facilitaria o trabalho. Então por que a sensação desconfortável que a resposta lhe causou?

Naquele instante, lembrou-se do que pensara quando voltou a encontrá-la na cama do hospital. Nada entre eles seria superficial.

Da mesma forma que tinha certeza de que nada entre eles poderia ser sério. O que o levava a concluir que se encontrava em um beco sem saída. Assim como Brie.

Ambos, cada um ao seu modo, estavam começando uma nova vida. Nenhum dos dois tinha razão para desejar que o outro a complicasse. Na verdade, prometera a si mesmo que simplificaria ao máximo a própria vida. E tão logo estava começando, viera o chamado de Cordina e tudo se complicou outra vez.

Poderia ter se negado a vir, lembrou Reeve, porém, não quisera.

Por quê? Por causa da Brie que conhecera aos 16 anos e desde então não lhe saíra da mente.

Desde que chegara a Cordina, envolvera-se cada vez mais. O

falso noivado havia colocado a mídia internacional no encalço de ambos. Um casamento real era sempre uma notícia rentável. Três das maiores revistas americanas haviam suplicado por entrevistas.

Os paparazzi se encontravam de plantão no palácio, ávidos à espera de que ele ou Brie saíssem.

Poderia ter recusado o pedido do príncipe Armand para simular um noivado com a filha. O fato de aquela ser uma solução lógica para um problema delicado não excluía o aborrecimento que vinha em seu bojo. Mas não quisera fazê-lo. Por quê? Por Brie, a mulher que passara a conhecer e que ameaçava não lhe sair da mente para o resto da vida. Conviver com ela e não possuí-la era como perfazer uma lenta e longa caminhada flutuando alguns centímetros acima de carvões era brasa. O vapor e o chiado estavam lá, tornando impossível refrescar-se ou fazer o movimento fatal de enterrar o pé no tição.

— Aquela pequena baía. - Brie acenou com um gesto de mão.

— Parece tranqüila.

Sem muito ruído, começaram a se dirigir ao pequeno abrigo.

Brie trabalhava em conjunto com o vento. Utilizando-o a seu favor e o reverenciando. Uma vez as cordas seguras, ela se sentou, observando a paisagem.

— Daqui, Cordina parece tão irreal. Tão rosada, branca e graciosa. É como se nada de mal pudesse acontecer lá.

Reeve seguiu o olhar da princesa.

— Os contos de fada são tradicionalmente violentos, não?

— Sim. - os lábios de Brie se curvaram de leve em um sorriso, enquanto erguia o olhar ao palácio. Como parecia arrojado e elegante, pensou. — Mas não importa

o quanto pareça com um conto de fadas, Cordina não é um. Sua mente americana prática e democrática acha-nos tolos com nossos castelos, pompas e protocolos?

Foi a vez de Reeve sorrir. Talvez Brie não se lembrasse de suas raízes, mas elas estavam lá, enterradas em seu íntimo.

— Considero-o um principado governado com inteligência.

Embora pequeno, Lebarre é um dos melhores portos do mundo.

Culturalmente, Cordina não perde para nenhum outro país. E quanto à economia, é saudável.

— É verdade. Eu também fiz meu trabalho de casa. Ainda assim... - ela umedeceu os lábios antes de se inclinar para trás e flexionou os joelhos, abraçando-os. — Sabe que as mulheres não tinham o direito de voto garantido em Cordina, até findar a Segunda Guerra? Concedido como um favor e não um direito. A vida em família ainda é típica do Mediterrâneo, com a subserviência da mulher ao marido.

— Na teoria ou na prática? - quis saber Reeve.

— Pelo que pude ver, na prática. Constitucionalmente, o título que meu pai detém só pode ser passado a um filho homem.

Reeve escutava, fitando a água da mesma forma que Brie.

— Isso a aborrece?

Ela lhe voltou um olhar inquisitivo.

— Sim, claro. Só porque não desejo governar não significa que a lei não esteja errada. Meu próprio pai já deu alguns passos, indicando mulheres para cargos importantes, mas a mudança é lenta.

— Invariavelmente.

— Você é prático e paciente por natureza. - e dando de ombros.

— Pois eu não. Quando a mudança é para melhor, não vejo razão em postergá-la.

— Não pode negligenciar o elemento humano.

— Especialmente quando algumas pessoas são tão arraigadas à tradição que não conseguem enxergar as vantagens do progresso.

— Loubet.

Brie lhe voltou um olhar apreciativo.

— Percebo por que meu pai gosta de sua companhia.

— O que sabe sobre Loubet?

— O que li. - Brie limitou-se a responder. — E escutei. A visão que tenho dele é a de um homem bastante conservador e limitado. -

ela se ergueu, espreguiçando-se de modo que o biquíni se colasse

ainda mais aos quadris curvilíneos. — É verdade que é um excelente ministro a seu modo, porém demasiado cauteloso. Li em meu diário a passagem em que ele me desencorajou a fazer um safári na África no ano passado. Na opinião dele, não era apropriado para uma mulher. Como não acha adequado que eu tenha reuniões com o Conselho Nacional sobre assuntos orçamentários. - informou ela, com evidente frustração. Brie estava aprendendo rápido, pensou Reeve.

— Se dependesse de homens como Loubet, as mulheres não faziam nada, além de cuidarem da casa e de seus bebês.

— Sempre fui da opinião de que essas tarefas devem ser divididas entre o casal.

Brie lhe voltou um sorriso divertido e relaxou.

— Mas você não me parece muito tradicionalista. Sua mãe era uma juíza itinerante. - o sorriso de Brie se alargou ante o olhar fixo de Reeve. — Também fiz meu trabalho de casa. - reafirmou ela. —

E você não foi um assunto que negligencieei. Graduiu-se na American University, summa cum laude. Nas atuais circunstâncias, achei interessante que tenha feito uma extensão em psicologia.

— Era uma ferramenta. - retrucou Reeve. — Útil para a carreira que havia escolhido.

— É verdade. Após dois anos e meio na polícia e três citações por bravura, se tornou um agente secreto. Os fatos não estão muito claros nesse ponto, mas rumores dão conta de que você pertencia à equipe responsável por estourar uma das maiores facções do crime organizado que operava dentro e ao redor do Distrito de Columbia.

Consta também que, a pedido de certo senador dos Estados Unidos, serviu em sua equipe de segurança. Com sua reputação, inteligência e ficha profissional, poderia facilmente ter chegado a capitão, apesar da pouca idade. Em vez disso, escolheu demitir-se da força policial.

— Para alguém que alega saber pouco sobre mim, você dispõe de bastante informação.

— Isso não me diz nada sobre você. - Brie caminhou a estibordo.

— Gostaria de dar um mergulho para me refrescar, me acompanha?

- antes que Reeve lhe voltasse resposta, pulou do barco, mergulhando na água.

Gabriella era incrivelmente provocante, concluiu Reeve. Porém, não sabia se aquela era uma atitude deliberada. Pensativo, Reeve se ergueu. Descobrir poderia ser um verdadeiro aprendizado. Tão suave quanto Brie, imergiu na água.

— Macia. - disse ela, enquanto deslizava pela água com os cabelos molhados e jogados para trás. As gotas de água, ao reflexo do sol pareciam cobre. Sem maquiagem e sob a luz intensa, a delicadeza da face feminina se mostrava ainda mais acentuada.

Possuía a estrutura óssea e complexão que os fotógrafos se esforçavam para eternizar. Como uma imagem, refletiu ele, enquanto boiava sobre a água fria, aquela mulher era perfeita e o intrigava como toda a miragem intriga os homens.

Era a mulher com a qual sempre sonhara, porém, tinha de decidir se poderia separar o sonho da realidade e ter o que desejava.

Trabalhara na aplicação da lei por muito tempo para não entender que todo o ato resultava em conseqüências. Havia um preço a pagar por tudo. E, naquele caso, era evidente qual seria o pagamento.

— Contaram-me que usa a piscina todos os dias. - comentou Brie, inclinando-se para molhar os cabelos outra vez. — É bom nadador?

Reeve bateu com o pé no fundo com força suficiente para dar impulso e se manter boiando.

— Sim.

— Talvez lhe faça companhia uma manhã dessas. Estou começando a dar conta do meu trabalho, de modo que posso dispor de uma ou duas horas por dia. Reeve... - Brie ergueu um punhado de água com as mãos em concha e despejou-a de volta ao mar. —

Sabe que o baile da OACD será daqui a algumas semanas, não?

— Seria surdo se não soubesse. O caos e as marteladas no salão de baile já

duram dias.

— Apenas alguns ajustes. - Brie apressou-se em explicar.

— Mencionei porque achei que deveria saber como meu... - o olhar da princesa se voltou, automático, ao anel que sustentava na mão direita. Mesmo com os olhos fixos nela, Reeve não conseguia lhe interpretar a expressão facial. — Como meu noivo... - continuou ela —... É esperado que abra o baile comigo e, no sentido real da palavra, ser o anfitrião.

Ele observou os cabelos loiros flutuarem e se espalharem na superfície da água.

— E?

— Até lá, podemos evitar ao máximo compromissos sociais. O

seqüestro, embora o estejamos mantendo em sigilo, é uma excelente desculpa para nos mantermos discretos, assim como o próprio noivado. No entanto, o baile será um evento bastante expressivo com toda a imprensa presente e muitos convidados.

Pergunto-me se meu pai levou em consideração a pressão social a qual será submetido quando lhe pediu para assumir esse papel.

Reeve afundou um pouco na água, movendo-se em direção a ela, mas não o suficiente para tocá-la.

— Acha que não serei capaz de lidar com isso?

Brie piscou várias vezes e em seguida o fitou, sorridente.

— Não tenho dúvidas de que conseguirá se adaptar a situação muito bem. Afinal, Alexander admira sua inteligência e Bennett, suas roupas. Não poderia escolher melhor aval.

Aquilo o agradou.

— E?

— É que quanto mais essa situação se perpetua, mais favores lhe devo. Mesmo

depois que o noivado for desfeito, terá de lidar com as repercussões, talvez por anos.

Reeve voltou a boiar e fechou os olhos.

— Não se preocupe com isso, pois eu não estou preocupado.

— Talvez seja por isso que eu esteja. - insistiu ela. — Afinal, sou a causadora disso tudo.

— Não. - contestou ele em tom suave. — Seus raptos são os culpados.

Brie se deteve silente por alguns instantes. Enfim, ele lhe dera a abertura que estivera esperando, embora não estivesse certa se queria aproveitá-la.

— Não perguntarei se era um bom policial ou detetive particular. Sua ficha fala por si. Mas é feliz no que faz?

Dessa vez foi Reeve a silenciar. Fechou os olhos, sentindo o sol lhe fustigar a face, enquanto a água fria lhe envolvia o corpo.

Ainda se sentia como que flutuando a centímetros de carvões incandescentes.

Nunca lhe haviam feito aquela pergunta. Na verdade, apenas recentemente havia se questionado sobre o assunto. E a resposta fora sim e não.

— Sim. Tenho certo prazer em meu trabalho. Acreditava no que fazia quando trabalhava na polícia. Atualmente só aceito um caso se acreditar nele.

— Então por que não está investigando o seqüestro, em vez de estar fazendo minha segurança?

Reeve se movimentou até que a água cobrisse seus ombros.

Imaginara quando ela lhe faria aquela pergunta.

— Sou um investigador particular, não mais um policial. De qualquer forma, não teria jurisdição aqui.

— Não estou me referindo a leis, mas a inclinações.

— Uma das coisas mais admiráveis e importunas em você é sua percepção. - afirmou Reeve, imaginando como seria sentir os cabelos úmidos do mar em suas mãos naquele momento. Imaginou como Brie reagiria se soubesse que ele andara fazendo uma discreta sondagem por baixo dos panos e chegado a algumas conclusões sem envolvê-la. No xadrez, até mesmo a rainha podia ser usada como peão. — Sim, pensei sobre isso. - respondeu em um tom tão

tranquilo quanto a ondulação do mar. — Mas até que seu pai me peça para fazê-lo, sou oficialmente um segurança. Apenas isso.

Brie sentiu um leve repuxo, onde os dedos longos lhe tocaram os cabelos. As pernas de ambos roçaram de leve sob a água.

— E se ele pedisse? Consideraria a possibilidade?

Reeve manteve a mão nos cabelos macios, porém as perguntas da princesa o distraíram.

— O que quer, Brie?

— Ajuda. Meu pai ou Loubet não me colocam a par do resultado das investigações. Estou sendo protegida. Ambos querem me manter em uma redoma e isso não me agrada.

— Então deseja que eu investigue e lhe passe as informações.

— Pensei em fazer isso sozinha, mas você tem mais experiência e... - ela lhe voltou um sorriso. — Não posso agir sem que você esteja presente, de qualquer forma.

— Descobriu outra utilidade para mim, Vossa Alteza?

Com uma das sobrancelhas erguida, Brie conseguiu lhe lançar um olhar cheio de dignidade, mesmo ensopada.

— Não quis insultá-lo.

— Provavelmente não. - concordou ele, retirando a mão dos cabelos macios. Talvez tivesse chegado a hora de usá-la e ser usado por ela de maneira mais produtiva. — Pensarei sobre o assunto.

Ela decidiu que seria mais estratégico recuar do que avançar.

— Ficarei feliz com isso. - com três graciosas passadas, a princesa atingiu o barco e pulou sobre a grade. — Podemos experimentar um pouco do vinho e do frango que minha babá nos preparou?

Com movimentos ágeis, Reeve subiu ao deque e estacou, esperando que a água escorresse de seu corpo.

— A babá sempre cuida de sua alimentação?

— Ela gosta de fazê-lo. Considera-nos crianças ainda.

— Está bem. Não desperdicemos a comida.

— Ah, prático como sempre. - Brie pegou uma toalha e a esfregou de leve nos cabelos antes de jogá-la para o lado. — Bem, venha para a cabine me ajudar. Ouvi dizer que temos torta de maçã também. - com a água ainda escorrendo pelo corpo, ela desceu os pequenos degraus que levavam à estreita cabine. — Parece muito à vontade em um barco. - comentou quando Reeve se juntou a ela.

— Costumava velejar muito com meu pai.

— Costumava? - indagou ela, retirando a garrafa de vinho do frigobar e anuindo em aprovação ao ler o rótulo.

— Não houve muito tempo para isso nos últimos anos.

— Mas são unidos, não?

Após uma rápida busca, Reeve encontrou um saca-rolhas e tomou a garrafa das mãos da princesa.

— Sim, somos.

— Ele é como meu pai, quero dizer... - Brie ouviu o estouro suave da rolha de cortiça e começou a procurar as taças. — É muito digno e brilhante?

— É essa a opinião que tem sobre seu pai?

— Acho que sim. - Brie franziu o cenho enquanto ele servia o vinho. — E

meigo, sim, mas controlado. - estava ciente do amor do pai, mas o país e as obrigações vinham primeiro. — Acho que os homens devem ser assim. Você o é.

Reeve exibiu um sorriso, enquanto tocava a taça na dela.

— Digno, brilhante ou meigo?

— Controlado. - disparou a princesa, lançando-lhe um olhar sereno, enquanto sorvia um gole da bebida. — Faz-me imaginar o que pensa quando está olhando para mim.

— Acho que sabe.

— Não exatamente. - Brie sorveu outro gole do vinho, esperando que ele não percebesse que tentava tomar coragem. —

Sei que quer fazer amor comigo.

O sol incidia sobre a porta aberta da cabine, emoldurando-a.

— Sim.

— Pergunto-me por quê. - Reeve baixou a taça da princesa, mas a manteve segura em ambas as mãos. — Tem o mesmo desejo com todas as mulheres que conhece?

Em outras circunstâncias, teria achado que Brie o estava provocando, mas a pergunta soava sincera.

— Não. - retrucou ele com a mesma sinceridade.

Brie conseguiu esboçar um sorriso, embora todas as suas terminações nervosas estivessem tensionadas. Seria assim que se jogava? E aquele era o jogo que desejava por em prática?

— Apenas algumas, então?

— Só se atenderem certos requisitos.

— Que são?

Reeve tocou-lhe a face com a mão em concha.

— Se fizerem com que meu primeiro pensamento pela manhã seja delas, antes mesmo de saber em que dia estou.

— Entendo. - Brie moveu a taça entre os dedos. Estavam úmidos pelo nervosismo, porém firmes. — Pensa em mim antes de qualquer coisa pela manhã?

— Está procurando lisonjas, Gabriella?

— Não.

Reeve inclinou a cabeça para o lado. Ela não tencionou nem fez menção de se mover, mas ainda assim ele percebeu que a princesa estava nervosa e em expectativa.

— Então, o que é?

— Procuo entender. Como desconheço a mim e meu passado, quero ter certeza se estou de fato atraída por você ou se quero apenas a companhia de um homem.

Aquilo foi bastante insensível, refletiu Reeve. Não muito lisonjeiro, porém áspero. Mas afinal ele merecera. Quando lhe retirou a taça da mão, percebeu que os dedos da princesa estavam tensos e aquilo lhe deu certa satisfação.

— E está atraída por mim?

— Está procurando lisonjas?

Uma expressão bem-humorada se estampou na face feminina e Reeve a viu sorrir.

— Não. - de forma suave e leve, ele roçou os lábios nos dela, enquanto permaneciam com os olhos fitos um no outro. — Ao que parece procuramos a mesma coisa.

— Talvez... - ela hesitou por alguns instantes, antes de levar as mãos aos ombros largos —... Seja hora de descobrirmos se encontramos.

Aquela era a forma como Reeve desejara que acontecesse —

longe do palácio e de paredes. Havia apenas o fustigar macio e ritmado da água contra o barco. A cabine era exígua e baixa.

Estavam a sós, acompanhados apenas das sombras produzidas pela luz do sol.

Fora daquela forma que desejara, mas ainda assim, ele se descobriu hesitante. A princesa parecia tão delicada contra a luz indireta. Concordara em protegê-la. Que tipo de objetividade lhe restaria quando se tomassem amantes? Brie se ergueu na ponta dos pés para lhe roçar os lábios mais uma vez. Ele sentiu o prazer, a doçura e o desejo o invadirem e lhe impregnarem o íntimo.

Que tipo de objetividade possuía naquele momento? Não mentira quando lhe disse que ela era seu primeiro pensamento do dia.

— Está inseguro. - murmurou Brie, roçando a face à dele. O

excitamento crescia dentro dela, mais veloz e espontâneo do que previra. Reeve tinha dúvidas, percebeu a princesa. Porém, aquilo lhe trazia certo alívio ao mesmo tempo em que a excitava. Se sentiria incomodada se Reeve se mostrasse seguro e fosse ela a temer. —

Apareci em sua vida sem um passado. Por hora esqueçamos que ambos temos um futuro. Apenas por hoje, Reeve. Por uma hora ou um momento.

Seria capaz de dar o que a princesa estava pedindo. E assim o faria. Aceitaria apenas aquilo. Quando os lábios de ambos voltaram a se tocar, não havia suavidade ou brevidade. Se duraria

apenas um momento, teria de ser intenso. Ambos conduziam e instigavam. A paixão se ergueu, conteve-se e, por fim, se libertou.

Seria apenas aquele momento. Ambos concordaram, decidiram e esqueceram.

Os corpos se encontravam pressionados, carne contra carne.

Os lábios se provavam, famintos. Reeve sentiu as mãos delicadas lhe percorrerem as costas, pequenas e macias com as unhas ovais bem tratadas outra vez. No começo apenas o acariciavam e, em seguida, cravavam-se e o

apertavam. Sentia a força que dela transbordava, fazendo-o esquecer a delicadeza. O desejo que emanava de Brie fazia-o abrir mão da lógica, planos e decisões. A ânsia não possuía lógica. Tampouco a paixão fazia planos. A maresia era lenitiva, o perfume feminino, inebriante. Mergulhando em ambas as fragrâncias, Reeve a arrastou consigo até o pequeno e bem-asseado beliche.

Brie sentiu as pequenas rugas da trama do tecido da coberta comprimidas contra suas costas. Ele lhe dissera que não haveria rosas ou lençóis de cetim. Tampouco os desejava. Ilusões não eram importantes. A realidade era tudo que procurava. E com Reeve a encontraria.

Com as pernas entrelaçadas, os braços envolvendo um ao outro, ambos se conduziam. Algumas jornadas eram urgentes, im-petuosas e incontroláveis. Brie não mais se questionava se um dia havia se sentido daquela forma. Naquele momento, era tudo que possuía. Descerrando as pálpebras, ergueu o olhar a Reeve. A face masculina estava próxima, porém, enevoadada e lhe preenchia o campo visual. Naquele momento era tudo que desejava.

Brie o puxou para si, trazendo os lábios quentes de volta aos seus.

Ela era doce como apenas as pétalas das rosas que amadure-ciam sob a luz do sol. Possuía a pujança do vinho fermentado sob o fogo. E era intoxicante como um champanhe recém-aberto. Quanto

mais a saboreava, mais compreendia o significado da voracidade. E

quando a tocava, entendia a obsessão.

Brie era como uma estátua, impecavelmente entalhada e polida, porém de carne e osso. Sob suas mãos, movia-se e pulsava. E como estátua devia ser admirada, reverenciada e estudada. Podia fazer tudo aquilo, enquanto a explorava com o olhar e a estimulava com as mãos. Porém, era a mulher que desejava. E aquela, percebeu Reeve, revelava-se ainda menos paciente do que ele.

Com um gemido de prazer, ela rolou no colchão, tornando-o cativo sob o corpo de curvas graciosas, enquanto o tocava sem pudores. Pulsando dentro dela, havia um desejo tão primitivo que não possuía forma ou origem. Talvez por aquele motivo não conseguisse lutar contra ele. Ela não tinha origens.

Ansiava por mergulhar no sabor rico e profundo daquele homem.

E assim o fez. Desejava observar a própria mão, pálida e delgada contra a pele bronzeada e não demorou a fazê-lo. As sensações que aqueles atos lhe provocavam era algo que jamais seria capaz de descrever de forma fria e clara, mas que sabia reconhecer como felicidade.

Quando percebeu a parte superior do biquíni se afrouxar, esqueceu o constrangimento e se concentrou apenas no prazer.

"Toque-me", murmurou a mente de Brie instantes antes de ser obedecida.

Perdidos um no outro, ambos se contorciam no beliche, exigindo da mesma forma que doavam, oferecendo tão rápido quanto tomavam. À medida que os lábios experientes seguiam a trilha deixada pelas mãos ágeis, ela arqueou o corpo, gritando o próprio êxtase. Se existisse mais do que Reeve lhe proporcionava, queria desfrutá-lo, mas se aquilo fosse tudo, não precisava de mais nada.

Teria ela ciência de que seu corpo era tão sensível? E Reeve saberia? Era incrível como aquele homem parecia saber os pontos exatos onde ela ansiava ser tocada, onde desejava que os lábios

quentes e provocadores se detivessem. Ela lhe dispensaria o mesmo tratamento.

Arrojada e confiante, a princesa lhe arrancou o calção curto até que nada se interpusesse entre ambos. Uma onda de excitação a invadiu ao ouvi-lo gemer e estremecer, ao perceber os últimos resquícios de civilidade abandoná-lo.

Reeve havia feito amor antes. Podia se lembrar o que era sentir o corpo de uma mulher e como era enterrar-se nele. Então por que não conseguia se recordar de nada parecido com aquilo? Se antes tivesse sido invadido por um desejo tão premente, não se lembrava.

Aquela mulher o estava preenchendo, sobrepujando-o. De repente, tudo em volta desapareceu — o fustigar do mar, o sol penetrando através da porta e o discreto movimento do barco. Tudo se resumia a Gabriella, forte, úmida e sedutora. Apenas aquela mulher e um desejo repleto de emoção contra o qual não conseguia lutar. Afinal, não podia combater algo que não conseguia entender. Em vez disso, entregou-se ao sentimento e a ela.

Brie arqueou o corpo, com os dedos enterrados nas costas largas como esporas.

Ele a ouviu ofegar e tencionar para, em seguida, seguir na cadência, acelerando com ele. Nenhum dos dois se importava com quem determinava o ritmo. Talvez tivessem se passado apenas alguns momentos. Pareciam instantes. Ambos se encontravam entrelaçados. Pele úmida contra pele úmida, coração disparado contra coração disparado. Brie não estava relaxada, porém maravilhada.

Talvez, pensou a princesa enquanto escutava a respiração instável de Reeve contra sua orelha, nunca mais conseguisse relaxar. E jamais voltasse a ser a mesma.

Volveu o olhar ao sol que invadia a cabine. Era o mesmo sol.

Ouviu e sentiu os movimentos do mar. O mesmo mar. Porém, não a mesma Gabriella. Nunca mais seria a mesma daquele momento em diante. A inocência se fora. Só então ficara sabendo que a possuía para perdê-la. E só naquele momento, percebeu, desejara perdê-la.

— Então nunca houve ninguém. - murmurou Brie, dando voz ao pensamento.

Reeve sentiu algo se contorcer dentro dele. Imóvel, fechou os olhos até a sensação passar. Quando ergueu a cabeça, percebeu que os olhos topázio estavam pesados, porém a pele alva ainda refletia o brilho que denunciava os resquícios da paixão recente. E

constatou, quando baixou o olhar para encará-la, que havia perdido bem mais do que a objetividade.

O coração, do qual sempre acreditara ter total controle, pertencia a ela. Naquele momento, Brie tinha o poder de parti-lo ao meio com uma palavra descuidada. Portanto, foi ele a lançar mão do descuido.

— Não, não houve ninguém. Deseja um pedido de desculpas?

Brie não estava certa de como deveria responder ou reagir. O

homem se sentiria responsável quando roubava a inocência de uma mulher? Como poderia saber? Talvez não responsável, pensou, mas pouco à vontade. Não poderia se dar ao luxo de transparecer o quanto aquele pensamento a magoava. Em vez disso, manteve o olhar calmo e a voz suave.

— Não quero um pedido de desculpas. E você?

Nem o tom, nem a expressão de Reeve se alterou. Não conseguia depreender nada de ambos.

— Por que deveria?

— Eu tomei a iniciativa, Reeve. Estou ciente disso. - Brie fez menção de se erguer, mas ele a deteve.

— Arrependida?

— Não. E você?

Aquela era a primeira vez que ela se deitava com um homem, pensou Reeve, e tudo o que ele conseguia fazer era começar uma discussão tola em defesa própria. Brie merecia um pouco de ternura, carinho e sinceridade. Pensando assim, deslizou apenas um dedo pela face delicada.

— Como poderia me arrepender por ter sido presenteado com algo tão belo? - e então lhe tomou os lábios suave e demoradamente. — Como posso lamentar fazer amor com você quando estou pensando em fazê-lo outra vez?

Reeve observou os lábios da princesa se curvarem, antes de se mover para aninhá-la contra o próprio corpo. Quando retornaram a Cordina, Reeve sabia que teria de voltar a pensar e planejar. Se quisesse ajudá-la... Mas não no momento. Ainda não.

Feliz e achando que enfim poderia relaxar, Brie levou a mão ao coração. O gesto colocou o anel de noivado diretamente em sua linha de visão. A luz sombreada, não parecia tão ofuscante e exigente. Era como se pertencesse ao lugar que estava. Mas aquilo não era real, alertou a si mesma de imediato. Não passava de uma farsa em um jogo complicado. Não era real. Fechou os olhos, recostando o corpo ao de Reeve.

Não, o anel não era real, mas aquilo era, pensou enquanto se permitia devanear. Era real — enquanto durasse.

Capítulo VIII

Nada parecia fácil, pensou Brie, enquanto caminhava pelo corredor amplo, ladeado de janelas em direção ao salão de baile principal. As paredes estavam repletas de pinturas que emocionariam qualquer artista que possuísse alma. A mobília secular, impecavelmente polida.

Porém, Brie não prestava atenção a nada. A vida se tornava mais complicada a cada dia. Reeve não lhe havia dito que a vida

nunca era simples? De nada adiantara desejar que ele estivesse errado.

Uma semana antes, deitara ao lado dele no estreito beliche, quase adormecida até voltarem a fazer amor outra vez. Aquilo não os teria tomado amantes? Indagou a si mesma, estacando em uma das janelas. E amantes não deviam se sentir à vontade um com o outro? Continuarem se desejando? Ainda assim, uma semana se passara

e

durante

aquele

período,

Reeve

mostrara-se

reservadamente polido e atencioso de maneira cortês. Fora até mesmo gentil ao seu modo. Porém, desviava-se do caminho para evitar tocá-la.

Pousando uma das mãos sobre o peitoril, Brie olhou para baixo.

Estava acontecendo a troca da guarda. Enquanto observava o procedimento calmo e até mesmo charmoso, imaginou se Reeve achava que era hora de trocar a guarda da princesa também. O que faria se ele partisse?

Sempre soubera que teria de lidar com as fofocas quando tudo terminasse. O noivado ainda era o assunto principal na mídia, não só em Cordina e na Europa como também nos Estados Unidos. Era impossível folhear uma revista sem se

ver refletida nela.

Aquilo nada significava, disse Brie a si mesma dando de ombros. Fofocas surgiam e desapareciam. Num gesto inconsciente, girou o anel de brilhantes no dedo. Sim, fofocas não eram importantes. Mas talvez Reeve fosse muito importante.

Se compreendesse melhor sua vida ou a si mesma, saberia lidar com o que estava acontecendo? Ou era aquela sua realidade? Não, decididamente a vida não era simples.

Apaixonar-se devia ser complicado o suficiente com a vida normal, mas com tantas páginas em branco e responsabilidades a aprender, era ainda mais assustador.

Reeve voltaria para sua fazenda, país e vida, lembrou. Ela, a família e algumas pessoas de confiança estavam cientes daquilo.

Mesmo que Reeve pedisse para que ela o acompanhasse, seria

capaz de fazê-lo? Ele não pediria, garantiu em seu íntimo, tentando aceitar o fato. Afinal, era apenas mais uma amante na vida dele, mais uma mulher, mais um acontecimento. O fato de terem feito amor não significara para Reeve o mesmo que para ela, já que nunca havia se entregado a outro homem.

Responsabilidades. Fechou os olhos por alguns instantes, enquanto forçava a palavra a entrar na mente. Tinha de pensar nelas e parar de sonhar. Não haveria casamento pomposo, vestido de noiva ou véu e grinalda que todos os estilistas do mundo esperavam ter a oportunidade de confeccionar. Não existiria bolo de casamento ou cruzamento de espadas. Em vez disso, haveria um fim e um polido adeus. Não tinha direito de desejar o contrário, porém, não conseguia evitar fazê-lo.

Quando se voltou, uma figura atravessando o amplo corredor fez Brie sobressaltar-se.

— Alexander! - a princesa deixou cair a mão que havia levado ao coração. — Você me assustou.

— Não tinha intenção de incomodá-la. Parecia tão... - infeliz foi a palavra que

lhe veio à mente. Perdida. — Pensativa. - optou por fim.

— Estava observando a Guarda Real. - o sorriso que Brie lhe voltou era polido, como o que dirigia a todos à sua volta, com exceção de Reeve. Porém, ao contrário do irmão, ela sequer percebeu. — Parecem tão elegantes e belos em seus uniformes.

Estava a caminho do salão de baile para me certificar de que estava tudo em ordem. É incrível como faltam tão poucos dias para o evento e tanto a fazer. Quase todos confirmaram a presença e...

— Não há necessidade de adotar esse tom formal comigo.

Ela entreabriu os lábios para falar e voltou a fechá-los. A observação do irmão fora perfeita, não podia negar.

— Desculpe-me, é que tudo ainda parece tão estranho.

— Gostaria que não utilizasse essa tonalidade ensaiada com as pessoas de sua família. - Alexander parecia irritado. — Não parece achá-la necessária com Reeve.

— Já me desculpei. - retrucou Brie em tom frio. — E não pretendo fazê-lo de novo.

— Não desejei nem sequer o primeiro pedido de desculpa. -

replicou o irmão, caminhando em direção a ela com os passos firmes de um homem que tinha de saber o caminho a seguir. Um dia governaria. Seu destino estava traçado. Embora mais alto, ambos se fitavam no mesmo nível naquele momento. — Quero que dispense à sua família a mesma consideração que devota a um estranho.

Brie estava cansada de se sentir culpada. Sendo assim, o tom de voz desafiador não demonstrava nenhum arrependimento.

— Trata-se de um conselho ou uma ordem?

— Nunca ninguém foi capaz de lhe dar ordens. - disparou Alexander, dando vazão à tempera que controlava há semanas. —

Tampouco conselhos. Se você tivesse um comportamento confiável, não precisaríamos da colaboração de terceiros.

— Acho que não há necessidade de invocar o nome de Reeve nesta conversa.

— Não? - Alexander lhe segurou o braço em um gesto costumeiro. — O que está acontecendo entre vocês?

O olhar de Brie adotou a mesma tonalidade fria da voz.

— Não é da sua conta.

— Droga, Brie! Sou seu irmão.

— Assim me disseram. - retrucou ela, esquecendo no afã da ira qualquer mágoa que pudesse causar. — É meu irmão mais novo por alguns anos. Não acho necessário dar satisfações da minha vida particular a você ou a qualquer outra pessoa.

— Posso ser mais novo... - sibilou Alexander entre dentes —, mas sou um homem e sei o que vai à mente de outro homem quando

olha para uma mulher da forma que o americano faz toda vez que a vê.

— Pare de se referir a ele como "o americano", como se Reeve pertencesse a uma casta inferior. E... - apressou-se em acrescentar antes que o irmão lhe voltasse resposta —... Se eu não gostasse da forma como Reeve me olha, poria um fim nisso. Sou capaz de tomar conta de mim mesma.

— Se fosse, nenhum de nós passaria por aquela agonia algumas semanas atrás. - o irmão percebeu-a empalidecer, mas a ira o instou a ir mais longe. — Foi seqüestrada, mantida refém e hospitalizada. Durante dias esperamos, rezando, impotentes. Não lhe ocorreu que todos nós passamos por um pesadelo? Talvez não se recorde de nós agora, mas isso não muda o nosso sentimento.

— Acha que gosto disso? - lágrimas lhe encheram os olhos, inesperadamente. Se tivessem dado algum sinal, Brie as teria contido. — Tem noção de como estou me esforçando para voltar a lembrar? E tudo que faz é acossar-me em um canto, criticar-me e me insultar.

A ira cedeu ao sentimento de culpa de imediato. Alexander havia esquecido como a irmã parecia perdida quando a avistou junto à janela.

— Foi o que sempre fiz. - afirmou ele em tom suave. —

Costumava dizer que eu praticava como comandar Cordina governando sua vida e a de Bennett. Desculpe-me, Brie. Eu a amo. Não posso deixar de amá-la só por que não está pronta para isso.

— Oh, Alex! - a princesa atirou-se nos braços do irmão pela primeira vez. Não era fácil esperar até que a memória voltasse e por certo não o seria também para um homem como Alexander. —

Sempre discutimos assim?

— Sempre. - Alexander a apertou contra o peito por um instante e em seguida, depositou-lhe um beijo na testa. — Papai costuma dizer que ambos pensamos saber tudo.

— Bem, pelo menos não posso mais alegar isso. - e com um suspiro resignado, afastou-se alguns centímetros. — Por favor, não fique ressentido com Reeve. Não posso dizer que não fiquei no início, mas o fato é que ele está se sacrificando ao permanecer aqui, passando por tudo isso, quando desejava estar em seu país.

— É difícil. - Alex enfiou as mãos nos bolsos da calça e volveu o olhar à janela. — Sei que Reeve não tem obrigação alguma de estar aqui e está nos fazendo um favor. Na verdade, gosto dele.

Brie exibiu um sorriso luminoso, recordando que Bennett usara a mesma frase.

— Foi isso que pensei.

— É que acho que assuntos como esse não devem ultrapassar o âmbito familiar. Loubet já uma exceção bastante penosa, porém inevitável.

— Ficaria triste se lhe dissesse que prefiro Reeve envolvido nisso a Loubet?

Pela primeira vez, Brie testemunhou um sorriso do irmão.

Rápido e afetuoso.

— Pensaria que teria perdido o juízo se dissesse o contrário.

— Vossa Alteza.

Os irmãos se voltaram ao mesmo tempo. Janet Smithers executou uma discreta reverência.

— Desculpe-me, príncipe Alexander, princesa Gabriella.

A jovem encontrava-se, como sempre, impecavelmente trajada. Os cabelos negros atados em um coque e a face estreita tocada apenas por uma camada discreta de maquiagem. A dicção, suave e clara, era perfeita. O terninho era clássico e elegantemente talhado. E, aos olhos de Brie, entediante. Janet Smithers era eficiente, inteligente, rápida e calma. Se estivesse em um aposento com mais de quatro pessoas, ninguém a notaria. Talvez por aquela única razão, Brie sentia-se impelida a ser afável com ela.

— Minha presença está sendo requisitada, Janet?

— Recebeu um telefonema, Vossa Alteza. Da Srta. Christina Hamilton.

— Srta... - Brie pensou por alguns instantes, lutando para associar o nome a algum detalhe.

— Fez faculdade com ela. - Alexander foi em auxílio de Brie, pousando uma das mãos no ombro da irmã de maneira gentil. Era estranho ter de lembrá-la da melhor amiga. — É uma americana, filha de um construtor.

— Sim, visitei-a em Houston. A imprensa considera certa a presença dela na festa de casamento, se não for madrinha. - Brie recordou a matéria que lera no jornal.

Era uma mulher alta, belíssima com cabelos longos e pretos e um sorriso travesso.

— Disse-me que ela telefonou. Por acaso deixou algum recado?

— Pediu que a localizasse, Vossa Alteza. - a expressão de Janet não revelava

nada de sua opinião sobre aquele recado.

— Devo lhe dizer que ela voltará a telefonar precisamente às 11

h.

— Entendo. - pensativa, Brie consultou o relógio de pulso. Aquilo lhe dava 15 minutos. — Bem, é melhor descer para meu quarto.

Janet, se não for incômodo, poderia verificar o salão de baile para mim e anotar todos os detalhes que estão faltando?

— Claro, Vossa Alteza. - e executando a mesma reverência automática, se afastou pelo corredor.

— Que mulher extraordinariamente interessante! - comentou Alexander quando a secretária não mais podia escutá-los.

— Alex. - repreendeu-o a irmã em um gesto automático, mesmo concordando com ele.

— Sei que as credenciais de Janet são impecáveis e sua eficiência inquestionável, mas, Deus!, deve ser tedioso ter de lidar com ela todas as manhãs.

Brie deu de ombros.

— Não é um grande estímulo, mas devo ter tido alguma razão para contratá-la.

— Disse que queria uma mulher solteira e à qual não se apegaria. Quando Alice, a predecessora de Janet, partiu, lastimou por muito tempo.

— Foi uma escolha bastante inteligente, então. - quando o irmão lhe voltou mais um de seus breves sorrisos, Brie deu de ombros outra vez. — É melhor eu descer antes que minha amiga telefone. -

não revelou que desejava rever as anotações que fizera e refrescar a memória sobre Christina Hamilton. Porém, antes de partir, estendeu a mão para Alexander.

— Amigos?

O irmão a tomou, porém fingiu fazer uma reverência sobre ela.

— Sim, mas continuo de olho no americano.

— Como quiser. - concordou Brie em tom casual e girou nos calcanhares, descendo o corredor. O príncipe a observou até que virasse em direção à escada. Talvez fosse melhor ter uma conversa com Reeve MacGee.

Uma vez em sua sala de estar, Brie acomodou-se no sofá de dois lugares, segurando as anotações que detalhara como Reeve e Janet a aconselharam a fazer. Eram relacionadas em ordem alfabética, claras e precisas. E não podiam deixar de sê-lo. As palavras estampadas no papel eram sua única referência às pessoas que um dia privaram de sua intimidade. Se a amnésia tinha de ser mantida como um segredo bem guardado, não poderia cometer erros.

Christina Hamilton, repetiu para si mesma, quando encontrou as duas páginas que continham informações sobre a mulher que um dia fora sua amiga. Haviam convivido durante quatro anos na Sorbonne em Paris. Quando Brie fechou os olhos, pensou estar vendo aquela cidade — a chuva lavando as mãos, o tráfego confuso, os graciosos prédios antigos, as pequenas lojas empoeiradas e os

jardins que poderiam encher um coração de alegria com suas cores.

Mas não conseguia lembrar-se de Christina Hamilton.

Chris, corrigiu-se Brie, percebendo o apelido anotado. A amiga estudara arte e atualmente possuía uma galeria em Houston. Tinha uma irmã mais nova, Eve, a quem Chris alternava elogios e críticas contundentes. Houve romances em sua vida. Brie arqueou as sobrancelhas quando leu os nomes dos homens com quem ela estivera envolvida. Mas nunca tão seriamente comprometida a ponto de se casar. Aos 25 anos, continuava solteira. Bem sucedida, era uma artista independente e mulher de negócios. Brie não pôde evitar uma pontada de inveja que veio e partiu com tanta rapidez que quase lhe passou despercebida.

Interessante, refletiu a princesa. Teria havido algum tipo de rivalidade ente elas? Podia estar de posse dos fatos, datas e informações, mas ninguém seria capaz de listar sentimentos para ela.

Quando a linha privada de Brie tocou, ela tomou as notas em uma das mãos e estendeu a outra para o telefone.

— Alô?

— O mínimo que pode fazer quando uma velha amiga lhe telefona do outro lado do Atlântico é estar disponível.

Brie de pronto simpatizou com a voz. Era calorosa e um tanto preguiçosa. Dessa vez, a pontada foi de arrependimento por não ser capaz de reconhecer as próprias emoções.

— Chris... - a princesa hesitou e em seguida, seguiu o instinto.

— Não sabe que a realeza é um bocado ocupada? - a risada do outro lado da linha a recompensou, mas Brie não relaxou.

— Sabe muito bem que, quando a coroa lhe pesar demais na cabeça, pode tirar uma folga em Houston. Deus sabe como preciso de mãos extras na galeria. Como vai você?

— Eu... - estranhamente, Brie se surpreendeu desejando contar tudo à amiga. Havia algo reconfortante na voz sem face, porém, não podia faltar com suas obrigações. — Estou bem.

— É Chris, lembra? Oh, Deus, Brie, quando li sobre o seqüestro quase... - a amiga se calou e ela quase pôde ouvir o xingamento do outro lado da linha. — Falei com seu pai. Gostaria de ter estado aí, porém, ele me disse que não sabia se isso seria o melhor para você.

— Provavelmente não. Precisei de um tempo, mas fico feliz por seu interesse.

— Não lhe farei perguntas sobre isso, querida. Acho que o melhor que tem a fazer é esquecer esse episódio por completo.

Brie não pôde conter o riso.

— Acho que é exatamente isso que estou fazendo.

Chris aguardou um momento, não parecendo satisfeita com a reação da princesa.

Por fim, resolveu não comentar.

— Pode me dizer que está acontecendo aí em Camelot?

— Acontecendo?

— O secreto e arrasador romance que está para se transformar em noivado. Sei que sempre foi discreta, mas não consigo acreditar que nunca comentou nada comigo sobre Reeve MacGee.

— Bem, acho que não saberia o que dizer. - e aquela era a pura verdade, pensou Brie, amarga. — Tudo está acontecendo tão rápido.

Não havíamos pensado sobre noivado até Reeve chegar aqui no mês passado.

— O que seu pai acha disso?

Brie sorriu, agradecida por não ter de expor a própria expressão.

— Pode-se dizer que praticamente providenciou o noivado sozinho.

— Não posso dizer que desaprovo. Um ex-policial americano...

Nunca disse que se casaria com alguém muito adequado.

O sorriso da princesa se alargou.

— Acho que eu estava falando sério.

— Na verdade, estava começando a pensar que nunca tomaria a iniciativa. Sempre se mostrou esperta em relação aos homens.

Lembra aquele modelo na classe do professor Debare?

— Modelo? - arriscou Brie para ser recompensada com mais uma gargalhada.

— Claro. Bastou olhar para o magnífico espécime masculino e rotulá-lo de oportunista. Todas nós babando nos músculos peitorais e ele se apoderando dos cinquenta mil francos de Sylvia.

— Pobre Sylvia! - murmurou Brie, perdida.

— Ah, bem, ela podia se dar ao luxo de perder aquele dinheiro.

Bem, sei que está muito ocupada. Só liguei para convidar a mim e a Eve para passarmos alguns dias aí.

— Sabe que sempre é bem-vinda. - afirmou Brie de imediato, enquanto a mente trabalhava rapidamente. — Virá para o baile. Não pode ficar um pouco mais?

— Esse é o objetivo. Espero que não se importe de levar Eve comigo, mas aquela menina está enlouquecendo meu pai. Imagine que ela quer ser atriz.

— Oh?

— Conhece papai. Não consegue conceber a idéia de uma de suas queridas meninas representando. Se ela ao menos quisesse ser empresária de artistas... Enfim, imaginei que faria bem aos dois ficarem afastados alguns quilômetros por uma semana ou mais.

Portanto, se conseguir arranjar duas camas extras nesse palácio...

— Sempre haverá colchonetes para vocês.

— Sabia que poderia contar com você. Voaremos para aí um dia antes do baile. Assim, posso lhe dar uma ajuda e conhecer seu noivo. Por falar nisso, como é estar apaixonada?

— É... - a princesa volveu o olhar ao anel de noivado, recordando as sensações que um toque ou um olhar de Reeve podiam suscitar.

— Na verdade, não é muito confortável.

Chris riu outra vez.

— Achou que seria? Cuide-se, querida. Vejo-a em breve.

— Até logo, Chris.

Após desligar, Brie permaneceu sentada por alguns instantes.

Conseguira seu intento. Christina Hamilton não suspeitou de nada.

Fora brilhante, divertida e ludibriadora. Em um rompante de raiva, Brie arremessou o bloco de notas pelo ar, de maneira que o objeto, ascendeu, flutuou e em seguida caiu. Continuou com o cenho franzindo, observando o bloco esparramado ao chão, mesmo após ter ouvido uma discreta batida à porta.

Não, negava-se a apanhá-lo, o deixaria exatamente onde estava e pertencia.

— Sim, entre.

— Com licença, Vossa Alteza. - Janet adentrou a sala de estar, com a usual discrição. — Acho que gostará de saber que tudo está em ordem no salão de baile. As cortinas estão sendo penduradas. -

embora o olhar da secretária fitasse o bloco jogado ao chão, não arriscou comentário algum. — Vossa Alteza recebeu o telefonema?

— Sim. Conversei com a Srta. Hamilton. E a autorizo a dizer a meu pai que ela não suspeitou de nada.

Janet permanecia com as mãos perfeitamente cruzadas à frente do corpo.

— Desculpe-me, não entendi, Vossa Alteza.

— Quer me convencer de que não mencionou o telefonema de minha amiga para ele? Estou ciente de que me vigia de perto, Janet.

— Seu bem-estar é nossa maior preocupação, Vossa Alteza. -

a voz da secretária continuava impassível e as mãos permaneciam cruzadas. — Se a ofendi...

— O subterfúgio me ofende. - disparou Brie.

— Sei que Vossa Alteza deve estar se sentindo...

— Não sabe como me sinto. - interrompeu-a a princesa, enquanto se movimentava pelo quarto. — Como poderia? Não se lembra de seu pai, seu irmão e da melhor amiga?

— Vossa Alteza... - após um instante, Janet deu um passo em direção a Brie.

Aquele tipo de emoção deveria ser tratada com gentileza.

— Talvez nenhum de nós consiga entender, mas isso não significa que não nos importamos. Se houvesse algo que pudesse fazer para ajudá-la...

— Não. - mais calma, a princesa virou de costas. — Não há nada. Desculpe-me, Janet. Não tenho direito de gritar com você.

O breve sorriso não conseguiu mudar a expressão da secretária.

— Mas tem de gritar com alguém. Esperava, quer dizer, pensei que conversar com uma velha amiga talvez a ajudasse a lembrar alguma coisa.

— Nada. Às vezes me pergunto se algum dia conseguirei.

— Mas os médicos estão esperançosos, Vossa Alteza.

— Médicos! Estou cheia deles. Aconselham-me a ser paciente.

- com um suspiro exasperado, Brie começou a retocar o vaso de gardênia. — Como posso ser paciente quando não consigo nada além de lampejos de quem eu era e o que aconteceu comigo?

— Mas ao menos tem flashes? - a secretária deu outro passo em direção à princesa e, após alguns instantes de hesitação, pousou a mão sobre a dela.

— Não, apenas impressões. Nada sólido como fragmentos. - a imagem da faca o era, porém demasiado tenebrosa para invocar.

Precisava de algo que a mente pudesse aceitar, que a facilitasse. —

E fragmentos poderiam ser juntados, não?

— Não sou médica, Vossa Alteza, mas talvez deva aceitar o que tem no momento.

— Que a minha vida começou há menos de um mês? - Brie meneou a cabeça em negativa. — Não, não consigo. E não quero.

Encontrarei o primeiro fragmento.

Um andar acima, Alexander se encontrava sentado em seu espaçoso escritório de cores frias, observando Reeve. Havia planejado aquela conversa cuidadosamente e sentia-se justificado em fazer aquilo.

— Agradeço que tenha me dispensado algum tempo.

— Tenho certeza de que julga o assunto importante.

— Gabriella é importante.

Reeve anuiu com um gesto lento.

— Para todos nós.

Aquela não era a resposta que esperara. Ainda assim, sabia o valor de ter sempre uma jogada alternativa.

— Embora aprecie o que está fazendo, acho que meu pai se apóia demasiado em uma velha amizade. Sua posição aqui dentro torna-se mais delicada a cada dia.

Reeve recostou-se ao espaldar da cadeira. Embora houvesse uma diferença de quase dez anos entre ambos, não considerava estar diante de um garoto.

Alexander se transformara em um homem precocemente. Estudando o próximo movimento que faria, decidiu-se por uma abordagem mais agressiva.

— Está preocupado com a possibilidade de eu me tomar seu cunhado?

Se aquilo o deixara irado, o príncipe conseguiu disfarçar.

— Ambos sabemos de que tipo de jogo participamos. Minha preocupação é com Gabriella. Está muito vulnerável no momento.

Até demais. Desde que, por vontade de meu pai, permanece mais próximo a ela do que à própria família. Está em posição de observar e aconselhar.

— E está preocupado com a possibilidade de eu observar o que não é da minha conta e aconselhar o que é inapropriado.

Alexander espalmou as mãos sobre a mesa.

— Vejo por que meu pai o admira. E acho que entendo o que motiva Brie a

confiar em você.

— Mas você não confia.

— Não, na verdade, acho que confio. - Alex não tinha dúvidas.

Um homem em sua posição não poderia se dar ao luxo de tê-las.

Ainda assim, demorou-se por alguns instantes, para se certificar de que utilizaria as palavras certas. — Estou confiante de que, no que concerne à segurança, minha irmã está em boas mãos. Porém... -

volveu o olhar a Reeve e ambos se fitaram. — No lugar de meu pai, eu o manteria sob vigilância.

— É justo. - Reeve retirou um cigarro do maço e Alexander meneou a cabeça, recusando o que lhe foi oferecido. — Então está satisfeito com meu desempenho como segurança, mas preocupado com um possível relacionamento pessoal?

— Sabe que faço objeção a isso. Não, deixe-me ser mais objetivo. Sou contra a invenção desse noivado.

— Estou ciente de que você e Loubet expressaram desagrado quanto a isso.

— Não me agrada concordar com Loubet. - resmungou o príncipe, voltando, em seguida, um sorriso largo a Reeve. — Meu pai considera que o talento e a experiência de Loubet como ministro lhe compensam as idéias antiquadas.

— E ainda há a questão da claudicação. - comentou Reeve, soltando uma baforada de fumaça. — Nossas famílias se conhecem há muito tempo. Meu pai estava no carro com o príncipe e Loubet, quando sofreram o acidente há 35 anos. Seu pai quebrou apenas o braço, o meu sofreu uma concussão, porém, o ministro teve ferimentos graves.

— O acidente não tem nada a ver com o cargo que ele ocupa atualmente.

— Tenho certeza disso. O príncipe Armand não age dessa maneira. Mas talvez seja mais tolerante por causa do ocorrido. Era ele quem dirigia o carro. Um pouco de remorso é humano, em todo caso... - Reeve optou por não insistir naquele assunto. — Isso serve apenas para ilustrar as várias formas pelas quais

nossas famílias estão ligadas. Amizade antiga e laços do passado. Foi por isso que meu noivado com Brie foi aceito tão prontamente.

— E você? Aceitou tão facilmente?

Foi a vez de Reeve hesitar.

— Quer uma resposta satisfatória ou a verdade?

— A verdade.

— Não foi simples, para mim, concordar com o falso noivado.

Tampouco simular o noivo da princesa ou ver meu anel em seu dedo.

Não foi nada fácil. - afirmou Reeve em tom calmo. — Porque estou apaixonado por sua irmã.

Alexander permaneceu silente, sem exibir qualquer sinal de surpresa. Em seguida, deslizou o dedo pela moldura de prata que envolvia o retrato de Gabriella. Nele, a princesa aparecia sorridente e graciosa.

— E o que pretende fazer em relação a isso?

Reeve ergueu o sobrolho.

— Não deveria ser seu pai a me fazer essa pergunta?

— Não contou para o meu pai.

— Não. - concordou Reeve, descartando o cigarro com um gesto deliberadamente lento. — Não pretendo fazer nada sobre isso.

Estou ciente de minhas responsabilidades e limitações no que concerne a sua irmã.

— Entendo. - o príncipe pegou uma caneta e a girou, distraído, entre os dedos. Ao que parecia não conhecia Reeve MacGee como pensara. — E quanto aos sentimentos de Brie?

— Ela não necessita de mais complicações no momento. Tão logo recupere a

memória, não precisará mais de mim.

— Simples assim?

— Sou realista. O que quer que aconteça entre mim e Gabriella agora mudará quando ela voltar a se lembrar de tudo.

— E ainda assim a ajudará?

— Ela precisa se recordar. - afirmou Reeve, categórico. — Está sofrendo.

Alex volveu o olhar à pintura mais uma vez como que dragado por ela.

— Sei disso.

— Sabe? Tem noção de como Brie se sente culpada por não conseguir se recordar das pessoas que desejam seu amor? Como

fica assustada quando tem um daqueles sonhos que a levam ao limite de recuperar a memória e depois a deixam perdida?

— Não. - Alexander pousou a caneta. — Minha irmã não me faz confidências. Agora entendo por quê. Acho que descobri o que motiva a confiança cega que meu pai deposita em você. - e baixando o olhar para as próprias mãos. — Ela tem sonhos?

— Consegue lembrar-se da escuridão, do som de vozes e do medo. - pensou no sonho que Brie tivera com a faca, mas decidiu não comentá-lo.

— Agora consigo compreender. - mais uma vez o olhar de Alexander se fixou em Reeve. — Tem o direito de se ressentir com minhas perguntas, porém tenho a prerrogativa de fazê-las.

— Concordo. - erguendo-se, Reeve pôs um fim à conversa. —

Quero que esteja certo de que farei tudo que estiver ao meu alcance para zelar pela segurança de sua irmã.

O príncipe se levantou para encará-lo.

— Sim e fico feliz com isso.

Muito tempo depois, Reeve relaxava sob a água quente e revigorante do banho. Precisava mais daquilo do que de uma cama.

Passara a noite acompanhando Brie em um jantar dançante, no qual foram inundados de perguntas sobre o casamento: quando? Onde?

Quais convidados?

Se a princesa não recobrasse a memória depois do baile, não seriam capazes de continuar usando os preparativos para o evento como desculpa para não marcarem o casamento.

Tudo que precisavam no momento era de uma data fictícia para o enlace, pensou ele, permitindo que a água lhe escorresse pela cabeça. Se as coisas não se resolvessem, em breve acabariam por se descobrir ao pé do altar para evitar o falatório geral.

Aquilo era o cúmulo da fantasia, indagou Reeve a si mesmo.

Casar para evitar rumores. Mas seria mais difícil do que o que estavam vivendo no presente?

Teria de se sentar ao lado dela no jantar, observá-la e ser congratulado por sua boa sorte. Teria de estar próximo a Brie, lembrando como fora para ambos estarem a sós em um estreito beliche dentro de uma exígua cabine.

O problema era que suas lembranças eram vividas e o desejo, intenso. Desde aquele dia evitara ao máximo ficar a sós com Brie.

Quando não estavam no palácio ou no carro, encontravam-se em alguma festa ou em eventos de caridade da princesa. Levava-a aos escritórios da OACD ou da Cruz Vermelha. Acompanhava-a a museus, porém, nunca mais sugeriu outro passeio de barco.

Nenhum dos dois poderia arcar com aquilo, decidiu, enquanto saía do box e, certamente, não haviam contado com o fato de ele esquecer a regra de não se apaixonar pela pessoa que estava protegendo. Ainda tinha uma missão a cumprir. E ela, uma vida a recordar. Quando ambas as metas fossem alcançadas, as amarras que os prendiam se quebrariam.

Como deveria ser, pensou. Com uma toalha enrolada nos quadris, esfregou outra no cabelo. Brie não pertencia a uma fazenda desorganizada nas montanhas. Tampouco ele a um palácio. Era simples assim.

Em seguida, saiu do toalete e nada mais parecia simples. Brie estava sentada em uma poltrona com a luz tênue refletindo sobre o ombro delicado, enquanto folheava um livro. Exalava certa tensão, mas também determinação. Conseguiu disfarçar a primeira quando ergueu o olhar.

— Acho que sempre amei Steinbeck. - afirmou, enquanto colocava o livro de lado. — Faz-me sentir como se tivesse estado em Monterey. - ela se ergueu e, embora estivesse muito nervosa para ter planejado aquilo, tinha aparência de uma noiva. O robe branco comprido chegava-lhe à altura dos calcanhares e as mangas lhe cobriam os pulsos. Os cabelos caíam em cascata sobre os ombros, nos quais uma fita os amarrava e o brindava com um vislumbre da pele alva.

Reeve permaneceu onde estava, dominado pelo desejo como nunca estivera.

— Quer um livro emprestado?

— Não. - redarguiu ela, dando um passo em direção a Reeve como se estivesse confiante. — Não viria até mim, Reeve. Achei que estava em tempo de vir até você. - necessitando sentir o contato, Brie lhe tomou a mão. De alguma forma, aquilo a fazia se sentir confiante. — Não pode me mandar embora... - murmurou —... Pois não irei.

De fato, não poderia pedir que ela se retirasse. O bom senso lhe dizia para fazê-lo, mas não poderia lhe dar ouvidos.

— Pulando a cerca outra vez. Gabriella?

— Só quando necessário. - e levando a mão máscula à face. —

Diga-me que não me quer. Provavelmente vou odiá-lo por isso, mas não mais farei papel de boba.

Reeve sabia que poderia mentir e que aquilo talvez fosse o melhor para ela. Mas não conseguiria.

— Não posso lhe dizer isso. Mesmo que para enganá-la. E

posso estar fazendo papel de bobo.

Com um sorriso luminoso, Brie deslizou os braços em torno do corpo másculo.

— Abrace-me. Apenas me abrace. - fechou os olhos, enquanto a face tocava o ombro largo. Ali era o lugar onde queria estar. —

Quase enlouqueci, desejando e imaginando. Quase perdi a coragem enquanto cruzava o corredor.

— Seria melhor assim. Não é muito discreto vir me visitar à noite em meu quarto.

Brie inclinou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada.

— Tem razão. Portanto, vamos aproveitar ao máximo.

Com os braços envolvendo o pescoço de Reeve, uniu os lábios aos dele. Aquilo era exatamente o que desejava, concluiu, enquanto aprofundava o beijo. Não importava o quanto tivesse de lutar para

conseguir chegar ao fim de mais um dia, se conseguisse passar a noite com Reeve, seria recompensada.

— Reeve... - com um movimento lento, ela recuou para poder fitá-lo. — Deixemos nossas pretensões e farsas de lado. - levou a mão máscula à face, mas dessa vez, pressionou os lábios contra a pele quente. — Preciso de você. Não basta?

— Basta. - ele lhe afrouxou a faixa do robe. — Deixe-me lhe mostrar.

A luz era tênue e as janelas estavam abertas. Brie podia sentir o doce aroma das flores que trepavam graciosas na grade logo abaixo. Quando Reeve deslizou o robe pelos ombros delicados, ela sentiu um tremor lhe perpassar o corpo. Causado pela excitação e não pela brisa.

— Você é linda, Brie. - sem nenhuma roupa ou tecido impedindo o contato dos corpos desnudos, ele deslizou as mãos pelos contornos dos ombros delgados. — Toda vez que a vejo é como se fosse a primeira. A luz e o ângulo podem ser diferentes, mas me afeta sempre da mesma maneira.

Reeve afastou-lhe os cabelos da face, até que apenas as mãos fortes a emoldurassem. E então a observou. Uma, duas vezes, demorada e suavemente. Quando as pálpebras da princesa se cerraram, roçou os lábios nos dela. Não lhe mostrara ternura antes.

Brie viera até ele. Naquele momento podia ofertá-la.

Quando a ergueu nos braços, os olhos topázio se abriram, surpresos. Não havia esperado o gesto antiquado e romântico.

Reeve tinha muito mais a ofertar do que ela esperava. Deitaram-se lado a lado na cama, desnudos e desejosos. Ele lhe tomou os dedos e os beijou um por um e quando a princesa se inclinou em sua direção, Reeve baixou a cabeça para facilitar o roçar leve dos lábios.

Ao contrário da primeira vez, aquele fogo apenas chamuscava, meio tormentoso, meio extático.

Brie julgara que Reeve havia lhe mostrado todos os pontos de prazer que seu corpo possuía. Porém, naquele quarto ele lhe

mostrava divinamente mais. Brie sabia que havia uma inquietação dentro dele. Uma violência. Sentira-a na primeira vez que fizeram amor. Naquela noite, não havia nem sequer um traço dela. Reeve revelava-se terno. Ternura que lhe trazia um obscuro prazer que teria de explorar. Aquele tipo de excitação era diferente, inebriante, não entorpecente, porém doce. E ela se entregou à nova sensação, desejosa de ser guiada naquele momento.

Havia roubado a inocência de Brie, pensou ele. De alguma estranha forma, estava ciente de que ela lhe havia devolvido um pouco da inocência que há muito perdera. Não era algo que estivesse procurando ou quisesse. Tampouco alguma coisa que pudesse ter evitado. Algum dia, quando a vida de ambos estivesse separada e tivesse de lidar com o que possuiu e perdeu, talvez se ressentisse daquilo. Porém, naquela noite, com Brie ao seu lado, macia e generosa, tudo que lhe restava era apreciar o que lhe era ofertado.

Pensando assim, continuou em ritmo lento. O que estava acontecendo entre eles naquela noite ficaria impregnado na memória de ambos para sempre. Reeve a mordiscava, descobrindo, fascinado, o osso estreito e longo do quadril curvilíneo. Sabia como aquela mulher era forte. Afinal, acompanhara-a em sua

jornada de trabalho, obrigações e nas noites que além das obrigações sociais, eram extenuantes. Porém, naquele ponto, a pele se mostrava tão frágil e sensível. Brie possuía o corpo delicado de uma mulher que vivia uma vida luxuosa. Porém, tinha a mente de uma mulher que não se lamentava nem sequer um instante.

Seria por aquela razão que a amava? Que lhe importava a resposta?

Tudo que Brie conseguia fazer era suspirar, enquanto a boca quente e provocadora explorava-lhe o baixo ventre. Reeve a estava levando a lugares que nunca imaginara existir. A um mundo obscuro, porém sem temores. Apenas a expectativa que pulsava dentro dela para se unir à excitação, ao prazer e à satisfação.

Lá fora, aves noturnas chamavam umas às outras, mas o som murmurante de seu nome nos lábios de Reeve parecia ainda mais doce. A brisa fustigava-lhe de leve a face, porém, a respiração daquele homem soprando-lhe a superfície da pele era mais calorosa.

Os lençóis eram macios e frios, até que os corpos em brasa os tocassem e os aquecessem. Se descerrasse as pálpebras, poderia ver a própria mão deslizando sobre o corpo masculino. E triunfando nele.

A língua experiente deslizava, provocava, detinha-se e invadia.

De repente, Brie foi levada para fora do universo escuro e suave e arremessada à luz. Não se dava conta de que as mãos apertavam os lençóis, enquanto arqueava o corpo. Tampouco que gritava o nome de Reeve. Porém, estava ciente de que o prazer podia ser intoxicante. Sabia, mesmo quando ele recuava implacável, que estava lhe ofertando também. Tudo estava lá para que ela tomasse se tivesse forças para isso. Brie as encontraria.

Os pensamentos lógicos deram lugar aos turbulentos. Para tê-

lo completa e eternamente. Para saber se Reeve estava tão envolvido quanto ela. Para sentir o tremor que lhe dizia que ele também estava subjugado. Aquilo seria o suficiente para lhes garantir a sobrevivência e ao mesmo tempo tomá-la insignificante.

Embora visivelmente trêmula e confusa, Reeve não lhe deu tempo de recobrar o

fôlego antes de voltar a guiá-la ao topo do prazer.

E, quando Brie julgou que não pudesse haver mais nada, ele a possuiu com toda a força do desejo feroz que mantivera oprimido.

Capítulo IX

Brie sabia que não deveria ter passado a noite com ele, mas descobriu-se ansiando, precisando dormir com Reeve, mesmo que

apenas por algumas horas. Fora tão fácil, na noite escura e silenciosa, esquecer a discricção e desfrutar do que os amantes tinham direito. Havia sido tão doce adormecer com a mão entrelaçada na dele. Se o amanhã trouxesse conseqüências, valeriam a pena pelas horas que passara ao lado daquele homem.

Foi Reeve o primeiro a despertar e acordá-la antes do amanhecer, quando a luz do dia ainda era cinza e indistinta. O momento entre o adormecer das aves noturnas e o despertar da cotovia. Brie sentiu o beijo suave em seu ombro e limitou-se a suspirar e aninhar-se contra o corpo másculo. A mordida suave no lóbulo da orelha, a fez estremecer de modo preguiçoso.

— O sol está nascendo.

— Mmmm. Beije-me outra vez.

Ele obedeceu, dessa vez nos lábios, até se certificar de que Brie estava acordada.

— Em breve os criados começarão a circular. - lembrou-lhe Reeve, quando percebeu os olhos topázio parcialmente abertos.

— Preocupado com sua reputação outra vez? - a princesa bocejou e deslizou os braços pelo ombro largo.

Ele sorriu e envolveu-lhe um dos seios com a mão. Brie o fazia sentir-se tão... À vontade. Quando teria percebido aquilo?

— Naturalmente.

Experimentando uma deliciosa sensação de auto-satisfação, a princesa enrolou uma mecha dos cabelos de Reeve em seu dedo.

— Acho que o comprometi.

— Você veio até meu quarto. Como poderia arriscar-me a recusar uma princesa?

Brie arqueou a sobrancelha.

— Muito sábio de sua parte. Então... - tocou com a língua o lábio superior. — Se eu ordenar que faça amor comigo outra vez neste momento...

— Eu lhe diria para levantar seu belo traseiro da minha cama. -

e tomando-lhe os lábios em um beijo provocador antes que ela protestasse. — Vossa Alteza sereníssima.

— Muito bem - começou Brie em tom suave, rolando para o lado. Em seguida, ergueu-se, desnuda e sacudiu os cabelos para trás. Reeve concluiu que aquela mulher não era uma Bela Adormecida despertando do sono profundo, mas alguém que sabia e aceitava o poder que possuía. — Já que me dispensou com tanta facilidade, terá de vir até mim da próxima vez. - recolheu o robe que se encontrava descartado ao chão, porém, demorou-se a vesti-lo. —

Isto é, se não quiser ser atirado ao calabouço. Disseram-me que são muito profundos, úmidos e escuros aqui.

Reeve observou-a deslizar um dos braços pela manga do robe.

— Lançando mão de chantagem?

— Não tenho escrúpulos. - brincou a princesa, atando a fita do roupão.

Não, de fato ela não era uma Bela Adormecida, mas alguém que merecia mais do que promessas.

— Brie... - Reeve sentou-se na cama, deslizando as mãos pelos cabelos. — Alexander e eu tivemos uma conversa ontem.

Ela o fitou, com as mãos na fita do robe, embora não estivessem mais relaxadas.

— Oh? Sobre mim, suponho.

— Sim, sobre você.

— E então?

— Esse tom de realza não funciona comigo. Já deveria saber.

Como se fosse vital, a princesa alisou o cetim da fita.

— E o que funciona com você?

— Honestidade.

Ela olhou para trás para fitá-lo e deixou escapar um suspiro.

Deveria ter esperado aquela resposta.

— Muito bem, então. Alexander e eu também tivemos uma conversa, quer dizer, discussão, ontem. Não posso dizer que me

agrada o fato de vocês dois se reunirem para conversar sobre mim ou meu bem-estar.

— Ele está preocupado. E eu também.

— Isso parece ser uma desculpa para tudo que fazem.

— É uma razão para tudo que estamos fazendo.

Brie expirou devagar.

— Desculpe-me, não quero ser injusta. Tampouco, embora possa não parecer, desejo ser ingrata. É que pelo fato de estarem preocupados e temerosos, todos se vêm no direito de me fazer cobranças. - Brie começou a andar enquanto falava. Da janela ao espelho e de volta à janela, como se ainda não estivesse preparada para encarar a si mesma naquela manhã. — Querem que eu siga o plano de Loubet, escondendo a amnésia, para que não suscite pânico e as investigações possam ser comandadas em sigilo.

Sugerem que eu e você sigamos com o noivado fictício. Estou começando a pensar que isso é o que mais me irrita.

— Entendo.

Brie ergueu o olhar para fitá-lo, sem sorrir.

— Imagino se de fato compreende. - murmurou ela. — De um lado recebo compaixão e preocupação e, de outro, obrigações.

— Há algo que prefira fazer? Uma outra maneira que quisesse tentar?

— Não. - retrucou Brie, meneando a cabeça em negativa.

— O que Alexander concluiu, afinal?

— Decidiu confiar em mim. E você?

Brie lhe voltou um olhar surpreso e percebeu como fora contundente.

— Sabe que confio em você. Do contrário, não estaria aqui neste quarto.

Reeve tomou a decisão em questão de segundos. Algumas vezes, era o melhor caminho a tomar.

— Pode se livrar dos compromissos por hoje e vir comigo?

— Sim.

— Sem questionamentos?

Brie deu de ombros.

— Está bem. Se faz questão de um... Para onde?

— Para a fazendola. - Reeve esperou pela reação da princesa, mas ela se limitou a fitá-lo. — Acho que está na hora de trabalharmos juntos.

Brie fechou os olhos por alguns segundos e em seguida, se dirigiu à cama.

— Obrigada.

Reeve sentiu as próprias emoções em turbilhão mais uma vez. Seria sempre daquela forma com ela, concluiu resignado.

— Pode não se sentir tão agradecida mais tarde.

— Sim, me sentirei. — inclinando-se, Brie lhe depositou um beijo amigável nos lábios. — Incondicionalmente.

Os corredores se encontravam sombrios quando ela deixou o quarto de Reeve e se encaminhou ao dela, com esperança renovada. Aquele não seria um dia era que teria de seguir a agenda que lhe fora programada. Faria algo para unir o passado ao presente. Talvez a chave fosse a pequena fazenda. E com a ajuda de Reeve, conseguisse,

Abriu a porta lentamente, ansiosa por começar. Caminhou até a janela e descerrou as cortinas para permitir que os primeiros raios da manhã iluminassem o aposento.

— Então.

Brie sobressaltou-se, girou e deixou escapar um xingamento.

— Babá.

A senhora se empertigou na cadeira e lhe voltou um olhar fixo e escrutinador. Se estava tensa, não aparentava. Brie percebeu a paciente desaprovação estampada na face da criada e sentiu-se enrubescer.

— Bem, tem razão de corar, mocinha. Adentrando o próprio quarto na ponta dos pés com o raiar do dia.

— Esteve aqui a noite toda?

— Sim. - retrucou a babá, tamborilando com uma longa e curvada unha contra o braço da cadeira. Havia notado a mudança, dias antes quando a princesa voltara do passeio de barco. Embora velha, ainda era mulher. — Quer dizer que decidiu ter um amante.

Diga-me, está satisfeita consigo mesma?

Desafiadora, e surpresa por sentir a necessidade de sê-lo, Brie ergueu o queixo.

— Sim.

A babá a observou. Os cabelos revoltos, a face corada e os olhos ainda

guardavam os ecos da paixão recente.

— Era assim que tinha de ser — murmurou ela. — Está apaixonada.

Brie poderia negar. A contraposição estava na ponta da língua, quando percebeu que estaria mentido. Mais uma mentira.

— Sim, estou apaixonada.

— Então terei de aconselhá-la a ser cautelosa. - a face da senhora parecia pálida e envelhecida à luz da manhã, mas o olhar era ágil. — Quando uma mulher se apaixona pelo amante arrisca mais do que o próprio corpo e o tempo. Compreende?

— Acho que sim. - a princesa sorriu e se dirigiu à baba, ajoelhando-se a seus pés. — Por que dormiu a noite inteira em uma cadeira em vez de fazê-lo em sua cama?

— Talvez tenha arranjado um amante, mas ainda tomo conta de você. Trouxe-lhe leite morno, pois não costuma ter um sono tranqüilo. - Brie volveu o olhar à caneca sobre a mesa. — E fiquei preocupada por não estar aqui. - a princesa tomou a mão calejada da babá e a levou à face.

— Desculpe-me.

— Suspeitei que estivesse com o americano. - a senhora fungou com discrição.
— É uma pena que o sangue dele não seja azul como a cor dos olhos, mas poderia ter feito escolha pior.

O anel de diamantes parecia lhe pesar no dedo.

— Ainda é apenas um sonho, não?

— Você não sonha com frequência. - disparou a babá. —

Portanto, trouxe-lhe o leite morno e descobri que havia partido em busca de outro tipo de consolo.

Brie não pôde evitar a risada.

— Brigará comigo se lhe disser que prefiro aquele tipo de consolo?

— Limitarei a aconselhá-la a esconder tal preferência de seu pai por algum tempo ainda. - a voz da babá era severa, porém se suavizou quando Brie sorriu para ela. — Talvez não necessite deste outro conforto que lhe trouxe. - esticando a mão para o lado, a senhora pegou uma boneca de pano de face ovalada e um avental esfarrapado. — Quando era criança e ficava inquieta à noite, dormia com isto.

— Pobre farrapo. - murmurou Brie, enquanto revirava a boneca nas mãos.

— Deu-lhe o nome de Henrietta Rústica.

— Espero que ela não tenha se incomodado. - começou Brie, deslizando a mão sobre os cabelos da boneca. De repente, tensional e paralisou.

Uma pequena menina em uma cama diminuta com drapejado rosa, lençóis rosa e colcha rosa. Enfeites brancos em um tocador infantil. Botões de rosa no papel de parede. Música soando ao longe.

Uma valsa, lenta e romântica. E havia uma mulher, a mesma do retrato, sorrindo e murmurando enquanto se curvava sobre a cama, de maneira que as esmeraldas dos brincos captassem a luz fraca. O

vestido que trajava era de um verde profundo como as esmeraldas.

Farfalhava melodiosamente como costumavam fazer as melhores sedas. A fragrância de flor de maçã, de primavera e de juventude.

— Gabriella. - chamou a babá, colocando uma das mãos em seu ombro e o apertando. Sob o fino robe, sentiu a pele gelada. —

Gabriella!

— Meu quarto. - sussurrou a princesa, sem desviar os olhos da boneca. — Quando eu era criança. Que cor tinha?

— Era rosa. - retrucou a criada sem hesitar. — Era decorado todo em branco e rosa como um bolo.

— E minha mãe. - os dedos de Brie se enterraram na boneca de pano, sem que ela sentisse. Gotículas de suor lhe assomaram à testa, sem que a princesa se desse conta. Com tanto que se concentrasse, conseguia lembrar. — Ela possuía um vestido de baile de seda na cor verde?

— Sem alças. - com algum esforço, a velha mulher conseguiu manter a voz calma. — A cintura era demasiadamente fina. A saia bastante rodada.

— E a fragrância era de flor de maçã. Ela era linda.

— Sim. - concordou a babá, com os dedos firmemente pousados no ombro da princesa. — Consegue se lembrar?

— Eu... Ela veio me ver. Havia música. Uma valsa estava tocando. Ela veio me colocar na cama.

— Sua mãe sempre o fazia. Primeiro com você, depois com Alexander e por fim com Bennett. Seu pai fazia o mesmo sempre que conseguia escapar dos compromissos, mas ambos sempre passavam nos quartos de vocês antes de dormirem. Vou chamar seu pai.

— Não. - Brie pressionou a boneca contra o corpo. Não conseguia manter aquela imagem na mente por mais tempo. Aquilo a deixou fraca e ofegante. — Ainda não. É tudo de que consigo me lembrar. Apenas de uma imagem e preciso de mais do que isso.

Babá... - Brie ergueu o olhar congestionado de lágrimas A velha senhora. — Eu a amava. Finalmente consegui sentir. Porém, lembrar disso é como perdê-la de novo.

A babá lhe acariciou os cabelos e ela recostou a face em seu colo, dando vazão ao pranto. A porta do quarto se entreabriu e tomou a ser fechada de maneira discreta.

— Então fará um passeio no campo.

Brie se encontrava parada no corredor principal, fitando o pai. A face meticulosamente maquiada para disfarçar os sinais do pranto.

Porém, não conseguia esconder o nervosismo. Torcia a alça da bolsa que trazia

pendurada no ombro.

— Sim. Disse a Janet para cancelar meus compromissos. Não eram importantes... Uma prova de roupa e alguns papéis para revisar na OACD que posso perfeitamente adiar para amanhã.

— Brie, não precisa se justificar para tirar um dia de folga. -

embora incerto sobre a receptividade da filha, Armand tomou-lhe as mãos nas suas. — Tenho exigido muito de você?

— Não... - respondeu Brie, meneando a cabeça em negativa. —

Não sei.

— Nunca foi tão difícil para mim ser governante e pai ao mesmo tempo. Se pedisse... - os dedos longos se apertaram em torno da mão delicada por um breve instante. — Se quisesse, Gabriella, poderia levá-la para uma viagem por algumas semanas. Um cruzeiro, talvez, ou apenas uma hospedagem naquele chalé na Sardenha.

Não podia lembrá-lo de que não se recordava de um chalé na Sardenha. Em vez disso, Brie sorriu.

— Não há necessidade. O Dr. Franco deve ter lhe dito que sou forte como um cavalo.

— E o Dr. Kijinsky contou-me que ainda se aflige com imagens e sonhos.

A princesa inspirou profundamente e tentou não se arrepender por ter contado tudo ao analista.

— Algumas coisas demoram a passar.

Não podia suplicar que a filha se abrisse com ele da mesma forma que o fazia com Reeve. Coisas como aquela tinham de vir do coração. Ainda assim, não conseguia se esquecer que Brie costumava se aninhar em seu colo, recostar a cabeça em seu ombro e lhe desabafar os sentimentos.

— Parece cansada. - murmurou Armand. — O ar do campo lhe fará bem. Irá

para a fazenda?

Brie o fitou nos olhos. Não se permitiria dissuadir do que estava prestes a fazer.

— Sim.

O príncipe percebeu a determinação da filha e resolveu respeitá-la.

— Quando retomar, me contará tudo de que se lembrou ou que sentiu?

Pela primeira vez, as mãos de Brie relaxaram nas dele.

— Claro que sim. - em consideração a ele e à mulher de vestido esmeralda que a colocara para dormir um dia, a princesa deu um passo à frente e roçou os lábios na face do pai. — Não se preocupe comigo. Reeve estará lá.

Lutando para não se sentir substituído, Armand a observou afastar-se pelo amplo corredor e atingir o comprido hall. Um criado de libré escancarou a porta e ela saiu para a luz do sol.

Reeve permaneceu calado por um longo tempo. Dirigia a uma velocidade confortável pela sinuosa e escarpada estrada costeira com a mente em turbilhão. Porém, a causa daquela sensação não era facilmente reconhecível. Poderia esperar.

Cordina foi deixada para trás e depois o porto de Lebarre. De vez em quando, passavam por uma cabana com jardins meticulosamente tratados e flores desabrochando em profusão.

Aquela era a estrada pela qual escapara naquela noite. Imaginou se ela havia percebido.

Brie não conseguia divisar nada familiar ou que pudesse lhe trazer tensão. Porém, sentia-se nervosa. A paisagem era bela com os caminhos de pedra varridos pelo vento. Um lugar calmo, colorido e idílico. Ainda assim, continuava torcendo a alça da bolsa nas mãos.

— Quer fazer uma parada, Gabriella? Ou prefere ir para outro lugar?

Brie voltou a atenção a ele de imediato, e com a mesma rapidez, desviou o olhar.

— Não, claro que não. Cordina é um belo país, não?

— Por que não me diz o que há de errado?

— Não sei ao certo. - forçou a mão a descansar sobre o colo.

— Sinto-me pouco à vontade como se devesse estar espreitando tudo a minha volta.

Ele havia decidido lhe dar quaisquer respostas de que necessitasse sem rodeios ou eufemismos.

— Você correu por esta estrada um mês atrás, durante uma tempestade.

Os dedos de Brie se enroscaram e ela os forçou a relaxar.

— Estava correndo em direção à cidade ou me afastando?

Reeve lhe voltou o olhar outra vez. Não lhe ocorrera fazer aquela conexão. O respeito que tinha pela inteligência daquela mulher subiu mais um degrau.

— Em direção a ela. Não se encontrava a mais do que quatro quilômetros e meio dos arredores de Lebarre, quando desmaiou.

A princesa anuiu.

— Então tive sorte ou ainda sabia o suficiente para tomar a direção certa. Reeve, esta manhã...

Estaria arrependida? Indagou-se Reeve, enquanto os dedos se apertavam sobre o volante. Estariam o bom senso e o arrependimento voltando tão cedo?

— Sim?

— Minha babá estava me esperando no quarto.

Deveria se mostrar alegre? De qualquer forma, não conseguiu conter o sorriso ante a imagem que se formou em sua mente.

— E?

— Conversamos. Ela costuma me trazer leite morno algumas noites. Acho que eu não estava pensando nisso na noite passada. -

Brie também sorriu, mas por um breve tempo. — Trouxe-me também uma boneca de meu tempo de criança. - calmamente e tentando se recordar de todos os detalhes, a princesa relatou tudo que conseguira se lembrar. — Isso é tudo. - concluiu. — Mas dessa vez não foi apenas uma impressão ou um sonho, e sim uma lembrança.

— Contou a mais alguém?

— Não.

— Contará a Kijinsky na sessão de amanhã. - aquele não era um pedido. Soava como uma ordem. Brie lutou para não se ressentir, e sim entender.

— Sim, claro. Acha que pode ser um começo?

Reeve havia diminuído a velocidade, enquanto a escutava e naquele momento voltou a acelerar.

— Acho que está se fortalecendo. Essa era um lembrança que podia suportar, talvez a que estivesse precisando antes de recordar o resto.

— E o resto virá.

— Sim. - concordou ele. E quando aquilo acontecesse, Brie não precisaria mais dele. Seu trabalho estaria terminado. A fazenda...

Pensou em sua propriedade, mas parecia que estava afastado dela há anos e não há semanas. Não lhe parecia mais um calmo e sereno local, e sim vazio e solitário. Quando retomasse, não seria mais o mesmo homem com os mesmos anseios.

Seguindo as direções que lhe deram, Reeve saiu da estrada costeira e se dirigindo ao mar. O caminho não era tão suave naquele ponto e mais uma vez, diminuiu a velocidade.

Depois de algum tempo, o arvoredo abafava e, em seguida, silenciava o barulho da água. As colinas eram ainda mais verdes, e a paisagem, menos forte. Ouviram

um cachorro latindo e uma vaca mugindo, baixo e profundamente. Podia quase imaginar que estava chegando em casa.

Virou mais uma vez, tomando uma estrada que não era mais do que pedras e lama. E então um campo surgiu em um dos lados dela, verde e viçoso. Árvores assomavam grossas do outro lado.

— É aqui?

— Sim. - retrucou Reeve, desligando o motor.

— Encontraram meu carro aqui?

— Isso mesmo.

Brie permaneceu quieta por alguns instantes, esperando.

— Por que sempre espero que seja fácil? - indagou ela. — De alguma forma pensei que, quando eu visse algo ou soubesse de alguma coisa, tudo clarearia. E nunca é assim. Mas algumas vezes sinto a faca em minhas mãos. - a princesa baixou o olhar para a própria palma. — Sinto-a e quando o faço, sei que sou capaz de matar.

— Todos somos, dependendo das circunstâncias.

— Não. - inesperadamente calma, ela cruzou as mãos sobre o colo. A agonia trancada em seu íntimo, como fora ensinada a fazer.

— Não acredito nisso. Matar, tirar uma vida, requer a compreensão e a aceitação da violência. Um lado obscuro. Em alguns, é forte o suficiente para sobrepujar os outros instintos.

— E o que teria acontecido a você se fechasse os olhos e re-jeitasse a violência?
- Reeve lhe apertou o ombro com mais força que o necessário e a fez encará-lo.

— Abençoados os mansos? Ora, Brie, você sabe muito bem que não.

Ele lhe fez fluir as emoções com um olhar. Brie não conseguia se conter.

— Não quero violência em minha vida. - afirmou categórica. —

Não quero e não aceitarei o fato de ter matado alguém.

— Então nunca será capaz de sair disso. - o tom da voz masculina era áspero, enquanto ele a pressionava contra o banco.

— Continuará vivendo uma fantasia. Uma princesa em um castelo: fria, distante e inacessível.

— É você quem está falando de fantasias? - ele a estava pressionando. Não mais importava o fato de Brie ter pedido que o fizesse. Empurrava-a em direção a um limite obscuro.

— Construiu suas próprias ilusões. Um homem que passou a vida procurando ação e finge que se contentará em sentar em uma varanda e observar sua colheita crescer.

Brie havia tocado no ponto nevrálgico. A fúria e a frustração transbordaram na voz de Reeve. Tinha suas próprias fantasias e ela se tomara uma delas.

— Ao menos sei qual é minha realidade e consegui encará-la.

Necessito da fazenda por razões que não consegue compreender.

Preciso dela, pois sei do que sou capaz, o que fiz e o que ainda poderei fazer.

— Sem arrependimentos?

— Danem-se os arrependimentos. Mas amanhã poderá ser diferente. Tenho escolha. - desejava ardentemente acreditar naquilo.

— Sim, tem. - sentindo-se exausta, Brie desviou o olhar.

— Talvez esteja aí nossa diferença. Como posso viver do modo como sou obrigada a fazer, sabendo que sou...

— Humana. - interrompeu-a Reeve. — Como todo mundo.

— Está sendo simplista.

— Quer me dizer que um título a faz pairar acima das outras pessoas?

Brie entreabriu os lábios para rebater, mas, em vez disso, deixou escapar um profundo suspiro.

— Tem razão. Claro que não. Sou um ser humano com defeitos e estou assustada. Aceitar meus próprios... Fantasmas parece a tarefa mais difícil.

— Quer seguir em frente?

— Sim. - a princesa levou a mão à maçaneta do carro. — Quero continuar. - saltando do carro, volveu o olhar ao redor e desejou saber por onde começar. Talvez já soubesse. — Já estive aqui antes?

— Não.

— Ótimo. Então é como se fosse a primeira vez para ambos. -

ela protegeu os olhos com a mão em concha e continuou a observar o local. — É muito calmo. Fico imaginando se algum dia pensei em plantar esses campos.

— Sim. Aventou essa possibilidade.

— Mas não fiz nada para isso. - retrucou Brie, começando a caminhar.

Flores do campo cresciam em todas as direções, ao longo do caminho. Algumas eram amarelas, outras, azuis. Abelhas robustas e trabalhadoras zumbiam em volta delas. Avistou uma borboleta do tamanho da palma de sua mão pousar e balançar em uma pétala. O

ar estava impregnado da fragrância da grama, verde e encorpada. A princesa continuou a caminhar sem propósito.

Um corvo passou voando rasteiro por eles, perturbado com os intrusos. Em seguida, se elevou, grasnando em direção ao arvoredo.

Não havia conto de fadas ali, refletiu Brie. Necessitaria de trabalho árduo para limpar, plantar e colher. Por certo era por aquele motivo que o local continuava selvagem. Estaria apenas sonhando outra vez?

— Por que comprei essa pequena fazenda?

— Queria um lugar só seu. Precisava de um refúgio.

— Sempre escapando?

— Solidão. - corrigiu ele. — Há uma grande diferença.

— Mas este lugar precisa de uma casa. - de repente, Brie se viu impaciente e fez um giro sobre si mesma. — Necessita de vida.

Olhe para lá. Se algumas daquelas árvores fossem desbastadas, poderia ser construída uma casa ali com vista para o campo. E lá ficariam os estábulos. Sim, e um pasto. E um galinheiro também. -

animada, a princesa se distanciou, apressada. — Aqui neste local.

Uma fazenda tem de produzir ovos frescos. Haveria cães e crianças.

Não consegue imaginar? Este lugar não é nada sem eles.

Margaridas no parapeito da janela. Risadas atrás das portas. Esta terra não deveria estar abandonada dessa maneira.

Reeve conseguia vislumbrar o mesmo que ela. Afinal, fora daquela forma que vira sua fazenda. Ainda assim, permaneciam em mundos separados.

— A julgar pelo que me disseram, esta terra não está abandonada.

— Mas não é tratada. Nada que tenha vida deve ser negligenciado.

Aborrecida consigo mesma, girou nos calcanhares e caminhou até mais adiante através da grama crescida. De repente, bateu o pé em algo e o fez colidir contra pedra. Reeve se inclinou e pegou a garrafa térmica vermelha, vazia e sem a tampa e a rolha. Seus instintos começaram a trabalhar. Segurou o objeto pela base, não tocando em mais do que o necessário. Fora um policial por muito tempo.

— Em seus sonhos, está sentada em um lugar calmo, bebendo café em uma garrafa térmica vermelha.

Brie fitou o objeto como se estivesse vendo algo desprezível.

— Sim.

— E está com sono. - continuou Reeve, inspirando o aroma pela abertura da garrafa, mas a mente já trabalhava adiante. O

quanto precisa seria a perícia da polícia de Cordina? E por que não fora a fazenda minuciosamente investigada? Por que motivo uma evidência de tamanho potencial havia passado despercebida?

Descobriria a qualquer custo.

Ela escolhera aquele caminho, refletiu. Fora cuidadoso em não influenciar a direção que Brie tomara. Em seguida, indicou onde ficaria a casa e o estábulo. Se ela tivesse se sentado ali antes...

Vasculhou o terreno até olhar uma pedra grande e lisa.

Encontrava-se apenas a alguns metros de distância, onde o sol refletiria, intenso no fim de uma manhã ou início de tarde. Um local ideal para um sonhador.

Sim, se Brie tivesse sentado ali, descansando e pensando, enquanto tomava café...

— Em que está pensando?

Reeve volveu o olhar à princesa.

— Que você talvez tenha sentado aqui, sobre aquela rocha mais adiante, tomando seu café e feito planos. Sentiu-se sonolenta ou talvez tonta. Mas, em seguida, tentou dispersar o sono. Disse-me

que em seu sonho não quer adormecer. Portanto, talvez tenha conseguido se erguer, e cambalear em direção ao carro. - girando o corpo, ele volveu o olhar ao local onde havia estacionado o dele. —

E então cedeu ao efeito da droga. Desmaiou e a garrafa térmica rolou para o lado.

— Drogas... No café.

— Parece cabível. Quem quer que a tenha seqüestrado se encontrava nervoso e sob intenso estresse. Eles não tiveram tempo de procurar a garrafa térmica. Por que deveriam? Tinham você.

— Então teria de ser alguém que conhecesse meus hábitos e soubesse que eu viria para cá naquele dia. Alguém que... - Brie estacou, fitando a garrafa térmica.

— Alguém próximo a você. - concluiu Reeve, erguendo a garrafa. — Próximo assim.

Brie sentiu um calafrio lhe percorrer o corpo e a urgência em olhar por sobre o ombro e correr voltou com força total. Lançando mão de todo seu autocontrole, permaneceu onde estava.

— E o que faremos agora?

— Descobriremos quem lhe preparou o café e quem teria a oportunidade de adicionar algo nele.

Não era fácil anuir, mas Brie logrou fazê-lo.

— A polícia não deveria ter chegado a essa conclusão?

Reeve volveu o olhar a distância.

— Deveriam, não?

Brie observou os anéis em seus dedos. Um de diamantes que deveria simbolizar fé e outro de safira que deveria significar amor.

— Meu pai... - começou ela, incapaz de continuar.

— Está na hora de conversarmos com ele.

Era perigoso para eles se encontrarem, porém, ambos dirigiam pela longa e irregular estrada que levava à cabana. Naquele momento, seria ainda mais perigoso não se encontrarem.

O local era isolado, coberto de vegetação e desamparado —

uma pequena cabana em meio a um pedaço de terra esquecido que nunca havia

sido arada. Por aquele motivo fora perfeita. Era próximo o suficiente da pequena fazenda e distante o bastante da cidade para passar despercebida. As janelas eram vedadas com tábuas de madeira, com exceção de uma cujas tábuas haviam sido arrancadas.

Haviam discutido a possibilidade de queimar a cabana e deixarem as cinzas se decomporem — como fizeram com o corpo enterrado na floresta atrás da pequena residência.

Os carros chegaram ao local com apenas alguns instantes de diferença. Ambos eram excessivamente disciplinados e cautelosos para se atrasarem. E, quando se aproximaram, ficou evidente que o nervosismo contagiava os dois. As circunstâncias os haviam obrigado a confiarem a própria vida um ao outro.

— Ela está começando a se lembrar.

Um xingamento pungente e aterrorizado se fez ouvir.

— Tem certeza?

— Não o contaria se não tivesse. Dou valor à minha vida tanto quanto você à sua. - ambos sabiam que a segurança de um implicava a do outro. E se algum dos dois cometesse um erro...

— Quanto ela já sabe?

— Por enquanto, não o suficiente para nos preocuparmos.

Lembranças da infância e algumas imagens. Nada relacionado a isso. - um corvo grasnou, frenético, fazendo ambos se sobressaltarem. — Mas a memória está voltando. Não são mais apenas pesadelos. Acho que, se ela se esforçar, tudo vai lhe voltar à mente.

— Sempre soubemos que isso aconteceria. Tudo de que precisamos é um pouco mais de tempo.

— Tempo? - a risada nervosa assustou um esquilo. — Resta-nos muito pouco. Ela conta tudo ao americano. Tornaram-se amantes e ele é inteligente. Muito inteligente. Às vezes desconfio de que ele suspeita.

— Não seja tolo! - porém, todas as suas terminações nervosas tencionaram. — Como o americano poderia adivinhar?

— Se o idiota do Henri não tivesse se embebedado. Droga!

Viram o plano cuidadosamente executado desabar por terra por causa do vinho e da luxúria. Nenhum dos dois se arrependia de ter cavado aquela cova.

— De nada adianta ficarmos nos lamentando agora. A menos que seqüestremos a princesa outra vez, a troca se tomará impossível. Deboque continua preso, o dinheiro fora do alcance e a vingança, perdida.

— Então teremos de seqüestrá-la outra vez. Quem esperaria uma segunda tentativa de seqüestro tão cedo?

— Já a tivemos cativa! - a ira e o medo elevando o tom de voz.

Ambos estavam vivendo no fio da navalha desde que Brie fora identificada no hospital.

— E muito em breve a teremos de novo.

— E quanto ao americano? Ele não é tão confiável quando a princesa.

— Porém, dispensável. Como a princesa será, se recobrar a memória em breve. Vigie-a de perto. Sabe o que fazer se for necessário.

O pequeno revólver com silenciador e as balas letais se encontrava escondido em segurança.

— Se eu a matar, o sangue da princesa estará em suas mãos também.

A possibilidade de um assassinato não era problema. A de falhar ou de serem descobertos, sim.

— Ambos sabemos disso. Nossa sorte terá de perdurar apenas até a noite do baile.

— Esse é um plano arriscado. Retirá-la do palácio, repleto de pessoas...

— Mas é possível. Tem outro melhor? - houve apenas um silêncio

desconfortável durante alguns instantes.

— Lamento o fato de não ter sido eu a ficar aqui com ela em vez daquele tolo do Henri.

— Mantenha os olhos e os ouvidos abertos. Conseguiu lhe conquistar a confiança?

— Tanto quanto a de todos.

— Então use-a. Temos apenas duas semanas.

Capítulo X

Brie sentou-se com as mãos cruzadas sobre o colo. A coluna ereta e o olhar firme. Esperava que o pai se pronunciasse. Muitas perguntas se formavam em sua mente. Porém, as respostas tinham de ser precisas.

Quem era ela? Haviam lhe dito: Vossa Alteza sereníssima Gabriella de Cordina, filha e irmã. Um membro dos Bisset, uma das mais antigas famílias reais da Europa.

O que era ela? Fora informada: uma mulher responsável de mente meticulosa, senso de responsabilidade e algumas não muito calmas explosões de têmpera. Porém, algo acontecera e o resto lhe foi arrancado. Os pequenos e vitais detalhes que faziam uma pessoa completa. Estava apenas começando a lutar para resgatá-los.

Drogas misturadas ao café, uma sala escura, vozes. Uma faca e sangue em suas mãos. Precisava daquelas lembranças e detalhes

que a levariam ao todo. Estava dando o primeiro passo para encará-los.

A sala estava imersa em profundo silêncio. A luz que se refletia, através das janelas da ala oeste, era graciosa e serena. Faziam o vermelho do carpete se assemelhar a sangue sem violência.

— Quer dizer que acredita que o café que Gabriella carregava nesta garrafa

continha drogas. - Armand falava sem emoção, enquanto fitava o objeto vermelho sobre sua mesa.

— É bastante lógico. - Reeve permanecia de pé, postado ao lado da cadeira de Brie, encarando o príncipe. — E se encaixa perfeitamente nos sonhos de sua filha.

— A garrafa térmica pode ser analisada.

— Sim e deverá ser. - embora mantivesse o olhar calmo, Reeve observava todos os movimentos e expressões de Armand. Assim como, estava ciente, o príncipe observava as dele. — A pergunta é: por que não havia sido encontrada até hoje?

Armand encarou Reeve. Quando falou, o tom era autoritário e pouco amigável.

— Ao que parece a polícia foi negligente.

— Ao que parece, muitas pessoas têm sido negligentes. - não era tão fácil para ele, como um dia fora, controlar a Ira. Tudo que via refletido na face do príncipe era uma frieza calculada E aquilo não lhe agradava. — Se adicionaram drogas ao café, como acredito que tenham feito, as implicações são óbvias.

Armand pegou um dos longos e escuros cigarros e o acendeu em um gesto lento.

— De fato.

— Parece muito calmo, Vossa Alteza.

— Encaro isso como devo.

— E eu como devo. Estou tirando Brie de Cordina até que tudo isso seja resolvido. Ela não está segura no palácio.

Por um instante, os músculos da mandíbula do príncipe se contraíram.

— Se eu não estivesse preocupado com a segurança de minha filha, não o traria até aqui.

— Se não fosse pelo laço que une nossas famílias, jamais teria vindo. - a resposta fora branda, porém, incisiva. — Mas isso não é mais suficiente. Agora

quero respostas.

De repente, Armand se apresentava investido de completa realeza.

— Não tem o direito de exige-las.

Reeve deu um passo à frente.

— Sua coroa não o protegerá.

— Basta! - Brie deu um salto da cadeira para se colocar entre Reeve e o pai. Se aquele fosse um gesto protetor, não fora consciente. Não saberia dizer qual dos dois pensara proteger. A ira crescia dentro dela em uma espiral que amortecia todas as outras emoções.

— Como vocês se atrevem a falar de mim como se eu fosse um ser incapaz de pensar por si mesmo? Quem lhes deu o direito de me proteger como se eu fosse uma incapaz?

— Gabriella! - Armand se ergueu em um rompante, antes de se dar conta das muitas vezes que tivera de lidar com aquele tipo de afronta. — Veja como fala!

— Não o farei! - furiosa, ela se voltou para o pai, inclinando-se sobre a mesa com ambas as mãos espalmadas sobre o móvel. Em outros tempos, o príncipe admiraria a magnificência da filha, como o fizera com a mãe. — Não serei polida e inofensiva. Não sou uma princesa de cristal para ser exibida, mas uma mulher. É a minha vida que está em jogo, entendeu? Não ficarei calada, de braços cruzados, enquanto vocês se digladiam como uma dupla de crianças arrogantes em tomo de um prêmio. Quero respostas!

Os olhos de Armand se mostravam frios e distantes, assim como o tom de voz.

— Quer mais do que tenho direito de lhe dar.

— Quero o que é meu por direito.

— O que é seu será seu apenas quando eu lhe der.

Brie se empertigou, pálida, porém, decidida.

— Isso é que é um pai? - a voz feminina soava suave, porém, cortante como uma faca. — Governa Cordina muito bem, Vossa Alteza. Pode-se dizer o mesmo de sua família?

A acusação o atingiu direto nos ossos. Nenhum músculo da face de Armand se moveu.

— Terá de confiar em mim, Gabriella.

— Confiar? - a voz da princesa falseou. — Isso... - começou com um gesto em direção à garrafa térmica —... É a prova de que não posso confiar em ninguém. - e girando nos calcanhares, disparou pela porta.

— Deixe-a ir. - ordenou Armand quando Reeve se encontrava no meio da sala.

— Está sendo vigiada. Estou lhe dizendo que minha filha está sendo vigiada. - repetiu, ao vê-lo continuar a caminhar em direção à porta. — Deixe-a ir. - as palavras não o teriam impedido, porém, o tom com que foram ditas, sim.

Estavam carregadas de dor, a mesma que ameaçara embargar a voz de Armand naquele dia na sala de espera do hospital. Apenas por aquele motivo, Reeve estacou à porta e voltou o olhar ao príncipe. — Não sabe que está sendo vigiada em todos os seus movimentos? - indagou Armand em tom calmo. — Tanto que sei onde ela passou a noite de ontem.

Demonstrando extrema fadiga, o príncipe se sentou. Reeve permaneceu onde estava, com o olhar estreitado. Não lhe passara despercebido o movimento dos criados próximo a Brie, mas pensara ter sido ordem de Alexander.

— O senhor mandou que ela fosse espionada?

— Eu a tenho mantido sob vigilância. - corrigiu Armand.

— Acha que arriscaria a segurança dela? Ou mesmo entregaria apenas em suas mãos competentes? Precisava de você por todas as razões que lhe expus, porém, no que concerne à vida de minha filha, lanço mão de todos os recursos. - o príncipe esfregou as mãos

sobre a face em um movimento rápido, porém o gesto denotava o primeiro sinal externo de tensão.

— Por favor, feche a porta e fique. Está na hora de você ficar sabendo mais do

que lhe contei.

Um homem tinha de confiar em seus instintos. Podia morrer ou viver por deles. Reeve fechou a porta com um movimento suave e caminhou em direção à mesa.

— Que tipo de jogo está executando, Armand?

— Um que manterá meu país e minha gente em paz. Que, espero em Deus, traga minha filha de volta, segura e íntegra. E que fará com que aqueles que desejam o contrário sejam punidos. - o príncipe pegou uma pedra macia e branca que se encontrava sobre a mesa. — Muito bem punidos. - sussurrou, enquanto apertava o objeto entre os dedos. Havia prometido a mesma coisa antes à esposa que tanto amou e perdeu.

— Sabe quem a seqüestrou. - afirmou Reeve em tom calmo, apesar da ira contida em sua vibração. — Sabia o tempo todo.

— Saber é uma coisa, suspeitar é outra. - a mão de Armand se fechava e se abria em torno da pedra. — Você também tem as suas suspeitas. - os olhos frios e severos fitavam Reeve. — Estou ciente de que investigou vários assuntos, estudou os fatos e criou certas teorias. Não esperava menos que isso. No entanto, não contava que dividisse seus pensamentos com Gabriella.

— Quem tem mais direito de saber do que ela?

— Sou o pai dela, porém, antes, um governante. Sou eu quem lhe dou ou não os direitos. - Reeve reconheceu a arrogância e o poder frio e sólido que até mesmo admirava.

— Você a usou.

— E a você também. - concordou Armand. — E a outros. O

panorama é muito abrangente e complexo para se resumir apenas ao seqüestro de minha filha. Vossa Alteza sereníssima Gabriella de Cordina foi seqüestrada. Minhas ações são resultado disso.

— Por que pediu para que eu viesse?

— Porque podia confiar em você, como lhe disse desde o início. Sabia que logo

se cansaria de ficar sentado à margem.

Raciocinaria, assimilaria e eventualmente agiria. Não tenho intenção de deixá-lo agir até que chegue o momento certo. Estamos quase lá.

— E por que a deixa no escuro? - indagou Reeve. — Não percebeu como ela está sofrendo?

— Acha que não tenho ciência disso? - a voz de Armand se elevou, enquanto o olhar tremeluzia. Quando jovem era conhecido e temido pela têmpera letal. Por um instante, o autocontrole construído ao longo de vinte anos quase desapareceu. — Gabriella é minha filha primogênita. Segurei-lhe as mãos, quando deu os primeiros passos, sentei-me ao lado da de sua cama quando se encontrava agitada pela febre, chorei junto a ela sobre o túmulo da mãe. - com o corpo rígido, o príncipe se ergueu e caminhou até a janela.

Inclinou-se para frente com os dedos cravados na madeira do peitoril. — O que fiz... - afirmou em tom mais calmo —... Foi por dever, não por falta de amor.

Se Reeve não acreditava em mais nada pelo menos cria naquilo.

— Ela precisa saber disso.

O orgulho e o arrependimento travavam uma luta no íntimo do príncipe, mas acima de tudo, estava a responsabilidade.

— A mente é algo delicado. Ainda não dominamos seu conhecimento. Gabriella, apesar de toda a força e determinação que possui, não conseguiu superar a decisão da própria mente de esquecer. Se pensa o contrário, por que não lhe contou de quem suspeita?

— Ela precisa de tempo. - retrucou Reeve, enquanto Armand se virava de costas.

— Sim. E não posso fazer nada além de lhe dar esse tempo.

Fui enfaticamente alertado pelo Dr. Kijinsky que se Gabriella for informada de tudo antes que sua mente esteja preparada para

escutar e aceitar, o choque poderá lhe causar colapso nervoso e permanecer sem memória para sempre.

— Ela está começando a se lembrar aos poucos.

— Quando um botão é acionado, a mente reage. Estudamos o suficiente para saber disso. - Armand continuava a mover a pedra entre as mãos. — Porém, se eu contasse tudo de que suspeito ou sei, seria como uma avalanche. Como pai, tenho de esperar. Como governante de Cordina, disponho de recursos para ser informado ou descobrir o que preciso saber. Sim, sei quem a seqüestrou e por quê.

- algo feroz brilhou em seu olhar. O caçador ou a caça o teriam entendido. — Porém, esse não é o momento certo de desmascará-

los. Preciso de tempo. Para alguém que trabalhou próximo...

Digamos, de intrigas governamentais em Washington... É

perfeitamente compreensível. Não é necessário negar. - continuou antes que Reeve pudesse formular uma resposta. — Estou bastante ciente do trabalhado que fazia.

— Era um policial.

— Mais que isso. - retrucou Armand, anuindo com um gesto de cabeça. — Mas não entraremos nesse assunto. Compreende que como governante devo obter provas contundentes antes de fazer qualquer acusação. Não posso demonstrar a fraqueza de um pai enraivecido pelo que fizeram a seu filho. Devo ser um juiz procurando por justiça. Algumas pessoas próximas a mim acreditam que devido à minha posição não estou atento às manobras, subornos e às falsas realezas que se arrastam sob a superfície de meu principado. Fico feliz que pensem assim. Alguns devem achar que pelo fato de ter Gabriella de volta, não investigaria o motivo do seqüestro. Uma das exigências do resgate era a libertação de vários prisioneiros. Todos os outros eram mera camuflagem. O objetivo era apenas um: libertar Deboque.

O nome fez vibrar um alerta na mente de Reeve. Ouvira-o com freqüência em sua menos divulgada missão na força policial.

Deboque era um homem de negócios bem-sucedido, que exportava

drogas, mulheres e armas. Lidava com tudo no mercado, desde substâncias

controladas a explosivos, vendendo-os pelo mais alto lance.

E tivera êxito, emendou Reeve, até que uma investigação de três anos o desmascarou e condenou. Acreditavam que durante os dois anos em que Deboque servia em local distante, continuava a orquestrar sua organização.

— Então acha que Deboque está por trás disso?

— Deboque mandou seqüestrar Gabriella. - afirmou Armand, conciso. — Temos apenas que provar por meio de quem executou o serviço.

— E você sabe? - Reeve estacou, conseguido por fim ra-ciocinar com frieza. Acusar alguém próximo causaria uma comoção.

Apenas provas incisivas confirmariam o envolvimento de Deboque e impediriam quaisquer manobras e maquinações políticas que estivessem em curso. — Deboque pode manipular o poder em Cordina mesmo dentro de um presídio?

— Ele acredita que já começou. Acho que com isso... -

Armand gesticulou em direção a garrafa térmica. — Seria apenas uma questão de estalar os dedos e escolher alguém. O próximo passo é mais difícil.

O príncipe observou as próprias mãos por alguns instantes, fitando o anel que somente ele podia usar. Um reflexo de emoção perpassou-lhe a face. Reeve julgou ser arrependimento.

— Disse-lhe que sabia onde Gabriella passou a noite.

— Sim. Comigo.

Mais uma vez, as emoções vieram à tona apenas para ser rapidamente controladas.

— É filho de um velho amigo e um homem por quem tenho um grande respeito, mas é difícil permanecer calmo, mesmo sabendo que foi minha filha a procurá-lo. Intellectualmente, aceito que Gabriella seja uma mulher, no entanto... - o príncipe estacou. —

Diga-me o que sente por ela. Desta vez falo como pai.

Ainda de pé, Reeve baixou o olhar para fitar Armand.

— Estou apaixonado por sua filha.

O príncipe sentiu a doce amargura que um pai costumava experimentar ao perceber que um filho dedica amor e lealdade a outra pessoa.

— Está na hora de lhe dizer o que já foi feito e pedir seu conselho. - Armand gesticulou para uma cadeira e esperou. Não houve mais perguntas. E então Reeve se sentou.

Conversaram de maneira calma por vinte minutos, embora cada um travasse sua guerra emocional particular. Armand caminhou até o bar e serviu duas doses de conhaque. O plano era sólido. Uma das principais razões que articulara para trazer Reeve a Cordina fora a vantagem de contar com a mente brilhante e a experiência do ex-policia.

Os suspeitos estavam sendo vigiados de perto. No momento que Brie começasse a se recordar, o próximo passo seria dado. Se tudo corresse como previsto, a princesa nunca estaria em perigo.

Porém, nem tudo sai sempre como planejado.

Brie adentrou seu escritório, tomada de irritação, para encontrar Janet arquivando alguns documentos. De imediato, com os papéis ainda em mão, a secretária girou e se curvou em uma reverência.

— Vossa Alteza! Não esperava que voltasse hoje.

— Preciso trabalhar. - encaminhando-se diretamente à mesa, começou a revolver alguns papéis. — Temos o menu exclusivo dos convidados que comparecerão ao jantar antes do baile?

— O calígrafo enviou um para ser submetido a sua aprovação.

— Sim, aqui está. - Brie ergueu o pesado papel de cor creme e deslizou o olhar pelas extraordinárias sugestões. Cada uma das sete constantes da lista era complementada por um tipo de vinho

diferente. Selecionara-as pessoalmente. Cada prato que seria servido passara por

sua aprovação prévia. Seria uma refeição que até mesmo os mais rígidos e exigentes gourmets aplaudiriam. Não apenas perfeito, mas um trabalho de arte, tanto no papel quando na realidade. Aquilo lhe fez a tempera ferver.

— Não vou tolerar isso. - vociferou Brie, atirando o menu sobre a mesa e se erguendo, em seguida, para caminhar pelo aposento.

— O menu está inadequado, Vossa Alteza?

— Inadequado? - com uma risada, a princesa enfiou as mãos nos bolsos. — Está perfeito. Chame o calígrafo e diga-lhe que foi aprovado. As cinqüenta pessoas que jantarão conosco na noite do baile terão uma refeição inesquecível. Afinal, esforcei-me para isso, não? - com um brilho de entusiasmo no olhar, Brie girou para fitá-la.

— Providenciei uma recordação duradoura para esse grupo seleta.

Sem saber o que responder, Janet permanecia próximo ao arquivo, segurando os papéis.

— Sim, Vossa Alteza.

— Ainda assim, até mesmo meu pai nega-me essa mesma cortesia.

— Estou certa de que o está interpretando mal. - começou a secretária. — O príncipe Armand...

— Escolheu tomar decisões por mim. - completou Brie em um rompante. — Fazer jogadas, esconder. Sei disso, embora haja centenas de outras coisas das quais não tenho conhecimento. Mas terei. - e cerrando os punhos. — E em breve.

— Está aborrecida. - Janet deixou os papéis de lado, perfeitamente ordenados para voltar a eles mais tarde. — Vou pedir para que lhe sirvam café.

— Espere. - Brie deu um passo à frente. — Quem prepara meu café, Janet?

Tomada de assalto pelo tom autoritário da voz da princesa, a secretária pousou o fone.

— A cozinha, é claro, Vossa Alteza. Vou telefonar para lá e...

Ocorreu à princesa que ela nem sequer sabia onde ficava a cozinha.

Alguma vez soubera?

— A cozinha também prepara a garrafa térmica para mim quando solicito? - a pulsação de Brie começou a acelerar, enquanto dava o próximo passo. — Quando saio, por exemplo.

A secretária fez um gesto vago com a mão.

— Prefere seu café bem forte. Habitualmente um servente antigo é que o faz para Vossa Alteza. A velha mulher russa.

— Minha babá. - murmurou Brie. Aquela não era a resposta que desejava.

— Sempre a ouvi brincar dizendo que o café dela é capaz de manter a temperatura sem necessitar da garrafa térmica. - a secretária exibiu um tênue sorriso para aliviar a tensão que pairava no ar. — Ela o ferve em seus aposentos e se recusa a dar a receita ao cozinheiro.

— Então é ela que me entrega a garrafa térmica antes de eu sair.

— Tradicionalmente, sim, Vossa Alteza. Da mesma forma que o príncipe Bennett designa a ela e não a seu valet a tarefa de pregar os botões de suas blusas.

Uma onda de náusea a assolou e se evanescer.

— Um antigo e confiável membro da família.

— Sim, ela deve se considerar mais do que um membro da criadagem, Vossa Alteza. A princesa Elizabeth preferia levá-la consigo quando viajava a escolher uma criada pessoal.

— Ela estava com minha mãe em Paris? Encontrava-se na companhia da princesa quando ela adoeceu?

— Contaram-me que sim, Vossa Alteza. Sua devoção à princesa Elizabeth era cega.

E distorcida?, imaginou Brie. De que forma? Quantas pessoas teriam oportunidade de se ocupar com aquela garrafa térmica?

Forçando-se a permanecer calma, continuou a perguntar.

— Sabe se rainha babá trouxe-me a garrafa de café no dia era que fui para a fazenda? O mesmo em que fui seqüestrada?

— Sim. - Janet hesitou por instantes. — Ela lhe entregou a garrafa aqui. Ocupava-se com algumas cartas antes de partir. Ela lhe trouxe o café, repreendendo-a para que não se esquecesse de levar um agasalho. Vossa Alteza riu e prometeu que não partiria sem levar um consigo e a despachou rapidamente. Estava impaciente por partir e então me disse que veria o resto da correspondência mais tarde. Pegou a garrafa térmica e saiu.

— Ninguém mais entrou aqui? - indagou a princesa. — Não houve interrupções entre a hora que a babá me trouxe a garrafa térmica e o momento em que parti?

— Ninguém entrou, Vossa Alteza. Seu carro estava estacionado de frente ao seu escritório. Eu a acompanhei até o veículo pessoalmente. Vossa Alteza... - em um gesto cauteloso, a secretária lhe estendeu a mão. — Será prudente insistir nessas coisas, pressionar a si mesma com detalhes como esses?

— Talvez não. - Brie aceitou a mão estendida por um instante antes de se voltar à janela. Deus! Como precisava conversar com uma mulher. Como necessitava confiar.

— Não precisarei mais de você por hoje, Janet. Obrigada.

— Sim, Vossa Alteza. Devo pedir seu café antes de me retirar?

— Não. - Brie quase não conseguiu conter uma gargalhada. —

Não estou com vontade. - porém, não conseguiria ficar ali, circundada por paredes, descobriu a princesa no momento em que a secretária a deixou sozinha. Com o pensamento fixo na vontade de tomar ar e sol, Brie saiu do escritório, embora não tivesse planejado aquilo e se dirigiu ao terraço, onde caminhara com Reeve em sua primeira noite de volta ao castelo. Ao local onde ele a beijara pela primeira vez. E no qual testara pela primeira vez os sentimentos adormecidos.

O lugar era diferente à luz do dia, pensou enquanto se dirigia à parede de pedra e se recostava a ela. Sim, mas não menos adorável.

Podia avistar as montanhas — verdadeiros amontoados de pedra —

que separavam Cordina do resto da Europa. Havia sido uma defesa formidável séculos antes, quando forças estrangeiras cobiçavam o pequeno país costeiro.

E então havia o mar em si, margeado por implacáveis paredes de pedra. Em alguns pontos estratégicos ainda estavam localizados canhões, reminiscências dos piratas, fragatas velozes e outros perigos vindos do mar.

A capital ficava próxima, serena em sua antigüidade e feliz com seu rótulo de "fantástica".

Brie a amava. Não necessitava de fatos ou detalhes do passado para justificar o sentimento que lhe devotava. Cordina era sua casa e refúgio. Passado e futuro. Cada dia que vivia ali, sentia aumentar a necessidade de estender a mão e alcançar o que lhe pertencia.

Cada dia que passava ali, aumentava o ressentimento de Brie contra o bloqueio que a impedia de fazê-lo.

— Vossa Alteza. - Loubet adentrou o terraço, arrastando o quadril discretamente.
— Espero não a estar incomodando.

Ele a interrompia, porém a educação demasiado arraigada a fez sorrir e estender as mãos. De qualquer forma, descobrira no jantar que compartilharam que ela gostava da jovem e bela esposa de Loubet. Achara doce da parte do enfezado e prático ministro de estado estar tão obviamente apaixonado.

— Está com boa aparência, monsieur.

— Merci, vôtre altesse. - o ministro lhe ergueu a mão, e lhe depositou um beijo suave. — Devo dizer que está radiante. Estar em casa é o melhor dos remédios, oui?

— Estava pensando... - girou para voltar à paisagem de Cordina

— que me sinto de fato em casa. Não tanto dentro do castelo, mas aqui fora.

Veio visitar meu pai, monsieur Loubet?

— Sim. Terei uma reunião com ele dentro de instantes.

— Diga-me, o senhor trabalha com meu pai há muitos anos. É amigo dele também?

— Assim me considero, Vossa Alteza.

Sempre tão reservado, pensou Brie, um tanto impaciente. E tão diplomático.

— Veja, Loubet, se não estivesse com amnésia, jamais lhe faria tal pergunta. Afinal... - lembrou-o a princesa com um leve arquear de sobrancelha —... Por aconselhamento seu, meu problema permanece sigiloso. Portanto, diga-me, meu pai tem amigos e o senhor é um deles?

O ministro não hesitou, porém não respondeu de imediato.

Loubet era o tipo de homem que sempre pensava meticulosamente no que dizer.

— Há poucos homens extraordinários no mundo, Vossa Alteza.

Alguns desses são também bons por natureza. O príncipe Armand é um deles. Grandes homens fazem inimigos e bons homens atraem amizades. Seu pai carrega o fardo de ter os dois.

— Sim. - com um suspiro, Brie se recostou à parede. — Acho que entendo o que quer dizer.

— Não sou cordiniano. - Loubet sorriu, enquanto volvia o olhar para a cidade que se espalhava a sua frente. — Por lei, o ministro de estado é francês. Amo meu próprio país. Posso afirmar francamente que não serviria ao seu se não fosse a afeição que tenho por seu pai.

— Desejava ser tão segura de meus sentimentos. - murmurou Brie.

— Seu pai a ama. - afirmou Loubet com uma gentileza que a fez cerrar as pálpebras para não ceder ao pranto. — Não tenha dúvida de que não há nada mais importante para o príncipe Armand do que seu bem-estar.

— Faz-me sentir envergonhada.

— Vossa Alteza...

— Não. Tem razão. Tenho muito em que pensar. -

desencostando-se da parede, a princesa lhe estendeu a mão outra vez. —
Obrigada, Loubet.

O ministro se curvou em uma reverência formal, fazendo-a sorrir. E então esqueceu-o ao virar de frente para a paisagem e pensar no próprio pai.

Nenhum dos dois prestou atenção ao jovem que arrumava vasos de flores mais adiante no terraço. Ou na robusta criada limpando os vidros do outro lado da porta.

Estava certa de que Armand estava lhe escondendo algo.

Porém, não sabia por que razão. Talvez fossem pessoas boas.

Ainda assim, aquilo não lhe diminuía o ressentimento. O que quer que o pai ou qualquer outra pessoa achasse que ela devia ou não devia fazer, teria de descobrir por si mesma.

Reeve a encontrou lá, após tê-la procurado em todos os lugares que pensara possíveis dentro do castelo. Teve de lutar para controlar a impaciência e o alívio quando adentrou o terraço. Armand lhe garantira que a princesa estava sendo vigiada — havia notado as duas pessoas ocupando-se de tarefas não tão próximos a Brie, mas perto o suficiente. Porém, o príncipe fora cauteloso o suficiente em contar com sua ajuda desde o início.

Após a conversa que tiveram, Reeve compreendera melhor o motivo pelo qual Armand solicitou a colaboração de um estranho, cujos sentimentos por Cordina ou pela família real eram superficiais.

Ou um dia foram, pensou ele, enquanto observava Gabriella.

Naquele momento, precisava de sua objetividade mais do que nunca. Porém, ela jamais lhe parecera tão inalcançável.

— Brie.

A princesa se voltou lentamente, como se estivesse ciente de sua presença ali o tempo todo. Os cabelos loiros se encontravam um tanto revoltos pelo vento, porém o olhar parecia calmo.

— Na primeira noite em que viemos aqui, estava cheia de questionamentos. E até agora, semanas mais tarde, muito pouco foi respondido. - Brie baixou o olhar para os anéis que lhe ornavam os dedos, as emoções conflitando com a lealdade.

— Não me dirá o que falou com meu pai depois que eu parti.

Aquela não era uma pergunta, mas Reeve sabia que a teria de responder.

— Seu pai está pensando em você acima de tudo, se isso lhe serve de consolo.

— E você?

— Estou aqui por sua causa. - ele se aproximou até que ambos ficassem mais uma vez sob a luz da lua. — Não há outra razão.

— Por minha causa. - a princesa lhe voltou o olhar, lutando para que o coração não lhe sobrepujasse a mente. — Ou para reafirmar um velho laço familiar?

— O que mais quer? - indagou Reeve. Quando ele lhe tomou as mãos não estava pensando na delicadeza delas, mas na força e no fogo do olhar da princesa. — Meus sentimentos por você não têm nada a ver com laços familiares. E minha estada aqui no momento tem tudo a ver com o que sinto por você.

Mas o que ele sentiria, perguntou-se Brie. Aquele homem parecia tão cauteloso em não lhe dizer. Seria tão difícil assim confessar seus sentimentos por ela? A princesa baixou o olhar para fitar as mãos entrelaçadas de ambos. Talvez fosse difícil para ele, refletiu. Nem todos os contos de fada tinham finais felizes. Reeve não era um cavaleiro galopante que arrebatava a princesa em seu cavalo e a levava consigo. Era um homem. Não entregara o coração a um cavaleiro.

— Quero que isso termine. - continuou ela, se referindo a tudo desde o passado obscuro ao presente incerto. — Quero sentir-me segura outra vez.

Para o diabo a objetividade e os planos! Reeve a segurou pelos ombros.

— Eu a levarei para os Estados Unidos por um tempo.

Perplexa, ela pousou a mão em um dos braços de Reeve, não sabia dizer se amparando-se ou o refreando.

— Para os Estados Unidos?

— Pode ficar comigo em minha fazenda até que tudo isso termine.

Até. A palavra significava que algo teria um fim. Terminaria.

Deixou cair a mão.

— Isso tudo começou comigo. Não posso fugir.

— Não há razão para que continue aqui. - de repente, Reeve percebeu o quanto aquilo poderia ser simples. Ela estaria longe dali.

Daquela forma, poderia mantê-la em segurança. Armand teria que alterar seus planos.

— Tenho todas as razões para ficar. Minha vida está perdida em algum lugar por aqui. Como poderei encontrá-la a quilômetros de distância?

— Quando estiver pronta para lembrar, você o fará. Não importa onde estiver.

— Para mim importa. - Brie se afastou, caminhando para trás até se recostar à parede. O orgulho estava de volta. Uma parte de herança genética como a cor de seus olhos. — Julga-me uma covarde? Pensa que viraria as costas e fugiria das pessoas que me usaram? Meu pai lhe pediu que me propusesse isso para que dessa forma eu não fizesse mais perguntas?

— Sabe que não.

— Não sei de nada. - retrucou a princesa. — A não ser que todos os homens da minha vida parecem compelidos a me proteger de algo do qual não quero ser protegida. Esta manhã disse-me que trabalharíamos juntos.

— Estava sendo sincero.

Ela o observou cuidadosamente.

— E agora?

— Ainda penso assim. - porém, Reeve não lhe contou o que sabia. Tampouco o que sentia.

— Então será isso que faremos. - porém, ela não lhe contou o que ficara sabendo. Tampouco do que necessitava.

Ainda assim, ambos deram o passo à frente. E estenderam as mãos, colando-se um ao outro, embora estivessem cientes de tudo que se interpunha entre eles.

— Gostaria que estivéssemos sozinhos. - murmurou ele. —

Realmente sós, como naquele dia no barco.

Brie meneou a cabeça antes de enterrar a face no peito musculoso.

— Não posso. Não haverá tempo antes do baile para fazê-lo.

Tenho muitas obrigações.

"Ambos temos", pensou ele.

— Então iremos depois do baile.

— Sim, depois. - ela manteve os olhos fechados por alguns instantes. — Pode fazer-me uma promessa? Uma tola promessa?

Reeve lhe beijou uma das têmporas.

— O quanto tola?

— Sempre prático. - sorrindo, Brie se inclinou para trás. —

Quando minha memória voltar e tudo isso tiver acabado por completo, passará um dia inteiro navegando comigo?

— Essa promessa não me parece tola.

— Diz isso agora. - Brie uniu as mãos por trás do pescoço largo e o manteve cativo, mesmo que apenas por um momento. — Mas prometa.

— Prometo.

Com um suspiro enlevado, a princesa se fundiu a ele.

— Vou cobrar a promessa — preveniu-o ela.

Quando os lábios de ambos se encontraram, ambos recordaram aquele momento mágico quando estavam sozinhos no mar.

Capítulo XI

— Então disse ao professor Sparks que um homem teria de ser feito de pedra para se concentrar em Homero quando há na classe uma mulher com a aparência de Lisa Barrow.

— Ele concordou? - indagou a princesa, distraída, a Bennett, enquanto observava o recém-polido candelabro ser repostado no lugar.

— Está brincando? Ele é um pedante. - sorrindo, o irmão caçula levou as mãos aos bolsos traseiros da calça. — Mas tenho um encontro com a divina Srta. Barrow.

Brie riu, divertida, repassando a longa lista de anotações que prendera a uma prancheta.

— Deveria lhe dizer que não irá para Oxford para engrossar seu livrinho preto.

— Mas não o fará. - descontraído, Bennett deslizou o braço por sobre os ombros da irmã. — Você nunca me dá lição de moral. Dei uma olhada na lista de convidados. Foi um prazer constatar que a lasciva Srta. Lawrence comparecerá.

Aquilo lhe atraiu a atenção. Brie baixou a prancheta e lhe volveu uma carranca.

— Bennett, a Srta. Alison Lawrence tem quase trinta anos e é divorciada.

O irmão lhe voltou seu mais charmoso olhar inocente, en-tremeado de pura perversidade.

— E daí?

Brie meneou a cabeça. "Bennett nasceu prematuro?", imaginou ela.

— Talvez devesse lhe dar uma lição de moral.

— Deixe isso com Alex. Ele é bem melhor que você nesse aspecto.

— Assim parece. - murmurou ela.

— Nosso irmão já andou lhe pregando sermões?

Brie franziu o cenho mais uma vez ao observar o próximo candelabro ser erguido.

— Ele costuma fazer isso?

— É o jeito dele. - a lealdade estava presente. Demasiado forte para se abalar.

— O príncipe perfeito.

A face de Bennett se iluminou.

— Ora, você lembra...

— Dr. Franco me contou.

— Oh. - o braço do irmão se apertou em torno dos ombros de Brie tanto em um gesto reconfortante quanto por desapontamento.

— Não tive muito tempo para conversar com você na noite passada quando entrei. Queria lhe perguntar como estava.

— Gostaria de poder lhe dizer. - e voltando-se para os homens que adentravam, carregando mesas de sete metros de comprimento.

— Próximo à janela, por favor. - elas seriam cobertas com toalhas de linho branco, pensou Brie enquanto verificava mais uma vez a lista, e em seguida, cobertas com delicatessens que tomariam a longa noite do baile mais apetitosa.

— Fisicamente, o Dr. Franco concorda, com certa relutância, que estou bem. Acho que ele quer me mimar por mais algum tempo, porém, tudo mais é complicado.

O irmão lhe tomou a mão, girando o anel de diamantes de modo que as facetas captassem a luz.

— Acho que esta é uma das complicações a que se refere.

Bennet percebeu-a tencionar e em seguida relaxar.

— Apenas temporariamente. Tudo voltará a seu lugar em breve.

- Brie pensava nos sonhos e na garrafa térmica. — Bennett, quero lhe perguntar algo sobre a babá. Acha que ela está bem?

— A babá? - o caçula lhe voltou um olhar surpreso. — Ela está doente? Ninguém me contou.

— Não quis dizer doente. - a princesa hesitou, porque as regras da lealdade a confundiam. Por que simplesmente não contava o que suspeitava da velha babá e acabava logo com aquilo? — Mas está um tanto idosa, e as pessoas nessa idade costumam se tomar estranhas ou...

— Senil? A babá? - Bennet soltou uma gargalhada ao mesmo tempo em que lhe apertava a mão. — Aquela mulher tem uma mente tão sólida quanto um tijolo. Se ela está apertando o cerco sobre você é apenas por que se sente no direito de fazê-lo.

— Claro. - as dúvidas de Brie não evanesceram, porém, resolveu guardá-las para si.

Observaria e esperaria, como havia prometido a si mesma.

— Há rumores de que você e Reeve formam o casal da década.

— Oh? - a princesa se limitou a erguer o sobrolho, porém, o polegar se moveu de imediato para o anel de diamantes no dedo anular direito. — Ao que parece estamos desempenhando bem nosso papel.

— É disso que se trata? De um jogo?

— Oh, não você! - impaciente, Brie afastou-se do irmão em direção às portas do terraço. — Já tive essa conversa com Alexander.

— Não se trata de meter meu nobre nariz em seus assuntos. -

igualmente impaciente, o irmão a seguiu. Embora estivessem quase discutindo, mantinham o tom de voz baixo. Os criados eram conhecidos por suas excelentes capacidades auditivas. — É natural que esteja preocupado.

— Estaria tão apreensivo se o noivado fosse verdadeiro? – a voz da princesa soava demasiado fria. Aquilo por si só respondia à pergunta de Bennett. Porém, não lhe dava certeza se deveria sentir-se aliviado ou perturbado.

— Sinto-me culpado. - afirmou o caçula após um instante de silêncio. — Afinal, foi mais ou menos uma idéia minha e...

— Sua? - indagou Brie, atirando a prancheta sobre uma mesa com um estalido.

Bennett titubeou um pouco, desejando ter ficado de boca fechada e olhos abertos. Se havia algo que costumava evitar era argumentar com uma mulher, pois estava sempre destinado a perder.

— Bem, alertei papai para o fato de que seria estranho Reeve segui-la por todos os lugares, morar aqui e... diabos! - frustrado com a aparente calma e olhar gélido da irmã, deslizou as mãos pelos cabelos. — O fato suscitou muitos comentários. Commérage.

— E o que tenho a ver com as fofocas?

— Nunca teve de lidar com esse tipo de falatório antes. - a voz do jovem príncipe não se mostrava amarga, mas resignada. — Veja, Brie, posso ser o mais novo de nós três, mas sou eu que possuo maior experiência em estampar as capas dos tablóides.

— Justificadamente, pelo que vejo.

Ele também podia se mostrar bastante nobre.

— Sim, concordo. Mas enquanto escolhi viver minha vida de certo modo, você não o fez. Não suportaria ver seu nome e foto estampados e ridicularizados por todos os cantos. Pode aborrecer-se o quanto quiser. Prefiro vê-la zangada a vê-la ferida outra vez.

Poderia estar furiosa com ele. Sentia-se no direito de estar.

Poderia lhe dizer em tom incisivo para se manter fora de seus assuntos, que devido à interferência dele, tomara-se ainda mais vulnerável do que qualquer escândalo lograria fazer. O anel que ostentava no dedo era uma farsa. Um apoio. Um dia volveria o olhar à mão e ele haveria desaparecido. Estaria tudo acabado.

Poderia estar zangada, mas o amor transbordou dentro dela, caloroso e doce. Bennett era jovem e possuía uma ternura inata.

— Droga, Bennett! - porém os braços da princesa o envolveram.

— Deveria estar aborrecida com você.

O caçula roçou a face à têmpora de Brie.

— Não poderia imaginar que se apaixonaria por ele. Seria fácil negar os sentimentos e salvar um pouco de seu orgulho. - porém, em vez disso, a princesa meneou a cabeça e deixou escapar um profundo suspiro.

— Tampouco eu.

Quando Brie recuou, avistou um criado de libré que adentrava, acompanhado de duas mulheres. Deixara instruções para que

Christina Hamilton e a irmã fossem trazidas à sua presença tão logo chegassem,

Pelas fotos e reportagens de jornais que haviam lhe dado, Brie reconheceu a esguia e deslumbrante morena trajada em um terninho St. Laurent. Nada sentiu, com exceção de um momento de pânico.

O que deveria fazer? Poderia correr em direção a ela ou apenas sorrir e esperar. Costumava ser polida ou calorosa, amorosa ou divertida? Como odiava não ser capaz de se lembrar.

— Ela é sua melhor amiga. - murmurou Bennett ao ouvido da irmã. — Costumava dizer que tinha irmãos pelo nascimento, porém uma irmã, por sorte. É Christina.

Aquilo foi o suficiente para lhe dirimir o pânico. Ambas as mulheres deram início às cortesias. A mais jovem com os olhos fitos no príncipe e a mais velha sorrindo para Brie. Seguindo o próprio instinto, Brie cruzou a sala, esticando

ambas as mãos. Christina a encontrou no meio do caminho.

— Oh, Brie! - rindo, extasiada, Christina a deteve à distância de um braço. A princesa percebeu que o olhar era suave, porém, repleto de ironia. — Está deslumbrante, deslumbrante, deslumbrante! - e então Brie se viu envolvida em um caloroso abraço. A fragrância cara e feminina da amiga não lhe era familiar, porém, o pânico que sentira desapareceu.

— Estou feliz que tenha vindo. - Brie deixou que a face descansasse contra os cabelos habilmente presos de Christina. O

gesto não era falso, percebeu ela. Precisava de uma amiga, apenas uma amiga, não um familiar ou um amante. — Deve estar exausta.

— Oh, sabe que voar me deixa excitada por horas. Emagreceu.

Que cruel de sua parte!

Brie sorria quando recuou.

— Apenas um quilo e meio.

— Apenas um quilo e meio. - repetiu Christina, revirando os olhos. — Terei de lhe contar os horrores daquele dispendioso SPA no qual me hospedei meses atrás. Ganhei um quilo e meio. Príncipe

Bennett. - Christina estendeu a mão em um gesto causal, esperando que ele a beijasse. — Deus do céu! É o ar de Cordina que está fazendo todo mundo parecer tão radiante?

Bennett não a desapontou. Porém, quando os lábios do rapaz roçaram-lhe as juntas dos dedos, seu olhar se voltou a Eve.

— Devo dizer que o ar de Houston deve ser mágico.

O olhar não passou despercebido a Christina. Assim como o beijo na mão, esperara aquilo também. Afinal, Eve não era uma jovem que os homens pudessem ignorar. E tal característica a preocupava.

— Príncipe Bennett, creio que não conheça minha irmã.

Bennett já havia tomado nas suas a mão de Eve. Os lábios do príncipe se demoraram sobre ela por mais tempo do que haviam se detido na da irmã. Porém, alguns segundos poderiam ser uma eternidade. Notou a cascata farta e preta de cabelos, os olhos azuis poéticos e sonhadores e a curva generosa dos lábios carnudos. Seu jovem coração se perdeu facilmente.

— Prazer em conhecê-lo, Vossa Alteza.

O tom de voz não era de uma menina, mas de uma mulher tão farta e profunda como a textura e a cor dos cabelos longos.

— Está com ótima aparência, Eve. - elogiou Brie, tomando as mãos da jovem no intuito de deter o irmão. — Fico feliz que tenha vindo.

— É exatamente como descreveu. - declarou Eve, lançando-lhe um sorriso repentino e franco. Tão natural quanto o alvorecer. —

Não fui capaz de observar detalhadamente, pois não tivemos tempo.

— Então deveria fazê-lo com calma. - sugeriu Bennett, deixando a irmã de lado com um movimento suave. — Proporcionar-lhe-ei um tour. Estou certo de que Brie e Chris têm muito que conversar. - curvando-se em uma meia reverência às demais mulheres, guiou Eve em direção à porta. — O que gostaria de conhecer primeiro?

— Bem... - indecisa se devia franzir o cenho ou rir, Brie fitou os dois jovens que se afastavam.

— Ele é rápido.

— Eve também não é de se arrastar. - Christina bateu com o pé no chão várias vezes em um gesto impaciente e depois resolveu esquecê-los. Afinal, não poderia bancar a babá a vida toda. — Está muito ocupada?

— Não muito. - retrucou Brie, reorganizando a agenda na mente. — Amanhã não terei tempo nem sequer de respirar.

— Então vamos aproveitá-lo agora. - Christina entrelaçou o braço no da princesa. — Podemos tomar chá com biscoitos em seus aposentos, como costumávamos fazer? Não posso acreditar que se passou um ano. Temos muito o

que atualizar.

"Se você soubesse o quanto!", refletiu Brie enquanto se movia pelo corredor ao lado da amiga.

— Conte-me sobre Reeve. - pediu Christina, enquanto retirava um biscoito rosa da bandeja.

Brie movia a colher na xícara repetidas vezes, embora tivesse esquecido de acrescentar açúcar à bebida quente.

— Não sei o que lhe dizer.

— Tudo. - exigiu a amiga em tom dramático. — Estou me mordendo de curiosidade. - retirou os sapatos, jogando-os para o lado e entrelaçou as pernas. A excitação causada pela viagem de avião dando lugar ao relaxamento. No entanto, havia percebido que a princesa não aparentava calma. Por fim, optou por esquecer aquilo, quase que por completo, acreditando ser a tensão causada pela proximidade do baile. — Não precisa me falar sobre a aparência de seu noivo. - Christina fez um gesto com a mão que segurava a metade do biscoito. — Vejo as fotos dele toda vez que abro uma revista. Ele é divertido?

Brie pensou sobre o dia que passaram no barco e nos passeios que de vez em quando faziam ao longo da costa. Os jantares

dançantes em que compareceram, quando Reeve lhe murmurava algo rude, porém divertido ao ouvido.

— Sim. - aquilo a fez sorrir. — Ele é bastante divertido. Forte, inteligente e um tanto arrogante.

— Foi atingida em cheio. - murmurou Christina, observando a expressão da amiga. — Fico feliz por você.

Brie tentou um sorriso, mas quase não conseguiu esboçá-lo, optando por apenas erguer a xícara.

— Irá conhecê-lo em breve e julgar por si mesma.

— Hmmm. - Christina observou a bandeja repleta de biscoitos finos e,

repreendendo a si mesma, se contentou em pegar apenas um. — Isso é uma das coisas que mais me intriga.

De imediato em alerta, Brie pousou a xícara de chá outra vez.

— O que a intriga?

— Bem... onde o conheceu? Não acredito que encontrou esse homem maravilhoso, inteligente e um tanto arrogante no ano passado quando estava nos Estados Unidos, e em seguida ficou comigo três dias em Houston sem dizer uma palavra sobre o assunto.

— A realeza é treinada para ser discreta. - apressou-se em explicar a princesa, fingindo interesse nos biscoitos.

— Não tão discreta. - argumentou Christina com a boca cheia.

— Na verdade, lembro-me de ter dito que não havia ninguém em sua vida e não estava interessada em ninguém em particular. Concordei enfática, pois havia acabado de terminar um relacionamento desastroso.

Brie sentiu-se afundar.

— Acho que não estava certa de meus sentimentos. Tampouco dos dele.

— Como conseguiram se relacionar a distância?

— Nossos pais são muito ligados. - e desenterrando algo que Reeve lhe dissera um dia e que quase havia esquecido,

— Na verdade, conhecemo-nos anos atrás, aqui em Cordina.

Na minha festa de 16 anos.

— Não vai me dizer que se apaixonou por ele naquela época?

Brie limitou-se a dar de ombros. Como poderia confirmar ou negar o que não sabia?

— Bem... - começou Christina, servindo-se de mais chá. Por achar a história demasiado romântica, esqueceu os detalhes. — Isso certamente explica por que

não se mostrava interessada em todos aqueles homens maravilhosos em Paris. Estou muito feliz por você.

- a amiga pousou a mão sobre a de Brie num gesto breve e suave.

Um toque de amizade que encheu os olhos de Brie de lágrimas. —

Fico feliz por ele ter ficado aqui com você depois... - Christina estacou, não mais interessada no chá. Quando baixou as pernas, tocou a mão da princesa outra vez. — Gostaria que falasse sobre isso comigo. A imprensa é muito vaga. Sei que ainda não capturaram os responsáveis e não consigo suportar essa idéia.

— A polícia está investigando.

— Mas não conseguiram prender ninguém. Consegue relaxar enquanto não o fizerem? Eu não.

— Não. - incapaz de permanecer sentada, Brie se ergueu, unindo as mãos. — Não consigo. Tentei seguir em frente com minha rotina, mas é como se estivesse apenas esperando em vão.

— Oh, Brie! - no mesmo instante, Christina estava ao lado dela, abraçando-a. — Não quero pressioná-la, mas sempre dividimos tudo. Senti-me tão assustada por você. - uma lágrima transbordou do olho da amiga, mas ela a limpou, impaciente. — Diabos! Disse a mim mesma que não faria isso, mas não consigo evitar. Toda vez que penso como deve ser abrir um jornal e ler os títulos das manchetes...

Brie deu um passo atrás, fugindo da emoção.

— Não deveria pensar sobre isso. Acabou.

As lágrimas de Christina se dispersaram, dando lugar à perplexidade.

— Desculpe-me. - ressentida, sem saber exatamente por que, a amiga desviou o olhar, procurando pela bolsa. — Às vezes, é muito fácil esquecer quem você é e as regras pelas quais tem de se pautar.

— Não. - dividida entre o instinto e a promessa que fizera, a princesa hesitou. — Não vá, Chris. Preciso... oh, Deus! Preciso falar com alguém. - e fitando a

amiga, escolheu. — Somos grandes amigas, não? - a dor e a perplexidade se transformaram em desorientação.

— Brie, sabe que...

— Não, conte-me.

Christina pousou a bolsa outra vez.

— Eve é minha irmã. - afirmou ela em tom calmo. — E eu a amo.

Não há nada no mundo que não fizesse por ela. É assim meu amor por você.

Brie fechou os olhos por um breve instante.

— Sente-se, por favor. - esperou que a amiga obedecesse e se acomodou ao lado dela. Em seguida, inspirando profundamente, contou tudo a Christina.

Apesar de a amiga ter empalidecido um pouco e arregalado os olhos, interrompeu-a apenas duas vezes para esclarecer dúvidas.

Quando Brie concluiu a história, Christina permaneceu em silêncio por um longo instante. Mas os vulcões por vezes também se apresentam inativos.

— Isso está cheirando mal. - declarou ela com seu sotaque texano arrastado, fazendo Brie piscar várias vezes.

— Como?

— Isso está cheirando mal. - repetiu Christina. — Políticos geralmente fedem e os americanos são os primeiros a dizer isso, mas está realmente cheirando mal.

Por alguma razão a opinião incisiva e grosseira da amiga a fez se sentir confortável. A princesa sorriu e num gesto distraído esticou a mão para pegar um biscoito.

— Não posso culpar os políticos. Afinal, concordei com tudo.

— Bem, o que poderia fazer, pelo amor de Deus? - exasperada, Christina se ergueu e se encaminhou a uma pequena cômoda de cerejeira. Descobriu que desejava desesperadamente quebrar alguma coisa. Qualquer coisa. —

Encontrava-se fragilizada, desorientada e assustada.

— Sim. - murmurou Brie. — Eu estava. - observou a amiga inspecionar o conteúdo sobre o móvel localizar um fino recipiente de conhaque.

— Preciso de um conhaque. - declarou Christina, servindo-se sem cerimônia. — E você?

— Mmmm. - Brie anuiu em consentimento. — Nem sequer sabia que essa garrafa estava aí.

Christina deixou cair um pouco da bebida fora do corpo, e soltando um xingamento, limpou com o dedo a gota que escorregava.

— Você se lembrará. - caminhou resoluta de volta ao lugar onde estava, com o olhar brilhante e determinado, quando entregou uma dose a Brie. — Recuperará a memória, pois é demasiado obstinada para não fazê-lo.

Pela primeira vez, a princesa acreditou naquilo, sem reservas.

Tomada de algo como uma espécie de alívio, tocou o ombro da amiga.

— Obrigada.

— Se não tivessem me deixado fora disso, estaria aqui há semanas. - e emitindo resmungos inaudíveis, Christina sentou-se no braço do sofá. — Seu pai, aquele Loubet e o extraordinário Reeve deveriam ser reunidos, encurralados e chicoteados. Gostaria de lhes dizer umas verdades.

Brie riu, divertida, com os lábios encostados à beirada do copo.

Era exatamente aquilo de que necessitava, concluiu, um contrapeso à feroz proteção dos homens que se preocupavam com ela.

— Acho que deveria fazer isso.

— Claro que sim. Estou surpresa de não tê-lo feito.

— Na verdade, já o fiz.

— Isso sim parece com você.

— O problema é que meu pai fez o que achava melhor para mim e para o país. Loubet, o que julgou mais proveitoso ao país. Não os posso culpar por isso.

— E Reeve?

— E Reeve. - Brie desviou o olhar do copo para encará-la. —

Estou apaixonada por ele.

— Oh. - deixou escapar Christina, estudando o semblante da amiga. Já havia decidido permanecer em Cordina até que tudo estivesse resolvido. Naquele momento decidiu que era crucial que o fizesse. — Então essa parte é real.

— Não. - a princesa se forçou a não baixar o olhar ao anel. —

Apenas meus sentimentos são verdadeiros. O resto é exatamente como lhe contei.

— Ah, bem, isso não é problema.

Embora não desejasse piedade, esperava um pouco de apoio.

— Não?

— Claro que não. Se o quer, você o terá.

Um misto de divertimento e interesse perpassou a face de Brie.

— É mesmo? Como?

Christina sorveu um gole do conhaque.

— Se não se recorda dos homens que teve de repelir de seu pé, não vou ser eu que lhe contarei. Não faz bem a meu ego. Afinal, eles não merecem. - e tocando o corpo no da princesa.

— Quem não merece?

— Os homens. - Christina cruzou os pés e observou os dedos através das meias transparentes. — Não valem à pena. São todos uns cafajestes.

De alguma forma, Brie pressentiu que ambas haviam tido aquela conversa antes. Uma risada se formou em sua garganta.

— Todos?

— Cada um deles, abençoados sejam.

— Chris. - Brie estendeu a mão. — Fico feliz que tenha vindo.

A amiga se inclinou e roçou-lhe a face.

— Eu também. E agora por que não me acompanha até meu quarto e me ajuda a escolher algo deslumbrante para vestir no jantar desta noite?

Quando Reeve adentrou os aposentos da princesa, ela não se encontrava lá. Observou a bandeja com alguns resquícios de biscoitos, o bule de chá frio e os copos de conhaque vazios.

Interessante, pensou. Sabia que Brie bebia pouco e quase nunca durante o dia. Concluiu que talvez ela estivesse relaxada ou preocupada.

Informaram-no de que Brie estava recepcionando Christina Hamilton da família Hamilton de Houston. Girando nos calcanhares, estudou as reminiscências do pequeno lanche. Pesquisara a velha amiga de faculdade da princesa. Não podiam se dar ao luxo de arriscar. Com um telefonema ao um colega em D.C., que lhe devia um favor, Reeve se inteirou de tudo desde o nascimento de Christina Hamilton até seu extrato bancário. Não constatou nada de anormal.

Ainda assim, sentia-se desconfortável.

Não desconfortável, admitiu, enquanto vagava pela sala de estar de Brie, porém enciumado pelo fato de a princesa estar passando o tempo ao lado de outra pessoa. Aquilo era ridículo.

Detestava a idéia de estar tão ligado a uma mulher que fosse incapaz de ficar uma tarde longe dela. Odiava se achar tão irracional ou entregue.

Aquilo se devia à segurança dela. Seus sentimentos por Brie estavam mesclados à preocupação. Era natural, porém não confortável. Quando não houvesse mais razões para se preocupar, talvez seus sentimentos mudassem. Era lógico. Seria

melhor assim.

Porém, pensou melancólico, aquilo era bastante improvável.

Podia sentir a fragrância dela naquele momento, não obstante o perfume delicado das flores espalhadas em vasos pelos cantos do

apartamento. A fragrância francesa feminina e muito sexy que Brie exalava estava impregnada no ambiente. Podia visualizá-la sentada no sofá de dois lugares, sorvendo goles do chá e mordiscando um biscoito, em um gesto distraído. A princesa comia pouco.

Houve momentos de tensão ali. Reeve estava certo daquilo e detestava o pensamento. Talvez se sentisse desonesta, con-versando com uma velha amiga que no momento lhe era uma estranha.

Seria essa a razão pela qual se sentia tão fortalecido? Afinal, de todas as pessoas da vida de Brie, era o único a não ter laços fortes com o passado, do qual ela não se recordava. Não havia anos de lembranças ligando-os um ao outro ou os separando. Apenas o presente.

E aquela noite, anos antes, quando haviam dançado uma valsa sob os reflexos prateados da lua.

Idiota, admoestou-se Reeve, deslizando uma das mãos pelos cabelos. Não se considerava um ingênuo para pensar que, mesmo sem a amnésia, Brie se recordaria de algumas danças com um homem na festa de seus 16 anos. Apenas porque ele nunca fora capaz de se esquecer. Estivera apaixonado por Brie durante todo aquele tempo? Pela imagem dela?

Reeve pegou um brinco que a princesa havia retirado e largado negligentemente sobre a mesa. Era uma peça de ouro e diamantes.

Complexo e simples, mudava de cor quando movimentado — como uma mulher. Como aquela mulher. Girou a jóia nos dedos por alguns instantes e imaginou se ainda era a imagem que o cativava.

Conhecia-a muito bem, pensou ele. Muitos detalhes que sequer eram de sua conta. Brie apreciava a água do banho muito quente, colecionava fotos antigas de pessoas que não pertenciam a seu meio. Uma vez, acalentara o sonho secreto

de dançar no Royal Ballet. Com 15 anos, aventou a possibilidade de estar apaixonada por um jovem jardineiro. Tomara conhecimento daqueles pequenos e tolos detalhes da vida de Brie antes que ela o fizesse. Roubara-os

do diário que tivera de ler para fazer o trabalho que lhe requisitaram.

Quando a princesa recuperasse a memória e o fitasse, o quanto se ressentiria da invasão de privacidade?

Conhecia as duas pessoas que a haviam seqüestrado, alterando-lhe a vida e lhe roubando o passado. Sabia quem eram e o que os motivou. Porém, para a própria segurança da princesa, ainda não podia lhe revelar. Tudo que tinha a fazer era observá-la e protegê-la. E quando ela ficasse sabendo de tudo, e o fitasse nos olhos, quanto se ressentiria por ter sido enganada?

Como poderia lhe dizer que as duas pessoas tão próximas, nas quais confiava, conspiraram contra ela? Usaram-na? Talvez aquilo fosse suficiente para lhe aliviar a consciência, mas que efeito teria em Brie?

Havia chegado a um ponto em que não podia se arriscar. Ouviu a porta do quarto se abrir e permaneceu parado com o brinco na mão.

— Sim, obrigada, Bernadette. Se puder me preparar um banho, cuidarei eu mesma de meus cabelos. Jantaremos em família esta noite.

— Sim, Vossa Alteza.

Reeve ouviu a criada se mover com rapidez em direção ao banheiro e em seguida a água fustigar a porcelana. Imaginou Brie se despindo. De modo lento, desabotoando a blusa bordada que a vira vestir aquela manhã. Estranho, pensou ele. Viu Brie se vestir nas manhãs que acordaram juntos, porém, nunca a vira se despir.

Quando vinha até o quarto da princesa ela estava trajada em um robe, uma camisola de dormir ou o aguardando sem uma peça de roupa sobre o corpo. Decidido, pousou o brinco e atravessou a sala de estar em direção ao quarto.

Brie se encontrava parada em frente ao espelho, porém ainda não havia removido a roupa. Em um dos compartimentos do armário havia uma pequena caixa de porcelana sem a tampa, de onde a

princesa retirava grampos, um por um e com eles prendia os cabelos.

Parecia pensativa, porém não sobre o que estava fazendo, pensou Reeve. Os olhos topázio não se encontravam focados no reflexo do espelho e tinha uma expressão suavemente sorridente, como se estivesse feliz. Não era comum Brie sorrir daquela forma.

A empregada adentrou para pegar um robe no dosei. Se notou a presença de Reeve à porta da sala de estar, não deu a demonstrar.

Enquanto a criada pousava o roupão sobre a cama, Brie ajustava o último grampo.

— Obrigada, Bernadette. Não precisarei mais de você esta noite. - continuou a princesa com o esboço de um sorriso. — Amanhã a deixarei exausta.

A criada se curvou em uma reverência e Reeve aguardou.

Quando a porta se fechou com delicadeza, ele permaneceu onde estava. Brie repôs a tampa na caixa, deslizando os dedos pela porcelana após colocá-la no lugar. Deixando escapar um discreto suspiro, descalçou os pés e se espreguiçou com os olhos fechados.

Afastando-se

do

espelho,

encaminhou-se

ao

pequeno

compartimento de som e ligou o CD player. A música era calma e quente. Algo escutado através das janelas em noites de verão.

Desabotoou a calça comprida cinza, deixando-as cair ao chão.

Enquanto Reeve a observava, a princesa se abaixou para apanhá-

la, deslizou a mão pelo comprimento da peça, alisando as rugas e pousou sobre a cama.

Com a mente absorta na música, abriu um por um dos botões da blusa. Por baixo, usava uma camiseta cinza de seda sem babados. O tecido fino era tão macio quanto a pele alva. Escorregou uma das alças finas pelo ombro antes de Reeve dar um passo à frente.

— Gabriella.

Teria se sobressaltado ou gritado se não reconhecesse voz masculina. Girou lentamente, pois reconheceu o desejo impregnado

no tom rouco. Ele estava parado dentro do quarto, porém podia sentir o calor que emanava do corpo másculo, que de imediato a excitou. Reeve não se movia, apenas a observava, mas Brie sentiu o toque sensual deslizar por cada centímetro de sua pele. O sol ainda era forte o suficiente para clarear o quarto, porém os pensamentos da princesa se tomaram obscuros e luxuriosos.

Sem dizer uma palavra, ela estendeu a mão.

Taciturno, Reeve se moveu em direção a ela.

Falavam pelo toque, pelo roçar dos dedos, pela pressão das palmas das mãos. Você me pertence. Tenho esperado por você.

Ansiado por você. Os lábios se uniram em silêncio, porém centenas de coisas eram ditas. Isso é tudo que desejava. Você é tudo de que eu precisava. Você. Brie o despiu, sem pressa. Ambos experimentavam o desejo intenso a ponto de doer. Aquilo era extraordinário. Desceu a camisa pelos ombros largos e ainda assim, seu nome fora a única palavra que haviam trocado. Em um acordo tácito, deitaram-se na cama.

Nunca imaginara que uma mulher pudesse suscitar-lhe um desejo tão intenso. Precisava apenas pensar nela para desejá-la.

Porém, tocá-la... senti-la, macia e forte contra seu corpo, era o suficiente para fazê-lo esquecer que tivera uma vida antes dela.

Deslizou as mãos sobre a seda da camiseta, sentindo-a aquecida pela fricção e

movendo-se sob ele. A pele alva e a seda escorregavam por seu corpo. Tentação. As mãos delicadas exploravam-no, procurando e dando prazer. Desejo. Ura beijo se perpetuou até que ambos se sentissem cercados pela doce sensação. Entrega. Brie se tomou débil, enfraquecida pela avalanche de sentimentos demasiadamente fortes para serem mensurados. Reeve não podia fazer nada além se deixar guiar pelo beijo.

A seda foi retirada com um único movimento. Quando Reeve deslizou para dentro dela, a paixão era sutil e eterna. A respiração de Brie se acelerou. Os músculos exaltados se contraíram e, em

seguida, relaxaram para voltarem a se contrair. Juntos eles se moviam. Não existia guia ou seguidor, pois ambos estavam perdidos.

As mãos delicadas se espalmaram nos ombros largos. Os dedos de Reeve se enterraram na massa de cabelos macios. Os olhares se encontraram quando o ritmo que imprimiam encontrou a cadência da música sensual que enchia o ambiente.

Não lutavam por controle, apenas por saborear. Prolongar.

Reeve não seria capaz de descrever as sensações que se agitavam em seu íntimo, arrebatando-o, capturando-o, porém, poderia relatar em detalhes o efeito que o sol produzia nos cabelos loiros e como o prazer alterava os olhos cor de topázio.

Brie guardaria aquele momento para sempre na lembrança.

Se tudo lhe fosse arrancado de novo, sabia que ele se manteria perfeitamente claro.

Não havia relampejar ou tempestade repentina de desespero ou pressa. O prazer de ambos se erguia em perfeita sintonia. Terno, doce e extraordinariamente intenso. Brie sentia-se capaz de chorar ante a beleza do momento, porém se limitava a sorrir, enquanto os lábios quentes tocavam os dela.

Deitaram-se um ao lado do outro, prolongando aquele momento ao máximo. A luz do entardecer refletia serena. Se não fossem as obrigações, teriam permanecido ali até o raiar do dia.

— Senti sua falta.

Surpresa, Brie ergueu a cabeça que se encontrava pousada no ombro largo para que pudesse lhe divisar o perfil.

— Sentiu?

— Quase não a vi hoje. - verbalizar o sentimento não o fazia sentir-se tão tolo quanto pensar nele. Com um meio sorriso, Reeve lhe acariciou os cabelos.

— Achei que fosse aparecer no salão de baile.

— Fui até lá umas duas vezes. Você estava ocupada. - e segura, acrescentou Reeve em seu íntimo. Três dos homens que trabalhavam no salão escondiam armas sob as vestes.

— Amanhã será ainda pior. - satisfeita, Brie se aconchegou ao corpo másculo. — Levará horas até que eu consiga arrumar as flores. Depois terei de me ocupar do vinho e licor, dos músicos e da comida. E por fim, dos convidados.

Brie se calou. Em um gesto inconsciente ele a puxou mais para perto.

— Está nervosa.

— Um pouco. Haverá tantos rostos e nomes. Fico pensando...

— O quê?

— Sei o quanto esse baile é importante para a OACD e para Cordina. Mas fico pensando se conseguirei levá-lo a cabo.

— Fez mais do que era esperado. - e Reeve se ressentia daquilo. — Relaxe e deixe acontecer. Faça o que achar melhor para você.

Brie permaneceu silente por alguns instantes.

— Já o fiz. - ela se moveu de modo que pudesse encará-lo de frente. — Conte tudo a Christina Hamilton.

Reeve fez menção de falar, porém, deteve-se. Percebeu-a esperando por críticas, impaciência ou até mesmo raiva. Viu refletido um misto de escusa e desafio nos olhos topázio.

— Por quê?

Aquela era uma pergunta e não uma acusação. Reeve quase podia sentir o alívio que a princesa experimentou.

— Não consegui mentir para ela. Posso não me recordar, mas senti. De fato senti algo nela de que necessitava. - Brie estacou, apenas para emitir um som de desespero. — Deve me julgar uma tola.

A princesa ergueu-se até ficar sentada e ele a acompanhou.

— Não. - para enfatizar o apoio, Reeve pousou a mão sobre a dela. — Conte-me o que sentiu.

— Precisava conversar com uma mulher. - Brie deixou escapar um longo suspiro, voltando, em seguida, a fitá-lo. Os cabelos se encontravam revoltos. Uma massa sensual sobre os ombros alvos.

A face feminina ainda guardava traços da paixão. Ainda assim, não lhe mascaravam a vulnerabilidade. — Há tantos homens em minha vida. Tão, preocupados, mas... - como poderia explicar para que ele entendesse? Não conseguiria. — Apenas senti a necessidade de falar com uma mulher.

Aquilo fazia sentido. Reeve levou a mão delicada aos lábios. Por que nenhum deles fora capaz de perceber aquilo? Pai, irmão, médico... amante. Porém, não tinha ninguém que lhe provesse o apoio que apenas aqueles do mesmo sexo podem partilhar.

— Isso a ajudou?

Brie cerrou as pálpebras por um momento.

— Sim. Chris é alguém especial para mim. Foi isso que senti.

— E qual foi a reação dela?

— Ela disse que essa história cheira mal. - uma risadinha lhe escapou da garganta. Um som que Reeve raramente escutava. — É

da opinião que você, meu pai e Loubet deviam ser chicoteados.

Ele emitiu um som que poderia ser de divertimento e arrependimento. Porém, basicamente, de concordância.

— Sua amiga parece uma mulher sensível.

— Ela é. Não posso descrever o que significou conversar com ela. Chris não me olha como se eu fosse doente ou esquisita... não sei definir.

— É isso que fazemos?

— Às vezes, sim. - Brie afastou os cabelos para trás, fitando-o com uma ansiedade que implorava por compreensão.

— Ela escutou, declarou sua opinião e, em seguida, pediu-me para ajudá-la a escolher um vestido para o jantar. Foi tão natural e simples. Como se não houvesse todos esses vazios entre nós.

Éramos simplesmente amigas outra vez, ou ainda. Não sei como explicar.

— Não é necessário. Mas terei de conversar com Christina.

Os lábios de Brie se curvaram em um sorriso.

— Oh, acho que ela está planejando fazer isso. - e beijando-o daquela maneira suave e amistosa que adotava inesperadamente.

— Obrigada.

— Por que está me agradecendo?

— Por não relacionar todas as razões pelas quais não deveria ter feito isso.

— A decisão sempre foi sua.

— Foi? - Brie soltou uma gargalhada, meneando a cabeça. — A água do meu banho está esfriando. - declarou ela, deliberadamente mudando de assunto. — Você me deteve.

— Sim. - sorrindo, Reeve deslizou a ponta de um dedo sobre o contorno do seio firme e o sentiu estremecer.

— O mínimo que pode fazer é esfregar minhas costas.

— Parece justo. O problema é que eu também perdi meu banho.

— Isso não será problema. - Brie se afastou, erguendo-se da cama. — Certa vez, imaginei se algum dia havia dividido aquela banheira com alguém. É muito larga. - nua, com os raios de sol se infiltrando por trás dela, começou a recolocar os grampos nos cabelos. — E ainda temos mais de uma hora antes do jantar.

Capítulo XII

Brilho. Glamour. Fantasia. Aquele era um baile real em um palácio secular. Elegância, suntuosidade e sofisticação eram esperadas quando se reuniam ricos, famosos e a nobreza.

Cinco candelabros Baccarat tremeluziam repletos de luz.

Algumas das cores sequer poderiam ser denominadas. O assoalho

cor de mel envelhecido brilhava em toda sua extensão. Havia prata, cristal, linho branco e uma profusão de flores. Porém, tudo aquilo empalidecia quando comparado ao brilho das sedas e ao reflexo das jóias; à beleza dos presentes.

Brie cumprimentava os convidados, tentando esquecer o cansaço. Trabalhara durante horas ininterruptamente para se certificar de que tudo estava perfeito. E estava. Contava com a satisfação que aquilo lhe trazia para compensar o nervosismo.

Cinderela tivera seu baile, refletiu a princesa, porém, a personagem de conto de fadas não teve de lidar com o florista.

Lá, estavam presentes trajes grandiosos e fragrâncias luxuriosas, mas para Brie, era apenas um mar de rostos e uma lista mental de nomes, longa demais para lhe servir de consolo.

O pai estava ao seu lado, trajado com o mais formal uniforme, o que lembrava aos presentes que um dia ele fora um soldado. E

dos bons. Porém, para a filha aparentava um deus da beleza.

Poderoso e distante.

Ela era reverenciada. As mãos, beijadas. Os diálogos, para seu alívio, curtos e superficiais antes de os convidados passarem adiante para cumprimentarem Reeve e os irmãos.

Havia se certificado de todos os detalhes, garantiu a si mesma.

E com sucesso. O mesmo que obtinha até o momento. Sorriu para o homem grisalho trajado com um sobretudo de seda preta, reconhecendo-o como um dos maiores atores do século, aquele que a rainha inglesa havia condecorado cavaleiro. Ele lhe tomou a mão, porém depositou-lhe um beijo na face. Haviam lhe informado que ele a segurara no colo quando era um bebê.

Brie estava aterrorizada, pensou Reeve. E linda. Não havia nada que pudesse fazer a não ser estar ali. Protegê-la e apoiá-la, não importava o quanto ela se ressentisse com aquilo. Teria alguém lhe dito que havia operado um pequeno milagre? Recuperara sua força, mantivera a esperança e se dedicara às obrigações de sua

posição. Princesa ou não, era uma mulher espetacular. E por enquanto lhe pertencia.

Brie parecia surgida de um conto de fadas naquela noite. Como na noite mágica de anos atrás, havia diamantes em seus cabelos, cintilando fogo contra fogo. Ela os usava também nas orelhas, sutis e genuínos. E no pescoço em três voltas. Nos dedos, lembrou Reeve a si mesmo, como uma simbologia.

Porém, em contraste com o fogo que cintilava ao redor dela, a cor do vestido era branco gelo. Uma simples oposição de cores, imaginou ele, ou uma demonstração de que possuía os dois?

O branco estonteante, calmo e intocável a cobria do pescoço, onde emoldurava o fogo que refletia lá, aos braços, para se encontrar com a luz e o poder que emanava dos anéis que adornavam os dedos delicados. Metros de seda opulente e macia derramavam-se da cintura delgada até quase tocar o solo. Altiva?

Régia? Brie era tudo isso ao mesmo tempo e assim aparentava.

Porém, o fogo sussurrava ardentemente em volta da princesa.

Uma vez que um homem possuísse uma mulher como aquela, conseguiria ou poderia ter olhos para alguma outra?

— Você a viu? - sussurrou Bennett para os ouvidos de Reeve apenas.

Toda sua atenção se concentrava apenas em uma mulher, mas conhecia o jovem príncipe para saber que não se tratava da irmã.

— Quem?

— Eve Hamilton. - Bennett emitiu um som baixo de aprovação.

— Simplesmente fantástica.

Ao seu lado, Alexander escrutinava a multidão e a encontrava, porém sem nenhum sinal de aprovação. Ela trajava um vestido vermelho vivo de corte perfeito, embora conservador. A cor refletia uma coisa, o estilo, outra.

— Ela é uma criança. - resmungou. E a julgara uma criança preciosa e demasiado inteligente.

— Está precisando de óculos. - afirmou o caçula, sorrindo e beijando a mão de uma matrona. — Ou vitaminas.

A fila de convidados parecia infundável. Brie a suportava, lembrando a si mesma o que aquele baile significaria para seu trabalho filantrópico. Porém, quando o último smoking e vestido brilhante passou por ela, quase suspirou de alívio.

Ainda não havia acabado, mas com a ajuda da música sempre haveria como escapar.

A orquestra desempenhava seu papel divinamente. Bastou apenas um aceno de cabeça da princesa para que os acordes da primeira valsa soassem no salão. Ela estendeu a mão para Reeve.

O suposto noivo abriria o baile executando com ela a primeira e a última dança. Brie deixou que os braços fortes e a música a levassem. Mais cedo ou mais tarde, soariam 12 baladas e o sonho se dissiparia.

— Está linda.

Eles giravam sob as luzes do salão.

— Minha estilista é um gênio.

E então Reeve fez algo que ambos sabiam não ser muito adequado. Roçou os lábios aos dela.

— Não foi isso que quis dizer.

Brie sorriu, esquecendo o cansaço.

O príncipe Armand guiava a irmã de um rei exilado. Alexander escolheu uma tia distante da Inglaterra. Bennett movimentava-se com Eve Hamilton pela pista de dança. E daquela forma, teve início o baile.

Era, como esperado, um espetáculo mágico. Caviar, vinho francês e violinos. Barões do petróleo lado a lado com lordes. Damas compartilhando fofocas sobre celebridades. Brie sabia que era seu dever estar disponível para dançar e entreter os convidados, mas foi um alívio descobrir que aquilo poderia ser agradável.

Enquanto dançava com o Dr. Franco, ergueu o olhar ao médico e sorriu.

— Está tentando me tomar a pulsação.

— Bobagem. - redarguiu ele, embora fosse verdade. — Não é necessário ser um médico para perceber que está mais do que bem.

— Estou começando a acreditar que em breve estarei completamente recuperada.

Os dedos do Dr. Franco se apertaram em torno da mão de Brie.

— Lembrou-se de mais alguma coisa?

— Não está aqui a trabalho. - contrapôs a princesa com um sorriso. — E não se trata de nada que diagnosticaria com sua pequena mala preta. Simplesmente sinto isso.

— Então a espera terá valido a pena.

O sorriso de Brie vacilou.

— Espero que sim.

— Brie parece relaxada. - comentou Christina, enquanto mantinha a mão pousada de leve no ombro de Reeve durante a dança.

— O fato de você estar aqui ajuda.

A amiga da princesa volveu o olhar a ele de imediato. Embora tivessem tido uma conversa particular, Reeve não a tranqüilizara por completo.

— Teria ajudado mais se tivesse estado aqui há mais tempo.

Reeve gostava dela. Talvez por causa da reprimenda que Christina lhe fizera.

— Ainda acha que eu deveria ser chicoteado?

— Estou considerando a idéia.

— Quero o melhor para ela.

Christina o estudou por alguns instantes.

— É um tolo se ainda não descobriu o que é melhor para ela.

Brie abria caminho com desenvoltura entre os casais e grupos.

Janet Smithers se mantinha discreta em um canto, segurando a única taça de vinho que bebera naquela noite.

— Janet! - Brie dispensou a cortesia. — Temia que decidisse não vir.

— Atrasei-me, Vossa Alteza. Tinha algumas tarefas a cumprir.

— Nada de trabalho esta noite. - Brie tomou a mão da secretária, escrutinando o salão em busca de um par apropriado para ela. — Está muito elegante. - acrescentou. O vestido de Janet era simples e discreto, mas lhe emprestava certa dignidade.

— Vossa Alteza. - Loubet assomou ao lado de Brie, reverenciando-a. — Srta. Smithers.

— Monsieur. - a princesa sorriu, certa de que encontrara a solução.

— O baile é um sucesso estrondoso. Como sempre.

— Obrigada. Está indo bem. Sua mulher está esplendorosa.

— Sim. - o sorriso do ministro refletia prazer e orgulho. —

Porém, me abandonou. Espero que Vossa Alteza tenha piedade de minha pessoa e me conceda o prazer de uma dança.

— Claro. - Brie sorveu um gole do próprio vinho, e descobriu, para sua satisfação que Alexander estava ao alcance das mãos. —

Porém, prometi esta dança ao meu irmão. - dizendo isso, puxou Alexander pela manga da camisa e lhe voltou um olhar gentil antes de se dirigir à secretária. — Estou certa de que a Srta. Smithers adoraria dançar com o senhor, não, Janet?

Havia manipulado a todos com sucesso. Satisfeita por ter dado à secretária a oportunidade de dançar, aceitou a mão estendida do irmão.

— Não foi muito sutil. - comentou Alexander.

— Mas funcionou. Não gosto de vê-la jogada em um canto a noite toda. Agora alguém se estimulará a convidá-la a dançar.

Alexander ergueu o sobrolho.

— Quer dizer eu?

— Se necessário. - e volvendo um sorriso luminoso ao irmão. —

O dever em primeiro lugar.

Alexander observou por sobre o ombro da irmã.

— Janet não parece animada por estar dançando com Loubet.

Talvez tenha bom gosto, afinal.

— Alex! - repreendeu-o Brie, sorrindo. — De qualquer forma, ainda não lhe

disse o quanto está belo. Você e Bennett... onde está ele?

— Monopolizando a menina americana.

— Menina... oh, quer dizer Eve. - a princesa ergueu a sobrancelha, notando a desaprovação. — Ela não é assim tão menina.

Na verdade, acho que tem a mesma idade de Bennett.

— Nosso irmão deveria evitar flertar com ela de maneira tão escandalosa.

— Pelo que pude observar, a recíproca é verdadeira.

O príncipe deu de ombros, impaciente.

— A irmã deveria manter a rédea dela mais curta.

— Alex! - exclamou Brie, revirando os olhos.

— Está bem, está bem - concordou o irmão. Porém, escrutinou o salão até encontrar a esguia morena trajada de vermelho vivo. E a observou.

Brie havia perdido a conta de quantas vezes dançou, quantas taças de vinho tomou ou quantas histórias e piadas escutou. Fora tola, concluiu, em se sentir nervosa. Era tudo muito superficial, como tais eventos deveriam ser, E ela se divertia. Ainda mais quando se viu valsando nos braços de Reeve outra vez.

— Muita gente. - murmurou ele contra a orelha delicada. De modo lento e hábil, girou em círculos, guiando-a em direção às portas do terraço. E de repente, estavam dançando sob a luz da lua.

— Oh, como isso é agradável. - havia flores lá também, algumas brancas que exalavam uma delicada fragrância de baunilha. Podia inspirar o aroma, sem confundi-lo com os perfumes e colônias. —

Muito agradável.

— Uma princesa sempre deveria dançar sob as estrelas.

Brie começou a rir, enquanto erguia o olhar para fitá-lo, mas algo irrompeu dentro dela. A face de Reeve parecia diferente como se

estivesse enevoadada. Não tinha certeza. Parecia mais jovem? Estaria o olhar mais cândido, menos reservado? O aroma das flores parecia ter mudado. Rosas, quentes e úmidas.

O mundo se tomou cinza. E por um instante não havia música, fragrância ou luz. No momento seguinte, ele a segurava firme nos braços.

— Brie! - Reeve a teria erguido e a acomodado em uma cadeira, mas ela o deteve.

— Não, estou bem. Apenas um pouco tonta. Foi... - a princesa se deteve, fitando-o como se o estivesse vendo pela primeira vez. —

Estávamos aqui. - sussurrou ela. — Eu e você, neste mesmo lugar, em meu aniversário. Dançamos uma valsa no terraço e havia rosas em vasos alinhados ao longo da parede. Foi quente e íntimo.

Quando a música cessou, você me beijou.

E me apaixonei por você. Porém, Brie não verbalizou o pensamento. Limitou-se apenas a encará-lo. Havia se enamorado de Reeve quando tinha 16 anos. E no presente, tanto tempo depois, nada havia mudado. E tudo estava diferente.

— Você se lembra? - Brie estava trêmula e ele a amparou.

— Sim. - O tom de voz era tão baixo que o fez inclinar-se para poder ouvir. — Lembro disso. E de você.

Reeve sabia que não deveria pressioná-la, portando optou por um tom suave.

— Recorda-se de mais alguma coisa ou apenas daquela noite?

Brie meneou a cabeça e teria preferido afastar as recordações.

Aquilo doía, descobriu. Relembrar era doloroso.

— Não consigo pensar. Preciso... Reeve, necessito de alguns instantes a sós.

— Está bem. - ele volveu o olhar ao salão de baile, apinhado de gente. Brie não seria capaz de lidar com os convidados naquele momento. Pensando rápido,

guiou-a pelo terraço, até outro conjunto de portas. — Vou levá-la até seu quarto.

— Não. Meu escritório é mais próximo. - Brie persistia, forçando-se a caminhar.

— Preciso de um momento para sentar e pensar. Ninguém me incomodará.

Reeve a levou até lá por ser mais próximo, e levaria menos tempo para procurar o médico. E para dizer a Armand que a memória da filha estava voltando e, portanto, era hora de darem o próximo passo. As prisões seriam feitas discretamente.

O segurança era bem-treinado, disse Reeve a si mesmo. Sequer o haveria notado lá se Armand não lhe tivesse dito que Brie estava sendo vigiada em tempo integral, não só por ele, mas por outros.

O escritório se encontrava na penumbra. Porém quando Reeve fez menção de acender as luzes, ela o deteve.

— Não, por favor. Não quero claridade.

— Venha, sentarei a seu lado.

Mais uma vez a princesa ofereceu resistência.

— Preciso ficar sozinha.

Ele lutou para não se sentir rejeitado.

— Está bem, mas vou chamar o médico.

— Se acha que deve. - as unhas de Gabriella se enterravam nas palmas das mãos, enquanto ela lutava por controle. — Porém, antes, dê-me alguns momentos. - se o tom de voz não fosse incisivo, ele a teria abraçado.

— Fique aqui até eu voltar e descanse.

Brie esperou até que a porta se fechasse. Em seguida, se deitou no pequeno sofá em um dos cantos do escritório, não porque se sentisse cansada, mas por julgar não ser capaz nem sequer de permanecer sentada. Uma torrente de emoções e lembranças lutava para aflorar, todas de uma só vez. Pensara que as recordações seriam um alívio. Como se alguém soltasse as amarras que lhe apertavam a

cabeça. Porém, aquilo doía, a esgotava e a assustava.

Naquele momento, lembrava-se da mãe e do funeral. As ondas gigantes de sofrimento que a assolaram. A devastação — dela e do

pai — e a forma como haviam se apegado um ao outro. Conseguia recordar um natal em que Bennett lhe dera um inusitado par de chinelos com longas presas de elefante. A luta de esgrima com Alexander e como ficara furiosa quando o irmão a desarmou.

E o pai, estendendo-lhe os braços para aninhá-la neles, enquanto ela desabafava seus problemas. O pai, tão justo, orgulhoso e firme. Um governante acima de tudo, mas fora criada para aceitar aquilo. Talvez, aquela fosse a razão pela qual se apaixonara por Reeve. Ele também era um governante — da própria vida e escolhas.

Não percebeu que chorava, enquanto as lembranças se so-brepunham em sua mente. As lágrimas brotavam silenciosas no escuro. Fechando os olhos, quase adormeceu.

— Escute-me. - um sussurro a inquietou. Brie sacudiu a cabeça.

Se aquilo fosse uma recordação, não a desejava. Porém o sussurro continuou: — Tem de ser esta noite.

— E eu lhe digo que não me parece certo.

Não se tratava de uma recordação, concluiu ela, indistin-tamente, mas ainda assim uma lembrança. As vozes estavam presentes naquele instante, brotando no escuro. Através das janelas, concluiu Brie, que estavam abertas para o terraço. Mas as havia escutado antes. As lágrimas secaram. Ouvira-as antes no escuro. E então as reconheceu.

Havia estado tão cega? Tão estúpida? A princesa se sentou lentamente, para não fazer barulho. Sim, lembrava e as reconhecia.

Havia recuperado a memória, porém aquilo não a feria mais.

Tampouco a assustava. Apenas a enfurecia.

— Vamos seguir o plano à risca. Uma vez que consigamos tirá-

la daqui, você a levará de volta à cabana. Usaremos uma droga potente e a manteremos amarrada. Desta vez não haverá vigias que cometam erros fatais. Às 22h em ponto, será enviada uma mensagem ao príncipe. Lá, no salão de baile, ele saberá que a filha foi seqüestrada outra vez e o preço que terá de pagar para reavê-la.

— Deboque.

— E cinco milhões de francos.

— Você e seu dinheiro. - o tom das vozes era baixo, irritado e muito próximo. Brie calculou a distância até a porta e concluiu que teria de esperar. — O dinheiro não significa nada.

— Terei a satisfação de saber que Armand o terá de pagar. Após todos esses anos terei alguma recompensa.

— Vingança. - a correção foi suave. — E essa nunca deveria ser emocional. Seria mais inteligente se o tivesse assassinado.

— É mais gratificante vê-lo sofrer. Limite-se a fazer a sua parte bem-feita, ou Deboque permanecerá na prisão.

— Assim o farei. Ambos faremos o que desejamos.

Eles se odiavam, concluiu Brie. Por que não percebera isso antes? De repente, tudo parecia tão claro, porém naquela mesma noite havia conversado com ambos sem suspeitar de nada.

Permaneceu imóvel, escutando. Porém, não conseguiu ouvir nada além do som de passos ecoando pelo chão de pedra. Havia usado a ela e ao pai, fingindo-se preocupados e até afetivos. Não seria mais usada.

Ainda assim, movia-se devagar, enquanto cruzava o aposento.

Encontraria o pai e os denunciaria. Não lograriam seqüestrá-la outra vez. Girou a maçaneta, abriu a porta e descobriu que não estava sozinha.

— Oh, Vossa Alteza. - um tanto agitada, Janet deu um passo atrás e a reverenciou. — Não sabia que estava aqui. Há alguns papéis...

— Pensei ter lhe dito que não haveria trabalho esta noite.

— Sim, Vossa Alteza, mas eu...

— Afaste-se.

Foi o tom de voz que a denunciou. Fria e clara e entremeada de ira. Janet não hesitou. Da pequena bolsa preta retirou um pequeno, porém potente revólver. Brie nem sequer teve tempo de reagir.

Em um gesto discreto, a secretária o apontou para o segurança que emergiu das sombras, empunhando a própria arma. Ela atirou primeiro e, não obstante o som abafado, o homem caiu. Mesmo com a atenção de Janet voltada ao homem que jazia ao chão, Brie sentia o cano pressionado em seu estômago.

— Se atirar em você aqui, morrerá lenta e dolorosamente.

— Há outros seguranças. - informou Brie reunindo toda a calma que possuía. — Por todo o palácio.

— Então, a não ser que queira mais mortes em sua consciência, terá de cooperar.

Janet só tinha uma coisa em mente: retirar a princesa do corredor e levá-la embora antes que alguém aparecesse. Não poderia arriscar guiá-la em direção ao salão de baile. Em vez disso, deu um leve empurrão em Brie.

— Não conseguirá me tirar do castelo sem ser vista. - avisou a princesa.

— Não importa se nos virem. Nenhum dos seguranças se atreveria a atirar quando tenho um revólver apontado para sua cabeça. — Os planos que traçaram estavam se despedaçando e não tinha como avisar ao comparsa. Não seriam capazes de passar uma drogada e inconsciente Brie pela entrada do lado escuro do castelo, vigiada pelos homens que constavam na folha de pagamento deles.

Tampouco trancá-la silenciosamente no porta-malas do carro que os esperava.

O plano era audacioso, porém organizado. E naquele momento Janet não tinha

nada.

— O que planejava fazer?

— Eu lhe mandaria uma mensagem, avisando-a de que o americano precisava falar com você em seu quarto. A essa altura, ele já teria sido liquidado. Uma vez lá, seria injetado um entorpecente em você. O resto seria simples.

— Porém, não é mais. - Brie não estremeceu ante a facilidade com que Janet comentara a planejada morte de Reeve. Não se

permitiria fraquejar. Em vez disso, forçou-se a pensar, enquanto a secretária a guiava em direção às portas do terraço. E à escuridão.

— É tão lindo! - Eve decidira esquecer a sofisticação e se divertir.

— Deve ser fantástico viver em um palácio todos os dias.

— É um lar. - Bennett mantinha um dos braços sobre os ombros da jovem, enquanto olhavam para baixo por sobre a parede alta. —

Nunca estive em Houston.

— Não é como aqui. - Eve inspirou fundo antes de volver o olhar ao príncipe. Era um belo rapaz, pensou. Doce. Uma perfeita companhia para uma noite de final de primavera e ainda assim... —

Estou feliz por estar aqui. - declarou em tom calmo. — Porém, acho que o príncipe Alexander não gosta de mim.

— Alex? — Bennett deu de ombros. Não perderia tempo falando do irmão quando tinha a companhia de uma linda mulher sob a luz da lua. — Ele é apenas um pouco austero, só isso.

Eve sorriu.

— Você não é. Li muitas... coisas interessantes sobre você.

— Tudo verdade. - Bennett sorriu e lhe beijou a mão. — Mas é você que me interessa neste momento. Eve... - ele se deteve, murmurando um xingamento ao

ouvir passos. — Diabos! É difícil encontrar privacidade por aqui. - recusando-se a ser incomodado, guiou Eve para as sombras, enquanto Janet empurrava Brie pela porta.

— Recuso-me a ir mais longe até que me conte tudo. - a princesa se virou. O vestido branco, um foco de luz nas sombras. E

Bennett conseguiu avistar o brilho do revólver.

— Oh, meu Deus! - cobriu os lábios de Eve com a mão, quando ela fez menção de falar.

— Escute. - sussurrou ele, observando a irmã. — Volte para o salão de baile e procure meu pai, Alex e Reeve MacGee. Traga os três aqui se puder. Vá sem fazer barulho.

Eve não esperou, também havia avistado o revólver. Anuiu para que Bennett removesse a mão. Pensando rápido, retirou os sapatos e correu descalça e em silêncio pelo lado escuro do castelo até alcançar um conjunto de portas.

— Se tiver de matá-la aqui... - começou Janet em tom frio —...

Será um tanto desagradável para ambas.

— Quero saber por quê. - Brie se recostou à parede. Não sabia como escaparia, porém já o havia feito antes.

— Deboque é meu amante. Quero-o de volta. Por você, seu pai trocaria até mesmo o diabo.

Brie estreitou o olhar. Janet Smithers mantinha sua paixão guardada a sete chaves.

— Como conseguiu burlar as rígidas investigações de segurança? Todas as pessoas contratadas para trabalhar para minha família são... - a princesa se deteve. A resposta era fácil. — Loubet, claro.

Pela primeira vez a secretária exibiu um sorriso genuíno.

— Claro. Deboque ficou sabendo de Loubet e dos homens que o ministro

subornou para trabalharem para ele bem como para seu pai. Um pouco de pressão, a ameaça de exposição e o eminente ministro de estado se tornou bastante cooperativo. Ajudou-nos o fato de ele odiar seu pai e encarar o seqüestro como uma forma de vingança.

— Vingança de quê?

— Do acidente. Agora pode se lembrar. Seu pai estava dirigindo. Armand era jovem e um tanto descuidado. Ele e o diplomata sofreram apenas escoriações leves, porém Loubet...

— Ainda manca. - murmurou Brie.

— Oh, não é só isso. Loubet não pode ter filhos. Até mesmo com a jovem esposa. Ainda não contou a ela, pois teme que ela o

deixe. Os médicos lhe asseguraram que a esterilidade nada tem a ver com o acidente. Porém, Loubet escolheu pensar o contrário.

— Então ajudou a planejar o seqüestro para punir meu pai? Isso é loucura!

— O ódio é capaz de nos tomar loucos. Eu não odeio ninguém.

Tudo que desejo é meu amante de volta. - Janet segurava o revólver em uma posição que a arma captava a luz da lua. — Sou bastante lúcida, Vossa Alteza. Só a matarei se for necessário.

— E se o fizer, seu amante vai continuar onde está. - Brie se empertigou, optando pelo blefe. — Não pode me matar, já que morta, não serei de grande valia para você.

— É verdade. - porém, Janet apontou o revólver mais uma vez para a princesa.

— Sabe como é doloroso ser baleada, mesmo que não atinja nenhum órgão vital?

— Não! - furioso, aterrorizado e impulsivo, Bennett emergiu das sombras, tomando Brie e Janet de assalto. Ambas congelaram, enquanto o príncipe se precipitou em direção à arma. Quase a havia alcançado quando Janet disparou o primeiro tiro. O rapaz caiu sem emitir nenhum som.

— Oh, Deus, Bennett! - Brie se ajoelhou ao lado do irmão. —

Oh, não, não. Bennett! - o sangue do príncipe caçula manchava-lhe a seda do vestido, enquanto ela o tomava nos braços. Frenética, Brie verificou-lhe a pulsação. — Vá em frente e atire. - vociferou a princesa para Janet. — Não pode me ferir mais do que já fez. Você e seu amante pagarão no inferno por isso.

— Sim, tem razão. - disse Reeve em tom calmo, quando a porta se abriu revelando luz, homens em uniformes e armas.

Janet observou Armand precipitar-se em direção ao filho e os seguranças se postaram a lado dele. A secretária entregou o revólver, segurando-o pela coronha.

— Sem dramas. - declarou, quando Reeve deu um passo à frente para pegá-lo.
— Sou uma mulher prática.

A um sinal de Reeve, Janet foi rodeada pelos seguranças e levada.

— Oh, papai! - Brie estendeu a mão. Armand estava ajoelhado ao lado de Bennett. — Ele tentou pegar o revólver. - a princesa pressionou a face contra os cabelos do irmão. — O médico...

— Ele está aqui.

— Acalme-se, Gabriella. - a voz calma e paciente do Dr. Franco soou atrás dela.
— Solte o rapaz e me dê espaço.

— Não sairei do lado dele. Não vou...

— Não discuta. - manifestou-se Bennett, com a voz enfraquecida. — Estou com uma tremenda dor de cabeça.

Brie sentiu o pranto iminente, porém o braço ligeiramente trêmulo do pai a tocou.

— Está bem. - concordou a princesa, observando os olhos do irmão se entreabrirem. — Vou deixá-lo nas mãos experientes do Dr.

Franco. Deus é testemunha que já tive minha cota de cuidados médicos.

— Brie... - Bennett lhe segurou a mão por um instante. — Há alguma enfermeira bonita no hospital?

— Dúzias. - conseguiu brincar.

O jovem príncipe deixou escapar um suspiro e fechou os olhos.

— Graças a Deus!

Estendendo a mão para Alexander, Brie girou nos braços de Reeve. Enfim, sentia-se em casa.

EPÍLOGO

Prometera-lhe um último dia no mar. Aquilo era tudo, disse Reeve a si mesmo, enquanto o Liberté escorregava, empurrado pelo vento da manhã. Teriam um último dia antes de a fantasia acabar. A fantasia que ele criara.

Beirara a tragédia, pensou Reeve. Ainda não conseguira relaxar. Embora Loubet já estivesse preso quando Eve adentrara esbaforida o salão, Brie ficara sozinha com a amante de Deboque.

— Não consigo acreditar que esteja tudo acabado. - comentou Brie em tom suave.

Volvendo o olhar à princesa, Reeve também achava inacreditável. Porém, não partilhavam o mesmo pensamento.

— Acabou.

— Loubet... poderia quase sentir pena dele. É doente. - Brie recordou a expressão de choque estampada no rosto da jovem esposa do ministro. — Janet, no entanto, é obcecada.

— Foram manipuladores. - lembrou Reeve. — Quase as-sassinos. Tanto o segurança quanto Bennett tiveram sorte.

— Eu sei. - nos últimos três dias, agradecera inúmeras vezes por não ter havido vítimas fatais. — Eu matei.

— Brie...

— Não, tenho de encarar o fato. Aceitá-lo. Sei que estava fugindo disso, dos dias e noites horríveis que passei sozinha naquele quarto escuro.

— Não estava fugindo. - corrigiu ele. — Apenas precisava de tempo.

— Está falando como meus médicos. - Brie ajustou o leme de modo que começaram a se dirigir à pequena baía. — Acho que parte

de minha memória ou sentimentos ainda estão lá. Nunca lhe contei sobre o café... O fato de Janet haver me garantido que a babá sempre o preparava para mim. Não lhe contei porque jamais acreditei que ela fosse capaz. Não poderia. O laço que nos une é muito forte.

— Porém, Janet não seria capaz de compreender isso.

— Ela me explicou como a babá trouxe a garrafa até o escritório no dia que fui seqüestrada e me repreendeu. Disse-me que parti de imediato e que ela me acompanhou até o carro para que eu pensasse que não teria chance de outra pessoa ter tido acesso à garrafa. O que não me contou e eu não me lembrava até a noite do baile é que ela tomou a garrafa de café das minhas mãos, enquanto eu assinava alguns papéis. Aquilo lhe deu tempo suficiente para fazer o que desejava.

— O que ela não contava era que a babá fosse esperta a ponto de procurar o príncipe Armand e lhe relatar suas suspeitas após Loubet e Henri, o primo de Deboque, a terem levado da fazenda.

— Deus a abençoe. Pensar que ela estava tomando conta de mim durante todas aquelas semanas em que eu julgava sua devoção exagerada.

— Seu pai a mantinha bem vigiada. Não arriscaria deixá-la à mercê de Loubet.

— O plano de Loubet teria dado certo se Henri não tivesse um fraco por vinho e eu tivesse começado a derramar minha sopa no chão. Caso continuasse a tomar a dose completa da droga, jamais teria sido capaz de quebrar as tábuas que vedavam a janela.

Brie baixou o olhar às mãos. As unhas se encontravam perfeitas outra vez. Ela as

havia destruído, enquanto lutava para abrir um buraco na janela para escapar.

— Agora está tudo acabado. Tenho minha vida de volta.

— Está feliz com ela. Isso é o que importa.

Brie lhe voltou um sorriso lento.

— Sim. Estou feliz com ela. Sabe que Christina e Eve ficarão por mais alguns dias?

— Fiquei sabendo que seu pai quer erguer uma estátua em homenagem a Eve.

— Temos muito que agradecer a ela. - afirmou Brie. — Devo admitir que gostei de vê-la deleitar-se com os louros da glória.

— A menina estava branca como uma tolha de papel quando adentrou o salão, porém não titubeou. Contou-nos com precisão o que estava acontecendo e nos guiou direto até onde você se encontrava.

— Ainda não lhe agradei de maneira apropriada. - o barco adentrou na pequena baía e Brie largou o leme.

— Não há o que agradecer.

— Mas eu quero fazê-lo. Você fez muito por mim e por minha família. Nunca esquecerei.

— Disse-lhe que não há o que agradece. - repetiu Reeve em tom frio, enquanto se encaminhava à grade.

— Reeve... - Brie ergueu-se e se juntou a ele, esperando que soasse tão segura quanto pretendia. — Sei que não é um cidadão de Cordina e, portanto, não está sujeito às nossas leis e costumes, no entanto, tenho um pedido a lhe fazer. - a princesa tocou o lábio superior com a língua. — Já que meu aniversário será daqui a duas semanas, podemos chamar isso de um pedido real se quiser. É

costume entre os membros da família ter um pedido realizado no dia de seu aniversário.

— Um pedido. - Reeve pegou um cigarro do bolso e o acendeu.

— Qual?

Brie gostava de vê-lo daquela forma. Em parte irritado, em parte reservado. Tomava tudo mais fácil.

— Nosso noivado é muito comentado, concorda?

Reeve soltou uma risada curta.

— Sim.

— Devo confessar que me afeiçoei ao diamante que me deu.

— Fique com ele. - retrucou Reeve, sem pensar. — Considere-o um presente.

Brie baixou o olhar para o anel de noivado e em seguida ao que ostentava na mão direita. Não havia mais lealdades conflitantes, refletiu. Seus sentimentos eram muito claros.

— Pretendia fazê-lo. - a princesa sorriu quando ele lhe lançou um olhar breve e frio. — Sabe... - começou Brie —... Tenho muitos conhecimentos. Poderia haver algum problema com seu passaporte ou cartão de crédito. Até mesmo com seu voo de volta aos Estados Unidos.

Atirando o cigarro no mar, Reeve girou para encará-la.

— Aonde quer chegar?

— Acho que seria mais fácil em todos os sentidos se você se casasse comigo. Na verdade, pretendo insistir.

Reeve se recostou à grade e a observou. Não conseguia ler-lhe os pensamentos no momento — talvez seus próprios sentimentos o impedissem. Ela falava como a princesa Gabriella. Fria, calma e confiante.

— Isso é tudo?

— Sim. Se cooperar, estou certa de que ambos conseguiremos tirar vantagem mútua disso.

— Não estou interessado em tirar vantagens.

— Bobagem. - contrapôs Brie, embora sentisse as palmas das mãos úmidas. — Seria possível passarmos seis meses em Cordina e seis meses nos Estados Unidos. - continuou a princesa. — Creio que deva existir certa parcela de compromissos em um casamento, não acha?

Negociações. Por certo fez muitas quando era um policial.

— Talvez.

Brie engoliu em seco em silêncio para em seguida continuar em tom prático e direto:

— Naturalmente, tenho muitas obrigações, porém, quando Alexander casar, sua esposa as assumirá. Enquanto isso, é quase como ter um emprego.

Bastava, pensou Reeve, de detalhes, planos e negociações.

Desejava sinceridade.

— Simplifique isso. - ordenou ele, dando um passo à frente, enquanto Brie recuava um passo.

— Não sei o que quer dizer.

— Diga-me o que quer e por quê.

— Você. - disparou a princesa com o queixo erguido, — Porque o amo e sempre o amei desde que tinha 16 anos e me beijou no terraço junto às rosas e à luz da lua.

Reeve desejava lhe tocar a face, mas não o fez. Não ainda.

— Não tem mais 16 anos e isso não é um conto de fadas.

— Não.

Estaria ela sorrindo?, perguntou-se Reeve. Saberla Brie como precisava desesperadamente que ela estivesse sendo sincera?

— Não haverá um palácio esperando por você nos Estados Unidos.

— Há uma casa com uma ampla varanda. - ela deu outro passo atrás. — Não me faça implorar. Se não me quer, basta dizer.

Daquela vez falou como uma mulher, não tão confiante e firme.

Enfim, Reeve tinha o que desejava.

— Quando tinha 16 anos, dancei uma valsa com você e foi como um sonho. - ele lhe tomou as mãos. — Nunca esqueci aquela dança.

Quando voltei e a beijei outra vez, era real. Nunca desejei tanto alguma coisa.

As mãos delicadas se fechavam firmes nas dele.

— E eu nunca desejei tanto alguém.

— Case-se comigo, Brie, e sente-se naquela varanda a meu lado. Se pudermos fazer isso, conseguirei viver com Vossa Alteza sereníssima Gabriella.

A princesa levou ambas as mãos de Reeve à face e as beijou uma de cada vez.

— Isso não é um conto de fadas, mas às vezes a felicidade é eterna.